



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Francisco Maria Zelaya da Costa Ferreira

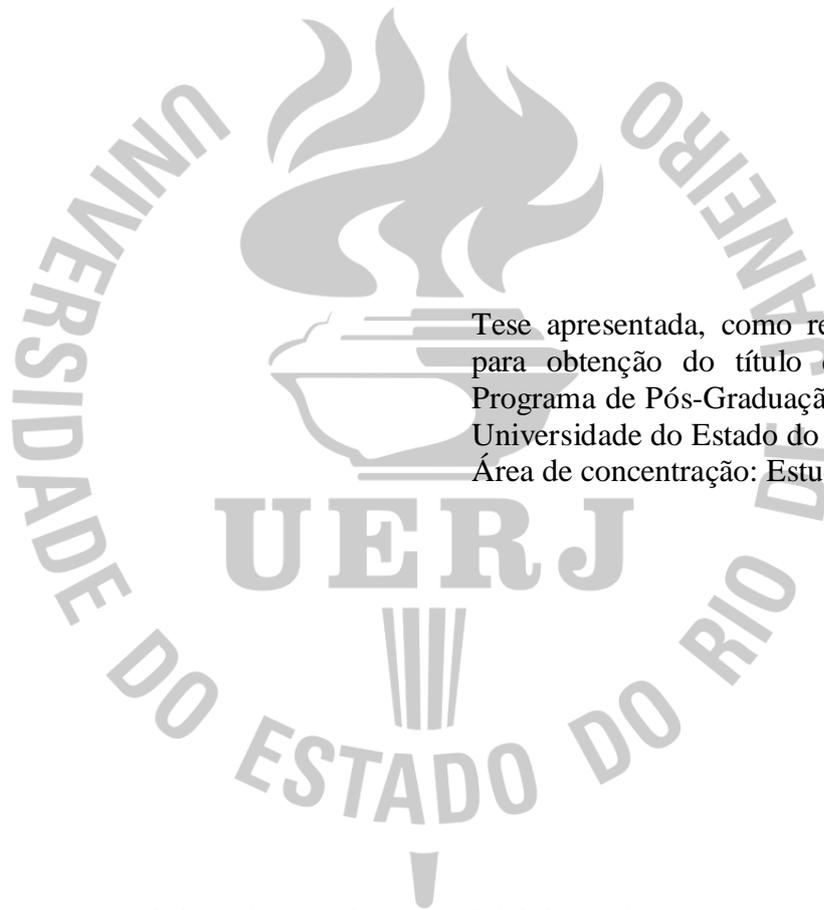
**(Re) buscando a prefixação em romance de Rubens Figueiredo:
uma integração entre língua e literatura**

Rio de Janeiro

2018

Francisco Maria Zelaya da Costa Ferreira

**(Re) buscando a prefixação em romance de Rubens Figueiredo:
uma integração entre língua e literatura**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F383 Ferreira, Francisco Maria Zelaya da Costa.
(Re) buscando a prefixação em romance de Rubens Figueiredo: uma
integração entre língua e literatura / Francisco Maria Zelaya da Costa
Ferreira. – 2018.
268f. : il.

Orientador: André Crim Valente.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Figueiredo, Rubens, 1956-. Passageiro do fim do dia - Teses. 2.
Língua portuguesa - Verbos – Teses. 3. Língua portuguesa - Semântica –
Teses. 4. Língua portuguesa - Sintaxe – Teses. 5. Língua portuguesa – Estilo
– Teses. 6. Análise do discurso narrativo – Teses. I. Valente, André Crim. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-541.45:869.0(81)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Francisco Maria Zelaya da Costa Ferreira

**(Re) buscando a prefixação em romance de Rubens Figueiredo:
uma integração entre língua e literatura**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 19 de julho de 2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. José Carlos de Azeredo
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Laura Aparecida Ferreira do Carmo
Fundação Casa de Rui Barbosa

Prof^ª. Dra. Silvia Oliveira da Rosa Fernandes
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
a Cristiane Paula Suemasu, companheira;
a Isabel Suemasu da Costa Zelaya, filha;
e a Ivy Patricia Meneses Zelaya, mãe.

AGRADECIMENTOS

A meu orientador André Crim Valente, pela confiança e pelo apoio durante todos os anos de parceria na UERJ;

A todas as pessoas – professores, mestrandos e colegas pós-graduandos – que fizeram parte desse percurso na UERJ;

Aos funcionários deste Programa de Pós-Graduação, pela gentileza e simpatia;

Aos ilustres membros da banca examinadora, pela atenção dispensada e sugestões compartilhadas;

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste doutorado.

A minha família.

Pensamento e expressão são interdependentes, tanto é certo que as palavras são o revestimento das ideias e que, sem elas, é praticamente impossível pensar.

Othon Moacir Garcia

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

Alberto Caeiro

RESUMO

FERREIRA, Francisco Maria Zelaya da Costa. *(Re) buscando a prefixação em romance de Rubens Figueiredo: uma integração entre língua e literatura*. 2018. 268 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Historicamente, linguística e literatura nem sempre cooperaram entre si para um aprofundamento de suas respectivas pesquisas e teorias. É deste reticente diálogo, e por conta dos processos analíticos interdisciplinares em voga, que esta tese propõe, a partir de um *corpus* literário atual – o romance *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo –, uma investigação a fim de contribuir com a descrição da língua portuguesa. Trata-se de uma pesquisa que procurará, nas marcas textuais – especificamente, a alta reincidência ao longo da obra de verbos iniciados pela partícula *re-* –, descobrir o papel morfossintático e semântico-discursivo na realização daquela obra, inserido no contexto atual da modernidade, tendo em vista a perpetuação ou expansão dos significados até então reservados para tal partícula prefixal. Em princípio, metodologicamente, abalizarão este estudo: reflexões sobre a influência da literatura em geral na educação e, portanto, na formação do indivíduo; a variação linguística que constitui a criação literária brasileira, e conseqüentemente afeta a discussão sobre o que deve ser a língua padrão; a conceituação gramatical sobre a prefixação e seus efeitos semânticos no léxico, principalmente, nos verbos; apresentação das definições do prefixo *re-* em dicionário e gramáticas; os efeitos semântico-expressivos do prefixo *re-* na categoria do verbo; considerações sobre outros mecanismos linguístico-expressivos que se aproximam da significação do *re-* em construções frasais; o recurso estilístico como ponte entre a gramática e a criatividade literária.

Palavras-chave: Língua. Literatura. Prefixação verbal. Estilística.

RESUMEN

FERREIRA, Francisco Maria Zelaya da Costa. *(Re) buscando la prefijación en romance de Rubens Figueiredo: una integración entre lengua y literatura*. 2018. 268 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Históricamente, lingüística y literatura no siempre cooperaron entre sí para una profundización de sus respectivas investigaciones y teorías. Es de este reticente diálogo, y por cuenta de los procesos analíticos interdisciplinarios en boga, que esta tesis propone, a partir de un corpus literario actual – la novela *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo –, una investigación a fin de contribuir con la descripción de la lengua portuguesa. Se trata de una indagación que buscará, en las marcas textuales – específicamente, la alta reincidencia a lo largo de la obra de verbos iniciados por la partícula *re-*, descubrir el papel morfosintático y semántico-discursivo en la realización de aquella obra, inserto en el contexto actual de la modernidad, teniendo en vista la perpetuación o expansión de los significados hasta entonces reservados para tal partícula considerada tradicionalmente como prefijo. En principio, metodológicamente, acatan este estudio: reflexiones sobre la influencia de la literatura en general en la educación y, por lo tanto, en la formación del individuo; la variación lingüística que constituye la creación literaria brasileña, y consecuentemente afecta la discusión sobre lo que debe ser la lengua estándar; la concepción gramatical sobre la prefijación y sus efectos semánticos en el léxico, principalmente, en los verbos; presentación de las definiciones del prefijo *re-* en diccionario y gramáticas; los efectos semántico-expresivos del prefijo *re-* en la categoría del verbo; consideraciones sobre otros mecanismos lingüístico-expresivos que se aproximan a la significación del *re-* en construcciones frasales; el recurso estilístico como puente entre la gramática y la creatividad literaria.

Palabras clave: Lengua. Literatura. Prefijo verbal. Estilística.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>re-</i> no DHe	46
Figura 2 – <i>retro-</i> no DHe	47
Figura 3 – <i>retro</i> no DHe	47
Figura 4 – <i>retro-</i> no DHem	47
Figura 5 – <i>re-</i> no DHem	47
Figura 6 – Página do romance <i>Essa maldita farinha</i>	100
Figura 7 – Página do romance <i>A festa do milênio</i>	101

LISTA DE ABREVIATURAS

DENFPL	Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa
DHe	Dicionário Houaiss eletrônico
DHem	Dicionário Houaiss eletrônico (elem. mórficos)
DLE	Dicionário do latim essencial
DMLP	Dicionário morfológico da língua portuguesa
GHLP	Gramática Houaiss da língua portuguesa
MGP	Moderna gramática portuguesa
NDALP	Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa
NGPC	Nova gramática do português contemporâneo
PFD	Passageiro do fim do dia
RF	Rubens Figueiredo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1.	O PORTUGUÊS ENTRE A LÍNGUA E LITERATURA	18
1.1	O que querem, o que podem essas línguas?	18
1.2	Língua portuguesa é uma brasa, mora?	22
1.3	Os padrões da língua no Brasil	23
1.4	Transformações na língua literária no Brasil ao longo do século XX	28
1.5	A Literatura e os estudos de língua	30
1.6	Apontamentos teóricos sobre a Estilística	32
2	A PREFIXAÇÃO	39
2.1	Os conceitos gramaticais	39
2.2	A problematização do conceito	41
3	O PREFIXO <i>RE-</i>	46
3.1	<i>Re-</i> e <i>retro-</i> em dicionários e gramáticas	46
3.1.1	<u>Nos dicionários</u>	46
3.1.2	<u>Nas gramáticas</u>	49
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRAÇOS SEMÂNTICOS DO PREFIXO <i>RE-</i>	51
4.1	O problema descritivo do <i>re-</i>	51
4.2	O prefixo <i>re-</i> na formação de palavras em PFD	59
4.3	Outras opções sintáticas para os sentidos do <i>re-</i> em PFD	61
5	RUBENS FIGUEIREDO - CAMINHOS PROFISSIONAIS	70
5.1	O professor	70
5.2	O tradutor	74

5.2.1	<u>As traduções dos autores russos</u>	82
5.3	O ficcionista	85
6	LÍNGUA E ESTILO DE RF	89
6.1	O estilo de Rubens Figueiredo	89
6.1.1	<u>Os primeiros romances</u>	94
6.1.2	<u>A transformação estilística a partir dos contos</u>	102
6.2	A obra <i>Passageiro do fim do dia</i>	105
6.2.1	<u>Resumo de alguns relatos em PFD</u>	110
7	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	115
7.1	Considerações iniciais	115
7.2	Análise do <i>corpus</i>	116
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	148
	ANEXO A	153
	ANEXO B	154
	ANEXO C	155
	ANEXO D	160

INTRODUÇÃO

Sempre que penso uma cousa, traio-a.
 Só tendo-a diante de mim devo pensar nela,
 Não pensando, mas vendo,
 Não com o pensamento, mas com os olhos.
 Uma cousa que é visível existe para se ver,
 E o que existe para os olhos não tem que existir para o pensamento;
 Só existo directamente para o pensamento e não para os olhos.

Olho, e as cousas existem.

Penso e existo só eu.

Alberto Caeiro

Ao longo da segunda metade da leitura de *Passageiro do fim do dia* (PFD), de Rubens Figueiredo (RF), notei uma frequência incomum de verbos com o prefixo *re-*. Deste diagnóstico surgiu o questionamento sobre como são os processos de formação dessas palavras e quais seriam os possíveis sentidos daí decorrentes, visto que são muito profícuos na formação de lexemas na língua portuguesa e também em outras línguas latinas. Em seguida, considerando os temas discutidos pela narrativa, outra questão me ocorreu: seria a repetição de tais termos um importante índice constitutivo daquela história?

Ainda durante a leitura, era notável a diversidade morfológica e semântica dos termos com esta estrutura. A combinação do prefixo com verbos, sobretudo, visuais, como *rebrilhar*, *reluzir* e *refletir* parecia, por exemplo, indicar a impossibilidade da observação de um fato diretamente. Nunca estão presentes apenas o observado e seu observador. Existe outro elemento nesta relação. Algo que intermedeia e, de alguma forma, participa na construção do entendimento. Tudo isso concorreu para a minha percepção de que havia ali um discurso crítico atualíssimo ao longo do romance.

A arte literária sempre foi capaz de nos trazer percepções de mundo de cada época, isto é, relativizando o contexto histórico, seu conteúdo nos legou preciosas ferramentas formais. O meu interesse linguístico no texto literário e a “escassez” de investigações que contemplam língua e literatura ratificam a formulação desta tese. Ao terminar o livro – mas não encerrar sua *leitura* – concluí que, dentro do panorama literário atual, PFD se colocava

altaneiro por seus mecanismos linguísticos muito bem estruturados, abordando temas surpreendentemente atuais.

Esta tese tem por objetivo, em primeiro lugar, avaliar a limitação dos sentidos do morfema *re-* na estruturação de vocábulos, principalmente verbais, apresentados em dicionários e gramáticas consagrados e reconhecer se os traços semânticos manifestados pelo prefixo também podem ser encontrados em outras maneiras linguístico-expressivas ao longo da obra. Uma vez registradas as avaliações em torno do prefixo e o reconhecimento de tais expressões, checar-se-á o quanto esse registro fundamenta conceitualmente o romance PFD, da mesma forma que este constitui um panorama para reavaliarmos os sentidos tradicionalmente atribuídos ao prefixo.

Uma vez analisados e caracterizados estes valores, confirmar ou refutar – e pelo menos aprofundar – a hipótese de que as definições até então demarcadas para o prefixo em questão nos dicionários e nas gramáticas não dão conta e, além disso, estão aquém dos sentidos que a modernidade veio nos trazer.

Para a consecução dos objetivos expostos acima três vias convergirão e contribuirão para o desenvolvimento dessa proposta: a via linguístico-literária, que contemplará aspectos da Língua, da Linguística e da Literatura; a via descritiva, que se ocupará do levantamento do prefixo e seu valor discursivo nas obras de referência; e a via informativa, que contextualizará o autor e sua obra, principalmente o livro PFD.

O primeiro capítulo é destinado a propor um percurso linguístico através de algumas observações que vão, desde uma sucinta averiguação da importância das línguas na civilização até algumas das classificações de estudos estilísticos. O imenso salto histórico desta proposta tem por objetivo interligar a importância do surgimento das línguas, tornando-se uma importante ferramenta ao longo da história para o desenvolvimento civilizatório, com a relevância do seu papel nas disputas socioeconômicas.

Por considerar o estudo descritivo da língua portuguesa a partir de um *corpus* literário, faz-se necessário delimitar, portanto, o alcance dos questionamentos que, somados aos temas dos outros capítulos, servirão para o objetivo analítico de PFD.

Além de escritor e tradutor, o autor de PFD atuou como professor de língua portuguesa em escolas públicas no Rio de Janeiro. Portanto, a controvérsia linguística sobre como se deve configurar a unidade de uma língua nacional – neste caso, a língua portuguesa no Brasil – e o questionamento sobre qual deve ser a variante ensinada e praticada nas escolas do país são pontos a serem destacados.

Qual, pois, é a língua portuguesa que se fala e se escreve no Brasil afinal? À aparente simplicidade que se coloca nesta pergunta aos olhos do usuário comum contrapõe-se uma complexa e intrincada resposta capaz de gerar invulgar divergência entre os especialistas. Tantas foram as vicissitudes e são tantas as possíveis perspectivas e abordagens a esse respeito que se faz, a título de uma contribuição lúcida, indispensável delimitar o recorte da análise que se pretende aqui.

Esta polêmica há muito tempo ocupa lugar de destaque também em outras áreas linguísticas que pretenderam e ainda tendem a participar ativamente dessa discussão. Há mais de 150 anos, a literatura brasileira, por meio de seus escritores, está implicada não só por ser parte constitutiva por suas obras ficcionais – visto os temas, as formas de narrar e o estilo empregado –, mas também porque se concentra e colabora para o esclarecimento da questão em textos não ficcionais – artigos, ensaios e debates públicos.

Ainda em relação à polêmica destrinchar-se-ão as influências, mais detidamente na segunda metade do século XX, entre o que é chamado de língua literária – reconhecida pelas seguintes qualidades: inventiva; renovadora; transgressora, ao mesmo tempo que fundadora; particular, porém plural; livre – e o que se quer “consolidar”, mesmo não constituindo uma oposição simétrica, como língua padrão: reproduzível; estabilizadora; conservadora, sabendo-se dinâmica; comum, embora singular; cativa.

Sobre este exame relativo à influência da literatura sobre a língua, alguns estudiosos serão convocados para demonstrar a relevância de também se estudar mecanismos linguísticos a partir da literatura e ainda como aspectos gramaticais e estilísticos podem e devem ser conduzidos no ensino para melhor fruição de ambas: língua e literatura.

Para tanto se este foco específico prefigura uma análise detida e aprofundada do material linguístico da obra PFD em si, de nada adianta a observação direta e peremptória, sem que se faça antes um breve, porém claro, levantamento dos conceitos sobre a Estilística. Este recorte servirá para dar suporte às análises em capítulo posterior, de caráter mais restritivo ao *corpus* selecionado, e lidará com o viés estético e estilístico referente à obra e seu respectivo autor, dado que elementos de ordem extralinguística serão convocados para referendar a leitura analítica do romance.

O capítulo sobre a prefixação, na sequência, apresenta a primeira parte do recorte referencial para a descrição dos elementos linguísticos que se destacaram de PFD. Ao longo da minha primeira leitura, a reincidência de verbos formados com o prefixo *re-* foram chamando a atenção para o modo de perceber e agir dos personagens do romance. Apesar da grande capacidade de formar novas palavras que tem este prefixo, tais verbos não se

destacavam por um traço neológico, mas alguns sentidos provindos do contexto oracional lançaram dúvidas sobre o processo de formação destas palavras e suas respectivas interpretações.

O principal questionamento decorre de como, na prefixação, a base do lexema admitia sua existência independente em alguns casos e em outros, não. A segunda questão reside na interpretação sobre as considerações da descrição gramatical hodierna dos prefixos quando uns são formas independentes na língua e outros conhecidos paradigmaticamente, mas só reconhecidos quando são realizados morfossintaticamente ao se juntar a um lexema básico.

O fenômeno morfológico da prefixação será apresentado em três gramáticas de referência da língua portuguesa, as quais consideram este tipo de formação de palavras um processo de derivação.

Em seguida, por causa da imprecisão descritiva que o fenômeno traz consigo, explicitada, inclusive, em duas das três obras consultadas, comparar-se-á as diferentes abordagens entre essas gramáticas de modo que se evidencie como questões semânticas podem influenciar a tarefa descritiva da língua e que, por isso, estudos gramaticais do início do século XX consideravam a prefixação como um processo de composição.

Considerações sobre a prefixação se limitarão no capítulo 3 ao prefixo *re-*. Este morfema encontra-se no meio de algumas controvérsias linguístico-gramaticais. A primeira delas é de ordem semântica e, por esse motivo, traz a reboque um outro prefixo: o *retro-*. Como se verá a seguir, apesar de *re-* e *retro-* contemplarem um traço semântico idêntico, o primeiro conta, usualmente, com outro traço, logo, diferenciando-os significativamente. Além disso, a descrição morfológica dos dois nem sempre é congruente quando confrontadas fontes linguísticas de caráter distinto, como dicionários e gramáticas. Outra dificuldade sobre o reconhecimento do morfema *re-* como um afixo destacável é o alto índice de ocorrência de verbos que chegaram do latim para o português. O levantamento feito desses casos se limitou às formações verbais que constavam na obra PFD.

Este capítulo compilará os verbetes para expor tais incongruências descritivas com a finalidade de, mais adiante nesta tese, verificar o que se pode depreender da significação que os lexemas por eles formados podem assumir no texto em virtude de sua especificação sintático-semântica. Para representar as variações de significação entre as obras consultadas, disponibilizar-se-ão duas tabelas referente aos dois prefixos na sessão de ANEXOS.

Assim, ao encerrar este capítulo, ter-se-ão, por ora, os tipos de limitações de sentido que são previstos na produção vocabular a partir deste prefixo, que são, enfim, considerados deveras produtivos na formação de palavras, mais especificamente, o *re-*.

Um dos motivos para a simplificação dos significados previstos pelas gramáticas e pelos dicionários consultados para o prefixo *re-* é a restrição de sua significação quando considerado, só e justamente, o processo de derivação prefixal. Para a descrição do fenômeno linguístico, a medida é adequada, mas, privada de maior acuidade semântico-discursiva, acredita-se que as definições carecem de algum aprimoramento.

Por isso, no quarto capítulo, serão tecidas considerações sobre algumas dificuldades que foram encontradas na pesquisa sobre os prefixos *re-* e *retro-*. A primeira a ser levada em conta é a potencialidade neológica, em especial do *re-*, pois é grande a quantidade de palavras iniciadas com o morfema já dicionarizadas e estas embasam a virtual criação de novas palavras, seja pela conveniência de novos contextos socioculturais, seja pela inventividade literária de alguns escritores.

Entretanto, mesmo sendo reconhecida a capacidade derivacional pelo que já foi registrado e pelo que se pode vislumbrar, para se aprofundar nas questões descritivas dos prefixos *re-* e *retro-* será aproveitada do terceiro volume da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* uma cuidadosa apreciação sobre a prefixação, de onde se retirarão comentários que ampliam as informações semântico-discursivas das relações de sentido entre o prefixo *re-* e as bases verbais e discriminam, por exemplo, duas formas de repetição: a iteração, uma única repetição da ação, e a reiteração, a repetição múltipla ou indefinida das ações, entre outros traços semânticos menos produtivos. Devido a diferenças e semelhanças entre as línguas portuguesa e espanhola, sempre que ocorre um exemplo, adotou-se substituir o termo espanhol por um português. E, quando não foi encontrado um vocábulo equivalente e considerou-se importante a descrição de um caso, manteve-se o exemplo em espanhol.

Para tornar mais evidente a situação da prefixação com *re-* em PFD, uma tabela explicitará com os verbos com prefixo *re-* as várias possibilidades morfológicas do prefixo *re-* na língua portuguesa, em que constam as construções *re* + base vernacular, os verbos que vieram com o prefixo diretamente do latim e verbos que originam a partir do particípio adjetivos deverbais. Esta verificação se limitou ao Dicionário Houaiss eletrônico (DHe).

Por último, mas não menos importante para a análise do *corpus*, o papel discursivo do prefixo no texto é expandido através da observação do uso de advérbios e locuções adverbiais e das figuras de retórica de repetição, tendo como base o trabalho de José Luiz Fiorin, e explora como a significação prefixal em questão permitirá a observação de outras formas de repetição e intensificação no texto de RF.

Por se tratar de uma pesquisa comprometida com um *corpus* específico – literário e autoral –, conhecer a trajetória profissional de RF desde o início, além de necessário, revelará alguns traços que serão explorados na análise.

Esta tese tem por objetivo empregar esforços analíticos em torno do romance PFD, todavia desarticulando-se qualquer avanço teórico caso fossem menosprezadas as circunstâncias biográficas do autor, principalmente precedentes ao livro em questão. O signo linguístico – essencialmente a língua portuguesa – está no escopo dos três ofícios de RF. Por mais impossível que seja traçar linhas diretas entre o professor (de língua portuguesa), o tradutor (para língua portuguesa) e o escritor (em língua portuguesa), esquadriñar-se-á no capítulo 5 cada vertente profissional para compreender melhor os efeitos dessas intrincadas perspectivas complementares da consciência por trás da narrativa.

O capítulo 6 reunirá alguns dos elementos teóricos organizados ao longo da tese até então para contemplar aspectos linguísticos e estilísticos em relação à produção ficcional de RF. A transformação de seu estilo após a publicação de seus três primeiros romances, como o exercício como contista participou desse processo de mudança, assim como a concomitância de seus trabalhos como tradutor, principalmente a partir da oportunidade de comparar a literatura de língua inglesa moderna com a literatura russa do final do século XIX e início do século XX serão destacadas.

Ainda neste capítulo, alguns comentários do autor sobre a obra PFD e a descrição de trechos fundamentais da narrativa precederão o capítulo que analisará passagens representativas do que se pretendeu elencar nos capítulos anteriores.

Com esta tese, espera-se contribuir com e estimular a pesquisa sobre a descrição da língua portuguesa, enfatizando a necessidade de um diálogo interdisciplinar entre linguística e literatura e demonstrar a importância – e por que não dizer recuperar o prestígio? – da estruturação de uma obra literária brasileira para fins analíticos de um estágio sincrônico dos fenômenos linguísticos da língua portuguesa; bem como seu percurso quase reverso, quando identificar a relevância do conhecimento dos vários processos constitutivos da língua portuguesa contribui para a formação de uma consciência crítica de seus usuários.

1 O PORTUGUÊS ENTRE A LÍNGUA E LITERATURA

Vive, dizes, no presente;

Vive só no presente.

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;

Quero as cousas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?

É uma cousa relativa ao passado e ao futuro.

É uma cousa que existe em virtude de outras cousas existirem.

Eu quero só a realidade, as cousas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu esquema.

Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nelas como cousas.

Não quero separá-las de si próprias, tratando-as por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar.

Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;

Vê-las até não poder pensar nelas,

Vê-las sem tempo, nem espaço,

Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.

É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.

Alberto Caeiro

1.1 O que querem, o que podem essas línguas?

O termo língua, quando isolado, compreende inúmeras acepções e, mesmo quando especificado o contexto, guarda relações de sentido com aqueles que foram, por ora,

dispensados. Por isso as investigações aqui empreendidas necessitarão de um enquadramento bem delineado, de modo que as partes que se locupletam possam servir, ao mesmo tempo, de apresentação temática e argumentação teórica.

Entender-se-á por língua o material concreto em que o pensamento humano inscreve sua história, deixando-se nele registrar sinais capazes de nos indicar a eficiência de algumas formas e a ineficiência, ou a improdutividade, de outras. No que se convencionou chamar de língua natural, isto é, “qualquer uma das línguas que surgiram e evoluíram naturalmente, em virtude da capacidade de linguagem universal e específica da espécie humana, e que são ou foram usadas como meio de comunicação e de expressão pelos indivíduos que as aprenderam” (HOUAISS, 2009), estão consideradas as línguas orais, presentes nas comunidades ágrafas, e as línguas escritas. Para a finalidade deste aporte teórico, serão levados em conta os aspectos da oralidade para ilustrar o caráter remoto das línguas naturais, bem como para demonstrar características comuns e primordiais a qualquer sistema linguístico – se há, pois, inúmeras polêmicas sobre a gênese das línguas, um ponto pacífico é que sua codificação seria uma etapa *a posteriori* à condição da fala. Afinal, essas características regulam fundamentalmente as condições do estabelecimento de qualquer outro tipo de codificação linguística.

Entre as várias circunstâncias que a aquisição da fala propicia, talvez seja a mais estruturante de todas a de organizar as diferentes formas de interação social através de um manancial de sentidos pertinentes à vida em comunidade. É o que se passa na vida em comum dos usuários de um determinado código que determinará a dinâmica do mesmo. A contingência de um sistema linguístico, logo, está prevista desde o seu princípio. Dentre as diferentes maneiras de se conceber uma definição de língua, o caráter coletivo é assumido como um importante fator psicológico:

Aí está uma definição de língua aceitável: um sistema de fonação, de emissão de sons, que pertence a um grupo, graças ao qual se verifica o intersiquismo do grupo. O que está na sua cabeça pode ser transmitido a mim, que por minha vez, transmito o que está em minha cabeça a você, levando em conta o que eu transmitira a você. E isso a dois, a três, a cem... ao grupo. (HOUAISS [s/d])

Assim pode ser compreendido um dos principais fatores para o surgimento e consagração de uma língua. Essa síntese sobre o que vem a ser a língua não abre mão de conceitos típicos da Psicologia para tentar dar conta de um fenômeno de extrema complexidade e, ao exemplificá-lo, revela o que costumamos denominar de comunicação.

Relacionada ao ato comunicativo está, portanto, a estruturação de uma língua funcional. A língua, assim, é encarada como um instrumento de comunicação, assumindo feições utilitárias que visam ao sucesso dos anseios culturais em questão. Esses objetivos podem ser temporários ou permanentes, de modo que a língua como um sistema, isto é, seus elementos constituintes, representarão as alternâncias em conformidade aos respectivos estágios de um grupo social:

Como repetidamente Martinet tem afirmado, uma língua muda porque funciona. O sistema existe em movimento, ou seja, não há contradição entre sistema e mudança. A língua é algo vivo e como tal transforma-se sem cessar, não deixando jamais de desempenhar a sua função principal, a de ser um instrumento de comunicação. As línguas não são nem estáticas nem homogêneas. As mudanças são explicadas dentro do funcionamento, sendo qualquer mudança estrutural marca evidente da alteração efetiva. As relações das unidades e as suas modificações no interior de um sistema são determinadas por fatores funcionais. (JAKOBSON apud MARÇALO, Maria João, 1994, p. 90)

Considerados genericamente, os atos comunicacionais em um dado grupo social enfim representam o processo que ao mesmo tempo estabelece uma língua e, concomitantemente, a transforma. Ou seja, avanços e retrocessos culturais, quando depurados pelo filtro da comunicação, formam determinada língua pelo que é abandonado – falha comunicativa – e pelo que é conservado – sucesso comunicativo.

Essa simplificação serve-nos apenas para facilitar a compreensão de uma fase inicial dos estágios linguísticos, visto que, em um primeiro momento, a qualidade instrumental é caracterizada por aspectos básicos que perfazem as condições de sobrevivência ainda aquém de toda a potencialidade de uma língua:

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do aqui/agora do indivíduo, e o aqui/agora constitui o foco da atenção dele dentro da realidade da vida cotidiana. Essa realidade é vivida por ele em graus variáveis de aproximação e distância, tanto temporal quanto espacialmente. A mais próxima é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à sua manipulação corporal – o mundo ao seu alcance, o mundo em que ele atua a fim de lhe modificar a realidade, o mundo em que ele trabalha e vive; é nesse mundo que a sua consciência é dominada pela *motivação pragmática*, isto é, pelo “aglomerado de significados diretamente ligados a ações presentes e futuras”. A atenção do indivíduo a esse mundo é predominantemente determinada por aquilo que ele está fazendo, fez ou planeja fazer dele. (NOMURA, p. 23)

Quando já é reconhecida como um bem imaterial de grande eficácia para o desenvolvimento e perpetuação dos valores culturais, a língua provavelmente já comporta em si, mesmo que em níveis distintos de acuidade, um complexo grau de representação simbólica entre os membros de um grupo social. Quando trazida para uma perspectiva mais moderna, é

possível entrever mais claramente a noção histórica na qual os traços de uma língua passam, então, a circunscrever o indivíduo. A dinamicidade e suas respectivas mudanças culturais forjaram nuances que fazem da língua algo muito além do que apenas o seu papel instrumental:

É também por meio da palavra que se define o tom do relacionamento entre as pessoas – direto ou dissimulado, cerimonioso ou informal, autoritário ou cooperativo – e se configura o **contexto sociocomunicativo da enunciação** em que elas interagem. Com efeito, esse contexto não é um dado real ‘externo e objetivo’, mas uma construção mental dos interlocutores, cuja participação no processo comunicativo, atravessado muitas vezes por uma dinâmica imprevisível, se manifesta como papéis sociais. É com referência a estes papéis que ajuizamos a relevância de uma informação ou de um comentário, a oportunidade ou pertinência de um assunto, a adequação e funcionalidade das formas de expressão com que construímos nossos discursos. Em suma, “para o animal, o mundo é fundamentalmente o que os sentidos lhe oferecem; para o homem, o que lhe dizem as palavras ditadas pela história”. (AZEREDO, 2008, p. 51)

A aquisição da escrita conduziu, por sua vez, toda sorte de conhecimento a novos estágios incessantemente. A capacidade de registrar e fixar convenções linguísticas dos sons da fala é uma etapa fundamental e revolucionária, pois, além de permitir a reflexão sobre os seus efeitos, passa a disponibilizar e resguardar mais seguramente os saberes adquiridos para gerações futuras. Digna de nota é a comparação entre a quantidade de palavras existentes nas línguas orais e a quantidade de palavras de uma língua com o advento da escrita:

As línguas orais não tiveram mais que 3,4 mil palavras de valor semântico. Na medida em que você escreve, e ensina a escrever, é que as palavras não morrem: elas continuam sendo usadas, cada vez mais. Ao cabo de um milênio elas atingem um repertório mínimo de 50 mil palavras. Há línguas que estão com cerca de 600 mil palavras, como é o caso do inglês, eventualmente o caso do português, que tem 500 mil, pelo menos. O nome “língua de cultura” é empregado no sentido, de uma reserva escrita altamente rica e ensinada, para que subsista essa riqueza e ela continue aplicada. (HOUAISS, p.23-24)

A língua portuguesa, também designada português, atingiu esse *status* de “língua de cultura” e hoje em dia é a língua oficial de nove países, contando com mais de 260 milhões de falantes nativos. Apesar da elaboração de gramáticas desde o século XVI e dos recentes acordos ortográficos firmados, não é uma língua totalmente uniforme. A grande amplitude geográfica da área em que ela é tida como língua oficial e as diversas motivações históricas dessas regiões fazem com que ela apresente grandes variações, principalmente, diatópicas e diastráticas.

Por mais que se possa considerar que tal uniformidade esteja em um estágio mais avançado se comparado ao de séculos atrás, este objetivo unificador, além de questionável,

sempre encontrará outras razões que impedirão a realização de uma língua final, sem variações. As palavras de Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da língua portuguesa, já apresentavam essa característica comum a qualquer língua:

E mui poucas são as coisas que duram por todas ou muitas idades em um estado, quanto mais as falas, que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juízos e tratos dos homens; e esses homens entendem, julgam e tratam por diversas vias e muitas, às vezes segundo quer a necessidade e às vezes segundo pedem as inclinações naturais. (p. 95 Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: INCM, 1975.)

Se essa característica está presente, em maior ou menor grau, em quaisquer das línguas existentes ou das que já deixaram de existir, cada uma delas traçou caminhos específicos de acordo com suas motivações históricas. Por isso, contemporaneamente, inseridos dentro de um mundo dito globalizado e verificada a inevitabilidade de nossa imersão dentro de uma rede de sentidos, construída por uma infinidade – ou pela totalidade – de produções languageiras, conhecer a língua e o papel que esta desempenha na nossa época, logo, é uma das maneiras mais estimulantes de acessar a cultura. Consequentemente, à descrição linguística não cabe apenas o papel da computação de dados, mas também o de articulá-los.

1.2 Língua portuguesa é uma brasa, mora?

A língua portuguesa é a língua literária em questão. Suas minúcias vêm sendo descritas desde o século XVI, quando pela primeira vez foram publicadas, por exemplo, as gramáticas da língua portuguesa de Fernão de Oliveira, em 1536, e de João de Barros, em 1540, ou os tratados de Ortografia, como o de Pêro de Magalhães, em 1574, ou o de Duarte Nunes Leão, em 1576. Essas datas, na verdade, não são o princípio de toda discussão linguística do português, pois “os gramáticos do Renascimento, gramáticos da língua vulgar, acentuemos, são antes verdadeiros elos de ligação, garantes duma continuidade, mediante o aproveitamento duma herança” (BUESCU, 1984, p. 10), mas simbolizam como as línguas modernas pareciam estar definitivamente codificadas nos finais do século XV, o *bom uso*, definido a partir dessa codificação – gramática – e, finalmente, o contexto cultural exigiu que a gramática assumisse caráter normativo. (BUESCU, 1984, p. 15).

Além desta primeira normatividade gramatical, outro aspecto importante a ser levado em conta é a formação histórica do léxico da língua portuguesa. De origem basicamente latina, uniram-se ao latim vulgar não só palavras de línguas existentes na Península Ibérica antes da romanização, mas também, até os dias atuais, influências do árabe, do tupi, do francês, entre outras. Esses empréstimos costumam refletir transformações culturais historicamente relevantes, de modo que

o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas. (VILELA apud CARDOSO, 2005, p. 164)

Dadas essas circunstâncias, o português brasileiro assume características bem diversas do português lusitano. Se em registro formal, isto é, normativo, as línguas apresentam grande semelhança, o mesmo não ocorre quando verificamos os registros familiares e coloquiais. Além de o vocabulário gírio marcar bem essa diferença na expressividade, a cultura popular e suas nuances sociais, que nada mais são que as consequências históricas da formação do povo brasileiro, propiciam a criatividade vocabular e fraseológica bem distintas da portuguesa. Portanto, quanto mais o tempo passa, os vocabulários das várias populações lusófonas se diversificam.

1.3 Os padrões da língua no Brasil

Como deve ser a variante da língua portuguesa corrente no Brasil a ser considerada padrão? Recentemente, alguns linguistas brasileiros têm atuado com ênfase sobre este debate, embora sua argumentação, por vezes, leve o tema para uma contenda ora semântica, ora ideológica. A seguir, o maior expoente, ou talvez o mais midiático, responsabiliza-se pelos dois vieses em seu artigo “Norma linguística & outras normas”. Atentemos para dois trechos exemplares, primeiro sobre o dito aspecto semântico da argumentação:

Por que não opor *variedades cultas* a “variedade-padrão”? Porque o termo *variedade* implica, na sociolinguística, um *uso* concreto, efetivo por parte de falantes reais. Ora, não existe uma “variedade-padrão”, expressão paradoxal na medida mesma em que comporta o termo *padrão*: todo padrão é estabelecido com vistas a uma uniformização, a uma homogeneização de formas e usos, situando-se por

consequente por cima e por fora de toda variabilidade, de toda heterogeneidade. Como é sabido, a característica precípua da *norma-padrão* é supor uma língua descontextualizada, arrancada de suas condições de produção histórica e social. Com tais argumentos também é possível criticar (e descartar) o uso de outras expressões como *língua-padrão* e *dialecto-padrão*. Afinal, não existe *língua-padrão*, mas sim um *padrão-língua*, uma medida abstrata que serve para medir e avaliar os usos linguísticos empíricos dos falantes nativos. (BAGNO, 2001, p. 11)

O trabalho de Bagno é digno de atenção, não obstante seja preciso apontar certas inobservâncias. O exercício descritivo demanda nomenclaturas, e estas nada mais são que convenções. A crítica do linguista se atém ao papel expressivo que os termos assumem. Apesar da relevância de sua colocação, ela pouco toca a questão do sistema linguístico.

Na próxima citação, constata-se a flama ideológica de Bagno quando, depois de assertivamente constatar o cenário político de Portugal diante da União Europeia e “sua estreita vinculação ao projeto neo-imperialista que se disfarça sob o rótulo pós-moderno de *globalização*”, destaca o papel do Brasil nos rumos da língua portuguesa:

Ora, nessa lusofonia, a participação brasileira é de longe a maior e mais importante – o termo, aliás, só tem sentido do ponto de vista histórico, na perspectiva do passado colonial, pois sincronicamente o que existe mesmo, dentro da família de línguas derivadas do português medieval, é uma *brasileirofonia*, dada a grandeza do território e da população e a importância geopolítica e econômica do Brasil. (BAGNO, 2001, p. 11)

No parágrafo seguinte, completa, ilustrando, não de todo equivocado, mas exageradamente, o quadro atual e, em nota, sugere o que seria o nosso dever:

(...) Seria um projeto insensato e irrealista [...], embora a insensatez e a irrealidade sejam características, como se sabe, da ideologia linguística dominante em nossa sociedade e que ainda impõe a língua *escrita literária portuguesa clássica* como modelo imaginário de “língua certa”¹

1. O sensato e realista, no Brasil, seria promover um maior conhecimento de nossas variedades cultas para, com base nele, empreender uma reforma da norma-padrão a ser ensinada (se for o caso) nas escolas. (BAGNO, 2001, p. 12)

As ideias que Bagno publica em seus livros e propaga por outros canais (palestras, entrevistas etc.) têm algum mérito, principalmente porque se dedica ao tema de maneira a valorizá-lo e aproximá-lo de questões relacionadas à educação e às ramificações culturais diversas do país, assim promovendo-as para um lugar de importância na agenda política. Contudo, no que se refere especificamente a reformas linguísticas, o assunto não deve ser tomado com o mesmo ímpeto radical, pois, mesmo que a língua comporte mudanças

decorrentes de sua natureza dinâmica e cultural, trata-se de uma matéria, segundo Maurizio Gnerre, que não está habituada a súbitos cortes, visto que

A separação entre norma padrão, variedade culta e outras variedades é profunda devido a vários motivos; a variedade culta é associada à escrita, como já dissemos, e é associada à tradição gramatical; é inventariada nos dicionários e é a portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional. É este o resultado histórico de um processo complexo, a convergência de uma elaboração histórica que vem de longe. (GNERRE, 2009, p. 11)

A norma linguística compreende, portanto, um processo complexo que legitima tanto uma tradição cultural, quanto uma identidade nacional. Por isso nela se inscrevem muitos acontecimentos, traços marcantes de determinados momentos que constituíram e continuam a modificar uma dada comunidade. Ainda sim ela é uma “elaboração histórica que vem de longe”, cuja modelagem não se baseou a custo da superação de um grupo sobre o outro. Sendo a língua portuguesa um dos ramos resultantes da tradição latina, sua gramática obedece também, fundamentalmente, a circunstâncias teóricas que justificam o conceito de norma sem necessariamente este significar um cerceamento agressivo, mutilador das liberdades:

O caráter normativo de uma tradição gramatical que se prolonga até nossos dias, com sua prescrição mais ou menos rígida de normas a seguir, sobretudo a partir da segunda metade do século XVII, é um lugar-comum da história da linguística. A noção de norma nesta tradição, entretanto, tem um duplo aspecto. Além do uso falado ou escrito recomendado, trata-se de uma norma teórica, do modelo de descrição que impera num dado momento, norma que, em ampla medida, determina os elementos da língua que se escolherá pôr em relevo ou mesmo inventar. (PADLEY, p. 55)

No caso da língua portuguesa no Brasil – logo do Brasil, notadamente uma sociedade mestiça, em que os colonizadores portugueses impuseram aos índios, que aqui já estavam, e, na sequência, aos africanos, trazidos para o trabalho escravo, sua língua e sua cultura, formando uma primeira matriz étnica – pode-se abstrair tanto do léxico, quanto da sintaxe a influência que fatores históricos tiveram sobre tais mudanças. Porém, uma vez que se outorgam constituições que preveem a igualdade entre seus membros e se estabelecem todas as demais formas organizacionais de um Estado Nação, é inevitável que se busque um termo que unifique os diferentes falares. Esse termo unificador é a língua escrita, pois, por sua maior estabilidade ao deixar evidências mais incisivas em comparação com a flutuação das variantes da oralidade, permite uma observação mais detida pela qual se deixa entrever sua estrutura mais claramente. Então, por mais que haja importantes debates ideológicos sobre como uma

língua deve se comportar, Gnerre conclui que, independente disso, as modalidades oral e escrita sempre guardaram suas diferenças:

A associação entre uma determinada variedade linguística e a escrita é o resultado histórico indireto de oposições entre grupos sociais que eram e são "usuários" (não necessariamente falantes nativos) das diferentes variedades. Com a emergência política e econômica de grupos de uma determinada região, a variedade por eles usada chega mais ou menos rapidamente a ser associada de modo estável com a escrita. Associar a uma variedade linguística a comunicação escrita implica iniciar um processo de reflexão sobre tal variedade e um processo de "elaboração" da mesma. Escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais. (GNERRE, 2009, p. 8)

Os caminhos da história do homem são o que constitui esse mesmo homem. Por serem caminhos, no plural, a ideia de homem também é plural e implica uma infinidade de potenciais. Assim se nos apresentam os tais conteúdos referenciais. Cabe à nossa reflexão escolher de que forma devemos interagir com os mesmos conteúdos, para refutá-los, aceitá-los ou mesmo transformá-los. Logo, a língua é a ponte em comum para todos aqueles que compõem uma sociedade e precisam estar aptos para compartilhar opiniões e ações em torno de um mesmo cenário: a vida em comunidade.

Os sinais sonoros ou gráficos com que se materializam nossos discursos veiculam sentidos que elaboramos durante o processo de falar/escrever e ouvir/ler. Como tudo o mais que constitui nossa herança cultural e plasma nossa identidade histórica e social, estes sinais – manifestação da língua que falamos/escrevemos – são uma propriedade coletiva extraordinariamente maleável e adaptável às circunstâncias comunicativas, aos interesses dos indivíduos e aos caprichos do tempo e da história. Conhecê-los para fins interativos é um requisito da vida em sociedade, mas descobrir e explicitar como são e a que leis estão sujeitos em seu funcionamento é tarefa adicional, nem sempre de efeitos práticos evidentes, mas pertinente à aventura histórica do homem em busca do autoconhecimento. (AZEREDO, p. 29)

Em outras palavras, a consciência de como a língua intermedeia não só as relações socioculturais entre duas ou mais pessoas, mas o próprio autoconhecimento do indivíduo é a condição ressaltada ao final do parecer do autor da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (GHLP). A essa condição reconhecemos um estágio de amadurecimento da faculdade linguísticas que é composta por diversos mecanismos de interação nas várias sociedades modernas. Esse amadurecimento é próprio da língua escrita, mas não apenas:

O conhecimento de tipologias textuais é adquirido pelo indivíduo ao longo do seu processo de socialização: o indivíduo dentro da coletividade aprende com naturalidade a classificar as manifestações textuais do cotidiano, que ocorrem com regularidade em determinadas situações comunicativas, em uma tipologia geral de

textos, sem que, para isso, ele tenha de possuir conhecimento científico prévio como funciona esse processo de aquisição interna. Steger diz que o “conhecimento de tipologias” (“Typenwissen”) é uma espécie de sentido de orientação que o indivíduo adquire e desenvolve no transcurso da interação social, o qual lhe permite simplificar as tarefas ditadas pela necessidade da vida prática. (NOMURA, p. 39)

Por isso que o problema “da adequação do texto à situação de comunicação assume um relevo considerável no contexto da investigação sobre a linguagem escrita” (CARVALHO, 1999, p.9) Tal questão “deriva da própria natureza da comunicação escrita, e particularmente do contexto em que ela normalmente ocorre”, isto é, na comunicação escrita, a capacidade de abstração é outra e difere bastante da situação de comunicação oral, já que geralmente está ou pode estar à parte, por exemplo, do momento da enunciação de determinado discurso.

No processo de desenvolvimento da capacidade de expressão escrita, a aquisição da consciência da situação de comunicação escrita e das implicações que tem na construção do texto constitui um marco decisivo. A adequação do texto escrito à situação de comunicação pode ser considerada como um factor de distinção entre os que não desenvolveram e os que desenvolveram a capacidade de escrever. Quem escreve bem gera a maior parte das suas ideias em função do problema retórico genérico, considerando o objectivo e o destinatário da comunicação, enquanto que os que têm problemas na escrita produzem o texto sobretudo com base no assunto. Estes caracterizam-se por um discurso com evidentes marcas de oralidade, altamente dependente de um contexto, aqueles mostram-se capazes de produzir um discurso capaz de funcionar na ausência desse mesmo contexto, a partir do modo como se encontra organizado e da informação que contém. (CARVALHO, 1999, p. 9)

O autor português, trazendo duas facetas – “nem sempre de efeitos práticos evidentes”, para retomar a citação anterior de AZEREDO – que demonstram como, pela aquisição da perícia escritural, a capacidade do pensamento humano se desdobra dialeticamente para além do aqui/agora, diz que por um lado aprimora-se “um grau de desenvolvimento cognitivo que permita ao sujeito ter em consideração realidades ausentes” e, por outro, “a automatização de outras dimensões do processo de escrita de modo a que a adequação do texto à situação de comunicação possa ser analisada sem que isso provoque um bloqueamento dos mecanismos de processamento de informação” (CARVALHO, 1999, p. 9).

1.4 Transformações na língua literária no Brasil ao longo do século XX

Na história da literatura brasileira encontramos contundentes movimentos como o Romantismo e o Modernismo que, através da participação de seus escritores nos debates públicos e por suas publicações ficcionais, empenharam-se no objetivo de consolidar um estilo brasileiro da língua portuguesa:

Se é verdade que o Modernismo construiu uma busca crítica coletiva, embora não necessariamente homogênea, de uma identidade nacional – fato que o irmana ao Romantismo – a fase que a ele se segue, seja como movimento de algum grupo seja pura produção individual, já não revela, todavia, aquela preocupação. Foi como se a questão da identidade linguística e literária tivesse saído de cena. (AZEREDO, 2003, p. 329-354)

Com o fim dos movimentos literários tão demarcados, este papel foi relegado a outros personagens como, por exemplo, os linguistas. Mesmo com o crescimento destas novas vozes no debate, os literatos continuam influentes, porém não como eram os escritores dos movimentos literários de outrora, talvez isso se deva porque:

Por sua vez, um vasto grupo, cujo estilo não se destaca por traços mais fortes de singularidade linguística, reúne autores empenhados em contar histórias ou ‘dar seu recado’. A grande maioria ambienta suas narrativas no espaço urbano, com preferência pelo foco em questões sociais e políticas do período da ditadura militar no país. Trata-se dos que escolhem a via pela qual a língua da literatura e a do jornal se tocam e às vezes se confundem, seja como reportagem, seja como crônica, seja como ficção. (AZEREDO, 2003, p. 329-354)

As transformações sociopolíticas do país inspiraram outros debates sociais e temas vindouros de uma nova realidade passaram a protagonizar as narrativas, arrefecendo a discussão sobre a expressividade linguística. Privilegiou-se, então, a contundência da denúncia, a multiplicação dos diferentes falares que representavam minorias ou vozes que não tinham vez na grande mídia. Crescem também os relatos explicitamente baseados em fatos reais. No entanto, esse movimento não se trata apenas de uma mudança deliberada e consciente, deve ser considerado o surgimento de outras gerações:

As gerações de hoje, beneficiadas já por essa tradição auto-reflexiva que se foi formando, desejam-se mais consequentes. Estão de posse de análises objetivas da nossa realidade. Formulam soluções acima dos expedientes impressionistas. O realismo de hoje é um realismo aparelhado, científico: pensamento armado. É a perspectiva que está exigindo a modificação estrutural das nossas instituições. Já sabemos como o Brasil realmente é. Podemos deduzir como ele *deve ser*. Podemos

enunciar uma política ontológica e não simplesmente lógica. Porque a lógica não tem os pés na terra. (PORTELLA, 1971, p. 45)

O que Eduardo Portella define como “pensamento armado” – constatado em diferentes autores brasileiros – pode ser interpretado como um componente individualizante da produção literária. A aproximação do discurso literário ao discurso denunciatório na sociedade brasileira após a metade do século XX desfaz a convergência que havia nas polêmicas literárias sobre uma identidade nacional e proclama a urgência de se apontar nos problemas da realidade nacional aspectos antes pouco evidenciados. Esse posicionamento estético não obterá resultados práticos, apenas propõe reflexões que deveriam ser levadas por todas as partes de um corpo societário:

Mas é imprescindível para isto que nos engajemos todos, o político, o intelectual, o operário, o estudante. Que haja uma mobilização profunda de toda a nossa capacidade produtiva. Essa arregimentação das nossas próprias energias – muito mais do que os auxílios externos – deve ser a verdadeira força motriz de nossa arrancada desenvolvimentista. Mas é indispensável uma palavra de ordem inspiradora de confiança. Decidida. Autêntica. (PORTELLA, 1971, p. 46)

Nesse cenário, a intelectualidade e a literatura brasileira, que antes resguardavam a discussão das questões nacionais para si, ressentiram-se com a fragmentação desse discurso preocupado com os rumos do país entre outras áreas do corpo social. A crescente popularização dos meios de acesso a informação fez com que outros setores tomassem ciência dessas questões, conseqüentemente, as ampliassem e, por fim, participassem dela mais ativamente. O setor cultural, antes tão fundamental no aprofundamento crítico, não soube ou não teve como manter substantivamente sua relevância:

Gostaria de particularizar um pouco o caso da literatura. É ela – sou forçado a reconhecer – peça retardatária dentro do processo. A realidade fenomenal brasileira é muito mais rica e forte do que a consignada em nossa literatura. Daí certos aspectos da vida e da alma brasileiras não terem sido captados pelos nossos escritores. Falo em termos de autenticidade. (PORTELLA, 1971, p. 47)

Se as discussões literárias no Brasil não comportam mais a problematização da língua como uma questão nacional, quem dela faz uso, seja literariamente ou não, deve identificar a coexistência de formas já bem conhecidas e reconhecidas. Uma linguagem aproximadamente unificada pelos padrões culto e midiático e uma diversificada pelas características que a forma falada congrega, como o coloquialismo e as variantes regionais.

A tarefa que nos cabe é, portanto, outra: partindo do princípio de que o instrumento da linguagem unificado constitui um dos elementos fundamentais da unidade nacional, a nossa verdadeira política linguística deve basear-se no conhecimento minudente das manifestações práticas, coloquiais, emocionais, sentimentais e artísticas da língua usada majoritariamente no Brasil, na sua forma falada ou na forma escrita. (PORTELLA, 1971, p.82)

A condição crítica, pois, para todos que lidam reflexivamente com a língua é *sine qua non*. A lida com a língua portuguesa no Brasil circunscreve, em primeiro lugar, o exercício da cidadania.

1.5 A Literatura e os estudos de língua

Apesar de parecer algo elementar no campo das investigações que envolvem a descrição do sistema linguístico, a articulação entre Língua e Literatura nem sempre foi encarada assim pela Linguística, sendo historicamente motivo de discussão:

...a própria linguística aderiria perfeitamente à imagem separatista que a literatura queria dar de si própria; submetida a um superego científico muito forte, não se reconhecia o direito de tratar da literatura, porque para ela a literatura situava-se em grande parte no exterior da linguagem (no social, no histórico, no estético). (BARTHES, 1968, p.10)

É interessante, portanto, trazer para o debate vozes que incentivam a aproximação entre as abordagens linguísticas da literatura como *corpus* fundamental para a descrição de uma língua.

A perspectiva trazida pela linguista portuguesa Fernanda Irene Fonseca (1992, p. 16), que, tendo explorado em suas pesquisas *corpus* tanto literário quanto não literário, insistiu na aproximação das duas disciplinas, observando que “a relação entre linguística e literatura costuma ser encarada, de um modo geral, bastante unilateralmente”. Visa-se ao contributo da ciência da linguagem para a compreensão do texto literário, mas o inverso – o estudo do fenômeno literário como contributo para melhor compreensão da linguagem e seu funcionamento – “é um aspecto deixado na sombra”. FONSECA (1992, p.16) alerta que

Não podemos deixar-nos iludir pela utilização sistemática que em certa época faziam os linguistas de *corpora* constituídos por exemplos extraídos de textos literários. Quando essa prática era corrente, o linguista só procurava, na utilização de

exemplos literários, uma garantia (em nome de um critério de autoridade) da autenticidade das frases analisadas (*frases*, note-se). Tratava-se, pois, de uma utilização inespecífica e claramente abusiva que não hesita em considerar uma manifestação de desrespeito pelo texto literário.

Não só o direito, mas também o dever de estudar o fenômeno literário em toda a sua extensão são modernamente reconhecidos como estudos complementares, afinal “um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista em literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos.” (JAKOBSON, 1975, p. 162).

A linguista Beth Brait sempre utilizou, entre outras linguagens, textos literários em suas pesquisas. Defensora da integração das duas disciplinas, sua publicação *Literatura e outras linguagens* acolhe depoimentos de linguistas – D. Maingueneau, C. A. Faraco, S. Possenti e L. C. Travaglia – sobre a literatura e apresenta considerações de escritores – Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Roberto Gomes – sobre a língua e esclarece o porquê da importância desta parceria entre os dois estudos:

Mesmo parecendo óbvio que línguas e literaturas formam uma parceria inquestionável, nata, atestada pela cumplicidade firmada entre criadores, criações e diferentes estudos da linguagem, muitas vezes opera-se uma dicotomia, por força de contingências institucionais, que dissimula a natureza dessa confluência incontornável. (BRAIT, 2010, p. 15)

[...]

A literatura é um lugar estratégico, ainda que não seja o único, para observação das relações entre linguagem cotidiana e criatividade. Ela constitui uma das possibilidades de exploração da língua, como forma criativa e atuante de mobilização de palavras e estruturas linguísticas, apontando para inúmeros fins, para diferentes propósitos. (BRAIT, 2010, p. 41)

As considerações sobre a interface Linguística/Literatura também encontram apoio no capítulo ‘Criatividade e técnica linguística’ da obra *Lições de linguística geral*:

Também a pesquisa linguística, como descrição e como história, interessa-se sobretudo com (*sic*) o aspecto técnico da linguagem, isto é, com o saber linguístico, o que é, sem dúvida, perfeitamente compreensível, pois que o aspecto técnico é o que apresenta maior uniformidade e, destarte, pode mais facilmente tornar-se objeto de ciência. Não obstante, toda filosofia da linguagem digna deste nome e ainda uma linguística que tenha consciência de sua tarefa deveriam insistir, de modo particular, na criatividade linguística (que, aliás, impregna também as técnicas do falar, que são essencialmente técnicas abertas). (COSERIU, 1980, p.94)

No final dessa passagem, o autor reconhece a influência da língua estabilizada em um suporte sobre “as técnicas do falar”. Esse ponto de vista pode parecer ultrapassado, mas entende-se que a pesquisa linguística é capaz de reconhecer a mútua influência de

características que transitam da fala para o “aspecto técnico da linguagem”, isto é, mecanismos do falar que escritores passam a adotar como recursos expressivos, de maneira a cooperar para consagração ou não da constante criatividade linguística.

No tocante à língua, ela desempenha o papel central no debate que reúne as discussões entre linguística e literatura. O material linguístico em si, no fim das contas, é simplesmente o objeto a ser levado em consideração, isto é, o que fixa o pensamento:

A linguagem é aqui esse meio, como o mármore, o bronze ou a argila são a matéria-prima do escultor. Como cada língua tem peculiaridades distintas, as limitações – e as possibilidades – formais inatas de cada literatura nunca são as mesmas que as de outra. A literatura, tirada da forma e substância de uma língua, tem a cor e a tessitura da sua matriz. (SAPIR, 1971, p. 218)

1.6 Apontamentos teóricos sobre a Estilística

Bakhtin, em *Questões de estilística no ensino da língua* (2013, p. 40), conjuga observações estilísticas ao ensino de gramática, apostando no sucesso desse método:

Finalmente, é necessário observar que as análises estilísticas, mesmo as mais profundas e elaboradas, são bastante acessíveis e agradam muito aos alunos desde que sejam realizadas de modo animado e os próprios jovens participem ativamente do trabalho. Do mesmo modo que as análises estritamente gramaticais podem ser tediosas, os estudos e exercícios de estilística podem ser apaixonantes. Mais do que isso, ao serem realizadas corretamente, essas análises explicam a gramática para os alunos: ao serem iluminadas pelo seu significado estilístico, as formas secas gramaticais adquirem novo sentido para os alunos, tomam-se mais compreensíveis e interessantes para eles.

Nessa parte, a estilística da língua e a estilística literária serão abordadas com a intenção de traçar suas principais características e, conseqüentemente, de apontar suas complementaridades. Como o que foi ressaltado por Bakhtin e a partir dos conceitos de estilística, o capítulo reservado para a análise do *corpus* terá em perspectiva justamente a descrição de um recurso gramatical e seu desdobramento semântico-estilístico.

Em *Contribuição à Estilística Portuguesa* (2004), Mattoso Câmara Jr. estabelece sucintamente os parâmetros teóricos pelos quais passou e desenvolve aquilo que nomeou como contribuição para uma ciência estilística. A breve resenha a seguir espera dar conta do que o autor nos oferta em tal livro.

A linguística descritiva tem por definição o intento de estabelecer cientificamente as funções pelas quais o ser humano se relaciona, a partir da língua, com o mundo. Em seu marco nascedouro, fixado pela obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, a tarefa se limitou basicamente em verificar como a linguagem verbal se estrutura para representar o pensamento. Consciente, o autor suíço optou por observar a língua como um sistema, isto é, um padrão comum a um ambiente linguístico e não aprofundou as características que compõem as manifestações individuais, portanto, diversas. Tais manifestações foram delegadas a um campo volúvel que classificou como *fala* (fr. *parole*) em oposição ao sistema fixo: *língua* (fr. *langue*).

A Estilística, dentre várias perspectivas, nada mais é do que a disciplina responsável por complementar essa primeira estruturação da ciência linguística. Mattoso Câmara Jr. recorre a Karl Bühler para traçar uma distinção sobre o conceito de estilo da *langue* saussuriana: se, para Saussure, a língua se deduz apenas da função representativa, junto com Bühler, o autor brasileiro destaca duas outras funções que constituem a “essência do estilo”, a manifestação psíquica e o apelo. Essas duas funções, então, seriam capazes, ao se agregarem à da representação, de pôr em vigor uma “estilística da *langue*”, possibilitando a averiguação de um sistema de expressividade.

Depois de discutir as questões complexas que envolvem os aspectos psíquicos e os conceitos em torno da linguística, Mattoso Câmara Jr. explana de maneira esclarecedora como a estilística pode se definir como disciplina estruturante e complementar à gramática. Não admitindo a expressividade como um problema do discurso apenas, mas também um material simbólico capaz de revelar estados anímicos profundos e os traços apelativos da comunicação perante um interlocutor, o autor nos diz que “a liberdade que a língua faculta num ou noutro ponto permite-nos ser originais continuando, pelo menos, inteligíveis” (2004, p.16). É por essa inteligibilidade que o estilo como marca da individualização ainda resguarda traços relevantes que permitem observar “um conjunto de ‘expressões’, independentemente da circunstância de ser um predicado do indivíduo” (2004, p.16) – logo, suscetíveis a uma sistematização. A atmosfera social é que forja inelutavelmente o arcabouço expressivo de determinado ambiente, impossibilitando de vez a chance de uma originalidade plena. Configurado esse dilema, o método estilístico tem como objetivo definir uma personalidade em termos linguísticos, “independente do âmbito particular em que a expressividade linguística funciona” (2004, p.25).

Marcel Cressot, em *O estilo e suas técnicas* (1980, p.14), parte do pressuposto de que não existem termos, construções sintáticas ou ordenações de palavras que sejam exatamente

equivalentes. Para Cressot, o método de análise sob a luz da ciência estilística decorre da interpretação das escolhas feitas pelo usuário diante das diversas possibilidades que a língua enseja em determinada época e ambiente. E, embora os limites da estilística sejam circunscritos momentaneamente somente ao exame de textos, nunca se negou a importância dos aspectos extralinguísticos:

A linguística do texto está representada na pesquisa glotológica atual, ainda que parcialmente, pela estilística dita “crítica estilística” ou “estilística da *parole*”. A “crítica semântica” de Pagliaro leva ainda melhor em conta o mesmo nível e não apenas do ponto de vista estilístico, mas também em relação a outros aspectos concernentes à interpretação de todo tipo de texto (mesmo que se trate de um texto jurídico, econômico, etc., sem que seja, portanto, necessariamente um texto literário *stricto sensu*). (COSERIU *apud* CRESSOT, 1980, p.96)

Ao delinear os contornos do que é ou não é analisável pela Estilística, Cressot (1980, p.14) diverge de Bally sobre o que deve ser o centro das análises estilísticas. Para este, a expressão literária não é merecedora de atenção porque o literato, diferente do sujeito que espontaneamente se comunica, tem intenção estética quando escreve, ou seja, ele, consciente por causa de sua manifestação artística, confere propositalmente beleza às palavras. Já Cressot (1980, p15) diz que

A obra literária não é senão comunicação, e qualquer fator estético que o escritor nela faça entrar não é, definitivamente, mais que um meio de, com segurança, conseguir a adesão do leitor. Tal preocupação será, neste caso, mais sistemática do que na comunicação vulgar, mas a sua natureza não é essencialmente diferente. Diríamos mesmo que a obra literária constitui, por excelência, o domínio da estilística, precisamente por implicar uma escolha mais “voluntária” e “consciente”.

Ao trazer para o debate a divergência entre considerar ou não a literatura como objeto de análise, Cressot (1980, p.15) ressalva as diferenças que abrangem os termos *estilo* e *estilística*: o primeiro, visando ao aspecto do estudo dos estilos literários, apara-se em uma definição de Herzog: “o termo estilo designa a atitude tomada pelo escritor perante a matéria fornecida pela vida”, ultrapassando o fato expressivo. O segundo, não obstante L.Spitzer e J.Marouzeau também se aproveitarem do termo *estilo*, dedica-se a observar a atitude do escritor perante o material linguístico. Ambos os conceitos podem depender (e de certo modo dependem) reciprocamente, mas as definições acima procuram demarcar, em caráter científico, as preocupações gerais de cada um. Cressot, em seu trabalho, após esclarecer essa possível confusão terminológica, opta por agregar o termo *estilo* à definição, linguisticamente restrita, de *estilística*.

Além de citar superficialmente outras áreas da Estilística, como a comparativa – estudo entre as analogias ou diferenças que aproximam ou separam a expressão de línguas irmãs ou de outra família – e a histórica ou diacrônica – em que se investigam as variações ocorridas no conteúdo afetivo de uma determinada língua –, para Cressot (1980, p. 17), a ênfase da análise é sublinhada pela maneira de proceder a partir do fato linguístico e não de um fato afetivo. Naquele procura-se a intenção que a ele se associa, perscrutam-se as razões profundas que a justificam e o pormenor que levou à escolha; neste dá-se o contrário, reconhecendo primeiro o componente afetivo e procurando depois os meios associados à expressão desse sentimento.

As disciplinas linguísticas – a fonética, a lexicologia, a gramática normativa etc. – e outras disciplinas – a psicologia, a sociologia, a estética – contribuem para a estruturação da ciência estilística e não concorrem objetivamente nos resultados obtidos, visto que suas perspectivas diferem (CRESSOT, 1980, p.20).

No livro *A estilística* (1978), Guiraud aborda uma questão pouco explicitada pelos demais teóricos. O autor reúne no capítulo *Problemas* alguns conflitos implicados no estudo estilístico. Ao pensar a relação entre o estilo e a escrita, Guiraud (1978, p.130) cita Barthes, para quem o estilo é “uma linguagem autárquica que mergulha somente na mitologia pessoal e secreta de um autor... o estilo é propriamente um fenômeno de ordem germinativa, é a transmutação de um humor”. A este estilo “necessário”, Barthes opõe a escrita, que é o resultado de uma intenção e de uma escolha, distinguindo-a em três tipos:

1 – A escrita como um sinal (1978, p.131):

- gêneros e tons que a literatura emprega para designar-se a si mesma;
- a forma por si só confere à escrita seu caráter artístico.

2 – A escrita como valor (1978, p.132):

- qualquer configuração social (seja política, religiosa etc.) é capaz de produzir e fixar sentidos específicos para vocábulos;
- o processo da escrita torna-se meio de intimidação quando tende a usar a palavra ao mesmo tempo como conceito e como julgamento;
- cada ideologia, por exemplo, possui assim sua escrita que corrompe o valor das palavras, desviando o idioma da sua função transitiva a fim de persuadir.

3 – A escrita como engajamento (1978, p.133):

- embora menos arrogante, é tão especiosa quanto a escrita de valor, da qual, aliás, deriva diretamente;
- a língua tende a converter-se no sinal suficiente do compromisso daquele que escreve;
- funciona como meio prático e econômico graças ao qual o escriba manifesta sem cessar sua conversão ao novo credo, sem jamais retrair-lhe a história.

Os modos de escrita apresentados por Barthes (*apud* GUIRAUD, 1978, p.134) foram separados tendo em conta as necessidades da análise, pois, em qualquer texto, os três modos estão presentes. Os três casos dependem, aliás, de um mecanismo comum: o escritor confia à forma, ao mesmo tempo, seu pensamento e o juízo que tem como objeto o valor deste pensamento, quer o apresente como belo e útil, quer o condene ou glorifique, quer o imponha ou o proclame.

A escrita é inerente à linguagem, pois toda expressão implica uma intenção, um julgamento e uma seleção, que não podem deixar de refletir-se na forma escolhida. Segundo Barthes, não se deve esquecer que a escrita – conforme sua definição – é o estilo no sentido tradicional da palavra, o emprego de meios de expressão com fins literários; estilo e escrita, aliás, etimologicamente se confundem, respectivamente

lat. *stīlus* ou *stīplus*, *i* 'varinha pontuda, ponta; estilo, ferro pontudo com que se escrevia nas tábuas enceradas; (Cícero) certa abundância de palavras que a pena deve suprimir, p.ext., trabalho de escrever, exercício de composição; estilo, modo de escrever';

prov. fem.substv. de escrito este, de *scriptus, a, um*, part.pas. de *scribère* 'traçar caracteres, fazer letras, escrever'; observe-se, contudo, que o voc. já ocorre substv. em lat. *scriptum, i* 'coisa escrita, o escrito, escritura', razão por que, talvez, JM prefira derivar o subst. em port. do it. *scritta* (a1321) 'palavra, frase, trechos de frases escritos sobre uma folha, uma lápide etc.'; há ainda o subst. *scriptúra, ae* 'escrita, escritura'; cp. escritura; ver *escrev-*. (HOUAISS, 2009)

Apresenta-se, portanto, outra dupla face: língua e pensamento. Depreende-se daqui que o estudo de um escritor pode então ir da sua língua ao seu pensamento e à sua personalidade, ou vice-versa. De igual maneira, podemos partir das formas ou do conteúdo. Guiraud (1978, p.143) diz que Spitzer, sobretudo no que concerne aos estados do idioma

individualizados, aconselha adotar um movimento dialético do fundo à forma e da forma ao fundo.

Dentro do que Monteiro (1991) compreendeu como sendo os limites da Estilística, a antinomia norma e desvio pode ser um importante fundamento no reconhecimento de um estilo textual, além do conjunto de escolhas. No entanto, o afastamento da norma nem sempre tem seus limites bem precisos, o que dificulta a tipificação dos desvios. Veja-se, por exemplo, a admissão da existência de várias normas dependentes de seus contextos socioculturais, já que um tipo de construção muito empregada em uma região pode ser estranho a outra e, como complementa Monteiro (1991, p. 14), “o que uma gramática prescritiva considera erro, em geral só o é em relação à norma culta, a qual nem sempre é descrita de modo coerente”. Portanto, é o contexto que determinará quando algo – o desvio, neste caso – deve ser considerado ou não expressivo:

Em síntese, a antinomia norma e desvio nem sempre estabelece uma correspondência biunívoca com gramática e estilo. Além de haver desvios negativos, numa expressividade, há os que só o são assim definidos em relação a determinado tipo de norma. Por outro lado, existem elementos estilísticos que não se caracterizam como desvios, mas apenas como possibilidade de escolha dentro da própria norma. (MONTEIRO, 1991, p. 15)

A presença de figuras ou metáboles em um texto pode vir a render esteticamente como desvio ou afastamento da norma, segundo M. Lefebve (*apud* MONTEIRO, 1991, p.28), se tal figura corresponde a uma alteração do sentido, enriquecendo o texto com novas significações. Ou seja, os termos empregados figurativamente não se limitam a trazer um dado informativo ao texto, como em um discurso neutro ou denotativo, mas implicam a revelação de particularidades percebidas tanto no conteúdo explanado da mensagem quanto na forma pela qual se expressa o locutor. Monteiro (1991, p.28) remete a J. Dubois, para apresentar uma esquematização moderna dos tipos de metábole. No plano da expressão, distinguiu os metaplasmos (nível da morfologia) das metataxes (nível da sintaxe); no plano do conteúdo, os metassememas (nível semântico) dos metalogismos (nível da lógica).

Metaplasmos (*id.* p.29) são modificações que alteram tanto a forma das palavras quanto sua constituição sonora, isto é, incide em um nível morfofonológico. É importante salientar que, quando os escritores se aproveitam do material linguístico oficial (leia-se dicionarizado), estão seguindo as leis do sistema em vigor. Quando improvisam a redação de um termo, acrescentando ou suprimindo uma parte (aférese, apócope, síncope, prótese, epêntese, paragoge, diérese, sinérese etc.), eles, ao mesmo tempo que infringem aquela lei,

obedecem a outra, menos rigorosa, no entanto lógica: seguem, portanto, o rastro evolutivo do sistema linguístico como, por exemplo, o processo em que o latim vulgar veio a se transformar no português. É evidente que tais improvisos, quando extravasados aleatoriamente, vulgarizam-se, perdendo o sentido expressivo, contudo podem vir a caber precisamente no momento em que o autor visa à expressão de uma ideia singular ou múltipla. Por isso, tais infrações ortográficas têm uma função estilística. Outros procedimentos metaplásticos são a aliteração, o palíndromo, a metástase.

Ainda entre os metaplasmos, as infrações ortográficas são designadas de metágrafos, por exemplo: utilização de diacríticos já abolidos, como acentos diferenciais; multiplicação tanto de fonemas consonantais quanto de vogais para caracterizar prosódia ou intensidade; hifenização e translineação irregular de termos.

Com estes apontamentos sobre a ciência estilística, encerra-se esse capítulo em que se procurou, sinteticamente, demonstrar como a complexidade da origem do fenômeno linguístico em relação a sua importância para a organização e desenvolvimento da espécie humana ainda pode ser observada durante a evolução de uma língua. A trajetória do português, principalmente os debates que ocorreram e ocorrem no Brasil, mereceu um exame sobre algumas de suas características históricas para se compreender uma perspectiva de formalização de uma língua padrão. Privilegiou-se, pois a tese visa a integração entre língua e literatura, o caráter estilístico do fazer literário para se pensar como escritores podem influenciar esse debate, considerando estes personagens tão relevantes historicamente quanto outros personagens modernos, mais propriamente os linguistas. A sensibilidade e o papel dos escritor foram aprofundados ao se trazer para a discussão conceitos sobre estilo e estilística, que são por muitas vezes desprezados nas análises linguísticas.

2 A PREFIXAÇÃO

Então os meus versos têm sentido e o universo não há-de ter sentido?

Em que geometria é que a parte excede o todo?

Em que biologia é que o volume dos órgãos

Tem mais vida que o corpo?

Alberto Caeiro

2.1 Os conceitos gramaticais

Os conceitos a seguir foram retirados de três gramáticas da língua portuguesa: *Nova gramática do português contemporâneo* (NGPC), de Celso Cunha e Lindley Cintra, *Moderna gramática portuguesa* (MGP), de Evanildo Bechara, e *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (GHLP), de José Carlos de Azeredo. Ao final da próxima sessão, conta-se com a metodologia do *Dicionário morfológico da língua portuguesa* (DMLP), dos professores Evaldo Heckler, S.J., Sebald Back e Egon para justificar a decisão desta tese em endossar o procedimento discutido como prefixação.

Na NGPC, o quinto capítulo, “Classe, estrutura e formação de palavras”, faz-se a primeira referência ao “Afixo” no tópico “Estrutura das palavras”: “Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS.” (CUNHA; CINTRA, p.79). Para exemplificar, selecionam dois verbos, inclusive, sendo um deles com o prefixo *re-* (*renovamos*). Apresentando, em seguida, seu significado (“acrescenta o sentido de repetição de um fato”).

No capítulo 6 da NGPC, “Derivação e composição”, o comentário na sessão “Derivação prefixal” é que:

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em

entreabrir). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação – a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes. (CUNHA; CINTRA, p.84)

Após essas considerações, os autores tecem outras sobre os aspectos morfológicos na formação de palavras a partir desse processo de derivação como, por exemplo, possíveis alterações da forma originária do prefixo ao contato com vogais ou consoantes iniciais da palavra derivante. Por fim, delimitam suas origens ao grego e ao latim.

A MGP divide-se em cinco partes, excluindo a introdução. É na seção “B) Estrutura das unidades: análise mórfica”, da segunda parte (“Gramática descritiva e normativa: as unidades no enunciado”), que são relacionadas algumas características prefixais. O prefixo é descrito como um dos “morfemas aditivos” (*prefixos*: anteposição à base lexical: pôr → repôr; quieto → inquieto) (p. 335).

Na explanação sobre “os elementos mórficos” (p.336), é elaborada a primeira consideração a respeito:

d) reter, conter, deter

[..]

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: in-feliz, des-leal, sub-terrâneo. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em des-empate. Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição). (BECHARA, 2005, p.338-339)

No tópico dedicado exclusivamente aos prefixos, Bechara (2005, p.365) não limita a existência na língua portuguesa apenas aos gregos e latinos, caracterizando-os como os principais. “Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, [...], estes em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.” Cita também alguns casos de “duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: concorrer com”

e outros em que ocorre a redundância “mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base”, exemplificando-o pela palavra *convizinha*, em um trecho de Euclides da Cunha, chamando a atenção para “a repetição da ideia de *função, proximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho*.”

Na GHLP, inicia-se o tema da derivação distinguindo-o da flexão, explicando que “a derivação é um processo que dá origem a novas **palavras** – ou **lexemas** – [...], enquanto a flexão produz variações da forma de um lexema, dando origem ao que chamamos de **vocábulos morfossintáticos**.” (p.449). Depois, ao introduzir especificamente a prefixação como um processo de derivação, menciona alguns pontos descritivos que possibilitam compreender a dificuldade sobre sua definição como tal processo:

21.2.2 Derivação prefixal

Não são claros os limites entre derivação prefixal e composição. Vários prefixos são variantes de preposições (*com, sem, entre*), e muitos adjetivos e morfemas de significação numeral se antepõem a base léxica com um comportamento gramatical análogo ao dos prefixos (*aeroespacial, bimotor, pentacampeão*). Por isso existem bons argumentos a favor de incluir a prefixação nos processos gerais de composição, assim como também é defensável tratá-la como um processo intermediário entre a composição e a sufixação. Como não estamos certos dos significativos benefícios descritivos destas alternativas, optamos pela prática corrente, identificada no título desta seção. (AZEREDO, 2008, p. 451-452)

Esta gramática opta por não dividir a relação de prefixos entre latinos e gregos, aliás sequer menciona essa informação, e sim agrupa-os por ideias. O primeiro grupo, por exemplo, é caracterizado por “ideias relacionadas com ‘localização – posição ou movimento – seja no espaço, no tempo ou numa escala de valores.’”

2.2 A problematização do conceito

As três gramáticas de referência revelam posições sutilmente diferentes sobre o fenômeno da prefixação, mas decidem incluí-lo na categoria de derivação. Entretanto duas – GHLP e NGPC – fazem questão de manifestar a possibilidade de considerar a formação de palavras por prefixos um processo de composição, mesmo que decidam, por fim, não prosseguir na averiguação e reservá-las ao que tradicionalmente vem sendo adotado. Evanildo Bechara não faz nenhum comentário sobre o caso.

Em NGPC, assume-se explicitamente a dificuldade da descrição e por isso decidem não adotá-la. Na GHLP, ao contrário, a tendência um pouco mais favorável de classificar o

procedimento como composição é notificada quando se diz que existem bons argumentos para o desenvolvimento desse problema descritivo. Ao observar que a formação de palavras com prefixo poderia, na verdade, ser um “processo intermediário entre a composição e a sufixação” expõe-se a complexidade descritiva.

A GHLP organiza-se em meticulosas subdivisões e apresenta um sumário detalhado sobre o seu conteúdo, diferentemente das duas demais gramáticas. No caso da NGPC, dedica-se um capítulo intitulado “Derivação e composição” que imediatamente descreve o assunto. A MGP, por sua vez, a insere – tanto composição e derivação – em tópicos diferentes que estão submetidos em partes maiores de sua gramática:

II - Gramática descritiva e normativa: as unidades do enunciado

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

2 - Formação de palavras do ponto de vista constitucional

- Conceito de composição e lexia (desdobrado em itens subsequentes)
- Derivação

Em GHLP, cada um dos processos de formação merecem capítulos exclusivos sendo estes os:

- Vigésimo Capítulo: Relações Morfossemânticas no Léxico I: A Composição
- Vigésimo Primeiro Capítulo: Relações Morfossemânticas no Léxico II: A Derivação

Eles estão inseridos na sexta parte da gramática, denominada “O LÉXICO: FORMAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS”, e são precedidos por:

- Décimo Sétimo Capítulo: O Léxico Português
- Décimo Oitavo Capítulo: O Significado Lexical: Conceitos Básicos
- Décimo Nono Capítulo: Relações Semânticas no Léxico: Traços Semânticos e Relações de Sentido

No primeiro capítulo desta parte, *O Léxico Português*, há as primeiras definições sobre os processos debatidos no item “17.2 COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO”. “Por definição, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita primitiva (ex.: *jardineiro* deriva de *jardim*...) [...] por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas simples (ex.: *guarda-roupa*, *porco-espinho*). (2008, p.396)

No item seguinte, “17.3 MECANISMOS DE PRODUÇÃO E DE COMPREENSÃO DE PALAVRAS”, o autor demonstra, a partir de exemplos como *reduzir/produzir*, “que nem

todas as palavras que contêm um morfema lexical e um morfema derivacional provêm obrigatoriamente de unidades autônomas menores” e sublinha como é comum a relação entre duas palavras portadoras de prefixo ou sufixo.

Ao final deste item, propõe uma classificação sobre os níveis de dificuldade para se decidir se uma palavra é ou não divisível em dois ou mais morfemas:

Quando temos certeza dessa divisibilidade, dizemos que a palavra em questão apresenta um alto grau de transparência (ex.: infeliz, guarda-roupa); quando temos certeza de que a palavra é indivisível, é porque a palavra é opaca (ex.: feliz, cabide); quando, entretanto, temos dúvida, é porque o grau de transparência é baixo (ex.: proferir) (2008, p. 397)

Além dos importantes apontamentos sobre a descrição desses processos lexicais na GHLP, um motivo para se listar as partes e os capítulos referentes à derivação e à composição é atentar para a maneira abrupta como os mesmos temas são introduzidos e explicados na NGPC, se comparado às duas outras gramáticas mais recentes, MGP e GHLP. Entre estas duas últimas, há outra razão: revelar como a abordagem linguística é diferente. Se em MGP utiliza-se expressões como “estrutura das unidades” e “ponto de vista constitucional”, na GHLP privilegia-se “significação das palavras” ou “significado lexical” e “relações morfossemânticas”.

Essa postura semanticista indica, sem perder o caráter normativo da gramática, um viés mais reflexivo dos fenômenos linguísticos da língua portuguesa. Assim abre-se espaço para se cogitar uma interpretação diferente da prefixação como um processo derivacional. Mais precisamente, consultando a “Bibliografia I (Títulos de teoria em geral e descrição do português)” (AZEREDO, 2008, p.553) da GHLP, essa interpretação híbrida está provavelmente baseada nos estudos de Carolina Michaëllis de Vasconcellos, nos quais ela assertivamente declara que:

A prefixação tem o seu lugar entre a sufixação e a composição. Parece-se a certos respeito com uma, e a outros respeito com a outra. Parece-se com a composição por unir duas ou mais palavras independentes, afim (*sic*) de representar uma ideia nova. A independência das palavras que costuma servir de prefixos não é todavia absoluta. Maior e positiva nos advérbios (*bem, mal, não, mil*), e em adjectivos com funções de advérbios (*bom, mau, reduzido a má, gran, sant, recém*, etc.) ela é menor e quasi nula nas preposições. (VASCONCELOS, 1916, p. 86).

No artigo *A prefixação na tradição gramatical portuguesa*, Rio-Torto (2014) lista Vasconcelos – com *Lições de Filologia Portuguesa*, de 1916 – entre os autores que consideram a prefixação uma subclasse da composição. Entre os autores pesquisados que,

como ela, assim entendem o processo de prefixação estão também Jerónimo Soares Barbosa (em *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, 1822), António Garcia Ribeiro de Vasconceloz (em *Grammática Histórica da Língua Portuguesa para VI e VII Classes do curso dos Liceus*, 1900) e Ismael Lima Coutinho (em *Pontos de Gramática Histórica*).

É Manuel Said Ali, em sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de 1931, quem, segundo Rio-Torto (2014, p. 29), “distingue derivação de composição e, de forma inovadora no século XX, inclui a prefixação e sufixação na derivação” e

[...] critica os autores que incluem na composição as palavras portadoras de prefixos: sendo razoável admitir tal solução com prefixos que têm existência acompanhada, não seria possível fazê-lo com prefixos outrora chamados “inseparáveis”, como *dis-*, *re-*, *in-*. (RIO-TORTO, 2014, p. 29)

[...]

Curiosamente, segundo Ali, essa era a perspectiva dos neogramáticos, que ele secunda, como as suas palavras testemunham: “A divisão derivação sufixal e prefixal que aqui fazemos e adoptamos [...] coincide com a maneira de ver de Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos linguistas, contrariando portanto aqueles que excluíam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e todas as palavras formadas com prefixos” (ALI, 1931, p.292). Doravante a prefixação, tal como a sufixação, figuram mais recorrentemente como subclasses da derivação. (RIO-TORTO, 2014, p. 31)

Esta perspectiva foi consagrada a partir de então, embora ainda hoje se considere válida essa problematização. Para aprimorar a delimitação de quais formas devem ou não ser consideradas prefixos, o DMLP, com uma abordagem mais específica, conta com a seguinte metodologia:

Para identificar os prefixos, usamos o critério morfológico, que reza assim: uma sequência fônica é lexema tão somente quando gera uma série paradigmática. Quando não gera tal série, é afixo, no caso, prefixo. Ou, em outras palavras, o verdadeiro prefixo é aquele que nunca gera uma série paradigmática. Assim podemos distinguir o prefixo do lexema. (HECKLER; BACK; MASSING, 1984, XXXI)

O DMLO exemplifica o caso de um lexema a partir do verbo *ver* (v-e-r, vis-ão, vis-ível, vis-to). Complementa-se a justificativa, assumindo, a partir de levantamentos do léxico da língua, que a série paradigmática de termos que formam um conjunto de lexemas devem conservar o mesmo cerne semântico. Isso não é possível quando se observa, segundo o dicionário, verdadeiros prefixos. “Com *re-*, em *re-presentação*, não podemos formar uma série paradigmática. É única em sua forma e não gera outros elementos semanticamente idênticos” (XXXII).

Aplicando, pois, o critério morfológico, podemos excluir, definitivamente, da lista normativa, os prefixos seguintes:

Antes - bis - contra - extra - intra - intro - sobre - sob - trans e mais outros que se enquadram no mesmo critério.

Todos estas sequências fônicas são lexemas, contendo um sentido dicionário bem definido sincronicamente. Como tais, já não derivam palavras simples, mas formam palavras compostas iguais a outras, como planalto, vinagre, etc.

Após o levantamento das obras de referência e as considerações de estudos do fim do século XIX até o início do século XX, que observavam a prefixação como parte do processo de composição, o presente estudo seguirá adotando a inovação de Manuel Said Ali, que, até o início desse século, é endossada por renomados gramáticos da atualidade. Apesar de reconhecer o valor da discussão sobre a descrição desse tema, esta ainda parece irrelevante para a consecução dos objetivos analíticos desta tese.

3 O PREFIXO *RE-*

Eu queria ter o tempo e o sossego suficientes
 Para não pensar em cousa nenhuma,
 Para nem me sentir viver,
 Para só saber de mim nos olhos dos outros, reflectido.

Alberto Caeiro

3.1 *Re-* e *retro-* nos dicionários e nas gramáticas

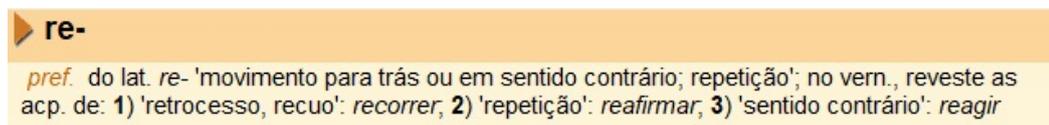
As obras de referência selecionadas para investigar os sentidos depreendidos de *re-* e *retro-* são dois dicionários da língua portuguesa (*Dicionário Houaiss Eletrônico* [DHe], 2009 e *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* [NDALP], 1993), um dicionário etimológico (*Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* [DENOLP], 1982), um dicionário latino (*Dicionário do latim essencial* [DLE], 2014) e um dicionário morfológico (*Dicionário morfológico da língua portuguesa* [DMLP], 1984)

Também constarão as menções desses morfemas nas três gramáticas comentadas no capítulo anterior sobre a prefixação.

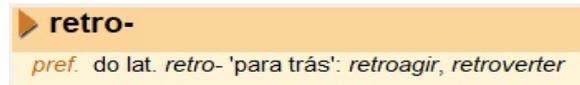
3.1.1 Nos dicionários

No DHe, na janela do dicionário de língua portuguesa, as definições de *re-* e *retro-* são assim amostradas:

Figura 1 – *re-* no DHe

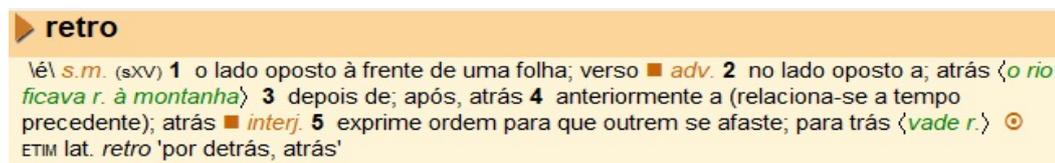


Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa, 2001.

Figura 2 – *retro-* no DHe

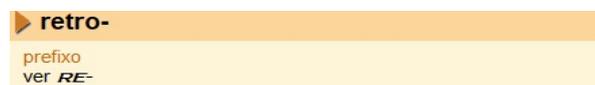
Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa, 2001.

Para o termo *retro*, além do prefixo, consta o léxico homônimo classificado como substantivo, advérbio e interjeição.

Figura 3 – *retro* no DHe

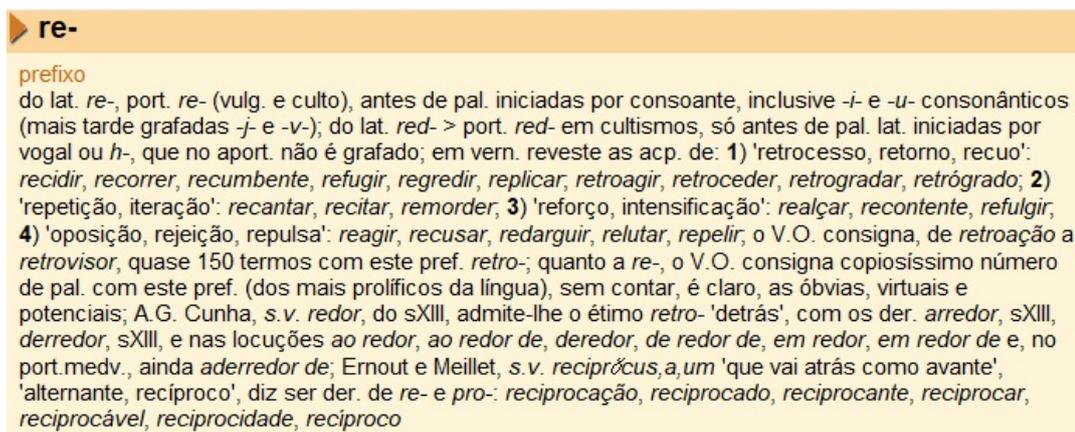
Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa, 2001.

Na janela do DHem, o *retro-* é remetido para o morfema *re-*.

Figura 4 – *retro-* no DHem

Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa, 2001.

Cuja aceção é

Figura 5 – *re-* no DHem

Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa, 2001.

O DHem menciona o Vocabulário Ortográfico para comentar a produção de ambos os morfemas, contabilizando, embora sem precisão, a quantidade desta por parte do *retro-*, mas apenas salientando o quão prolífico é o *re-*.

No NDALP, na lista de símbolos utilizados nas entradas do dicionário há uma possível confusão, pois, para indicar uma classe de morfemas, eles adotam o termo *composição*. Assim, quando este símbolo é identificado na entrada de *re-* e *retro-*, mesmo que este seja apresentado como um prefixo, o símbolo que o caracteriza (antecede elemento de composição) não tem vínculo com a nomenclatura adotada pela descrição gramatical. Trata-se apenas de um jargão lexicográfico do dicionário.

▲*re-* [Do lat. *re.*] *Pref.* = 'movimento para trás'; 'repetição'; 'intensidade', 'reciprocidade'; 'mudança de estado': *regredir* (<lat. *regredere*), *ressaca*; *recomeçar*, *relâmpago*; *reavivar*, *rebrilhar*, *revezar*; *refrescar*.

▲*retro-*. [Do lat. *Retro.*] *Pref* = 'movimento para trás': *retroagir* (< lat. *Retroagere*), *retroversão*.

▲antecede elemento de composição

É importante observar que no DENOLP, durante a introdução, fazem-se alguns esclarecimentos sobre os métodos de composição da obra. O terceiro tópico faz a distinção entre os tipos de verbetes e como eles são respectivamente apresentados. Nota-se, então, que *re-* e *retro-* são listados em diferentes tipos de verbetes. Para efeito de análise, à citação dos morfemas segue-se entre colchetes, respectivamente, a explicação do tipo de verbete em que cada um se enquadra.

re- pref., do lat. *re* (*red-* antes de vogais), que se documenta em numerosíssimos vocábulos portugueses, com as noções básicas de: (i) 'volta, retorno, regresso': *revogar* 'voltar atrás, recuar'; (ii) 'repetição, reiteração': *recortar* 'cortar repetidas vezes'; (iii) 'oposição': *reprovar* 'não aprovar, opor-se a'. Cumpre notar que, tanto em português, como em latim e nas demais línguas românicas, o prefixo *re-* é de extraordinária vitalidade.

[3.5 No terceiro tipo de verbete, que é intitulado por um elemento de composição (ou por um prefixo, ou por um sufixo), estudam-se a etimologia e a difusão desse elemento de composição, bem como os processos de formação de derivados e compostos portugueses, exemplificando-se esses processos com dois ou três derivados e/ou compostos em que esse elemento participa. (1982, p. XI)]

retro- elem. comp., do lat. *retrō* ‘movimento para trás’, que já se documenta no próprio latim, em vocs. como *retroceder*, e em muitos outros introduzidos, na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX♦**retro**AGIR 1899. Do lat. *retroāgere* || **retro**AT`IV`IDADE | *retroactividade* XIX | Do fr. *rétroactivité* || **retro**AT`IVO | *retroactivo* 1813 | Do fr. *réroactif* || **retro**CED`ENTE 1858. Do lat. *retrōcēdens -entis* || **retro**CEDER XVI. Do lat. *retrōcēdere* || **retro**cesso XVII. Do lat. *retrōcessus* || **retro**FLEXO 1881 || **retro**GRAD`AÇÃO 1848. Do lat. *retrōgradātiō -ōnis* || **retro**GRADAR 1833. Do lat. *retrōgradāre* || **retro**GRADO XVI. Do lat. *retrōgradus* || **retro**SPEC`Ç 1899 || **retro**SPECT`IVO 1858. Do fr. *rérospectif* || **retro**SPECTO XIX. Do lat. *retrōspectus* || **retro**trair vb. ‘retroceder’, ‘recuar’ | *retrotrahir* 1769 | Do lat. *retrō + trahere* ‘trazer’

[3.6 No quarto tipo de verbete, que é também intitulado por um elemento de composição (ou por um prefixo), estudam-se a etimologia e a difusão desse elemento de composição, registrando-se, por ordem alfabética e precedidos por uma seta especial ♦, os principais compostos em que esse elemento participa. (CUNHA, 1982, p. XI)]

No colchete que se refere ao tipo de verbete de *re-*, diferente do NDALP, há a ressalva de que “um elemento de composição” pode ser um prefixo ou um sufixo. No colchete que se refere ao tipo de verbete de *retro-*, a ressalva também é feita, porém “um elemento de composição”, no caso, pode ser apenas um prefixo, e não mais um sufixo também.

No DLE:

re-/red-. Partícula inseparável, cujas significações principais são "novamente, de novo, reiteradamente; contra em oposição a". Pode denotar: "retorno, volta"; "repetição, reiteração"; "restituição da condição anterior"; "transição para uma situação oposta".

retro. Para trás, atrás, do lado de trás. Em sentido inverso/contrário. Reciprocamente. Antes, no passado, em tempos passados. Por sua vez, ao contrário, contra, por outro lado

No DMLP, a partir do termo *ré*, lista-se uma série de 46 palavras em que se atribui ao termo *retro* sua origem. No entanto, termos iniciados por *red-* – como (a-(r)**red**-a-r, entre outros – que, no DLE está inserido no mesmo verbete de *re-*, são identificados como palavras compostas com a palavra *retro* (do latim *ad- **retrare**, de **retru**), a palavra.

3.1.2 Nas gramáticas

Na NGPC, o *re-* e o *retro-* são apresentados na lista dos prefixos latinos assim:

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo

Fonte: CUNHA & CINTRA, 1984, p. 85.

Na MGP, o *re-* e o *retro-* são apresentados na lista de prefixos e elementos latinos assim:

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir
(BECHARA, 2005, p. 367)

Na GHLP, antes de listar o grupo de prefixos em que estão presentes os prefixos *re-* e *retro-*, faz-se a observação de que “a maior parte dos prefixos expressa ideias relacionadas com ‘localização’ – posição ou movimento – seja no espaço, no tempo ou numa escala de valores” (p. 452):

Re (movimento para trás; repetição): *recorrer, refluir, recordação; renascer, reatar.*

Retro (movimento para trás): *retroagir, retroalimentação, retrospectiva, retrocesso.*
(AZEREDO, 2008, p.452-453)

Os ANEXOS A e B expõem de maneira a facilitar visualmente a comparação das definições dos dicionários e das gramáticas utilizadas nesta tese: respectivamente, a tabela comparativa dos significados atribuídos por dicionários e gramáticas para o prefixo *re-* e a tabela comparativa dos significados atribuídos por dicionários e gramáticas para o prefixo *retro-*.

A observação dessas tabelas mostra uma incongruência em torno dos sentidos do prefixo *re-* e maior compatibilidade do prefixo *retro-*, principalmente quando se observam apenas os significados que a língua portuguesa lhes atribui. As obras que fazem larga referência aos sentidos empregados pelo latim apresentam maior diversidade de sentidos pertinentes, portanto, as ideias das palavras formadas pelos prefixos.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRAÇOS SEMÂNTICOS DO PREFIXO *RE-*

Passar a limpo a Matéria
 Repor no seu lugar as cousas que os homens desarrumaram
 Por não perceberem para que serviam
 Endireitar, como uma boa dona de casa da Realidade,
 As cortinas nas janelas da Sensação
 E os capachos às portas da Percepção
 Varrer os quartos da observação
 E limpar o pó das ideias simples...
 Eis a minha vida, verso a verso.

Alberto Caeiro

4.1 O problema descritivo do *re-*

De início, o fato linguístico observado nessa proposta deve ser confrontado com as possibilidades ofertadas pelo léxico da língua portuguesa oficial. Entre as classes gramaticais, o verbo é a mais relevante quando o enfoque pretendido por esta análise é um objeto literário em que se predominam como modos de organização textual a narração e a descrição. Utilizando o DHe para ilustrar o fenômeno da prefixação com *re-* encontraram-se 841 registros de verbos iniciados pela partícula *re-*, considerando os criados na língua portuguesa com o prefixo e os itens verbais que já vieram prefixados do latim, e 9 iniciados por *retro-*, sendo 5 formados na língua portuguesa e 4 que já chegaram formados do latim. Fora as sutis variações de significação atribuídas por dicionários, tradicionalmente os dois prefixos expressam a ideia de movimento para trás, porém apenas *re-*, a ideia de repetição e intensificação.

Uma das características do *re-*, como informam dicionários e gramáticas, é sua prolificidade para formar novos verbos. O estudo de LAPA (1998) sobre estilística tece considerações sobre o comportamento do prefixo *re-* na língua portuguesa, da perspectiva da literatura, em determinado momento histórico:

No geral, o prefixo *re* só aparece em palavras do fundo antigo da língua. Escritores como Eça tentaram com ele novas criações, mas foram mal sucedidos: *repenetrar*, *remergulhar*, *reenfiar*, *repercorrer*, etc., são neologismos queirosianos, formados para evitar a perífrase “de novo”, “outra vez”, mas que a língua afinal veio repudiar. (LAPA, 1998, p.92)

A título de curiosidade, visto que a primeira edição desta obra de LAPA data de 1982, dos quatro exemplos condenados pelo autor como “mal sucedidos”, atualmente, todos estão registrados pelo VOLP e pelo Aulete Digital, porém nenhum pelo Mini Aurélio Eletrônico e, no Houaiss Eletrônico, constam apenas *remergulhar* e *repercorrer*.

A dicionarização de termos neológicos ocorre por diferentes motivos. Em um primeiro momento, as novas criações não bastavam apenas ter a chancela de uso por algum renomado escritor. Apesar do peso que a literatura assumia antigamente, a observação de que aquela nova palavra ou aquele novo sentido de fato assumia importância no vocabulário dependia da sua assunção em outras publicações que reconfirmassem o valor semântico e sua utilidade. Com o passar do tempo, o desenvolvimento complexo das grandes sociedades impôs a necessidade de se nomear novos saberes e suas respectivas minúcias. Além das novas áreas técnicas e das especializações de cada campo do saber crescerem irrefreavelmente, os neologismos passaram a provir também de outras linguagens, além da literatura, como “jornalismo, propaganda, letras de música, charges e cartuns” (VALENTE, 2012, p. 43), assim renovando o vocabulário. Na língua portuguesa, constata:

São mais de cinco mil os neologismos inseridos na nova edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras. Não obstante haver questionamentos quanto à inclusão de alguns neologismos e à ausência de outros, fica comprovada a força das criações neológicas diante de números tão expressivos. (VALENTE, 2012, p. 43)

O prefixo *re-* é, pois, um elemento mórfico produtivo seja do ponto de vista diacrônico (vocábulos já dicionarizados), seja do ponto de vista sincrônico (vocábulos ainda não dicionarizados). Seu ensejo neológico é, portanto, de um alto grau na língua, embora a criação de novas palavras esteja relacionada a um contexto histórico-social:

a formação do signo é como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social. O grupo social, em determinado momento de sua existência, tem necessidade de formar um novo signo, ou criando uma grandeza-signo inteiramente nova, (ste/sdo), ou atribuindo um novo significado a um signo já existente. Do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um novo fato antropro-cultural e de uma nova unidade linguística. É o reflexo de toda

uma conjuntura mais complexa e que merece análise mais minuciosa. Na realidade, o mecanismo de formação de novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo frequentemente complexo, de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social interessado. (BARBOSA, 1996, p.118-119)

“O reflexo de toda uma conjuntura mais complexa” é o espelhamento das situações mais ou menos favoráveis à aceitação ou ao desprezo de novos termos, bem como o abandono de outros. Nesse sentido, os processos neológicos podem ser, do ponto de vista criativo, separados por duas motivações: o preenchimento de uma lacuna dos fatos pertinentes a um grupo social, como observou Barbosa (1996), ou a busca metalinguística por uma significação ainda não desbravada culturalmente, que seria o caso dos neologismos literários. Existe, então uma distinção entre o que se considera o neologismo na língua e o neologismo literatura:

O neologismo literário difere profundamente do neologismo na língua. Este é forjado para exprimir um referente ou um significado novo; seu emprego depende, portanto, de uma relação entre palavras e coisas, em suma de fatores não linguísticos; é, antes de mais nada, portador de uma significação, e não é necessariamente captado como forma insólita. O neologismo literário, ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, depende de relações que se situam inteiramente na linguagem. (RIFATERRE, 1989, p.53)

Como foi dito antes, a decisão sobre endossar ou não as novas palavras ou os novos sentidos a palavras já existentes em compilações do léxico da língua portuguesa depende da recepção dos usuários da língua. A criação de palavras, no entanto, não está apenas comprometida com fatores extralinguísticos. Os aspectos morfológicos que embasarão tais neologismos estão quase sempre previstos pelos modelos já assumidos gramaticalmente, que mesmo quando transgredidos, ainda são analisados à luz do que já foi formalizado morfológicamente. Sobre o elemento resultante, “o neologismo compreende palavras novas, mas formadas dentro dos processos usuais da língua, ou palavras já existentes às quais se dá novo sentido” (VALENTE, 2012, p. 34)

No tocante às possibilidades intralinguísticas já previstas nas regras de formação de palavras, a prefixação com *re-* é cercada por alguns traços específicos que costumam delimitar a estruturação do signo, seja em sua formação como significante ou na sua potencialidade de significação. Por isso, não necessariamente um verbo formado com um prefixo já tem seus sentidos pré-configurados. André Valente (2012) faz a distinção entre dois tipos de neologismos:

neologismos vocabulares – são novos significantes que se criam na língua.

neologismos semânticos – são novas significações para significantes já existentes

Se um neologismo vocabular pode ser mais facilmente identificado com a simples consulta de sua existência em dicionários de referência, nem sempre pode se dizer o mesmo sobre um neologismo semântico. Como foi visto anteriormente, os sentidos do prefixo *re-* listados por dois dicionários – DHe e NDALP – apresentam variações que podem influenciar nos sentidos previstos em alguns itens do léxico português.

Um dos aspectos importantes quando se analisam os verbos iniciados com o prefixo *re-* é, então, o seu traço semântico em uma estrutura argumental:

Los procesos de prefijación pueden ser sensibles a la estructura argumental de los lexemas predicativos involucrados en tales procesos; dicho de otra manera, algunos prefijos toman en cuenta los argumentos que son seleccionados semánticamente por los predicados a los que se adjuntan. Por ejemplo, el prefijo *re-* con valor de iteración sólo se adjunta a los predicados verbales con dos argumentos, uno agente y otro paciente (*construir, decorar*), y a aquellos con un único argumento no agentivo (*aparecer, nacer*). Se descartan, pues, de este proceso de prefijación las bases verbales con un solo argumento agentivo (*trabajar, caminar*). (VARELA; GARCÍA, 1999, p. 5002)¹

Esse prefixo requer, portanto, a observação sobre certas propriedades semânticas das bases a que se junta tendo em vista a predicação no contexto frasal. Por exemplo, juntamente com *sobre-* e *sub-*, pode se unir tanto a verbos perfectivos com o significado de iteração (*reconstruir, sobrecoser, subdividir*), porém os mesmos prefixos com diferente significação, isto é, o valor intensivo, podem selecionar bases verbais imperfectivas (*reforçar, sobrecarregar, subestimar*).

Outra característica a ser destacada nas propriedades aspectuais de verbos é “en relación con la estructura eventiva, es decir, la información aspectual (o *Aktionsart*) inherente al contenido semántico del verbo” em que se distinguem dois grupos de prefixos: “los que cambian el tipo de evento señalado en la base y los que lo mantienen” (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5004). O prefixo *re-* está listado entre os que mantém a estrutura eventiva e é

¹ O trecho correspondente na tradução é: Os processos de prefixação podem ser sensíveis à estrutura argumentativa dos lexemas predicativos envolvidos em tais processos; em outras palavras, alguns prefixos levam em consideração os argumentos selecionados semanticamente pelos predicados aos quais estão anexados. Por exemplo, o prefixo com valor de iteração é anexado apenas a predicados verbais com dois argumentos, um agente e outro paciente (*construir, decorar*) e aqueles com um único argumento não-agentivo (*aparecer, nascer*). Portanto, as bases verbais com um único argumento agentivo (*trabalhar, andar*) são descartadas deste processo de prefixação.

exemplificado com as formações que são tanto imperfectivas (*remirar*), quanto perfectivas (*reconstruir*).

Quando se explicitam as características morfofonológicas do prefixo *re-* no estudo da prefixação no espanhol, constatam-se diferenças fonéticas entre as duas línguas que não permitem adotar a mesma justificativa, mas nas quais talvez seja possível alguma correlação: “el prefijo *re-* parece excluir bases que comienzan por la vibrante múltiple, tanto cuando denota repetición (**re-raptar, *re-racionalizar, *re-realizar*), como cuando el prefijo indica intensificación o perfeccionamiento (**re-rizar, *re-rodar, *re-razonar*)” (VARELA; GARCÍA, 1999, p. 5008). Na língua portuguesa, muito provavelmente porque a pronúncia surda da consoante *r* em posição inicial seja o fator diferencial, existe apenas dois casos: *rerranger* (repetição e intensificação) e *rerratificar* (repetição).

No que diz respeito à classificação dos prefixos, *re-* e *retro-* estão inseridos ambos na categoria a) *Posição* e apenas o *re-* nas categorias b) *Intensidade da qualidade* e c) *Iteração*.

a) Posição

Os prefixos *retro-* e *re-* aportam o valor locacional “detrás, para atrás”. O valor locativo de *retro-* é evidente em poucas formações (*retrocarga, retroação, retrovisor*); este prefixo pode indicar também a repetição de um processo (*retroalimentação*) ou a volta a uma situação anterior (*retrovender*). O prefixo *re-* com o significado “atrás de” não é produtivo pois este prefixo tem se especializado com o valor iterativo. Embora não haja nenhum item vernacular formado com o prefixo, três exemplos de termos originários do latim apresentam esse sentido: *recuar* [voltar atrás (em relação ao tempo ou a uma opinião anterior)]; *retrair* [fazer voltar ou voltar atrás; recuar, retroceder]; *retratar* [voltar atrás (no que se disse) como quem se desculpa].

Em português, não foi possível localizar um exemplo com prefixo *re-* em que se realizasse o valor locacional adjetivo, mas, a título de exemplificação, segue um caso no espanhol:

Los prefijos de este grupo (Adjetivo) seleccionan bases nominales para modificarlas como lo hacen los adjetivos, es decir, aportando cualidades al nombre, [...] Algunos prefijos de este grupo pueden aparecer también con adjetivos; se trata siempre [...] quando que el prefijo en realidad modifica semánticamente el nombre da base que procede el adjetivo[...]
[...]

Otros prefijos adjetivo modifican temporal y locativamente las bases nominales; por ejemplo, aportan la noción de [...] “trasero” (*recámara*). (1996, p. 5001)²

b) Intensidade da qualidade

A intensidade supõe maior carga intencional, emotiva ou quantitativa do conteúdo significativo de uma palavra, pelo que, então, a intensificação é marcada dentro da subjetividade do falante e adiciona características conotativas ao significado de um termo. Se a intensidade depende da subjetividade do falante, é fácil deduzir que tipo de intensificação apresentará variantes diatópicas e diafásicas.

Os procedimentos gramaticais que expressam intensidade se inscrevem em dois grupos: os procedimentos sintáticos, que consistem na adição de advérbios (muito rápido) ou na repetição de uma palavra, por justaposição (o menino é lindo lindo) ou por coordenação (eu li livros e livros), e os procedimentos morfológicos, que se baseiam na sufixação (prontíssimo, golaço) ou na prefixação.

No que diz respeito à prefixação, as quatro categorias léxicas principais podem ser intensificadas.

- adjetivo: *requieto, repleno, retorto, revelho, revivo*;
- substantivo: *retensão, retinto*;
- verbo: *realegrar, reverdejar, retremer*;
- advérbio: *rebém, remuito e renão*.

A intensificação pode fazer-se também sobre as qualidades representadas na base. Com os adjetivos, o prefixo intensivo afeta o grau de propriedade denotada pela base; com os substantivos, as suas características típicas. No entanto, segundo Varela & García (1999, p. 5026), o prefixo *re-* raramente se une a bases substantivas e adverbiais. Os verbos que admitem os prefixos intensivos denotam em sua grande maioria ações imperfeitas ou atéticas (*remirar*) e, em alguns casos, estados (*recrear*). Os prefixos intensivos fazem referência ao processo da ação, o que explica que existam poucas formações verbais copulativas com prefixos intensivos. O sentido de intensidade se confunde em muitos casos com o de iteração.

² O trecho correspondente na tradução é: Os prefixos desse grupo (Adjetivo) seleccionam bases nominais para modificá-las como os adjetivos fazem, isto é, adicionando qualidades ao nome, [...] Alguns prefixos desse grupo também podem aparecer com adjetivos; é sempre tratado [...] quando o prefixo, na realidade, modifica semanticamente o nome da base que precede o adjetivo [...]

[...]
Outros prefixos adjetivos modificam temporária e locativamente as bases nominais; por exemplo, eles fornecem a noção [...] de "trasero" (*recámara*).

c) Iteração

A iteração significa a repetição pela segunda vez, quando comparada à reiteração, que supõe a repetição múltipla. No português a iteração pode ser marcada pela perífrase *voltar a*, pelas locuções iterativas *de novo*, *outra vez* ou *pela segunda vez* – entre outras – e pela prefixação *re-*, *sobre-* e *sub-*.

O prefixo *re-* com valor iterativo seleciona bases verbais e, com menor frequência, substantivos. Por limitar a repetição de uma ação a uma segunda vez apenas, observa-se padrões de comportamento sintático no que diz respeito a algumas propriedades dos verbos:

Como ha observado Williams (1973) para el mismo prefijo en inglés, *re-* presupone el objeto de la acción anterior, por lo que las bases a las que se adjunta son transitivas (*rehacer*, *redecorar*, *reordenar*) o intransitivas con un sujeto no agentivo (*reaparecer*, *resurgir*, *renacer*), quedando descartadas las intransitivas con un sujeto agente (**retrabajar*, **remarchar*, **reandar*). (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5030)³

Varela & Garcia (1999, p. 5030) afirmam que, assim como no caso da prefixação por *des-*, classificada de reversão, a repetição pela segunda vez depende do resultado de uma ação anterior, de modo a concluir que as bases verbais devem, portanto, ser perfectivas ou télicas, mas faz uma ressalva no caso da iteração sobre o resultado atingido pela ação da base verbal:

A diferencia de las acciones reversivas con *des-*, en las cuales se vuelve al mismo estado de donde parte la acción denotada en la base, la iteración se origina a partir del estado resultado de la acción primera para dar lugar a un estado resultado modificado (*redecorar*, *remodelar*) o a un estado resultado nuevo (*replantear*, *redefinir*). Esta caracterización de *re-* explica que el estado resultado de la acción de la base deba indicar la existencia de la entidad una vez terminada la acción. Así, una formación como **remorir* resulta anómala, dado que el estado resultado del verbo simple *morir* supone la desaparición de la entidad afectada por la acción verbal (si algo muere deja de existir) y no es concebible, en consecuencia, su iteración. (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5030)⁴

³ O trecho correspondente na tradução é: Como observou Williams (1973), para o mesmo prefixo em inglês, *re-* pressupõe o objeto da ação anterior, então as bases às quais ele está ligado são transitivas (refazer, redecorar, reordenar) ou intransitivas com um sujeito não-agentivo (*reaparecem*, *ressurgem*, *renascer*), sendo descartados os intransitivos com um sujeito agente (**retrabalhar*, **remarchar*, **reandar*).

⁴ O trecho correspondente na tradução é: Ao contrário das ações reversivas com *des-*, em que retornamos ao mesmo estado de onde começa a ação denotada na base, a iteração origina-se do estado de resultado da primeira ação para dar origem a um estado de resultado modificado (*redecorar*, *remodelar*) ou um novo estado de resultado (*repensar*, *redefinir*). Essa caracterização de *re-* explica que o estado resultante da ação da base deve indicar a existência da entidade uma vez que a ação seja finalizada. Assim, uma formação como **remorrer* é anômala, dado que o resultado do estado do verbo simples *morir* significa o desaparecimento da entidade afetada pela ação verbal (se algo morrer deixa de existir) e sua iteração não é concebível.

Na tabela comparativa dos significados atribuídos por dicionários e gramáticas ao prefixo *re-*, apenas o DLE apresenta uma definição que atende perfeitamente ao sentido destacado nesta caracterização de iteração:

En numerosas ocasiones, la acción iterativa con *re-* tiene lugar porque previamente se ha producido la acción reversiva correspondiente indicada mediante un verbo prefijado con *des-*. En tales casos, el verbo con *re-* denota la repetición de la acción con objeto de alcanzar el mismo estado resultado que el obtenido tras la acción indicada por el verbo simple. Por ejemplo, tras la acción de *ordenar* se alcanza el estado en que algo queda ordenado. Si sobre este estado resultado se aplica la acción reversiva *desordenar*, se vuelve otra vez al estado previo de donde ha partido la acción de ordenar. Si la acción de ordenar se repite, es decir, si se produce la acción de reordenar, se intenta alcanzar de nuevo el estado resultado en el cual algo queda ordenado. Esta secuencia de acciones iterativas y reversivas se realiza con frecuencia dentro de una misma familia léxica: *hacer-deshacer-rehacer*, *aparecer-desaparecer-reaparecer*, *agrupar-desagrupar-reagrupar*, *embarcar-desembarcar-reembarcar*. (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5030)⁵

Apesar de o DLE citar “restituição da condição anterior” e esta, segundo Varela & Garcia (1999, p. 5030), ser um tipo de iteração, não é citado explicitamente o sentido de “iteração”, que aparece apenas do DHe na janela de elementos mórficos. Outra definição que se aproxima desse sentido iterativo é o de “volta, retorno, regresso”, constante em também no DLE, no DENFLP e no DHe, também apenas na janela de elementos mórficos.

Varela & Garcia (1999, p. 5031) reservam ainda para a iteração dois prefixos que não são considerados habitualmente – pelo menos não são nas gramáticas e nos dicionários usados para o levantamento de *re-* e *retro-* nesta tese – com esse valor específico de repetição. O primeiro é o *sobre-*:

A partir del valor locativo, el prefijo *sobre-* desarrolla también un significado de iteración con verbos que denotan acciones perfectivas o télicas. La repetición de la acción incide sobre el resultado de la acción expresada en el verbo simple, de modo que el resultado obtenido con el verbo prefijado modifica el anterior. Así, por ejemplo, los verbos *sobreasar* y *sobreimprimir* expresan acciones que se repiten por segunda vez para modificar lo ya asado o bien para imprimir sobre lo que ya está impreso. Este valor iterativo del prefijo *sobre-* no es muy productivo y las

⁵ O trecho correspondente na tradução é: Em numerosas ocasiões, a ação iterativa com *re-* ocorre porque anteriormente a ação de reversão correspondente foi produzida, indicada por um verbo prefixado com *des-*. Nesses casos, o verbo denota a repetição da ação para atingir o mesmo estado de resultado obtido após a ação indicada pelo verbo simples. Por exemplo, após a ação de *ordenar* se alcança o estado em que algo é ordenado. Se sobre este resultado se aplica a ação reversiva *desordenar*, ela retorna novamente ao estado anterior de onde a ação de ordenação foi iniciada. Se a ação de ordenar se repete, isto é, se se produz a ação de reordenar, será feita uma tentativa de atingir novamente o estado do resultado no qual algo é ordenado. Essa sequência de ações iterativas e reversivas é realizada com frequência dentro da mesma família lexical: *fazer-desfazer-refazer*, *aparecer-desaparecer-reaparecer*, *agrupar-desagrupar-reagrupar*, *embarque-desembarque-reembarcar*.

formaciones que pueden citarse tienen un ámbito reducido en la actual etapa sincrónica del español. (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5031)⁶

O segundo é o *sub-*:

El valor de iteración del prefijo *sub-* sólo está presente en unas pocas formas verbales, las cuales presuponen una acción anterior con un resultado final sobre el que incide la repetición de la acción anterior con un resultado final sobre el que incide la repetición de la acción, lo arrendado pasa a un tercero. En otros casos como subdividir o subdistinguir, la repetición de la acción por segunda vez parte del estado resultado de la acción primera para llegar a un estado resultado nuevo incluido en el anterior: al subdividir algo ya dividido, se obtiene una división (subdivisión) más pequeña incluida en la división obtenida tras la acción primera. (VARELA; GARCIA, 1999, p. 5031)⁷

4.2 O prefixo *re-* na formação de palavras de *Passageiro do fim do dia*

Muitos dos verbos que começam com *re-* em PFD não são exatamente casos de derivação prefixal. São, na verdade, o que Varela & Garcia descrevem como *Palavras prefixadas lexicalizadas ou não composicionais*

Una palabra puede ser morfológicamente compleja desde el punto de vista diacrónico y, en cambio, procesarse sincrónicamente como una entidad unitaria. Cuando la palabra compleja tiene un significado que no se deduce de la combinación de sus partes, su estructura composicional ya no es transparente. Esto ocurre cuando el prefijo se añade a un tema que no se realiza como palabra independiente de la lengua (*preterir, inope, injerto*), si bien la palabra en cuestión puede adquirir cierta motivación semántica cuando existen formaciones paralelas con las que conforma un paradigma (así, las series verbales: *re-/pro-/con-ducir* o *pre-/a-/sub-sumir*). La interpretación composicional puede fallar incluso cuando el prefijo va adjuntado a palabras independientes bien porque se haya producido lexicalización del complejo morfológico (*conseguir, preparar, detener*), bien porque el prefijo en cuestión haya perdido su contenido léxico originario convertido en un mero intensificador (*deslavar* frente a *des-coser*, o *rematar* frente a *re-construir*). En todos estos casos,

⁶ O trecho correspondente na tradução é: A partir do valor locativo, o prefixo *sobre-* também desenvolve um significado de iteração com verbos que denotam ações perfectivas ou télicas. A repetição da ação afeta o resultado da ação expressa no verbo simples, de modo que o resultado obtido com o verbo prefixado modifica o anterior. Assim, por exemplo, os verbos *sobreassar* e *sobreimprimir* expressam ações que são repetidas uma segunda vez para modificar o já assado ou imprimir sobre o que já está impresso. Este valor iterativo do prefixo *sobre-* é muito produtivo e as formações que podem ser citadas têm um escopo reduzido no atual estágio síncrono do espanhol.

⁷ O trecho correspondente na tradução é: O valor de iteração do prefixo *sub-* só está presente em poucas formações verbais, as quais pressupõem uma ação anterior com um resultado final no qual a repetição da ação anterior afeta, o que é afetado passa a um terceiro. Em outros casos, como *subdividir* ou *subdistinguir*, a repetição da ação pela segunda vez parte do estado resultado da primeira ação para chegar a um novo resultado, incluído no anterior: ao subdividir algo já dividido, uma divisão (subdivisão) menor é obtida após a primeira ação.

estamos ante una asociación de elementos morfemáticos que no produce un significado composicional transparente. (VARELA; GARCIA, 1999, p. 4998)⁸

Alguns verbos com *re-* podem denotar a reiteração da ação (*relampejar*). Ao contrário das formas com valor iterativo, estas são pouco produtivas no português atual. A maioria são formações latinas que não conservam, em geral, um significado composicional deduzível de sua estrutura morfológica (*reverberar*, *revolver*). Por outro lado, cabe observar que o valor de reiteração muitas vezes vem do significado, já reiterativo, da própria base, mas se entende que na formação do verbo complexo a ação ocorre mais vezes do que no caso do verbo simples, logo:

El prefijo *re-* con valor reiterativo se contamina así del significado intensivo lo que explica muchos verbos puedan presentar una doble lectura, como verbos reiterativos y como verbos intensivos: *re-mirar* = “mirar en varias ocasiones, repetidamente” (reiteración), “mirar con cuidado” (intensidad); *rebuscar* = “buscar en varias ocasiones, repetidamente” (reiteración), “buscar con cuidado” (intensidad). (p. 5031)⁹

Ainda é válido trazer para a discussão sobre iteração casos de verbos que comportam esse traço e não são formados com o prefixo *re-*. Ao abordar a representação da habitualidade e listar verbos como *tossir*, *pestanear*, *saltitar* (dar vários saltos), *bebericar* (tomar vários pequenos goles), *dormitar*, *tremar* etc. explica-se que

Esses eventos são constituídos necessariamente de repetições de um mesmo tipo de ação. Quando alguém diz *João tossiu*, dificilmente refere-se a um único ato de tossir, se assim fosse provavelmente diria algo como *João deu uma tossida*, e parece ser essa a característica principal do que aqui chamamos de eventos iterativos: eles são necessariamente compostos. Assim, *tremar* é composto por várias tremidas, *saltitar*, por vários saltos e assim por diante. (ILARI; BASSO, 2014, p. 176-177)

⁸ O trecho correspondente na tradução é: Uma palavra pode ser morfológicamente complexa do ponto de vista diacrônico e, em vez disso, ser processada sincronicamente como entidade unitária. Quando a palavra complexa tem um significado que não se deduz da combinação de suas partes, sua estrutura composicional já não é transparente. Isso ocorre quando o prefixo é adicionado a um tema que não se realiza como uma palavra independente da língua (*preterir*, *inope*, *enxerto*), embora a palavra em questão pode adquirir alguma motivação semântica quando existem formações paralelas que constitui um paradigma (assim, as séries verbais: *re / pro- / con-ducir* ou *pre- / a- / sub-sumir*). A interpretação composicional pode falhar, mesmo quando o prefixo é anexado a palavras independentes, bem porque se porque tenha produzido a lexicalização do complexo morfológico (*conseguir*, *preparar*, *deter*), bem porque o prefixo em questão perdeu o seu conteúdo lexical originário convertido em um mero intensificador (*deslavar* frente *des-coser*, ou *rematar* frente a *re-construir*). Em todos esses casos, estamos diante de uma associação de elementos morfemáticos que não produz um significado composicional transparente.

⁹ O trecho correspondente na tradução é: O prefixo *re-* com valor reiterativo se contamina assim de significado intensivo, o que explica muitos verbos poderem apresentar uma dupla interpretação, como verbos reiterativos e como verbos intensivos: *re-mirar* = “mirar en varias ocasiones, repetidamente” (reiteração), “mirar com cuidado” (intensidade); *rebuscar* = “buscar várias vezes, repetidamente” (reiteração), “buscar com cuidado” (intensidade).

Casos semelhantes aos citados nesta passagem serão retomados no que Ilari & Basso (2014) descrevem como *contextualmente iterativos*, na próxima sessão, 4.3 Outras opções sintáticas para os sentidos do *re-*.

Os substantivos que vêm de verbos prefixados com *re-* são muito numerosos (*recadastrar* > *recadastramento*, *renegociar* > *renegociação*). Com os substantivos que não são deverbais – processo este pouquíssimo produtivo –, ao valor de iteração do prefixo se soma o matiz significativo da base que é posterior (*repergunta*).

“O português também deu expansão ao padrão *re-* + *substantivo*, este interpretável como de ação” (DUARTE, 1999, p. 150) e, considerando o elemento como uma partícula perifrástica, permite a análise de que:

Existindo as formas verbal e nominal (ex: elaborar e elaboração) há, frequentemente, motivação para se analisar *re-* + substantivo como prefixalmente ou sufixalmente formado. É, inclusive, possível uma leitura semântica com *re-* em ambos os casos: “elaborar outra vez” e “nova elaboração”, respectivamente. (DUARTE, 1999, 150-151)

Uma tabela incluída no ANEXO C serve para ilustrar a miscelânea dos tipos de formações com *re-* na obra PFD.

4.3 Outras opções sintáticas para os sentidos do *re-* em PFD

A partir dos sentidos tradicionais para o prefixo *re-* previstos por dicionários e gramáticas e suas problematizações semânticas e argumentativas do processo derivacional de prefixação, admitindo aí a complexidade deste processo quando se consideram formações latinas que chegaram ao português já com o prefixo, optou-se por incluir outras formas linguístico-discursivas que servirão para identificar no *corpus* marcas que condizem com os efeitos da repetição e da intensificação.

Advérbios e locuções adverbiais desempenham papéis fundamentais sobre algumas ações transcorridas ao longo do último romance de RF. Costa (2002, p. 80) classificou *sempre* como um *circunstancial de frequência* entre os “circunstanciais temporais” – “elementos que são tradicionalmente rotulados de advérbios, locuções adverbiais, conjunções e formulações oracionais que, configurando-se como possibilidade de expressar tempo físico, merecem análise quanto ao seu possível conteúdo aspectual”,

[...] cujo significado o inclui na área da habitualidade, tem um valor aspectual perfectivo. Realmente a habitualidade, assim como a iteração [...] não é em si um valor aspectual. Apenas a presença desse traço semântico deve determinar uma análise mais atenciosa da iteração da forma verbal com o circunstancial, pela possibilidade de o habitual poder ser visto como um processo em desenvolvimento. (COSTA, 2002, p. 83)

Ainda nesse sentido aspectual podem ser incluídos casos como as locuções *algumas vezes, de vez em quando* e *às vezes*. *De novo, outra vez, duas vezes* são outras locuções adverbiais que tornam exato o sentido iterativo da repetição.

Além dessas formas adverbiais, a ideia de expandir o estudo descritivo de um prefixo específico, tendo como enfoque uma obra literária, redefine o modo de observar o fenômeno da significação linguística. Uma vez observada a recorrência de tal prefixo, admitindo-a como marca constitutiva da narrativa, a relevância de sua significação transbordou para outros aspectos textuais, como, por exemplo, as demais escolhas lexicais de valor sinonímico ou com traços semânticos semelhantes e o modo de organizar e expressar as ideias que atravessam a história de PFD.

Entre as abordagens linguístico-discursivas disponíveis para se verificar essas outras formas textuais que revelariam a iteração, a repetição múltipla e a intensificação, recorreu-se a um segmento da retórica:

Os tropos e as figuras, isto é, as figuras em que há alteração de sentido e aquelas em que não há, são operações enunciativas para intensificar e conseqüentemente também para atenuar o sentido. O enunciador, visando a avivar (ou abrandar) o sentido, realiza quatro operações possíveis, [...]: a adjunção ou repetição com o conseqüente aumento do enunciado; a supressão com a natural diminuição do enunciado; a transposição de elementos, ou seja, a troca de seu lugar no enunciado; e a mudança ou troca de elementos. (FIORIN, 2014, p. 31)

Apesar das operações enunciativas da passagem acima serem realizadas e verificadas, tradicionalmente, em textos e, por isso, possibilitarem análises minuciosas nesse suporte, elas não são independentes linguisticamente:

Dessa maneira, a unidade do tropo deixa de ser a palavra e passa a ser o discurso. Com efeito, Benveniste mostra que a metáfora e a metonímia são processos do discurso (1976: 93). Para ele, é preciso distinguir os níveis da análise linguística: os da língua (o do fonema, o do morfema, o do lexema) e os do discurso. O que caracteriza a frase é ser um predicado. Com ela, deixa-se "o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso" (1976:139). (FIORIN, 2014, p. 28)

Embora Benveniste tenha mencionado a metáfora e a metonímia para ilustrar como os tropos são processos do discurso, acredita-se que as figuras de repetição de sons, de morfemas, de palavra ou de palavras, de sintagma ou de sintagmas, semântica ou estrutural, sejam elas intraoracionais ou transoracionais, também dependem de uma avaliação discursiva para melhor serem interpretadas e não compiladas apenas.

Se “uma regra de estilística que todos aprendemos na escola é que devemos evitar a repetição de palavras ou sintagmas idênticos” e, por isso, “devem ser substituídos por um sinônimo, quando houver, ou por um anafórico, quando for possível”, como introduz FIORIN (2014, p.115) ao tema da repetição, será demonstrado na análise do *corpus*, no capítulo 7, como este recurso, e não regra, da estilística pode ser importante expressivamente e não previamente descartado. “A repetição é, portanto, um aumento da extensão de um dado texto com o emprego, várias vezes, do mesmo segmento textual (palavra, sintagma, oração, verso), para intensificar o sentido expresso” (FIORIN, 2014, p.115).

As figuras de retóricas costumam ser reconhecidas, em sua maioria, tendo em vista sua relação de proximidade no texto. Na análise que se pretende sobre esses recursos estilísticos encontrados em PFD, algumas dessas figuras, como as que se caracterizam por ter palavras ou sintagmas repetidos em orações ou versos distintos, terão sua definição alargada, pois os indícios de repetição estão espalhados ao longo de toda obra. Não é possível identificar nenhum trecho de grande concentração dessas figuras na linearidade do texto, mesmo que se possam reconhecer algumas situações da história em que elas estejam vinculadas. Isto se deve ao modelo narrativo, cujo eixo fundamental, o personagem Pedro, procura dar conta dos fatos que ocorrem com o protagonista em sua viagem de ônibus, de suas reflexões e de suas lembranças, que por vezes “pegam carona” em relatos de outros personagens.

A seguir, segue um recorte do conteúdo teórico do livro *Figuras de Retórica* (2014), de José Luiz Fiorin. A primeira parte é classificação das figuras de repetição, em que se pretende mostrar, a título de curiosidade, a extensa lista de figuras sobre a repetição. Em negrito estão marcadas as figuras que serão retomadas na análise do *corpus*. Estas, portanto, são apresentadas, na sequência, com suas respectivas definições e uma ilustração trazida pelo próprio autor:

Figuras não trópicas:

Figuras de aumento:

Figuras de repetição:

- de sons ou de morfemas: aliteração, assonância, parequema, homeoteleuto (rima) e **homeoptoto**;
- de palavras ou de sintagmas dentro da mesma oração ou verso: epizeuxe (reduplicação), **diácope** e **epanalepse**;
- de uma palavra ou de sintagma em outra oração ou verso:
 - no início: **anáfora**;
 - no meio: **mesodiplose**;
 - no fim: epístrofe (epífora);
 - no início de uma oração ou verso e no final do seguinte: **epanadiplose**;
 - no final de uma oração ou verso e no começo do seguinte: anadiplose;
 - no meio de uma oração ou verso e no início ou fim do seguinte: **ploce**;
 - aleatoriamente: **epímone**;
 - de conjunção: **polissíndeto**.
- de mais de uma palavra ou sintagma em orações e versos distintos:
 - no início e no fim de uma oração ou verso e na mesma ordem em outra oração ou verso: símploce;
 - no início e no fim de uma oração ou verso e em sentido inverso na oração ou verso seguinte: antimetábole, quiasmo;
 - no fim de cada oração ou verso e no início de cada oração ou verso em cadeia: concatenação;
 - duas palavras ou sintagmas contíguos numa oração, repetido o primeiro na oração seguinte e o segundo na outra: **epânodo**.
- de orações ou versos:
 - em sequência: palilogia;
 - com intercalação: ritornelo (refrão, estribilho);
 - com inversão na ordem das palavras: epanástrofe.
- de conteúdos:
 - com o mesmo sentido ou sentido equivalente: sinonímia, **paráfrase** e **pleonasma**;
 - com sentido diverso: **antanáclase** (**diáfora**), paronomásia, e paradiástole;
 - com variação gramatical: **poliptoto**.
- de estruturas: **paralelismo**, **isócolo**.

Homeoptoto

Alguns autores chamam *homeoptoto* (termo composto grego *hómos*, “semelhante”, e *ptolos*, “caso”) a repetição de palavras que apresentam a mesma desinência nominal ou verbal. Evidentemente, não deixa de ser um caso de homeoteleuto. (FIORIN, 2014, p. 114)

Homens que saqueastes tranquilas povoações africanas,
 Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,
 Que *matastes, roubastes, torturastes, ganhastes*.
 (Álvaro de Campos, “Ode marítima”)

Diácope

Quando se intercala uma palavra ou sintagma na série de palavras repetidas, cortando-se a sequência, essa reduplicação recebe o nome de *diácope* (do grego *diakopé*, que quer dizer “corte”). (FIORIN, 2014, p. 116)

Nô-mais, Musa, *nô-mais*, que a Lira tenho
 Destemperada e a voz enrouquecida,
 E não canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida
 (Camões, Os Lusíadas, X, 1-4)

Epanalepse

Recebe o nome de *epanalepse* (do grego *epanalépsis*, que denota “retomada”, “repetição”) a repetição de uma palavra ou sintagma no início e no fim de uma oração ou de um verso. Muitos estudiosos de retórica não fazem essa distinção e consideram a epanalepse um sinônimo de reduplicação (FIORIN, 2014, p. 117).

O homem é lobo do homem.
 (Epístola dedicatória do *De cive*, Thomas Hobbes)

Anáfora

Chama-se *anáfora* (do grego *anaphora*, palavra formada de *aní*, indicando repetição e *phorá*, que está relacionada ao verbo *phóreo*, que significa “levar”, “transportar”) a repetição de palavras ou sintagmas no início de orações ou de versos (FIORIN, 2014, p. 118).

Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual, com o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual com os penachos do elmo açouta as ancas
 (Camões, Os Lusíadas, VI, 64, 5-8)

Mesodiplose

Denomina-se *mesodiplose* (do grego *mésos*, que quer dizer “situado no meio”, e *diplosis*, reunião de duas ou mais palavras”) a repetição do meio de cada oração (FIORIN, 2014, p. 119).

Não quero *sem Sylvano* já ter vida,
 Pois tudo *sem Sylvano* é viva morte;
 Já que se foi *Sylvano* venha a morte,
 Perca-se por *Sylvano* a minha vida.
 (“Ao amado ausente”, Sórora Violante do Céu)

Epanadiplose

Quando uma palavra ou um sintagma inicial de uma oração ou verso é repetido no final da oração ou do verso seguinte, ocorre a figura da *epanadiplose* (do grego *epanadiplosis*, que significa “redobro”, “repetição”). (FIORIN, 2014, p. 120)

Vozes veladas, veludas vozes
 Volúpias dos violões, vozes veladas,
 Vagam nos velhos vórtices velozes
 Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
 (“Violões que choram”, Cruz e Souza)

Ploce

A repetição de uma palavra ou sintagma medial de uma oração ou verso no início ou fim do verso seguinte recebe o nome de ploce (do grego *ploké*, que quer dizer “ação de tecer”, “tecido”, “combinação”) (FIORIN, 2014, p. 121).

Pode-se construir uma ploce por antecipação, quando a palavra advém no início ou no final de uma oração ou verso e, em seguida, no meio de outra oração ou verso. (FIORIN, 2014, p. 122)

Porque Senhor, do caos tumultuário
 Tão bela e esperançosa ergueste a *vida*,
 Se ao pé de *vida* colocaste a morte?
 (“À morte”, Almeida Garrett)

Epímone

Quando se dá uma repetição aleatória de palavras ou sintagmas, temos a epímone (do

grego *epimone*, que denota “tenacidade”, “perseverança”). (FIORIN, 2014, p. 122)

Verdes, os astros no alto abrem-se em *verdes* chamas;
Verdes, na *verde* mata, embalançam-se as ramas;
 E flores *verdes* no ar brandamente se movem;
 Chispam *verdes* fuzis riscando o céu sombrio;
 Em esmeraldas flui a água *verde* do rio,
 E do céu, todo *verde*, as esmeraldas chovem...
 (“O caçador de esmeraldas”, IV, Olavo Bilac)

Polissíndeto

É denominada *polissíndeto* a repetição de conectivos. (2014, p. 122)

Não é este edifício obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação, *mas* nacional, *mas* popular, *mas* da gente portuguesa, que disse: não seremos servos do estrangeiro e que provou seu dito.
 (“A abóboda”, I, Alexandre Herculano)

Epânodo

O *epânodo* (do grego *epánodos*, que significa “retorno”) é a repetição separadamente, com a finalidade de desenvolver-lhes o sentido, de termos ou sintagmas que ocorrem ligados um ao outro. (FIORIN, 2014, p. 126)

Admirável foi Davi na *harpa*, e admirável na *funda*: com a *harpa* afugentava demônios, com a *funda* derrubava gigantes.
 (“As cinco pedras da funda de Davi”, Vieira)

Antanáclase ou diáfora

É a figura em que se repetem palavras com significados diversos, para intensificá-los. *Antanáclase* vem do grego *antanáklasis*, que quer dizer “refração”, “repercussão” e daí “repetição de palavra em outro sentido”. *Diáfora* vem do grego *diáfora*, que denota “diferença”, “diversidade”, “variedade”. (FIORIN, 2014, p. 132)

Cometerá outra vez, não dilatando,
 O Gento os combates, apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em *vão* (=debalde) aos Deus *vãos* (=falsos), surdos e imotos.
 (Camões, “Os Lusíadas”, X, 15, 5-8)

Poliptoto

Quando se repetem palavras alterando-se a flexão, ou seja, em várias formas gramaticais diferentes, tem-se a figura denominada *poliptoto* (do grego *polyptólos*, que quer dizer “em vários casos”). Essa repetição intensifica o elemento reiterado (FIORIN, 2014, p. 134).

No mar *tanta* tormenta, e *tanto* dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
 Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,
Tanta necessidade avorrecida!
 (Camões, Os Lusíadas, VI, 64, 5-8)

Paráfrase

A *paráfrase* (do grego *paráphrasis*, que significa “comentário”, “paráfrase”) consiste em produzir uma unidade linguística equivalente semanticamente a uma unidade anterior. Em outras palavras, é uma formulação. A paráfrase é possível em virtude do princípio da elasticidade linguística, que é a propriedade que permite reconhecer como semanticamente equivalentes unidades discursivas de dimensão diferente, como, por exemplo, uma denominação e sua definição. (FIORIN, 2014, p. 136)

Observe-se esta passagem da oitava parte do *Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma*, de Vieira, pregado em Lisboa, na Capela Real, em 1649, onde *Deus irado* é parafraseado por *Deus com ódio e homem propício*, por *homem com amor*. “Que melhor é para os homens, e mais útil, Deus irado, que o homem propício; Deus com ódio, que o homem com amor.”

Pleonasmo

O pleonasmo (do grego *pleonasmós*, que quer dizer “abundância”, “excesso”, “amplificação”) é uma repetição de unidades idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica. No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido. (FIORIN, 2014, p. 136)

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto
 E *rir* meu *riso* e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento.
 (“Soneto da fidelidade”, Vinicius de Moraes)

Paralelismo ou Isócolo

Há uma repetição denominada *paralelismo* (substantivo formado a partir do grego *parallelós*, que significa “paralelo, de maneira semelhante, análoga”), em que se retoma uma estrutura oracional, preenchida, no entanto, a cada vez, com vocábulos diferente. No capítulo CXXXVIII de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, repete-se, três vezes, a estrutura formada por infinitivo + *sem* + substantivo abstrato, que constitui uma oração subordinada substantiva completiva nominal:

Cortou as relações antigas, familiares, algumas tão íntimas que dificilmente se poderiam dissolver; mas a arte *de receber sem calor, ouvir sem interesse e despedir-se sem pesar*, não era das suas menores prendas; e uma por uma, se foram indo as pobres criaturas modestas, sem maneiras, nem vestidos, amizados de pequena monta, de pagodes caseiros, de hábitos singelos e sem elevação.

A função do paralelismo é mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos. Dessa forma, intensifica-se o sentido veiculado por elas. (FIORIN, 2014, p. 138)

O que hoje se chama paralelismo era denominado *isócolo* na retórica clássica. O termo é formado do grego *iso*, que significa “igual”, “semelhante”, “mesmo”, e *kólon*, que quer dizer “membro”, “parte”. É, pois, a figura em que se repetem várias orações ou sintagmas com a mesma extensão e a mesma organização sintática. Normalmente, os isócolos são bimembres, trimembres (chamados tricolos) ou quadrimembres (denominados tetracolos). (FIORIN, 2014, p. 139)

O que se pretendeu com a pesquisa deste capítulo foi expandir, a partir dos resultados do capítulo sobre os sentidos do prefixo *re-*, os aspectos discursivos de repetição e de intensificação verificados no morfema prefixal em questão. Os advérbios representando, por exemplo, a coloquialidade da expressão textual de um usuário comum da língua, e as figuras de retórica representando os recursos estilísticos clássicos, geralmente atribuídos aos artistas da palavra.

5 RUBENS FIGUEIREDO - CAMINHOS PROFISSIONAIS

Não sei o que é conhecer-me. Não vejo para dentro.

Não acredito que eu exista por detrás de mim.

Alberto Caeiro

5.1 O professor

Rubens Batista Figueiredo nasceu em 9 de fevereiro de 1956, quando a cidade do Rio de Janeiro ainda era o Distrito Federal do país. Em 1973, prestou vestibular em português-russo para Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em 1978, após o término da graduação, começou a lecionar literatura no que hoje é considerado ensino médio e, ainda no final desta década, para complementar seu orçamento, passou a traduzir, de vários idiomas para o português, livros de bolso, geralmente classificados como literatura barata (erótica, *noir*, ficção científica, faroeste).

Como professor de língua portuguesa, atuou por trinta anos como professor da rede estadual do Rio de Janeiro, sendo 26 deles no turno da noite do Colégio Pedro Aleixo, no bairro Cidade de Deus, localizado na Zona Oeste do município.

Nos anos 2000, ministrou, durante um ano, aulas de tradução literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ).

Durante todo esse percurso como escritor e tradutor, RF, morador de Copacabana, também deu aulas de língua portuguesa na rede estadual de escolas do Rio de Janeiro. Durante um período, lecionou em dois colégios, mas teve que interromper a dupla jornada por complicações nas cordas vocais. No fim de 2009, após 26 anos lecionando na mesma escola, pediu transferência do colégio da Cidade de Deus, pois se tornou um trajeto de ônibus inviável, visto que “a Barra da Tijuca, que fica no meio do meu caminho, foi o bairro de expansão mais intenso nos últimos anos. O trânsito ficou horrível, o tempo para ir passou para duas horas e meia, às vezes mais, e eu não chegava no horário (FIGUEIREDO, 2015). Em 2010, passou a ir de bicicleta para Escola Municipal Manoel Cícero, na Gávea.

As informações sobre a trajetória de RF como professor, quando comparadas às disponíveis de suas outras duas atividades, são escassas. Ser professor de língua portuguesa

do ensino médio por 30 anos da rede estadual do Rio de Janeiro não confere o reconhecimento midiático, como o conferido ao escritor de contos e romance premiados e ao de tradutor aclamado pela crítica. Aliás, foi como consequência desses prêmios que surgiram as circunstâncias para os convites, por parte de outras instituições de ensino (PUC-RJ e Estação das Letras) para tê-lo como professor de eventuais cursos e oficinas de tradução literária e introdução à literatura russa. Por isso, essa sessão se dedicará à reflexão de sua experiência no magistério a partir dos poucos dados coletados de seu exercício como professor e das suas observações sobre esta experiência em particular.

É importante enfatizar que quase todas as suas declarações a esse respeito são marginais. Elas provêm de situações nas quais os temas principais das matérias escritas sobre ele, ou sobre seus livros, ou das entrevistas concedidas por ele se concentram nas atividades de ficcionista, de tradutor ou ambas. Todavia, como já identificado na proposição da tese, a estreita ou a justaposta relação de tais trabalhos com o ensino de língua portuguesa também suscitou, mesmo que timidamente, o interesse dos jornalistas e da crítica sobre sua atuação como professor da língua materna.

Se alguns professores de português têm a chance de conduzir suas aulas, seguindo de perto as proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e aplicando os métodos correspondentes, outros, como nas condições de RF, não:

Eu fui professor da rede estadual durante 30 anos, 26 deles na Cidade de Deus, à noite. É um bairro com o índice de pobreza mais baixo que tem no Brasil. À medida que ia conversando com meus alunos, ficava sabendo que moravam em casebres com chão de terra, sem banheiro. Foi um choque. (FIGUEIREDO, 2015)

Se exercessem apenas o que é preconizado pelas diretrizes dos PCNEM, além de falharem como educadores, reforçariam as qualidades opressoras de um sistema educacional perante tamanha desigualdade social:

Nenhum dos conteúdos processados na escola quanto a *língua que falamos* e nenhuma outra das habilidades nela desenvolvidas quanto ao *uso que fazemos da língua que falamos* estão tão intimamente vinculados à vida pessoal e social de cada um de nós, dentro da escola ou fora dela. Nosso aprendizado a respeito da adequada forma de interagir verbalmente é parte integrante de nossa construção pessoal como ser humano em interação com outros seres humanos. (GUEDES, 1997, p83)

Sem dúvida, as diferenças entre os cidadãos da periferia e os da considerada área nobre da cidade do Rio de Janeiro são tão grandes que promulgações legislativas são uma

parte pequena do processo de democratização da educação e do acesso ao conhecimento. A seguir, ele expõe alguns obstáculos e manifesta a experiência crítica pela qual passou:

[...] eu tive, desde jovem, que conviver com pessoas que, desde o início, pareceram muito distantes de mim... Viverem num mundo muito distante do meu. Uma visão da vida, com pressupostos e preocupações distantes. A minha experiência, então, nesse caso, foi de compreender qual era essa distância, o que que construía essa distância, o que que preenchia esse espaço que me separava dessas pessoas. A nossa sociedade produz uma desigualdade tão consistente, tão resistente que o simples esforço de compreender, de enxergar isso já demanda uma energia que às vezes nos falta. (informação verbal)¹⁰

Ele deixa entrever nas suas palavras, portanto, a insuficiência de um texto legal sobre as metas educativas, quando um professor, principalmente aqueles recém-formados, se depara com realidades de vidas tão complexas e dificuldades tão insólitas para quem, por exemplo, teve o privilégio de uma educação tradicional:

Por mais que eu tivesse, como estudante, alguma leitura a respeito dessa questão da desigualdade, o contato com os fatos é muito diferente. Uma coisa é o discurso, a teoria, outra é a vivência. Eu era professor de português, mas logo percebi que tinha outras coisas mais importantes do que ensinar gramática. Eu tinha que dar um jeito de fazer aquelas pessoas acreditarem que não podiam ser tão maltratadas, que tinham que ser respeitadas. (FIGUEIREDO, 2015)

Do ponto de vista do professor de português, a diligência de seus afazeres está há décadas sob o permanente embaraço de qual deve ser a sua abordagem em sala de aula, quando, por exemplo, lhe é exigido sumariamente a responsabilidade de formar alunos aptos às competências de ler e produzir textos sob a chancela do que se é exigido pelo sistema de avaliação nacional. Por isso, em meio a este debate, é preciso levar em conta, no que diz respeito ao ensino do vernáculo, que:

Nenhum dos outros conteúdos tratados na escola, enfim é tão desgraçadamente *interdisciplinar* quanto Língua Portuguesa e nenhuma mais do que ela está tão nocivamente presente no *currículo oculto* da escola. Além disso, nenhuma outra é tão tradicionalmente *orientada* por uma *política* didático-pedagógica que se tenha tornado historicamente tão sem sentido e tão distante de sua finalidade original e que tenha sido desde sempre tão incompatível com a promoção da cidadania. (GUEDES, 1997, p.84)

¹⁰ Programa Imagem da Palavra, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido pela Rede Minas, Minas Gerais, 7 nov. 2013. Disponível em: <http://youtu.be/Y5Yje5HH9hQ> parte 1; <http://youtu.be/PlcrG7BatYw> parte 2. Acesso em: 26 dez. 2015.

Ao desígnio do professor de língua portuguesa no ensino médio brasileiro agrega-se, mais decisivamente do que em outras disciplinas, a necessidade de se contribuir para a formação cidadã dos alunos. E, em situações extremas, como, por exemplo, em cursos supletivos para adultos no nível fundamental, até uma improvisada capacidade psico-sócio-terapêutica deve ser desempenhada, tendo em vista a recuperação da autoestima dos alunos:

Meu trabalho de professor foi mais nesse sentido assim, de transmitir confiança pra eles, transmitir pra eles a ideia de que eles não são burros, não são incapazes, ao contrário, muito ao contrário disso. E que aquilo que eles tinham como a linguagem rude, vulgar, sem valor, era, ao contrário, algo muito importante. (informação verbal)¹¹

RF, apesar das adversidades, já declarou que, entre lecionar, traduzir e ficcionar, a atividade que lhe dá maior satisfação é a de professor. A pergunta mais precisamente era sobre qual atividade lhe propiciava mais “prazer”, mas este termo, por sua resposta e pelo que já se pôde constatar até aqui, não descreveria com exatidão seus sentimentos por essa profissão. Se comparada às outras duas ocupações, pode-se deduzir que as relações humanas da sala de aula e as reações presenciais desse convívio, ao seu alcance cotidianamente, portam os aspectos mais sensíveis a ele.

No apêndice de *Cidade dos lobos*, foi publicada uma entrevista em que o autor Paulo Roberto Tonani do Patrocínio fez com RF. Em determinado momento, Patrocínio pergunta de que forma a experiência como professor na rede pública de ensino se relaciona com a sua produção literária, ou se seriam atividades opostas. A resposta demonstra o esclarecimento crítico de RF de sua ocupação:

O professor de rede pública se encontra num ponto de observação especial da máquina que reproduz a desigualdade. As distâncias entre alunos e professores, entre os próprios professores (pois há diferenças de origem social importantes entre eles), entre os professores e os órgãos de Estado, entre sua escola e outras escolas, entre o sistema educacional em si e os objetivos de fundo da ordem social dominante – essas distâncias se exprimem em conflitos que, à custa de muita pressão, ocultam sua face verdadeira. Isso faz parte do cotidiano do trabalho de um professor. Ali, ele pode observar de perto como são resistentes seus próprios preconceitos, noções assimiladas de modo insensível e provindas nem ele sabe de onde. Crer que nada disso é assunto digno ou viável de literatura, ou que só o será à custa de depurações de linguagem e de construções tão labirínticas que as questões mesmas somem no horizonte sem deixar vestígio, indica o lugar que nossa sociedade reserva para essa dita arte. (FIGUEIREDO *In*: PATROCÍNIO, 2016, p. 185)

¹¹ Programa Imagem da Palavra, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido pela Rede Minas, Minas Gerais, 7 nov. 2013. Disponível em: <http://youtu.be/Y5Yje5HH9hQ> parte 1; <http://youtu.be/PlcrG7BatYw> parte 2. Acesso em: 26 dez. 2015.

Para encerrar esse esboço do que se pode deduzir de seu caráter como professor de língua portuguesa do ensino médio de uma escola localizada em uma área carente da cidade do Rio de Janeiro, citarei um comentário advindo de sua experiência como tradutor que revela em tom de perplexidade sua admiração por Tolstói como professor, porque há, de certa maneira, alguma correspondência entre a situação social, apesar da distância histórica entre os dois casos:

Pra você ter uma ideia só, ele escreveu um artigo, ele não era velho, não. Vocês sabem que ele montou várias escolas para crianças camponesas? Isso foi uma coisa que ele fez durante anos, a vida toda. Com vários objetivos. Ele escreveu alguns artigos sobre a questão do ensino e a educação com o seguinte título: “Quem deve ensinar quem a escrever: nós, às crianças camponesas ou as crianças camponesas, a nós”. Isso em 186[...] Por aí você vê, ele está questionando uma hierarquia, ele está invertendo... (informação verbal)¹²

5.2 O tradutor

Apesar da dificuldade de se prescrever cronologicamente o ponto de partida como tradutor profissional – não há nenhum dado preciso à disposição – é conveniente notar que sua vivência na graduação no Setor de Letras Russas no Departamento de Letras Orientais e Eslavas da UFRJ desempenha um papel fundamental em sua formação. Sua matrícula em um curso bilíngue evidencia o primeiro estágio para o aprofundamento que pode haver entre duas línguas, mesmo que RF, mais de trinta anos após se graduar e sob a luz do reconhecimento como o tradutor de *Guerra e Paz* direto do russo, ao responder sobre as motivações para aquela escolha, revele certa hesitação juvenil na matéria da revista PIAUÍ: “Eu já gostava de alguns escritores russos que eu comprava nos sebos, aí assinalei ‘Letras: russo’. O que pode ter passado na cabeça de um garoto de 17 anos? Fazer uma coisa diferente, estranha... (SCARPIN, 2010)”. Nesta matéria, a jornalista Paula Scarpin refere-se ainda ao fato de que, por ter recém-saído de uma escola pública, julgava não ter base suficientemente sólida para passar nos cursos mais concorridos.

¹² “Diálogo sobre a obra ficcional de Rubens Figueiredo”, realizado na Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel, Rio de Janeiro, 7abr. 2016.

Em entrevista – pela forma e pelo tom muito provavelmente realizada via *e-mail* – concedida para o Suplemento Pernambuco em 2011, entretanto, complementa e elenca outros fatores, segundo ele, circunstanciais, que contribuíram para esse destino:

1- Achei que não seria aprovado na disciplina francês-português. 2- Li e tinha gostado muito de alguns livros russos. 3- Era o final do governo do general Médici, ditadura militar. Estudar russo tinha um lado de contestação e desafio que, em parte, também me atraiu. 4- Encontrei uma excelente professora (Maria Aparecida Botelho Soares) que me animou e me inspirou muito.¹³

Ao comparar-se as duas fontes, verifica-se então que os tais “cursos mais concorridos” não seriam, porventura, nem Medicina, nem Direito, e sim um outro curso na área de Letras. Além disso, sua predileção por um curso bilíngue é reafirmada. Desta declaração do autor, ainda vale ressaltar que a professora citada, Maria Aparecida Botelho Soares, também é tradutora de literatura russa, de diversos contos de Tchekhov, organizados nos livros *A Dama e o Cachorrinho e outras histórias* e *Um negócio fracassado e outros contos de humor*, e de Tolstói, o romance *A felicidade conjugal* e o conto *O Diabo*, todos publicados pela editora L&PM Pocket.

Devem-se destacar algumas características gerais, porém relevantes, do fluxograma de disciplinas das graduações bilíngues. Distribuídas ao longo dos oito períodos que compõem um curso desse tipo, os alunos frequentam paralelamente disciplinas do vernáculo e da língua estrangeira. Nestas, segue-se um roteiro mais genérico de um curso de línguas; naquelas, a cada período, um aprofundamento específico das divisões tradicionais da gramática. Apoiando a familiarização do idioma estrangeiro, disciplinas que contemplam a cultura e a história do país (ou países) e das regiões em que a língua estudada se estruturou. Latim, Grego, Linguística também são disciplinas básicas nesses cursos.

Enfim, no tocante a tradução e domínio linguístico afora, as aulas de Teoria Literária, de Literatura Comparada e das Literaturas da língua em questão – no Brasil, além da brasileira, considera-se a poesia e a narrativa portuguesa – são as que, provavelmente, encarregam-se da preparação teórica daquele que tem interesse em converter e transmitir o conhecimento estruturado por um vernáculo de uma cultura para o conhecimento estruturado por outro vernáculo de outra cultura. Adail Sobral ratifica, em posfácio de livro voltado para a questão da tradução e do papel dos tradutores, a posição limítrofe, por isso crítica:

¹³ Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011.

O tradutor é, mais do que isso, um profissional que, sem submergir nos textos em língua estrangeira, e na(s) cultura(s) respectiva(s) – o que o faria perder a identidade e, portanto, a capacidade de entrar em contato com outro público – e sem ver somente o(s) ponto(s) de vista de sua própria língua e cultura(s) – o que o impediria de entrar em contato com a identidade do outro, o autor e seu público – estabelece, seguindo uma tradição que tem em São Jerônimo e no romantismo alemão pontos de destaque, firmes pontes entre culturas entre modos de estruturar o mundo por meio da linguagem viva, a linguagem que se dirige a alguém, em vez de fazer rígida “em estado de dicionário” (2007, p. 202)

A capacidade de compreender as semelhanças e as diferenças entre culturas distintas e a eficiência redacional em língua portuguesa possibilitaram os primeiros e desimportantes trabalhos de RF nesse ramo, já que suas primeiras traduções foram a partir do espanhol, língua que nunca estudara.

Tal circunstância ocorreu porque, em 1979, um pouco depois de se formar e começar a lecionar no ensino médio, o então professor de literatura procurou, no subúrbio do Rio de Janeiro, a editora CEDIBRA (Companhia Editora Brasileira), oferecendo-se para fazer traduções. Ele recorda que “o senhor de lá era um sujeito excêntrico, autor de quadrinhos de terror, parecia que vivia em outro mundo, na década de 30 (VICTOR, [s/d])”.

Esta editora, que encerrou as atividades no início da década de 1990 e foi dirigida por Rubens Francisco Lucchetti, pioneiro da *pulp fiction* no Brasil e roteirista dos filmes de Zé do Caixão, foi conhecida porque publicava, além de história em quadrinhos, edições populares de obras clássicas no formato de livro de bolso e também porque investia no ramo da ficção mais conhecida como *pulp* ou folhetins – no caso, sob a rubrica pejorativa de obra literária considerada de pouco valor literário, destinada a leitores menos exigentes. Então, os livros de faroeste, como *Onde o colt era a lei*, de Marcial Lafuente Estefanía, e *Sem lei e sem alma*, de Silver Kane, entre outros, foram a porta de entrada para a tradução literária, nas palavras de Figueiredo, de uma literatura “vulgar e desprezível”.

Nesta época, acabava por fazer as vezes de *ghost-writer* desses gêneros vendidos em bancas de jornal, quando se via obrigado pela censura da ditadura militar a reescrever, por exemplo, passagens eróticas de teor mais explícito. Figueiredo diz que “transformava os livros eróticos em românticos. Mas quando [a censura] amainava, eu tinha de voltar tudo, retransformava as partes românticas em eróticas”.

Essa fase como tradutor é renegada por diversas vezes. Tanto algumas matérias jornalísticas e perfis literários, quanto o próprio autor, em entrevistas não a mencionam. Ele, por exemplo, no programa Entrelinhas no canal do YouTube TV Cultura Digital, diz que “o fato de eu ter escrito três romances, quando eu comecei a traduzir, me ajudou, sim. Eu tinha

uma noção de prosa em português. Isso que é importante na tradução. Você saber... ter uma boa competência na escrita em português.”[grifo nosso]¹⁴

Porque esse contato com histórias de menor qualidade influenciaria o seu estilo nesses três primeiros romances referidos e porque, mesmo que sob o signo da rejeição do tradutor, trata-se de uma experiência efetiva, julga-se pertinente a menção desta etapa passageira de seu currículo.

“Considerado tradutor de primeiro escalão do inglês”, como afirma a jornalista Paula Scarpin na matéria da revista PIAUÍ em 2010, RF dá início a essa reputação em 1993, traduzindo alguns títulos para as editoras Rocco, Editora 34, Objetiva, Record e Companhia das Letras. Até 1999 tem uma média próxima a quatro livros por ano. *O teste do ácido do refresco elétrico*, de Tom Wolfe, *Cenas da vida*, de Raymond Carver, *Casei-me com um morto*, de Cornell Woodrich, *O teatro de Sabbath*, de Philip Roth, *1876*, de Gore Vidal, *O paciente inglês*, de Michael Ondaatje e *A invenção da solidão*, de Paul Auster, são algumas das obras e dos autores traduzidos nesse período.

Desde o ano 2000, apesar de ele ocasionalmente ainda receber encomendas de outras editoras, a Companhia das Letras praticamente monopoliza as encomendas oferecidas a Rubens. Deve-se isso a dois fatos principalmente: a editora, gerida na época somente pelas famílias Moreira Salles e Schwarcz, ser uma das mais poderosas no mercado editorial e o modelo de remuneração do serviço de tradução nesse mesmo mercado se dar na relação pagamento por cada livro encomendado.

Àqueles autores citados anteriormente, juntaram-se Dashiell Hammet, Susan Sontag, Nathaniel Philbrick, Ian McEwan, entre outros. Contudo, se há reconhecimento pelo esmero conferido a tais traduções, não se pode dizer que há entusiasmo de sua parte sobre a qualidade literária destas narrativas. No XV Encontro ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), realizado em 2016 na UERJ, ao lado das escritoras Ana Miranda e Ana Maria Gonçalves na mesa-redonda “Ficção hoje”, coordenada pela professora Giovanna Dealtry, Rubens manifestou-se a respeito do seu envolvimento com a tradução do inglês para o português por duas vezes e em dois sentidos. Primeiro, confessando o pragmatismo profissional:

Esse negócio de tradução é o seguinte: eu tinha que ganhar a vida. Eu não estava sentado em uma poltrona e pensava “ah, como eu posso levar os meus dias de uma maneira bonita, envolvido com literatura, grandes escritores... Nada disso, eu tinha

¹⁴ Programa Entrelinhas, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido na TV Cultura Digital, São Paulo, 31 out. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQdCTXNRkpw>> Acesso em: 9 set. 2017.

que ganhar a vida. Eu trabalhava em dois colégios, minha garganta pifou, fiquei com um só. Aí tenho que completar o orçamento, então comecei a fazer tradução. Eu não estava escolhendo, quase nunca escolhi um livro, traduzia o que mandavam. (informação verbal)¹⁵

E, em uma resposta anterior a essa fala, no meio do rodeio de sua explanação quando discorria sobre o tema da identidade nacional em sua obra, pode-se destacar o ceticismo de suas impressões pessoais:

Eu sou, além de tradutor de russo, tradutor de inglês. Mais de cento e tantos livros em 30 anos – inglês significa americanos e ingleses – e, desses livros, se vocês me pedirem um que eu indique pra ler, eu vou indicar nenhum. Nenhum porque não dei sorte, desisti. Realmente dei azar. Eu traduzi o que chamam de *standard*, ou como é a palavra inglesa pra isso? Enfim, são os mais destacados. É impressionante a alienação desse negócio. É impressionante como as pessoas se rendem a isso. É impressionante como eu traduzo um livro de um escritor figuraço... que estupidez, como é que o cara tem essa cara de pau?! Aí vai para o jornal um canalha desses e os críticos dizem: “a obra pororó...” Isso é assim, há décadas que tô vendo isso e não vai mudar. (informação verbal)¹⁶

Sob a perspectiva de um panorama de suas atividades profissionais, fica claro o amadurecimento linguístico-literário de RF. Por isso neste seu parecer de 2016 referente às suas incursões como tradutor do inglês deve-se ter em conta o lastro adquirido pela oportunidade de comparar, segundo ele mesmo, dois modelos literários, ou melhor, contextos históricos díspares de quando e onde tais criações literárias ocorreram.

A maioria esmagadora das [minhas] traduções são de autores americanos e ingleses. Mas, nos últimos anos, calhou de eu poder fazer traduções do russo [...]. Eu me vi, de repente, traduzindo, uma parte do mês, autores americanos e ingleses contemporâneos e, outra parte do mês, traduzindo autores russos do século XIX/início do século XX. E comecei a me dar conta de uma coisa chocante, que era o contraste entre essas duas literaturas. O impulso que nós temos, em primeiro lugar, é dizer: “Puxa, esses autores incrivelmente talentosos! Como tantos gênios se reuniram no mesmo lugar, né?” Mas, em pouco tempo, eu me dei conta de que não era essa a questão. A força desses livros decorria da maneira como a literatura, naquela época e naquele país, se relacionava com a sociedade. Esses autores contemporâneos escrevem produtos para o mercado global. Mesmo os mais intelectuais, mesmo aqueles que têm alguma pretensão de questionamento são extremamente tímidos e claudicantes em elaborar qualquer questionamento mais a fundo sobre o mundo moderno. E, sobretudo, são produtos que são vendidos automaticamente para dezenas de países. O sujeito escreve duas páginas, dá um título e já tem os agentes vendendo para trinta países na mesma hora. Os autores russos... tinha nada disso. (informação verbal)¹⁷

¹⁵ “A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho” de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

¹⁶ *ibidem*

¹⁷ Programa Entrelinhas, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido na TV Cultura Digital, São Paulo, 31 out. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQdCTXNRkpw>> Acesso em: 9 set. 2017.

Por esses motivos, depreende-se o tom debochado acerca das obras que traduz do inglês contemporâneo. Ele ainda atenta – no artigo *O nascimento de um autor*, de Fabio Victor, para o suplemento Ilustrada da Folha de São Paulo – para o fato de que “é só contar quantas vezes a bandeira americana aparece nos livros de Philip Roth, quantas vezes a palavra América aparece nos livros de Paul Auster e Susan Sontag, mas os grandes conflitos dos EUA não são tratados (LEITE NETO, [s/d])”.

Diante de tais evidências, constata, perplexamente, como a “propaganda política aparece disfarçada” e critica a tendência na qual se preconiza que a literatura se basta e os autores que se valem “da força da linguagem e da construção em si (LEITE NETO, [s/d])”.

Talvez aqui valesse uma discussão sobre tal postura: deve um tradutor manifestar-se tão criticamente sobre os vieses ideológicos das obras originais, logo, também de seus respectivos autores, por ele traduzidas? Ou quem, senão eles, os seus tradutores, estariam em igual ou melhor condição que eles? Este seria um interessante debate, mas não cabe levá-lo adiante por ora. O tradutor aqui discutido segue, no entanto, manifestando esse tipo de opinião, dessa vez, em entrevista para Daniel Benevides do sítio eletrônico Brasileiros, desferiu sua dura crítica, aparentemente sem grande apreço por esta relação entre tradutor/traduzido, em direção a Susan Sontag:

Nesse sentido, você acha que a literatura pode ter um papel social?

Acho que é mais profundo que isso. Essa sociedade em que a gente vive está cada vez mais fechada em seus próprios fins, que são produzir riquezas para concentrar e acumular riquezas. É uma sociedade irracional, nenhuma vida humana pode se apoiar nesse princípio. Para que isso sobreviva, é preciso não enxergar muita coisa, é preciso que a gente seja cegada cotidianamente, que o nosso pensamento seja neutralizado, e o mecanismo de realizar isso está em toda parte, está ali na televisão, está na arquitetura deste hotel, em tudo. A questão da literatura não é ter um papel social, mas oferecer a experiência de questionar um pouco esses mecanismos e mostrar que eles podem ser desfeitos. Considerando que a gente está se transformando em máquina, ela tem o papel de humanização. Ela ganha muito se for uma forma de conhecer a maneira como a gente vive.

Uma das pessoas que você traduziu, a Susan Sontag, tem uma frase parecida. Ela diz que os livros são uma forma de nos humanizar.

Deveriam. Mas é uma frase inocente, porque o livro cada vez mais é uma mercadoria igual às outras, e hoje é feita, na verdade, mais para nos desumanizar. Se você conseguir colocar no livro alguma coisa questionadora, aí sim, mas o livro em si...

Mas é assim que você vê a literatura contemporânea?

Não, mas o que ela está defendendo? Não é a humanização, mas o seu negócio do livro. É muito frágil o pensamento dela. Imagine uma pessoa extremamente vaidosa, que acha que é uma estrela, que tudo é imortal. Isso é um monte de bobagem, tem artigos dela que são ridículos, insustentáveis. Mas é uma pessoa muito famosa, eu fui apenas um tradutor. (FIGUEIREDO, 2015)

Na aurora do novo milênio, RF foi recém-descoberto como um possível tradutor direto do russo para o português. O poeta Carlito Azevedo, ao tomar conhecimento de sua primeva

incursão acadêmica – sua graduação em português-russo –, propõe a tradução de um texto em prosa, do poeta Óssip Mandelstam, para a revista *Inimigo Rumor* que a editora 7Letras editava na época. Como havia quinze anos que não tinha contato com o russo, não prometeu, mas lembra emocionado daquele momento: “Eu comecei a ler com uma certa dificuldade, mas percebi de cara que o negócio não estava extinto. Desde o mais elementar, do alfabeto... e foi vindo numa correria, voltando à memória. E é bonito, porque é como se as coisas não se perdessem de todo” (SCARPIN, 2010). Relembra que no início dessa empreitada, ao resgatar seu material de estudo, sentiu raiva: “Vi minha letrinha miúda de garoto e aquilo me chocou. Pensei comigo: “Estudei tudo isso e não vou aproveitar?”. A oportunidade o surpreendeu, pois, quando cursou Português-Russo, não vislumbrava que, nos anos 2000, o mercado editorial brasileiro se voltaria para traduções mais complicadas que não fossem além das habituais a partir do inglês, do francês e do espanhol (FIGUEIREDO, 2011).

À predisposição de recuperar sua intimidade com a língua e com a literatura eslava, incorpora sua satisfação pelo ensejo das traduções diretas, ao observar que “tudo que nos chega é filtrado pelo inglês. Estamos isolados e ilhados por essa língua. Procurar um contato direto com outras culturas e com outras tradições é uma experiência de autonomia.” Outrossim, RF sublinha sua influência nesses projetos realizados pela Cosac Naify, pois conta que o primeiro contato da editora com ele se deu através do poeta e editor Augusto Massi – que, ao lado de Carlito Azevedo, editou a revista *Inimigo Rumor* – “para fazer traduções do inglês, pois eu já as fazia havia dez anos. Sugeri, em troca, fazer traduções do russo” (FIDALGO, [s/d]):

Massi procurou o tradutor com um projeto megalomaniaco. “Era um catatau de 700 páginas do Henry Fielding, um escritor inglês do século XVII”, explicou Figueiredo, referindo-se à obra *A História das Aventuras de Joseph Andrews e de Seu Amigo Abraham Adams* (inédito no Brasil). Disse obrigado, mas não. Massi ainda investiu no argumento meio pilantra de que o livro era um dos preferidos de Antonio Candido, mas não teve conversa. Em contrapartida, Rubens Figueiredo sugeriu um projeto que tinha em mente: uma coletânea de contos do Tchekhov [*O Assassinato e Outras Histórias*]. Massi topou e, desde então, Figueiredo tem emendado uma tradução do russo atrás da outra para a editora. (SCARPIN, 2010)

Nos três primeiros anos, as traduções do inglês ainda eram maioria, e dedicava -se ao russo apenas nos fins de semana. Aos poucos, graças a uma remuneração fixa oferecida pela editora Cosac Naify, as encomendas para verter obras russas para o português passaram a dividir o tempo que dedica a essa ocupação meio a meio. “Isso mudou a vida dele”, revelou Augusto Massi, “porque hoje ele pode pegar muito menos traduções do inglês. Ele continua fazendo, mas põe num projeto anual uma divisão para os livros em russo (SCARPIN, 2010)”

A partir desse momento passa a fazer parte do seleto grupo dos que traduzem diretamente do russo para o português, ao lado, por exemplo, de Boris Schnaiderman e Paulo Bezerra. Além da citada coletânea de contos de Anton Tchekhov, seguem, em ordem cronológica de lançamento, os títulos traduzidos por Rubens e publicados pela editora Cosac Naify:

- *Assia* (2002), de Ivan Turguêniev
- *O Assassinato e Outras Histórias* (2003), de Anton Tchekhov
- *A gaivota* (2004), de Anton Tchekhov
- *Pais e Filhos* (2004), de Ivan Turguêniev
- *Anna Kariênina* (2005), de Liev Tolstói
- *Caixa Górkí: Infância, Ganhando o meu pão e Minhas Universidades* (2007), de Maksim Górkí
- *Kachtanka - Coleção Os Mais Belos Contos* (2008), de Anton Tchekhov
- *O Nariz - Coleção Os Mais Belos Contos* (2008), de Nicolai Gógol
- *Ressurreição* (2010), de Liev Tolstói
- *Guerra e Paz* (2011), de Liev Tolstói
- *Avenida Niévski e notas de Petersburgo 1836* (2012), de Nicolai Gógol
- *Oblómov* (2013), de Ivan Gontcharóv
- *Contos Completos Tolstói* (2015), de Liev Tolstói

Em 2010, recebe o Prêmio Paulo Rónai pela tradução de *Ressurreição*, de Liev Tolstói.

Por mais de uma década, a Cosac Naify, portanto, participou efetivamente ao lado de outras editoras para a divulgação do vasto acervo literário russo. Além de outros títulos delegados a outros tradutores, foi com os clássicos de Tolstói, *Anna Kariênina*, *Guerra e Paz* e *Ressurreição*, porém, que a editora e RF obtiveram certa notoriedade de crítica e público pelo ineditismo de traduzir para o português, pela primeira vez no Brasil, diretamente do russo obras tão caras à cultura bibliófila mundial.

Diferentemente das traduções que faz do inglês, em cada um desses livros russos, Rubens faz sua apresentação, na qual contextualiza historicamente o período em que a obra foi pela primeira vez divulgada – se, por exemplo, foi através de fascículos em outras publicações –, a situação sociocultural do país na época tanto durante sua concepção quanto a sua recepção por seus contemporâneos. Para isso, tenta ler cartas, diários, tudo que remeta a aspectos da vida pessoal do autor antes de iniciar uma tradução. Contudo lamenta e evidencia

sua frustração com a lógica do mercado editorial: “Acho que eu deveria ler mais, mas isso aqui é dirigir um táxi, entendeu? Tem que rodar (SCARPIN, 2010).” Tal descontentamento faz parte de um paradoxo motivado por outra característica observada pelo editor Augusto Massi: “É curioso que o Rubens, ao contrário do Boris [Schnaidermann], tem pouco interesse por contemporâneos, prefere trabalhos de fôlego, de longo prazo (SCARPIN, 2010).”

Assim, destaca-se a principal qualidade de seu trabalho como tradutor do russo, isto é, ao contrário de sua primeira década como tradutor efetivo, em que vertia livros e mais livros contemporâneos de língua inglesa, a literatura russa mereceu mais atenção, e fez dele um estudioso do período em que aquelas obras foram criadas. O papel social e o investimento intelectual depositado nos livros daquele recorte cultural revelaram, inclusive linguisticamente, interesses que ultrapassam a fruição como mero leitor, como demonstra seu comentário a respeito desse recente interesse pelos cânones russos:

Acredito que a literatura russa tem muito a nos dizer porque tem uma diferença de fundo em relação à literatura que se consolidou nos países ricos ao longo do século vinte. A literatura russa se relacionava com a sociedade de uma forma drasticamente diversa da forma que nos habituamos a ver como natural. Eram obras que se inseriam menos na literatura, como instituição ou mercado, e mais num debate ou numa polêmica vigorosa, disseminada pela sociedade russa, acerca dos destinos do país. Assim a dinâmica dessa polêmica e das transformações sociais em curso penetrava a fundo na concepção e na composição daquelas obras. Da perspectiva de tais obras, podemos ver de um ângulo diferente os processos que produzem e reproduzem nossa sociedade. Uma perspectiva mais aberta a questionamentos e portadora de uma crítica bem menos temerosa e acanhada. (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2011)

Recentemente, a principal motivadora de sua incursão pelas traduções do russo, a editora Cosac Naify, encerrou as atividades. Do que se tem notícia até o momento sobre a disputa do acervo da Cosac Naify, a Companhia das Letras adquiriu os direitos das traduções de RF da obra de Anton Tchekhov e Leon Tolstói.

5.2.1 As traduções dos autores russos

O trabalho de traduzir que mais influencia no fazer literário mais recente de RF é, sem dúvida, a tradução de autores russos do século XIX. Isso se deve a oportunidade de também poder correlacioná-la com a vasta experiência em traduzir autores contemporâneos de língua inglesa. Nesta parte da tese serão privilegiadas aquelas em detrimento destas, já que o estudo

aqui proposto incide no romance PFD que foi escrito enquanto RF traduzia livros russos. Por isso pensar o papel da literatura em um determinado recorte histórico cultural e envolver-se na tradução de alguns dos clássicos eslavos, mais notadamente os títulos de Liev Tolstói ajudam a compreender a singularidade desta experiência.

Retiradas de aulas, falas de congressos, de entrevistas, de conversas em encontros e das apresentações dos livros russos que traduziu, serão trazidas considerações do próprio RF sobre a tradução em geral e de seu trabalho sobre a literatura russa que merecerão comentários a respeito de suas considerações linguísticas.

Nas palavras de RF, a seguir, a dimensão temporal da significação linguística é um elemento que não deve ser menosprezado, ressaltando, assim, um aspecto da tradução que não é muito observado:

Muitos dos contos que estão nessa edição já haviam sido lançados em português. Por que retraduzir?

Acho que quanto mais traduções melhor. A tradução é uma experiência interessante porque nos dá a oportunidade de pôr em questão a ideia do caráter definitivo de uma obra, de um conto. Nada é eterno, o que importa é que o livro nos diga alguma coisa no momento em que a gente está vivendo. Toda vez que alguém se propõe a fazer uma edição crítica de um livro encontra dúvidas, variantes, soluções. E a tradução é uma oportunidade de entender de modo mais dinâmico um livro, é uma experiência, um movimento. Também é uma oportunidade de manter vivas obras que tendem a desaparecer, porque as línguas envelhecem. Há pouco tempo dois caras ingleses me surpreenderam falando: “Eu não consigo entender nada do Shakespeare”. Aí eu pensei: isso porque eles não leem traduções! Isso significa que a língua daquele autor de 400 anos está se tornando incomunicável para os falantes do inglês, mas aquele livro traduzido ganha uma vida nova para os leitores estrangeiros. É uma dimensão da tradução que é pouco observada. (FIGUEIREDO, 2015)¹⁸

Essa observação demonstra, mesmo que implicitamente, uma preocupação que ultrapassa a problemática relativa à tradução. As motivações e os efeitos das obras literárias em geral sempre estarão vinculadas a sua circunscrição histórica. Se não tematicamente, sua codificação manifestará possíveis lacunas entre os significados de determinada época anterior e as possíveis interpretações ulteriores àquela. A curiosidade ressaltada por RF, vale notar, seria a qualidade atualizadora que ele vislumbra nas oportunidades de traduzir clássicos, pois, tratando-se de uma obra consagrada, sua transformação linguística original não seria uma atitude facilmente aceitável, por parte do público, da crítica e, por fim, das editoras.

Ao ser perguntado sobre a influência da tradução do russo sobre o seu estilo, RF assume um viés que evidencia qualidades bastante próximas do romance PFD:

¹⁸ Um trabalhador braçal: Revista Brasileiros. Rio de Janeiro: [99], [out. 2015]

O trabalho de traduzir nomes como Liév Tolstói (é de Rubens Figueiredo a mais recente tradução de *Anna Kariênina*, que foi publicada pela Editora Cosac Naify), de certa forma, influencia na sua escrita, ou você já não percebe essa suposta “influência”?

Acho que a grande influência decorre da compreensão de que a literatura pode ter um tipo de relação com a sociedade diferente daquele que vemos hoje. À medida que eu lia e traduzia livros russos do século 19 e início do século 20, me dava conta de que sua força residia menos num suposto talento individual do que na vitalidade gerada pela forma como esses livros se inseriam em seu mundo. Percebi que a literatura russa se entregava às ricas polêmicas em curso em seu tempo e em seu país. As obras debatem umas com as outras tendo em vista as opções históricas abertas à sua sociedade. Os autores se empenham com afinco em manter aberta uma larga via de contato com a dinâmica social, com tudo o que esta comporta de explosivo e incerto. Nesse processo, praticamente tudo é submetido a um questionamento incisivo, a voltas e reviravoltas de pensamento e de posição, cujo acúmulo enriquece e revigora continuamente as obras. As opções artísticas de cada autor se referem às opções históricas do país e dessa forma as obras ganham o peso e a força que continuam a chamar a atenção, porque os processos históricos e os padrões de relação social, então em acelerada transformação, podem, em medida nada desprezível, ser reconhecidos como os mesmos de hoje em dia. (FIGUEIREDO, 2015)¹⁹.

A “suposta ‘influência’” parece ser esclarecida de maneira objetiva quando destacados os temas presentes nas narrativas a partir de seu primeiro livro de contos. Isso é importante na medida em que seus livros de contos e o romance *Barco a Seco* revelam, aos poucos, a evolução dessa tendência que amadureceria, por fim, em PFD.

A apresentação de temáticas condizentes ao momento da publicação dos livros russos se vale da capacidade de expressar as polêmicas vigentes despidas de um pedantismo muitas vezes emerso da valorização do talento individual. A linguagem adotada tem por finalidade a contribuição para o debate e não busca efeito estético com um fim em si mesmo. Essa característica, apesar de não declarada, também está evidente na transformação do estilo da prosa de RF, correspondendo a mais um ponto influente em PFD.

Em seus textos de apresentação das obras traduzidas, RF expõe qualidades distintas entre autores e obras ao comparar formas de descrições. Neste trecho compara dois autores cujas obras teve oportunidade de traduzir:

Em vez das descrições de paisagens impregnadas de matizes emocionais, como nas incomparáveis páginas de Turguêniev, Tolstói apresenta minuciosas e longas descrições de detalhes rasteiros e de ninharias. Em detrimento da linguagem depurada e requintadamente musical, Tolstói se esmera em frases de tom simples, até rude, e mesmo de construção quase truncada. (FIGUEIREDO, Anna Kariênina, 2017, p. 10)

¹⁹ Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011.

O exemplo em questão salienta as diferenças literárias entre dois autores que, embora contemporâneos, representam perspectivas que guardam semelhanças temáticas, contudo “debatem” sobre como expressar as questões da época. Segundo RF, essa suposta oposição não era mera diferença artística, mas um desdobramento de uma discussão social em voga.

No seu processo de tradução do russo, a pesquisa de RF se vale da comparação com outras traduções já existentes. Não apenas as já traduzidas para o português, mas também para outras línguas:

Essa tradução teve em mira preservar ao máximo tais traços, patentes no original russo. As frases longas e até dispersivas foram mantidas em sua integridade, ao contrário de outras traduções disponíveis, em língua inglesa e francesa, que as subdividem e como que as civilizam. A importância desse traço de linguagem em Tolstói pode ser atestada por um agudo comentário do escritor russo Anton Tchekhov: “Estas frases transmitem uma sensação de poder”. A frase mais longa de *Anna Kariênina* está no capítulo XV, parte V. Tem 146 palavras, no original, e discute, talvez não por acaso, os processos econômicos que geram a riqueza do Estado russo. (FIGUEIREDO, Anna Kariênina, 2017, p. 10)

Esta pesquisa também se vale de outros textos sobre determinada obra que complementam a comparação entre as traduções, possibilitando uma perspectiva crítica a RF em relação à maneira que deve ser abordado o seu procedimento tradutório. Nesse exemplo, as escolhas do tradutor sobre qual palavra ou sobre qual construção sintática seria mais adequada assemelha-se às escolhas de um escritor autoral. As formas adotadas não são decisões gratuitas, e sim dependem do contexto intralinguístico e, sobretudo, do extralinguístico.

Visto esse profundo levantamento bibliográfico sobre as obras e os autores russos – o que aparentemente não ocorre em suas traduções do inglês – RF revela, por exemplo, conhecer bem as intenções estéticas de Tolstói, bem como seu pensamento em torno da literatura publicada à época:

[...] é preciso pensar duas vezes antes de acatar as ressalvas de muitos críticos acerca das digressões sobre os historiadores e a historiografia que Tolstói enfeixou nos dois epílogos de *Guerra e paz*. Flaubert, que leu a tradução francesa enviada por Turguêniev, admirou-se muito com o romance, porém se mostrou escandalizado com essa face de Tolstói: “Mas ele filosofa!”. O fundo da questão é que Tolstói rejeita exatamente o padrão flaubertiano do romance, bem como a noção de arte que aquele padrão implica. Ou pelo menos, e com perfeita consciência do que está fazendo, Tolstói tenta encontrar um meio de resistir às normas daquele padrão. (FIGUEIREDO, Guerra e paz, 2013, p.18)

Segundo RF, essa resistência a um certo padrão literário do restante da Europa acabou por constituir, principalmente em Tolstói, a singularidade, ainda que com suas diversidades.

Por fim, referindo-se a Gontcharóv e Gógol, RF reafirma como esses traços circunstanciais que marcaram essa produção literária do final do século XIX e início do século XX, contraditoriamente potencializaram o conteúdo daquelas obras além das limitações iniciais.

Escritores concentrados no mundo russo e nas perspectivas históricas de seu tempo, suas obras alcançaram o século XX e outros países, com a capacidade de inspirar inovações e experiências literárias, como a do irlandês Samuel Beckett. Mas, na literatura russa, questões literárias estavam longe de ser apenas literárias. Há motivos para crer que agora *Oblómov* possa chegar ao século XXI, e ao nosso país, com fôlego para inspirar questionamentos renovados também sobre a maneira como encaramos a própria literatura e sua relação com a história. (FIGUEIREDO, *Oblómov*, 2013, p.12-13)

O desfecho dessa passagem demonstra como o tradutor RF valoriza a configuração daquele cenário sociocultural como uma idealização do que deve ser a relação da criação literária e o seu meio de divulgação. O ofício de sua tradução do russo para o português, portanto, deve ser encarado como extensão dos propósitos que levaram aqueles autores a escreverem seus livros.

5.3 O ficcionista

RF inicia sua produção como escritor ficcional de forma pouco convencional, segundo ele:

Eu tinha escrito três romances naquela altura da vida. Tinha publicado três romances. Humorísticos. Eram romances de humor, cômicos que tinham um enredo. E aquilo foram 9 anos fazendo aqueles livros, era novo, então cansei e resolvi fazer outra coisa, que não tivesse humor, que não fosse tão calcado na comédia e me perdi assim e não conseguia sair.... Nunca tinha escrito um conto, nunca! Vejam vocês, em geral, as pessoas começam com um conto e depois fazem romances, né? Eu tinha escrito três romances e nunca tinha escrito um conto. De tal modo que, quando eu fiz esse livro, quando o estava escrevendo, um sujeito que eu conhecia: “ué você escreveu três romances e tá escrevendo um livro de contos, daqui a pouco você vai escrever um livro de aforismos”. (informação verbal)²⁰

Seu primeiro romance, *O mistério da samambaia bailarina*, foi escrito em 1981, mas sua publicação ocorreu apenas em 1986 pela editora Record. Nos anos seguintes, publicou o

²⁰ “A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho” de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

romance, *Essa maldita farinha* e, por último, encerrando aquilo que se pode considerar sua primeira fase como ficcionista, *A festa do milênio* (1990).

Anos depois, procurando transformar sua abordagem criativa, resolveu mudar o tipo de narrativa para experimentar outras formas de narrar e as correlacionou também ao contexto histórico:

Na década de 1990 já não era como no início dos anos 1980, era outra coisa. Já tinha mudado e a gente já percebia que muitas coisas iam mudar mais ainda e não sabia o que era. Isso faz pressão sobre a gente. Essa dimensão histórica do país faz pressão sobre a gente quando escreve, mesmo que a gente não tenha consciência disso. (informação verbal)²¹

Após a interrupção de quatro anos sem nenhuma publicação autoral, RF retorna ao público com um livro de contos, *O livro dos lobos* (1994). Já com um estilo textual e temática bem distantes de seus primeiros três romances, o autor devota mais quatro anos ao gênero e publica *As palavras secretas* (1998), pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti 1999 de Melhor Livro de Conto e Crônica e o Prêmio Artur Azevedo, pela Fundação Biblioteca Nacional. Mais um intervalo quadrienal e a verve romancista retorna com *Barco a seco*, sendo novamente laureado pelo Prêmio Jabuti de 2002, desta vez na categoria Melhor Romance.

Mais ou menos nesse período começam os lançamentos de suas traduções do russo e, pelo que ele disse em um congresso sobre literatura, parece não restar dúvidas de que a interseção entre os processos de tradução e criação ficcional não contam com uma linha divisória muito clara:

A tradução é assim: quando você traduz, você está escrevendo. Tem que se fazer milhares de opções, decisões sobre o português. Você empaca com uma palavra, depois tem que voltar àquela palavra, uma série de bobagens assim, mas pra quem está traduzindo é muito importante. No caso, como calhou de eu escrever uns livros e estar fazendo tradução, diria que é quase a mesma coisa.

[...]

Então você vai escrever um livro porque você tem uma questão na sua cabeça. A questão da tradução é que, quando eu vou escrever um livro, eu estou traduzindo um problema, um pensamento, uma série de imagens, de impressões, de emoções em português. Um texto concatenado, completo, em português. E, quando estou traduzindo um livro, também tenho que fazer um texto em português a partir de imagens e impressões, no caso de um texto de outra pessoa. Mas se a fonte é diferente o processo é muito comparável. A experiência de traduzir foi muito positiva para mim. (informação verbal)²²

Quatro anos após *Barco a seco*, de volta ao conto, publica *Contos de Pedro* em 2006. Quinze anos depois do lançamento de seu primeiro livro de contos, *O livro dos lobos* é

²¹ ibidem

²² Mesa-redonda: Ficção Hoje, entrevista com Rubens Figueiredo, participação no XV ENCONTRO ABRALIC, Rio de Janeiro, 20/09/2016.

reeditado. RF aproveita para modificar drasticamente o texto original na maioria das vezes ou reescrevendo ou eliminando passagens.

Em 2010 lança, até então seu último livro autoral e objeto de análise desta tese, *O passageiro do fim do dia*. Aclamado pela crítica, o livro foi contemplado pelo Prêmio Portugal Telecom e pelo Prêmio São Paulo de Literatura, como Melhor Livro do Ano em 2011.

Esse recorte biográfico almejou constituir, com alguns dados pesquisados de várias fontes, uma unidade sobre este personagem que profissionalmente divide-se em três vias que o levam de pontos de partida diferentes a destinos também distintos. No entanto, esses percursos têm em comum “a mesma pedra no meio do caminho”, a língua portuguesa.

6 LÍNGUA E ESTILO DE RUBENS FIGUEIREDO

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
Alberto Caeiro

6.1 O estilo de Rubens Figueiredo

Não não. Papel, não. Ninguém vai falar de papel aqui. Não é coisa que se fale. Papel. Mas já reparou como tem papel por aí, espalhado, empilhado, grampeado, no mundo inteiro, um mundo de papel. Olha bem. Papel de parede, lenço de papel, papel-moeda, toda hora a gente está pegando ou olhando para um papel.

Que nem você aí parado.

E não precisa nem se mexer porque é aqui perto, bem pertinho, nessa página mesmo, que tem uma pessoa a um passo e a poucas páginas da maior complicação da sua vida por causa de um punhadinho bobo de papel. (FIGUEIREDO, 1987, p5)

Estes três parágrafos de abertura do romance *Essa maldita farinha*, de 1987, são representativos da primeira fase ficcional de RF – as outras duas obras que a compõe são *O mistério da samambaia bailarina*, de 1986, e *A festa do milênio*, de 1990. Neles podem ser observados elementos narrativos que futuramente o autor abandonaria como, por exemplo, o diálogo direto com o leitor e a referência metanarrativa ao enredo que será desenvolvido.

Esses parágrafos e o estilo nele empregado foram dignos de nota elogiosa para um outro escritor brasileiro contemporâneo. Sérgio Rodrigues tece um comentário, na sessão “Começos inesquecíveis” do seu blogue sobre literatura, dedicada a comentar *en passant* inícios de livros que, senão em sua totalidade, são pelo menos empolgantes em suas introduções:

Não conheço muita gente que concorde comigo, mas lamento que Rubens Figueiredo tenha abandonado tão definitivamente o estilo efervescente de seus três primeiros livros, “O mistério da samambaia bailarina”, “Essa maldita farinha” e “A festa do milênio” – em que brincava desvairadamente com a linguagem em farsas rebuscadas e divertidíssimas –, para se dedicar aos meios-tons melancólicos de obras como “As palavras secretas”, “Barco a seco” e “Contos de Pedro”. Sim, foi esta segunda fase, sem dúvida competente, que tornou Rubens respeitado pela crítica brasileira. Mas eu, que sempre tive medo de confundir seriedade com sisudez, confesso sentir falta de abrir um livro dele e encontrar um início empolgante como o de “Essa maldita farinha” (Record, 1987). (RODRIGUES, 2006)

De fato, RF, após a publicação desses três romances, passou a considerar essa forma de expressão insuficiente para suas novas ideias e se esforçou para se afastar desses mecanismos do binômio pensamento-escrita:

Então é interessante que às vezes a gente fica contente porque conseguiu fazer uma coisa e se esquece que aquilo que a gente fez vai cobrar um preço da gente, que ela vai querer te prender naquilo, entendeu? Muitas vezes as pessoas falam: “ah... escrever você fica livre”, eu nunca tive a sensação de ser livre sobre nada. Tudo que você escreve tá querendo constranger, coagir. Tanto quanto outras atividades. Tudo que a gente faz. [...] Da maneira como a gente vive, da maneira como é a sociedade, é assim. Inclusive essa atividade. Então para eu me desfazer daquilo, eu tive que fazer um esforço consciente e longo, que se materializou, enfim, na forma de produção desses contos, desses dois livros. (informação verbal)²³

Entre o último livro da considerada primeira fase e o primeiro livro de contos, RF, além de dar aulas de língua portuguesa, passou a receber encomendas para tradução de livros de língua inglesa. Então, ao mesmo tempo que surge o impulso de transformação de sua expressão literária, também aparece a oportunidade de refletir sobre os porquês do fazer literário, interferindo na sua concepção crítica sobre o papel da literatura:

Eu sou um leitor, bom, eu tenho 55 anos, não sou novo e eu leio desde adolescente. Então, digamos, eu já passei por várias fases da minha experiência de leitor. Não posso dizer que sou um leitor assim ou assado, porque já fui vários tipos de leitor. Então uma definição aí seria falso. Deixa de lado os livros russo que não se incluem no que eu vou dizer, pois são livros do século XIX, início do século XX e esses livros, essa literatura tinha uma relação com a sociedade totalmente diferente da que temos hoje. Como leitor, então, me surpreende ver na literatura que eu traduzo, a literatura das últimas décadas, me surpreende ver assim como os escritores não percebem o conformismo que estão incorporando a seu material, a sua concepção de literatura, ao formato do seu livro, até a suas palavras literalmente. Uma literatura com temor de ser crítica, que se rende ao mundo cheio de poder. (informação verbal)²⁴

Pelo que se entende de várias de suas falas, essa posição acrítica dos escritores contemporâneos incomoda-o tanto que se pode identificar nessa inquietude um ponto de partida para suas novas experiências ficcionais. Entretanto, RF não costuma abordar, quando critica a produção literária das últimas décadas, questões inerentes ao texto. Nas entrevistas, palestras e aulas em que foram pesquisadas para esta tese, praticamente não há nenhuma

²³ “A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho” de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

²⁴ Depoimento gravado para Encontros de Interrogação (Itaú Cultural). 2011. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/rubens-figueiredo-encontros-de-interrogacao-2011>. Acesso em: 7 set. 2014.

declaração que pontue especificamente o caráter de seleção lexical quando fala das traduções do inglês e de si mesmo como escritor autoral.

Esta questão, porém, é uma constante quando aborda seu ofício de traduzir a literatura russa do século XIX. Fica evidente a importância que confere às estruturas da língua, desde a palavra até a sintaxe, nas apresentações dos livros que traduziu:

Esta tradução, feita diretamente do original russo, teve o propósito de preservar, o mais possível, os traços linguísticos relevantes para o autor. Entre eles estão as repetições de palavras, expressões e estrutura sintáticas. Por exemplo, no tomo I, segunda parte, capítulo VIII, a palavra “ponte” é repetida com proposital insistência, durante uma batalha que ocorre numa ponte. É o caso também dos períodos de longo fôlego, que por vezes beiram o truncamento da sintaxe – como se a prosa reproduzisse as hesitações do próprio pensamento. Ou a maneira como Tolstói às vezes distribui a fala dos personagens e a intervenção do narrador nos diálogos, optando por caminhos bem diversos dos que usaríamos hoje em dia. Além disso, há o cuidado em marcar as diferenças sociais por meio do linguajar dos personagens. Também nesses aspectos, Tolstói se esforça para não se submeter à norma estilística dominante de seu tempo, tanto a que vigorava nas chamadas belas-letas quanto aquela que prezava a escrita funcional e eficiente. (FIGUEIREDO, Guerra e paz, 2013, p.19-20)

Esse comentário sobre a obra de Tolstói retrata, exemplarmente, muitos dos traços estilísticos que RF parece ter considerado para rever quais decisões deveria adotar em sua trajetória ficcional, não no sentido de endossar e, conseqüentemente, aplicar as premissas de Tolstói de mais de um século atrás nos dias de hoje.

Um claro exemplo que distingue bastante a renegada primeira fase de RF de sua produção subsequente é o que ele reconheceu em Tolstói como sendo “o cuidado em marcar as diferenças sociais por meio do linguajar dos personagens”. Nos três primeiros romances, esse cuidado existia, mesmo que de forma relaxada ou humorística.

Como informa o DHe, o jargão ou a linguagem gíria é uma modalidade que revela certos vícios linguísticos e pode indicar um conhecimento imperfeito de uma língua. Contudo este recurso estilístico contribui quando observamos o uso de palavras ou expressões em um contexto estético de elaboração literária e, como para Tolstói, foi relevante para a caracterização dos personagens de RF.

No entanto, ao comparar as duas fases de RF, pode se dizer que o julgamento do autor levou em consideração uma das principais características deste mecanismo expressivo: o fato de uma linguagem recheada de jargões ter a capacidade de incluir um grupo de falantes e excluir o restante. Quando uma comunicação entre duas ou mais pessoas conta com uma grande quantidade de termos metaforizados ou neológicos, ela pode estabelecer o seguinte quadro: o falante, ao se expressar assim, ou quer reconhecer se o outro é capaz de decodificar

aquela mensagem, em busca de uma identificação, ou o avesso disso: o objetivo do falante é poder se expressar de maneira difusa, excluindo o outro.

Esses efeitos que foram, em determinado momento, importantes para Tolstói e também eram assim considerados por RF, mas aos poucos, na prática como contista, desapareçam de suas obras completamente. Em estudo sobre a utilização do jargão na literatura Peter Burke destaca que, até o século XIX, os jargões foram estudados como curiosidade, sendo perscrutados até por escritores como Cervantes, Balzac, Dickens e Victor Hugo. No que diz respeito a um olhar mais rigoroso, Peter Burke assinala que

[...] com o surgimento da Lingüística como disciplina acadêmica, o estudo dos jargões e gírias de todos os tipos tornou-se mais profissional. Diversas obras clássicas nessa área remontam ao início do século mais ou menos. [...] Parece que o estudo do jargão dos delinquentes, que atraiu a maior parte das atenções, ainda não era considerado muito respeitável [...] Mesmo assim, as frequentes reimpressões de alguns dos principais estudos sugerem um crescente interesse público, dos anos 1920 até o presente, por gírias e jargões de todos os tipos, definidos como “parasíticos”, ou como línguas “parciais” – em outras palavras, um suplemento ao vernáculo, não uma alternativa a ele.” (1997, p. 12)

Quando Burke diz que essa linguagem é tida como um suplemento ao vernáculo e não uma alternativa a ele, se refere especificamente a estudos que se baseiam na utilização desta linguagem referente ao uso (ou à fala), comum e cotidiano. No entanto, na elaboração de textos ficcionais, cabe alertar para a inversão dessa valorização. Um escritor, como Tolstói, faz-se valer desse recurso como uma alternativa oferecida pelo vernáculo para conseguir efeitos em sua criação, mesmo considerando toda a problemática já debatida sobre as possíveis dificuldades de interpretação, bem como o fez RF em sua primeira fase.

Parece ser, portanto, a possibilidade de falha na comunicação o motivo para RF abdicar desse recurso estilístico gradativamente. O jargão ou a gíria, por trazer consigo marcas individuais, como características que possibilitam a mudança ou acréscimo de sentido de uma palavra ou até mesmo a criação de uma nova palavra a partir de traços fonéticos da língua ou de aspectos regionais da cultura, perdeu o seu valor, pelo menos no que diz respeito ao aspecto autoral. Afinal, os falantes de uma determinada língua não têm necessariamente o compromisso de analisá-la.

Complementarmente, ao pesquisar sobre as posturas ideológicas do autor russo em relação ao papel da literatura e da arte em seu ambiente histórico, RF dá novamente indícios de como este trabalho de tradução comprometido com uma pesquisa histórica veio a influenciar suas escolhas estéticas:

Num comentário a *Guerra e paz*, Tolstói ponderou que as obras mais relevantes de autores russos não se subordinavam ao formato dos modelos literários europeus. Ele mesmo admitia que seu livro não era um romance, nem um poema, nem uma crônica histórica, mas “aquilo que quis e pôde expressar seu autor, na forma em que foi expresso”. Desde jovem (e não só na velhice, como tanto se repete), Tolstói teve sérias reservas quanto à literatura e à arte prestigiosas entre a elite russa – cujo modelo estava configurado na arte europeia. Como escreveu na época de *Guerra e paz*, não lhe agradava a forma canônica do romance “com começo intrigante, crescente complicação do interesse e desfecho feliz ou infeliz, depois do qual o interesse da história desaparece”. Em detalhes de composição dessa ordem, Tolstói enxergava na arte a presença de um profundo compromisso com as relações sociais vigentes. (FIGUEIREDO, 2013, p.17-18)

As duas referências, a primeira, de cunho linguístico-discursivo, e a segunda, artístico-ideológico, fundamentam a busca estética de RF desde seu primeiro livro de contos até o seu último romance, PFD. A influência dos seus trabalhos como tradutor, do inglês e do russo, cada um ao seu modo e que, ao mesmo tempo, servem para reavaliar suas decisões como ficcionista contemporâneo enfim demonstra-se como uma constatação inevitável.

Extraír, enfim, marcas textuais das traduções que, por ventura, poderiam ou deveriam ser reencontradas no seu texto autoral não é o objetivo em questão. Vale ilustrar, contudo, com quatro passagens da apresentação de *Anna Kariênina*, o olhar do tradutor para um aspecto que se pretende investigar na análise:

O leitor notará, também, a frequente repetição de palavras, em numerosas passagens do romance. Outras traduções o evitam, com o socorro de sinônimos. Mas a repetição é tão insistente que não cabe supor um descuido do escritor. Ao contrário, os rascunhos, as provas tipográficas e o testemunho da esposa – que todas as noites passava a limpo o difícil manuscrito de Tolstói – dão notícia de como ele reescrevia cada página à exaustão. (FIGUEIREDO, 2017, p. 10)

Vale a pena citar algumas passagens, entre muitas. No capítulo XXI, parte V, a palavra “agora” se repete cinco vezes num parágrafo de poucas linhas. O efeito, muito claro, é de sublinhar o peso daquele instante, e também de prolongá-lo. No capítulo XXIX, parte V, a palavra “encontro” se repete cinco vezes num breve parágrafo, como que para sujeitar tudo o mais às esperanças que Anna depositava no encontro que ia ter com o seu filho, a quem estava proibida de ver. No capítulo IX, parte VII, a palavra “retrato” se repete oito vezes, enquanto Liévin contempla um retrato pintado de Anna, segundos antes de vê-la ao vivo, pela única vez em todo o livro, como se a figura de Anna já não estivesse apenas nela mesma, na pessoa viva. (FIGUEIREDO, 2017, p. 10)

A técnica da repetição em Tolstói, que aliás não se limita a palavras isoladas, adquire um significado mais pleno se a associarmos ao que foi comentado mais acima, a respeito da arquitetura do romance. Pois a repetição faz parte de um esforço geral de alcançar um tipo especial de coesão: uma coesão que não esteja subordinada, necessariamente, a uma simetria ou a uma trama. (FIGUEIREDO, 2017, p. 10-11)

Vêm ao caso, aqui, as frases de sintaxe arrevesada, que buscam também formas próprias de coesão, alheias ao balizamento da convenção gramatical. Tolstói chegou a dizer: “Gosto do que chamam de incorreção. Ou seja, aquilo que é característico”. Esta tradução fez o possível para não desvirtuar o efeito brusco da composição de

certas frases de Tolstói. Um exemplo digno de nota – e que outras traduções preferem emendar – se encontra no capítulo XII, parte VII, onde há uma longa frase interrompida duas vezes por comentários entre parênteses. O efeito é antes o de alguém que pensa em voz alta que o de um escrito que compõe seu texto. Um efeito, aliás, muito comum e muito significativo na prosa de *Anna Kariênina*. (FIGUEIREDO, 2017, p. 11)

A repetição, principalmente, é uma técnica deveras observada por RF em Anna Kariênina de Tolstói.

6.1.1 Os primeiros romances

Esta sessão é dedicada aos três primeiros livros. Ela contará com a apresentação de trechos, de modo que evidenciem o aproveitamento das particularidades da expressão linguística e as abordagens narrativas. O intuito é demonstrar os traços estilísticos que marcaram o ponto de partida como romancista de RF de maneira que sirvam para comparação com suas criações futuras.

Como os três romances adotam ações e narrativas similares, não haverá um arrolamento pormenorizado das três obras. *O mistério da samambaia bailarina* (1986), por exemplo, apresenta uma série de ações e cenas insólitas que se repetem com algumas variações nos outros dois romances – *Essa maldita farinha* (1987) e *A festa do Milênio* (1990) – e, por isso, a seguir, decidiu-se por destacar uma pequena resenha dele.

O primeiro romance narra as peripécias de Ivan Guerra, um advogado carioca de 35 anos, na cidade do Rio de Janeiro. Traços de novela policial *noir*, contraditoriamente sob o forte sol habitual da cidade, e uma linguagem carregada de humor – também observada nos outros dois romances – constituem as principais características dessa narrativa cheia de mistérios. Um deles dá título ao romance. Coincidem, para a intriga que atrai o protagonista, uma carta para um desconhecido ex-morador do imóvel em que reside e a investigação sobre um cheque devolvido por um de seus clientes. A sua boa vontade em encontrar o destinatário daquela correspondência e a obrigação advocatória conduzem-no a um caso em que ambas as causas se veem, por fim, imbricadas. Ao longo do livro são narrados assassinatos, cenas de violência e perseguição, que no final descobre-se estarem todos relacionados a uma rede multifacetada por diversos interesses político-econômicos globais: um projeto de mineração no estado de Rondônia – financiado por um programa de economia mista do governo, isto é,

com participação estatal e privada – acoberta o contrabando de diamantes para Antuérpia, na Bélgica, local de comércio da preciosa gema por judeus ortodoxos, cujos lucros vão para Israel, onde são investidos nas forças militares convencionais e não convencionais. Enfim, o objetivo rocambolesco, denunciado por Afonso Farah, o destinatário oficial da carta extraviada e provável membro da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), é:

“Originalmente, a segurança do Estado de Israel. Mas isso se complicou de muitas maneiras. O medo fez as coisas crescerem e saírem do controle, os interesses se complicaram, os objetivos se confundem cada vez mais e as ações ficam cada vez mais absurdas e difíceis de entender”.

Personagens caricatos e a pluralidade narrativa, como o cão, Espírito de Porco, que rouba as cenas, descrevendo do seu ponto de vista canino (em latim!) as passagens do apartamento de Ivan Guerra, compõem a história divertida e perturbada pelos aspectos de denúncia, mas que no fim, apesar do incômodo provocado na rede de contrabando por seu protagonista, não altera o estado das coisas.

As histórias dos três romances, enfim, têm em comum a gradual revelação de uma intriga que comporta um esquema arдил, fraudulento ou corrupto com contornos policiais, mas desbravados por civis através de uma série de ações esdrúxulas. Tudo isso expressado por um texto bastante humorístico.

RF, atualmente, não reconhece positivamente esses três primeiros livros. “O pessoal achou engraçado, mas eu não aguento mais não”, diz o autor. A seguir, ele justifica as motivações que o levaram a escrevê-los e, concomitantemente, as razões para desprezá-los.

É uma época que estava assim terminando a ditadura militar, ou civil militar, como dizem os mais precisos. [...] Mas era terminando esse período e eu era muito jovem ainda, muito cabeça oca, mal informado, mais do que hoje. [...]. Mas eu tinha essa cara de pau, esse ímpeto de escrever, de fazer. Jovem tem essa gana e é bom que tenha. E, é como você disse, reflete essa vontade de desbunde. [...]. E eu entendo o que você disse que o humor é mais distendido, uma certa irresponsabilidade, num sentido bom, digamos assim. Ser juvenil, você não ter que responder a ferro e fogo, você dizer uma coisa e depois dizer: “não, é só brincadeira” Você faz uma piada de mau gosto, preconceituosa: “não, é só brincadeira” e essa passa. Digamos, o humor é uma concessão à seriedade, você abre mão um pouco de seriedade e aí é isso que eu não queria. [...] (informação verbal)²⁵

Mesmo com essas características que os coloca dentro de um grupo específico em sua produção, RF transformou certas características narrativas. O crítico Luiz Costa Lima dedicou

²⁵ “A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho” de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

três textos sobre a produção de RF que foram coligidas em *Intervenções* (2002). Mais exatamente em *Uma obra em construção*, ele faz apontamentos valiosos para se entender onde os três primeiros romances se encontram e se distanciam entre si.

Para um jovem escritor, Rubens Figueiredo tem uma bagagem considerável: três romances [...] e uma coletânea de contos [...]. Sua leitura conjunta evidencia diferenças e constantes. As diferenças são mais explicáveis: havendo começado muito jovem, prova seu empenho a sensível melhora do segundo romance. A construção de *O Mistério* se assemelhava à montagem cinematográfica: sequências *a priori* desconexas são reunidas pelo relato, que as combina e as faz fluir. (LIMA, 2002, p. 285)

O crítico literário se detém nas características da construção dos romances, destacando as divisões do livro. Em *O mistério da samambaia bailarina*, os capítulos são numerados e não são intitulados, corroborando as “sequências *a priori* desconexas”.

Isso muda em *Essa maldita farinha*: em vez de blocos de sequências, tendem os capítulos a formar minirrelatos, potencialmente autonomizados. Embora, do ponto de vista da leitura, o efeito seja *grosso modo* semelhante – para que sejam parte de um romance, os capítulos precisam se combinar a fim de que a narrativa adquira um centro de gravidade – uma diferença aponta: ao menos um dos capítulos, com um pseudotítulo latino “*Eiusdem farinae*”, se libera do enredo geral e ganha com a independência. (LIMA, 2002, p. 285)

No seu segundo romance, Lima aponta as pequenas mudanças ocorridas do primeiro romance para o subsequente, mas que mesmo assim não se configura em uma construção narrativa completamente distinta. Adiante, ao analisar a forma de *A festa do milênio*, repara a mescla dos dois modelos utilizados por RF em seus dois primeiros romances.

Em *A Festa do Milênio*, não retorna a montagem, nem se nota o crescimento da fragmentação potencial do relato. O enredo seria mesmo de tipo linear se a ação não se deslocasse temporalmente, para antes ou depois e não passasse do foco de visão deste para o daquele personagem. Quase *plano*, o relato cobre o curso de poucos dias: desde o sequestro até o reaparecimento do jornalista cuja curiosidade desperta a máquina da intriga. É certo que, outra vez, há capítulos que se autonomizam – destacaria alguns dos comicamente excelentes monólogos de Deus. (LIMA, 2002, p. 286)

Lima exemplifica, a seguir, uma característica literária que provavelmente parece também incomodar o próprio autor, visto suas declarações e, mais ainda, as transformações adotadas nos seus outros livros, levando-o a rechaçá-la publicamente, tanto a sua própria produção quanto os livros de língua inglesa que traduz: a ideia de que uma história tenha todos os seus pontos interligados ou questionamentos respondidos.

É aqui que se localiza a razão contraposta dos minirrelatos autonomizáveis. Usando as palavras de um dos personagens de *A Festa*:

O universo é um só criptograma, e viver consiste em um processo contínuo de produção criptográfica (Figueiredo, R.: 1990,197)

A frase sintetiza a maneira como Figueiredo vem tratando sua *idée fixe*. Nos três romances, os pontos tendem a convergir tão completamente que afinal o relato adquire a mais absoluta homogeneidade. É o que chamaríamos *criptografia simetrizante*. Contra a simulação envolvente, a escrita da literatura assumiria o papel de denúncia. Na maneira contudo como ela se perfaz estará talvez sua falha: os diversos acidentes de tal modo se interligam e encaixam que o leitor passa a ler o romance como... uma simulação; algo que reproduz o interesse divertido que a mercadoria-romance deveria provocar. Deste modo a ficção perde sua força crítica e se transforma em forma de lazer. (LIMA, 2002, p. 287)

Lima é um teorizador literário e, como de praxe, limita sua análise às características narrativas, importantes para a nossa compreensão, porém não são completamente satisfatórias para o que se pretende nesta tese. Ele sequer resvala nos traços linguísticos para concretizar seus pontos de vista.

Em face da diferenciação entre esta fase – os três primeiros romances – e a seguinte – sua incursão como contista e os romances posteriores – cabe, então, considerar o aspecto linguístico desses três romances, trazendo alguns exemplos marcantes que não constariam mais na sua obra.

A seguir, listo alguns trechos de *Mistério da samambaia bailarina* e seus respectivos comentários linguísticos:

- a) A contextualização das ações da narrativa em reais e precisas localizações geográficas é um traço que desaparece aos poucos ao longo das publicações seguintes. Muitas figuras de linguagem são utilizadas, como, neste caso, a prosopopeia.

Ivan salta na Praça XV e sobe a Rua Sete de Setembro onde, em um daqueles gigantes congelados de mil olhos de vidro fumê, fungando pelos aparelhos de ar-condicionado – cem narizes escorrendo – ali na barriga do gigante, perto da Avenida Rio Branco, fica o seu escritório. *O bunker* de Ivan Guerra. (MSB, p. 17)

- b) A predicação metafórica afetadamente humorística, em que a descrição fisionômica é composta por dados reconhecidamente da cultura pop.

O nariz tinha a assinatura do calcanhar do Bruce Lee. (MSB, p. 33)

- c) Uma comparação que, contrariamente à prosopopeia, animaliza os seres humanos. Além do contexto de uma cena passageira da narrativa ensejar os elementos que constituem o processo metafórico, o campo semântico concernente a uma instituição financeira serve para comparar a forma com que a personagem recebia os comentários indiscretos.

Acontece que todos os clientes dali tratavam ela com frieza, mal abriam a boca, mal olhavam para a cara dela, e ela não era nada feia. Nos outros bancos onde tinha trabalhado cansou de ouvir bobagens e ver sorrisos insinuantes como a tromba de um elefante. Tudo ela ia depositando na caderneta de poupança do seu ego. (MSB, p. 41)

- d) Uma comparação redundante reforça a crueza do gesto implicado.

A mão dele tirou o cheque do bolso igual uma mão tira um cheque do bolso. (MSB, p. 46)

- e) A aliteração de consoantes – a letra *v* – e a assonância da nasal *n* incidindo em diferentes posições no vocábulo.

Ivan, Vânia, noivo, novidades. Nervos. (MSB, p. 54)

- f) A utilização de estrangeirismos para um aproveitamento humorístico. Nesta passagem, provoca a ressignificação de uma expressão consagrada pelo senso comum – alguém famoso do gênero *rock* –, resgatando sua tradução literal.

Por trás das cortinas das janelas, o sol já fazia a sua dança pirotécnica no céu. O sol, uma rocha incandescente, um rock star? (MSB, p. 62)

- g) Aspectos gráficos para enfatizar uma expressão.

Nagib não podia suportar sem reação essa tirada no estilo mamãezona meudeusomeufilhoqueandafazendoaí! da tia Alma. (MSB, p. 82)

- h) Uma série de onomatopeias ocorrem no primeiro romance. Nos outros dois também ocorrem, mas com menor frequência.

BLAM! > porta fechando

(MSB, p. 7)

ffffffffffffffffffff... hhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh... > inspirando e expirando
(MSB, p. 29)

nhéééééiiiiinn... nhéééééiiiiinn... > porta de um móvel rangendo
(MSB, p. 51)

PPRRRRRRRTTFFPRRUUMMTTCCHHHTACSSS! > bateria de rock
(MSB, p. 55)

Vapt! Vapt! > vassoura
(MSB, p. 74)

Em *Essa maldita farinha*, com o protagonismo de alguns personagens jovens e rebeldes da classe média do Rio de Janeiro, RF explorou o vocabulário corrente desse grupo social.

– Oi, Ney. E aí? Isso aqui tá mal hoje. Esse museu de cera tá é no fim. Tava ali daquele lado, naquela calçada, uma droga. Não acontece nada. Um nhém-nhém-nhém fudido. Vim pro lado de cá ver se melhora. Já tava ficando deprimido. Foi bom você chegar.

Essas palavras eram rotina para ouvidos frequentadores daquela esquina, a cada noite tão repetidas quanto o refrão de uma música vagabunda a cada dez compassos.

– Tô vendo. A gente sente o cheiro da depressão que sai desse lugar a dois quarteirões daqui. Mas eu não vim pra levantar moral de viado. Eu quero é beber, seu babaca filho da puta. E dar uma olhada no que a porra desse mercado de escravas tem pra oferecer hoje. Essas prateleiras de buceta.

– Ah, eu sei por quem palpita esse teu coraçãozinho cheio de bosta. Você me dá pena, sabia?? Dá pena ver você com essas esperancinhas de otário. Olha, nessa feira não tem nenhuma escrava de olhos vesgos. Eu juro, seu puto. Escuta o que eu tô dizendo, viadinho de merda.

Palavras de amizade. Pela gramática deles, aquele era o tratamento usado apenas entre os melhores amigos. (EMF, 1987, p. 34)

Como está explicado no último parágrafo do trecho, os termos chulos usados com grande frequência pelos personagens Ney e Gilberto são, entretanto, formas de tratamento que, paradoxalmente, comprovam o afeto entre eles. O difemismo é uma figura de linguagem em que se emprega deliberadamente expressões depreciativas para se referir ao objeto ou à pessoa. A expressão disfêmica, portanto, às vezes assume uma qualidade afetiva, uma vez que a expressão, quando contextualizada, é usada humoristicamente em tom de brincadeira.

Ainda em *Essa maldita farinha*, RF explora outras possibilidades expressivas da língua através da editoração. No romance, a mãe do protagonista, um professor de português chamado Fortunato, gosta de usar a máquina de escrever do filho. Ao longo do romance, quatro curtos capítulos do livros são baseados na dificuldade da digitação da mãe à máquina de escrever.

Figura 6 – Página do romance *Essa maldita farinha*

7

A Máquina de Escrever

prtrewqazxcvbnmjkl úúúúúú! Ah, como eu gosto de bater na máquina do meu filho. Ele não gosta. Fica zangado. Acha que eu vou quebrar. Que bobagem. Só porque eume enrolo um poucpc com essas teclinhas e erro às vezes. Ele tem mania desse negóci deerro. É professor de português. Só benho bater quandp ele sai pra dar aula. Tão probrinho, coitd. Eu bem quequeriaq ue ele fosse alguma dessad coisas que dá dinheoro fácil. Azar. Gosto mesmo é de ouvir esse barulhunhotectec. A gente opde secrever qualquer cuisa, uma babagem qualquer, mas fica tudob onitinho, arrumado, parece até que temuma coisa importante nopapel. E tem uns desenhos engraçados §§ £ & ° e tamb´m \$\$ % =. Meu folho não gosta. Tomara que se case comuma dessas alumas ricas para quem dá aula. Meu marido é paosentado, não liga pra nada. Puxa, boa sorte pra todos eles! Ponto de exclamação. Pelo mrenos eu bato a máquina cada vez melhor. Mas meu filho não gosta. E a máquina é dele. É a vida.

Fonte: FIGUEIREDO, 1987, P. 26.

Os erros de digitação e a tortuosa diagramação são os recursos básicos para conferir traços metalinguísticos sobre o próprio texto da narrativa pois, ao opor a clareza do texto da narrativa contra um de difícil decodificação, RF ressalta qualidades da formalização linguística quase nunca evidenciadas em textos ficcionais. Os trechos são compreensíveis, mas não são facilmente decodificados.

Por fim, em *A festa do milênio*, o enredo conduz os personagens a uma faculdade de Letras, à procura de um professor de Hebraico para poderem acessar a mensagem que está contida em um envelope.

Figura 7 – Página do romance *A festa do milênio*

26

עמים רבים ואמרו לכו ונעלה אליהם ונעלה אליהם ונעלה אליהם
 אליו יעקב וירטו מדרקיו ונקמה בארחתיו כי מעיון
 4 תצא תורה ודבריהם מודשלים: ושפט בין הגוים
 דווקא לעמים רבים וכתבו תרבותם לאתים ורעיונותיהם
 למזמרות לאישא גוי אלמלי תרב ולא ילמדו עוד
 5 מלמדה: בית יעקב לכו ונקמה באור דעה: כי
 נשטה עמל בית יעקב כי מלא מקדם העגים כפולשתים
 7 ובגלדי נקרים ישפיקו: ותמלא ארצו כסף וזהב ואין
 קנה לאצרתיו ותמלא ארצו סוסים ואין קנה למרקבתיו:
 8 ותמלא ארצו אלילים למעשה ידיו ישפחו לאשר קשו
 9 אצבעתיו: וישח אדם ושפלאש ואלישא להם:
 10 בוא באור והקמן כעפר מפלי פחד ודעה ומחנה נאני:
 11 עני נבנות אדם שפול ושה רום אנשים ושגב דעה
 12 לבנה ביום הרוא: כי אם לדעה אבאות על כלי
 13 נאה ורם ועל כלינשא ושפול: ועל כליארץ הלבנון
 14 הרמים והשאים ועל כליאלוני הקשן: ועל כליהקרים
 15 הרמים ועל כליהקעות הנשאות: ועל כליהמל נכה
 16 ועל כליחומה בצורה: ועל כליאניות תרשיש ועל כלי
 17 שכנות החמה: ושה נבנות האדם ושפול רום אנשים
 18 ושגב דעה לבנה ביום הרוא: והאילים כלייל וקלי:
 19 וקאי במערות צרים ובמחלות עפר מפני פחד ודעה
 20 ומחנה נאני בקופו לערץ הארץ: ביום הרוא ישלך
 האדם את אליו כספו ואת אליו והבו אשר עשרלו
 21 להשתחות לחפר פרות ולעשלים: לבוא בקרנות
 22 הארץ ובקעפי הסלעים מפני פחד דעה ומחנה נאני
 בקופו לערץ הארץ: תרלו להם מדהאדם אשר נשמה
 באפו כי כנה נחשב הוא:

155

Fonte: FIGUEIREDO, 1990, P. 155.

Além de vários comentários sobre línguas – “Línguas assim não morrem. Se aposentam” (p. 153) – e sobre linguistas – Saussure “estudou enormes quantidades de textos latinos, e também gregos, germânicos, e até em sânscrito, nunca publicou nenhum resultado de toda essa trabalhadeira” – nos capítulos adjacentes, o capítulo 26 é constituído por uma página preenchida completamente por caracteres hebraicos, uma outra língua e um outro alfabeto.

Excluindo os seus leitores fluentes em hebraico, o recurso empregado é uma transgressão linguística e gráfica radical. Não é possível afirmar que o próprio autor não saiba interpretar, mas a intenção dessa página no meio do romance é de provocar um efeito visual, como a de uma ilustração abstrata.

Esses são alguns poucos exemplos dos traços estilísticos de RF em seus três primeiros romances. É necessário reforçar que o traço humorístico depreendido de todos esses e outros recursos linguísticos e os aspectos narrativos assinalados por Luiz Costa Lima contribuem para um estilo específico de RF que seria abandonado completamente em seu seguinte livro.

Essa característica constitutiva aparece na primeira página de seu primeiro romance, *O mistério da samambaia bailarina*, passando por todas as páginas e, provavelmente, por todos os parágrafos e desaparece após a última página do terceiro romance, *A festa do milênio*.

6.1.2 A transformação estilística a partir dos contos

O conto tem como primeira e principal diferença a univalência:

contém um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, enfim, uma única célula dramática. Todas as demais características decorrem dessa unidade originária: rejeitando as digressões e as extrapolações, o conto flui para um único objetivo, um único efeito. O passado anterior ao episódio que nele se desenrola, bem como os sucessos posteriores não interessam, porque são irrelevantes. Quando, porventura, importa mencionar acontecimentos precedentes, o contista sintetiza-os em escassas linhas. Tudo sucede como se, na existência das personagens, apenas aquele incidente é que alcançasse densidade para fugir ao anonimato. E, fechado o parêntese em que se constitui a narrativa, a vida das personagens regressaria à opacidade que abandonara por um momento fugaz. (MOISÉS, p. 101)

Como contista, a opção por outra forma narrativa reconduziu sua verve criativa não só pelas trilhas de um experimentalismo nos temas escolhidos, mas também pela sua maneira de exprimi-los.

E foi fazendo contos que eu consegui achar um caminho para escrever uma coisa diferente daqueles três romances. Então é interessante, na minha experiência - por isso que falei que era algo pessoal que pode ter interesse -, eu digo o seguinte, o conto serviu como um momento de experimentação e uma situação concreta que permitiu que eu desarmasse alguma coisa que estava muito enraizada em mim, que ela tinha que ser desmontada pra eu poder sair daquele mundo dos meus três primeiros livros. Pra sair daquilo, então eu tinha que procurar alguma brecha, alguma abertura e aí foi o conto, a forma do conto, o formato que me permitiu encontrar isso. De tal modo que eu fiz muito lentamente esses contos, fiz um segundo livro de contos (*Palavras Secretas*) e em seguida fiz um romance, que era diferente dos meus primeiros romances. Eu acho que a redação dos contos durante alguns anos, uns seis ou oito anos, esses dois livros de contos me permitiram amadurecer, elaborar uma nova perspectiva, um caminho pra mim, diferente do que eu havia feito antes. Então interessante que às vezes a gente fica contente porque conseguiu fazer uma coisa e se esquece que aquilo que a gente fez vai cobrar um preço da gente, que ela vai querer te prender naquilo, entendeu? (informação verbal)²⁶

²⁶ "A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho" de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

Para exemplificar as mudanças no texto na reedição de *O livro dos lobos* 15 anos após o seu lançamento, expor-se-ão dois textos referentes a mesma passagem do conto *Alguém dorme na caverna*. A referência serve apenas para ilustrar a drástica transformação do texto e não será submetida à análise estilística. No primeiro segmento destacam-se em itálico todos os termos que foram mantidos exatamente iguais, isto é, as opções lexicais com as mesmas flexões. Quando há substituição sinonímica dos termos não há destaque, bem como não são sinalizados os deslocamentos de orações na ordenação do texto.

O cabelo de Raquel ainda estava molhado. Lentamente, pus minha boca e meu nariz atrás de sua orelha. Ela não se mexeu. Os lobos diante de nós. Corri os lábios na sua pele, um dois centímetros enormes. Respirei pelos seus poros. Descobri uma penugem macia na pele que desce abaixo da orelha, por trás, na direção da mandíbula. Com a ponta da língua, provei a suavidade daquela ilha de cabelos. Resvalando de leve com os lábios, mal tocando em Raquel, minha respiração era uma penugem ainda mais tênue. Senti que o impulso de um arrepio atravessava o corpo de Raquel, uma reviravolta na sua pele. Ela não se mexia.

A frescura do seu cabelo molhado tocou um centímetro da minha pele, frio, em algum ponto da bochecha. Outra mecha refrescante deslizou como um dedo na minha testa, deixando um rastro úmido, uma memória que ia se evaporar com o meu calor. Raquel não se mexia, mas seu cabelo de algum modo me acariciava. Os lobos a poucos metros de nós. Cochichei, sem saber por quê:

— Agora somos dois casais. (FIGUEIREDO, 1994, p. 42)

A seguir, a mesma passagem do conto com as modificações do autor:

O cabelo de Raquel ainda estava molhado. Devagar, pus minha boca e meu nariz atrás da sua orelha. Ela não se mexeu. Os lobos diante de nós. Corri a boca na sua pele, um, dois centímetros. Respirei pelos seus poros. Descobri uma penugem macia na pele abaixo da orelha. Minha boca só resvalava, mal tocava em Raquel. Seu cabelo molhado colou na minha bochecha. Um frescor, uma memória que ia evaporar com o meu calor. Senti um arrepio em Raquel, uma reviravolta na sua pele. Ela não se mexeu.

Os lobos a poucos metros de nós. Cochichei, sem saber para quê:

— Olhe. Isso é um casal de lobos. (FIGUEIREDO, 2009, p. 42)

A principal evidência da mudança é notável ao olhar: a diferença do tamanho entre as passagens. Além disso, as diferenças estéticas entre elas também são marcantes. Como pode ser observado sobre as marcas típicas deste gênero na definição a seguir, algumas características concernentes ao formato do conto foram assumidas por RF desde a primeira edição outras foram incorporadas quando o reescreveu:

No tocante à linguagem, o conto prefere a concisão à prolixidade, a concentração de efeitos à dispersão. E como a ênfase é colocada antes na ação que as personagens, antes no conflito que nos participantes, o diálogo predomina na trama do conto. A narração, por sua vez, representa papel menor: aparece para abreviar o desfile de

acontecimentos secundários ou anteriores à ação principal. Paralelamente, a descrição de seres e coisas tende a segundo plano: excetuando-se narrativas centradas na atmosfera ou ambiência, a descrição prima pela economia. Quanto à dissertação, no geral se ausenta do conto, pois a sua inclusão pode tornar-se excrescente, mas comparece na medida em que o conto se aproxima da fábula ou do apólogo. (MOISÉS, p.101-102)

O autor abordou as transformações dos contos de o *Livro dos Lobos* revelando certo desdém sobre a sacralidade atribuída às obras já publicadas em geral:

Então, eu tô trazendo isso aqui porque às vezes a pessoa até me pergunta: “você fez o livro e depois escreveu de novo, como é que pode?” Por que que a pessoa pergunta isso? Porque ela tem o pressuposto de que, uma vez você escreveu e publicou aquilo, é o livro está pronto, você não vai mexer naquilo aquilo é algo que existe no mundo como o Pão de Açúcar, está lá na beira... ninguém vai mexer, entende? E não é assim. Essa atividade aí não é da natureza. Ela é coisa da nossa cultura, da nossa vivência, da nossa experiência de viver, isso muda, é dinâmico. Existe uma coisa que pode interromper isso que é o autor morrer, aí ele não pode mais mexer, mas outra pessoa que quiser pode fazer isso também. (...?) Não é uma coisa menos autêntica do que outra, mais ou menos legítima... nós falamos aqui em original, mas isso é muito relativo. (informação verbal)²⁷

RF publicou, até reescrever esses contos, o livro *As palavras secretas*, em 1998, em que aprofundou as temáticas do livro anterior de maneira a apresentar algumas mudanças:

Em *As palavras secretas*, o cotidiano indica menos as grades de algo sólido e restrito do que um território poroso, a cujo subsolo os personagens são levados a descer ou de cujos limites são passíveis de se desviar. Em vez de um aí duro e impenetrável, uma quase natureza, o cotidiano é um aí com vazios, falhas, pontos frouxos, possibilitadores de outras trilhas. Tal porosidade do cotidiano não é explorada para a constituição de aventuras. O que ela sim favorece é outra forma de contato com o estranho. Este já não é o que vem de fora, o que assusta a rotina, senão o que apenas se esconde sob a massa rotinizada e agora se esgueira entre suas frestas. (LIMA, 2002, p. 291-292)

Nessa análise já é possível vislumbrar aspectos narrativos e descritivos que viriam a ter influência no estilo empregado em PFD, por exemplo: temas que permitem explorar o que se esconde na rotina do cotidiano. Há o fator marcante na forma de narrar dos contos de *As palavras secretas*:

É mesmo porque não dá respostas unívocas que *As Palavras Secretas* fascina. Contra o realismo costumeiro, há um caminho à la Kafka que aqui se anuncia. Chamemo-lo de fantástico frio. Qualquer que seja seu nome, o que importa é o modo como põe em questão o modo generalizado de entender o cotidiano e o papel nele desempenhado pela busca da individualidade. (LIMA, 2002, p. 295)

²⁷ "A Arte do Conto – Técnicas Personalizadas de Trabalho" de Rubens Figueiredo, aula ministrada na Estação das Letras, Rio de Janeiro, dia 23/01/2014.

Quando se refere comparativamente às análises referentes aos três primeiros romances e aos livros de contos, o crítico Luiz Costa Lima conclui que a mudança de seu estilo está inseparavelmente ligada aos gêneros. Por fim, com a publicação de *Barco a seco* em 2010, a experiência escriturária de RF como contista parece ter renovado a abordagem narrativa a ponto de se manifestar com sucesso, segundo o crítico:

Ela [a proposta de análise do crítico sobre as obras prévias] dizia respeito a uma questão de construção de enredo, mais precisamente à tendência a uma excessiva simetriação de seus veios constitutivos, a qual, prejudicando o romance, favorecia a autonomia dos relatos curtos. A hipótese interpretativa parecia confirmada tanto pela escolha dos gênero como pela qualidade da grande maioria dos contos dos dois livros seguintes, *O Livro dos Lobos* (1994) e *As Palavras Secretas* (1998). Diante contudo da publicação mais recente do autor, *Barco a Seco* (2001), a hipótese mostra o limite temporal de sua validade. Pois este romance de que já não se pode dizer que sofra do embaraço que perseguia *O Mistério da Samambaia Bailarina*, *Essa Maldita Farinha* e *A Festa do Milênio*. (LIMA, 2002, p. 297)

Ainda antes de reescrever *O livro dos lobos* e publicar PDF, RF lançou outro livro de contos em 2006, *Contos de Pedro*, em que compila nove narrativas cujos protagonistas, de espectro social bem diversificado, se chamam Pedro, nome este que viria figurar no romance que será analisado e merece seu destaque na sessão seguinte.

6.2 A obra *Passageiro do fim do dia*

Consideram-se de extrema valia as palavras do autor sobre seu livro, pois nelas revelam-se como o professor, tradutor e a transformação estilística citadas nos tópicos precedentes, ainda neste capítulo, amalgamam-se na visão artística do escritor. Além disso, o pensamento crítico-reflexivo sobre alguns mecanismos constitutivos da realidade social do Brasil atravessam igualmente não só as suas falas, mas também a obra PFD.

É por isso que, ao equacionar as características de sua formação e o processo de transformação e aprimoramento de seu estilo por mais de uma década, a dedução a que se chega é o quão modelador tudo isto foi para o estilo forjado na escritura do livro. De maneira a criar uma visão geral do romance, pretende-se, a seguir, trazer alguns apontamentos de RF retirados de diversas entrevistas disponíveis na internet – escritas e audiovisuais –, congressos, palestras e uma aula.

Inicialmente, é importante expor a relação que RF diz manter com a escrita ficcional:

[...] recapitulando a minha experiência de escritor eu observo que não tenho essa premência de escrever o tempo inteiro, como se fosse uma necessidade pessoal assim, muito íntimo, parece que não é isso o que acontece. Eu escrevo com intervalos, com pausas. Interrompo o trabalho meses e parece que eu escrevo quando as experiências, as ideias, enfim, as sensações, as impressões, as imagens se acumularam dentro de mim e vão se tomando, vão se condensando assim e aí chega a um ponto que elas formam, fazem uma pressão e eu preciso escrever. (informação verbal)²⁸

As experiências no caso de PFD estão diretamente relacionadas a sua rotina como professor de uma escola da periferia que se locomovia de tanto para ir quanto para voltar ônibus. As ideias estão baseadas no fato de viver em uma grande cidade com alto grau de desigualdade social. Ao ser perguntado se a viagem de ônibus de Pedro, o protagonista do romance, teria um valor metafórico para a narrativa, o autor do livro contesta essa perspectiva:

De um lado, havia a experiência pessoal de andar de ônibus na cidade. Sobretudo os 25 anos em que eu pegava dois ônibus para ir e para voltar do colégio onde lecionava à noite. De outro lado, a necessidade de investigar uma situação em que se manifestasse e se concentrasse um grande número de circunstâncias ligadas à desigualdade. E também ligadas às formas da assimilação da desigualdade pela consciência, bem como aos meios de resistir a esse processo. A travessia, no caso, não é uma metáfora. É a viagem concreta e diária, individual e coletiva, do trabalho (local da exploração) para casa. Não creio que essa experiência precise ter um cunho metafórico para ganhar abrangência e uma dimensão generalizada. A experiência concreta já basta, e de sobra, para isso.²⁹

RF repetiu, em várias entrevistas principalmente, as ideias de fundo que o conduziram para a criação do romance. No começo da experiência, sem saber exatamente que ela se tornaria um livro, o autor cogitou que este hábito tão comum a tantos cidadãos, isto é, o ir e vir cotidiano, da casa para o trabalho e do trabalho para casa, fazendo uso de meio de transporte público, seria um meio adequado para comportar todas as ideias que sustentariam a questão principal de seu intento:

A ideia original era escrever sobre os processos que produzem e reproduzem a desigualdade, que a legitimam em nosso pensamento e tentam impedir que a vejamos como uma injustiça e uma brutalidade banalizada pela mera repetição, como algo construído no dia a dia, em parte à nossa própria revelia. Era preciso investigar situações cotidianas e banais em que aqueles processos agem e se concentram. A viagem diária de ônibus do trabalho para casa me pareceu propícia

²⁸ Programa Entrelinhas, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido na TV Cultura Digital, São Paulo, 31 out. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQdCTXNRkpw>> Acesso em: 9 set. 2017.

²⁹ Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/444-um-romance-pode-contribuir-para-o-conhecimento.html>> Acesso em: 15 maio 2015

para isso. Permitia também imprimir certa mobilidade à narrativa, no espaço e no tempo. Além de concentrar um certo número de personagens num espaço reduzido e num tempo compacto.³⁰

Ao discutir um traço característico de seus livros em geral – desconsiderando os três primeiros romances –, RF revela uma marca que também pode ser encontrada em PFD:

Embora eu tenha vivido e viva no Rio de Janeiro, tenho vivido, sempre morei nessa cidade, eu procurei sempre dar aos meus livros uma perspectiva mais generalizadora, não universal, ao contrário, eu quero evitar ao máximo a noção de universal ou de atemporalidade, eu quero que os meus livros sejam situados num tempo num lugar, que é o nosso, que a gente vive, mas eu não creio que os processos que estão em curso nesses livros sejam restritos a um logradouro ou a um indivíduo. Eu queria que isso fosse tratado e produzisse um efeito de familiaridade de generalidade suficiente pro leitor sentir-se parte dos problemas.³¹

Apesar de algumas descrições, ou melhor, algumas interpretações inevitavelmente coincidam com lugares conhecidos de leitores, a obra não conta com essa característica documental. Esses aspectos genéricos são, dessa forma, eixos narrativos sem relevância para o que é narrado, transferindo ou sobrecarregando a importância do que se narra para outros detalhes. As localizações, como os bairros periféricos Tirol e Várzea, são denominações fictícias, embora guardem semelhanças com muitas regiões metropolitanas, em especial, do Sudeste brasileiro.

O protagonista se chama Pedro, bem como todos os protagonistas do seu livro de contos, anterior a PFD, *Contos de Pedro*.

A época em que ocorre a viagem de ônibus de Pedro também é omitida, não se fala o ano, a década, nem mesmo o século. Entretanto, enquanto alguns aspectos culturais permitem um leitor, com seu conhecimento de mundo, delimitar facilmente um período possível, outros aspectos, também culturais, permitem um leitor, com conhecimento de alguns fatos históricos, ter uma noção mais precisa da delimitação temporal.

A neutralidade obtida com essa opção de não incorporar referências documentais não resulta em alienação da narrativa. Pelo contrário, ao evitar a supervalorização de informações como essas, o autor se desvencilha de preocupações e distrações informativas. Isso permite que se dedique em descrições mais acuradas sobre aspectos cotidianos que muitas vezes não recebem a devida atenção em romances contemporâneos. RF já se referiu a essa questão

³⁰ Rubens Figueiredo fala dos trabalhos como escritor, tradutor e da atividade que lhe dá maior satisfação: a de professor. SARAIVA. Blog Saraiva. Entrevista para Marcos Fidalgo [s/d]. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/43623>> Acesso em: 15 maio 2015.

³¹ Depoimento gravado para Encontros de Interrogação (Itaú Cultural). 2011. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/rubens-figueiredo-encontros-de-interrogacao-2011>. Acesso em: 7 set. 2014.

ironicamente em um congresso quando o tema do encontro era questão a identidade na literatura:

Nos meus livros eu não dou nem o nome das cidades onde se passa aquela bodega, nome da rua. Onde que é aquilo? Mas sabe qual é a questão? O sujeito que lê tem que transportar a sua cidade, a sua vida para aquilo. Então, muitas vezes se faz o contrário. O sujeito diz: “Na 5ª avenida, esquina com rua 36, não sei quê...”. E é só um nome, não tem nada de real ali, não é assim, não tem conteúdo, é um cenário. Então, às vezes, você não dar o nome dos lugares, mas você põe a vida ali porque você põe resistência, quando você põe a resistência, você está pondo a oposição.³²

Além disso, a estrutura do romance conta com uma forma sem divisões capitulares. Assim, sem os comuns cortes, o texto adquire um formato que se assemelha ao modo ininterrupto de um pensamento, não encontrado em outros modos de organização textual. RF atesta esse objetivo:

Pensei no objeto de que eu queria tratar e explorar no romance. Um objeto que não estava nos romances nem nos poemas. Estava na vida concreta à minha volta. Eu não tinha intenção de fazer denúncia nem de não fazer. Tratava-se apenas de refletir sobre um problema, questionar as soluções ou os expedientes mentais que nosso dia a dia propõe para ele, usando para isso os recursos próprios a um romance. Recursos que suponho serem distintos dos de outras formas de expor os problemas. O pressuposto é que um romance pode contribuir para o conhecimento, crescer conteúdos que talvez não sejam acessíveis a outras disciplinas.³³

Para alcançar essa meta formal estabelecida desde o início para o livro, o escritor revelou o tempo que levou para escrevê-lo e como foi o processo para não perder o enfoque. Se os trabalhos de tradução têm as predicções comuns do mercado editorial, como, por exemplo, prazos de entrega, aparentemente a escritura autoral – pelo menos no caso de RF – se beneficia de prazos- limite mais expandidos ou talvez nem haja cobranças – visto que PFD é sua última publicação e data de 2010:

Esse último livro, por exemplo, foi escrito de uma maneira muito curiosa. Eu fiquei trabalhando nele uns quatro anos. Eu acho que fiquei mais tempo pensando no que eu estava escrevendo do que escrevendo concretamente. Ou seja, eu começava a escrever, fazia umas páginas e tal, uns meses, aí eu parava e ficava só pensando se o que eu tinha dito, ou se aquilo que o livro estava dizendo, ou se era o que eu pretendia dizer ou era algo que eu achava importante dizer. Se o caminho que eu estava dando ao livro era de fato um caminho consciente, crítico, ou se eu estava

³² Mesa-redonda: Ficção Hoje, entrevista com Rubens Figueiredo, participação no XV ENCONTRO ABRALIC, Rio de Janeiro, 20/09/2016.

³³ Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/444-um-romance-pode-contribuir-para-o-conhecimento.html>> Acesso em: 15 maio 2015

permitindo que fatores externos, que na verdade determinam nossa vida, estavam interferindo na voz do livro. Isso eu chamo de uma consciência crítica. Eu parava pra ter uma visão crítica do livro, e do meu trabalho, entendeu? Aí eu voltava a fazer o livro, refazia tudo, reformulava desde o início. (informação verbal)³⁴

Esse processo descrito por ele ou o que ele chama nesta passagem de “consciência crítica” presta tributo – se não totalmente, ao menos em parte – à influência de sua experiência como tradutor e estudioso da literatura russa do final do século XIX. As apresentações críticas das traduções escritas por RF corroboram as preocupações do autor. Pelo que foi observado de sua mudança de estilo, a inquietação sobre sua abordagem da matéria literária antecede, cronologicamente, sua empreitada nas traduções dos clássicos russos, logo a identificação entre o que ele almejava estilisticamente e o que ele pôde observar na incursão a várias obras de uma geração de escritores russos denota uma harmonização ideológica sobre o que deve ser literatura.

Um elemento simbólico da narrativa – a leitura de um livro sobre algumas aventuras de Charles Darwin (naturalista e escritor britânico, 1809/1882) pelo protagonista do romance – merece ser citado a partir de considerações do próprio. Ao se referir, pois, às motivações que o levaram a incluir este tema entre os demais, RF reitera o sentido primordial que buscava desde o início de sua empreitada:

Eu procurava um caminho para conferir ao romance um alcance histórico mais abrangente. Um modo de permitir que os problemas apresentados fossem vistos de uma perspectiva histórica, como algo menos local, menos restrito ao momento. Sobretudo procurei sempre manter à distância qualquer perspectiva atemporal e universalizante. O fato do meu personagem ler um livro de divulgação barato sobre o Darwin no ônibus, um livro que se detém um pouco mais em sua viagem por países no sul do planeta, me deu a oportunidade de incluir no romance a questão do colonialismo e da escravidão. Além disso, a despeito de sua possível pertinência científica, a própria teoria da evolução tem sido usada politicamente para justificar e legitimar as relações sociais capitalistas e as desigualdades sociais em geral. Não é à toa que há pouco tempo um professor americano chegou a dizer que os milionários americanos eram fruto de um processo de seleção natural. No livro, também tentei explorar a maneira como a naturalização das relações sociais vigentes, e da opressão cotidiana necessária para manter tais relações, comprometem, não raro, a ciência, assim como a arte e a literatura. A hipótese era que tudo isso e outras coisas se manifestavam nos fatos e nos gestos banais e repetidos cotidianamente, sem que os agentes e as vítimas tenham consciência disso. A percepção embotada para tais gestos e ações e a dificuldade para romper esse embotamento refletem os mecanismos que protegem e reproduzem a desigualdade. Eu queria que essa dificuldade, esse esforço, constituísse o conteúdo da tensão da narrativa do romance. Eu não queria contar uma história, um enredo, com conflito, crise, desenlace. Queria que as coisas triviais, insignificantes, que nos parecem avulsas e alheias umas às outras, aos poucos nos revelassem a presença de um processo subjacente. Eu queria que a própria estrutura de meu livro situasse o leitor numa perspectiva em que esse

³⁴ *ibidem*

questionamento fosse possível. Um enredo propriamente dito iria me afastar desse objetivo.³⁵

A crítica especializada parece, pelos prêmios atribuídos à obra, ter reconhecido todo o esforço e o comprometimento de RF em PFD. Mas o autor não é muito afeito a essas valorizações. Ao contar um caso sobre a reação de quando Anton Tchekov soube do interesse da tradução de seus livros para o francês, RF termina por revelar quem é seu destinatário, ou seja, quem ele considera seu leitor ideal: o povo brasileiro.

o Tchekov, Anton Tchekov, que é autor d' *A Gaiivota*, conhecido... quando os contos dele foram traduzidos pra França, chegou uma carta dizendo “queremos traduzir os seus livros”, você acha que ele ficou contente? Não, ele disse “meu deus, vocês têm certeza, vocês querem traduzir mesmo? Bom, tudo bem, por mim pode, mas eu acho que um leitor francês não vai ter nada a descobrir nesses livros. Eu escrevi esses livros para os russos.” É essa a diferença, entendeu?

EG: Entendi. E você escreveu esse pros brasileiros?

RF: Pros brasileiros, pra nós, sem dúvida. Pra você, pro nosso rapaz ali e pra mim também, pois faz parte da tentativa de conhecer. (informação verbal)³⁶

6.2.1 Resumo de alguns dos relatos em PFD

A finalidade de contemplar alguns planos narrados ao longo do livro – como os próprios acontecimentos do trajeto do coletivo que leva Pedro, o protagonista, ao seu destino final, uma zona periférica da cidade – é a de resumir sinteticamente temas que são tratados ao longo do romance, isto é, durante a viagem de Pedro.

A opção de como desenvolver a sinopse da obra visa dar conta dos muitos relatos que são entremeados ao longo do livro, visto que todos eles são decorrentes das observações do narrador sobre o que Pedro sente e pensa desde o momento em que se encontra no ponto de ônibus, onde espera a condução que, até o bairro do Tirol, onde sua namorada, Rosane, reside.

³⁵ Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/444-um-romance-pode-contribuir-para-o-conhecimento.html>> Acesso em: 15 maio 2015

³⁶ Programa Livros, entrevista com Rubens Figueiredo, exibido na UNIVESPTV, São Paulo Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aa0doZ_TRRs> Acesso em: 9 set. 2017.

O narrador não é totalmente onisciente, pois não aborda fatos que estão além da percepção do protagonista e poderia ser caracterizado como a consciência de Pedro. No entanto, sua onisciência se estende a outros personagens que assumem o protagonismo dos relatos. Quando Pedro está em cena nesses relatos, o narrador costuma se reportar a ele, às reflexões do seu ponto de vista. Quando Pedro não participa das histórias dos outros personagens, o narrador tem o mesmo traço reflexivo, mas adota as premissas do personagem em questão.

As primeiras observações do narrador/Pedro, com fone nos ouvidos, são sobre o comportamento das pessoas na fila e os acontecimentos ordinários de um ponto final de ônibus sob a perspectiva dos aspectos reiterados pela rotina de toda sexta-feira. Desde esse momento, antes de adentrar o seu coletivo, e durante a viagem em direção ao bairro de sua namorada, Pedro tecerá considerações sobre os passageiros em geral, os motoristas, do que escuta em seu fone — noticiário jornalístico e música — e ele mesmo, também um dos passageiros. A única mudança de cenário ocorre quando no meio da viagem o motorista recebe a ordem de não seguir seu trajeto habitual, desviando então do que seria, em princípio, o seu destino final. Após uma negociação com o motorista de outro ônibus, de situação irregular, mas que seguiria até o destino almejado por alguns dos passageiros do ônibus de Pedro, decide-se por parar em algum lugar sem fiscalização para quem quisesse seguir até o destino original mudar de ônibus. Pedro é um deles. Depois dessa transferência, a viagem segue até o momento em que o livro se encerra ainda sem chegar no ponto final.

Pedro é dono de uma livraria de livros usados. O advogado Júlio, um colega de faculdade, que Pedro não cursou até o final, foi quem o ajudou a montar o negócio a partir de uma indenização por ser pisoteado por um cavalo da polícia durante uma briga entre a polícia e ambulantes quando ele vendia livros na rua. Por conta dessa amizade, a maioria do seu acervo era constituído por livros da área jurídica e, por consequência, tinha entre seus habituais clientes e frequentadores juízes e advogados, ou aspirantes a essa carreira. A livraria ocupava uma das três subdivisões de um sobrado no centro da cidade. Além dela, havia um estabelecimento de apostas e uma loja de internet e jogos eletrônicos.

Neste último local, Pedro observara algumas vezes meninos de rua, que às vezes entravam e outros ficavam só na entrada da loja, interessados no jogo que outros dois meninos jogavam. A descrição meticulosa das ações do jogo, das reações dos dois meninos ao computador e das crianças de rua são entrelaçadas.

No seu local de trabalho, Pedro ouvia muitas conversas sobre o tema jurídico, entre elas, destacam-se na narrativa duas conversas: um juiz aposentado conversa com uma juíza

que foi sua aluna sobre seus deveres em torno de seu papel final do trâmite do processo criminal e este mesmo juiz, ao atender a uma consulta informal de um jovem advogado, é quem comenta que o livro que tinha em mãos era uma boa introdução às teorias de Darwin.

Influenciado ou não pelo juiz aposentado, Pedro leva consigo durante a viagem de ônibus o livro comentado pelo seu cliente. Antes de trocar de ônibus, pois no primeiro havia se acomodado em um assento, Pedro lê alguns trechos do livro. Depois da troca de veículo, ele apenas rememora e reflete, a partir da leitura, sobre várias condições de sua vida e sobre várias outras situações de vida que vão desde pessoas próximas a ele até, por exemplo, relatos de história de desconhecidos, ou melhor, das pessoas que observava em geral, como os passageiros que o acompanham em suas viagens de ônibus que partem do centro para a periferia ou os juízes e advogados que frequentam sua livraria. Dois trechos evocados do livro sobre Darwin para a narrativa em questão são: um combate entre uma vespa e uma aranha observado e registrado pelo cientista britânico e sua relação com um escravo, “nas palavras do naturalista, um negro de todo imbecil”, que o conduzia em uma balsa por um rio. Somado a esses dois eventos, Pedro acrescenta em suas considerações sobre Darwin o fato de que entre os destinos de suas expedições há um século e meio antes esteve na cidade em que ele, Pedro, sempre morou.

A relação do protagonista com esta leitura a que se dedica não se dá apenas por causa do conselho do juiz. O livro é importante para Pedro porque ele já esteve em posse de um outro exemplar do mesmo livro à época em que vendia livros na rua. Ao se lembrar do dia do trauma, ele se lembra que este era exatamente um dos livros que havia colocado à venda. O pisoteio sofrido há alguns anos é sentido por ele não apenas psicologicamente, mas pelas dores que ainda o acompanham. Os momentos de aflição que passou no meio do confronto da polícia com os ambulantes são expressos por imagens perspectivadas de Pedro rolando no chão no meio da rua.

Quando é levado ao hospital, depois de passar pelos exames e pela operação, Pedro, enquanto está internado, se recuperando, acompanha o caso de João, “um sujeito de todo imbecil” que tinha sido atropelado por “um caminhão na beira da calçada, diante de uma pequena construção onde disseram que ele trabalhava, mas onde semanas depois a assistente social do hospital foi conferir e não havia nenhum registro de um operário ausente na lista de empregados”. Depois de muitas dificuldades para o sucesso de seu restabelecimento físico, João continuou sem memória, sem saber quem era.

Rosane, a namorada de Pedro, é a fonte para muitas das reflexões de Pedro e para a inserção de alguns relatos ao longo da narrativa. É revelado, por exemplo, a partir da

perseverança de sua mãe, a motivação da família de Rosane ter ido morar no bairro Tirol. Foi a partir da informação de que estavam cadastrando candidatos a lotes de terra naquele bairro que a mãe de Rosane assumiu aquele objetivo como uma ideia fixa, a ponto de aceitar conselhos que diziam que era melhor ela se inscrever como mãe solteira de dois filhos, mesmo que isso não fosse verdade, pois teria mais chance. Além disso, enfrentou longas viagens para o local de cadastro e horas a fio em filas sem comer nada.

Do pai de Rosane, além de outros detalhes, Pedro fica sabendo por ele as dificuldades por que passou ao se ver impossibilitado de trabalhar nas obras de onde tirava parte do sustento da família devido a uma alergia ao cimento. As idas e vindas aos médicos que prometiam a cura, o constante regresso ao trabalho mesmo com as intermitentes crises de alergia e, por fim, uma mulher do departamento pessoal da empreiteira onde ele antes trabalhava que, ao ouvir suas queixas, indicou especificamente o nome de uma pessoa que trabalhava num instituto de aposentadoria para cuidar de sua situação. Ele ainda lembra que, durante esse período em que passava por esses problemas e a renda familiar se viu muito prejudicada, outros obstáculos afetaram moralmente a família.

Isso leva o pai de Rosane a lembrar quando um programa de governo, que garantia uma renda fixa mensal para ser usufruída nas compras de supermercado, contanto que o candidato preenchesse certos requisitos, apareceu como uma oportunidade de ajudar a situação da família. A tia de Rosane, que morava com eles, foi escolhida. Então, lá foram eles, a tia e o pai de Rosane, passar por todo percurso burocrático até que, enfim, de posse do cartão e com a lista de compras meticulosamente confeccionada, rumaram para o supermercado. Após encherem o carrinho e enfrentarem a fila do caixa, quando chegou a vez deles, depois de já terem todos os produtos registrados, receberam a notícia de que o prazo para o usufruto daquele cartão havia expirado na véspera e, portanto, eles, como não tinham dinheiro, se viram na humilhante situação de terem que devolver todos os seus produtos às prateleiras, conforme a orientação da moça da caixa, pois o supermercado não contava com funcionários suficientes para manter uma organização mínima.

Rosane conta para Pedro dois casos de amigadas. O primeiro demonstra como as amigadas de sua infância naquele bairro não tiveram a chance de prosperar, porque ali, no Tirol, a maioria das pessoas não tinham a perspectiva de vida que Rosane, esforçadamente, adotou para si. Enquanto ela pensava em estudar, inclusive línguas estrangeiras, ascender a posições melhores em seus empregos, outras pessoas, como sua vizinha, não se viam fora dali, frequentando ambientes que não fossem semelhantes às mesmas circunstâncias que caracterizavam o Tirol. É assim que, depois de contar vários dos estranhos e inconstantes

acontecimentos no âmbito familiar na casa da amiga de infância, relata o comportamento expansivo e irascível de sua colega no escritório de advocacia em que Rosane trabalhava e, por isso, havia conseguido uma vaga por um período de experiência de um mês, mas que não passou da metade de um dia.

O outro relato de amizade de Rosane, introduzido na narrativa quando ela se indispõe com uma mulher que aparece em uma propaganda quando assistia televisão com Pedro, abrange muitos temas: Rosane, antes de trabalhar no escritório de advocacia de Júlio, local onde conheceu Pedro, trabalhou numa fábrica de mate onde esta colega lhe conta sobre como aquela mulher da propaganda afetou as vendas na loja de roupa em que trabalhou quando se tornou o símbolo de uma campanha publicitária. Acrescenta, que três meses após aquela febre de consumo, a loja começou a retirar e a modificar uma série de direitos trabalhistas dos empregados, concluindo este processo com a demissão dos mais antigos e contratação de novos empregados por apenas um salário mínimo e mais nada.

Todas as fases de sua criação literária relativizadas por sua busca por transformação de estilo, bem como sua incursão nas traduções do russo para o português especializadas em uma época da literatura russa e, por fim, sua posição crítica diante da literatura contemporânea, corroboraram para evidenciar a relevância temática dos resumos sobre alguns dos relatos constantes no livro PFD. Sem essa visão geral de sua produção ficcional, as análises apresentadas no próximo capítulo poderiam sofrer com uma desarticulação dos tópicos linguísticos expostos ao longo da tese.

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Tu, místico, vês uma significação em todas as cousas.

Para ti tudo tem um sentido velado.

Há uma cousa oculta em cada cousa que vês.

O que vês, vê-lo sempre para veres outra cousa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,

Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;

Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.

Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

Alberto Caeiro

7.1 Considerações iniciais

O recorte selecionado para o *corpus* que servirá à análise da tese é baseado nas ideias discutidas nos capítulos anteriores. O levantamento total de termos – palavras, locuções e construções discursivas – não foi considerado necessário porque, além dele ser muito variado e portanto difícil de ser totalmente detectado, considerou-se que o *corpus* já é numeroso, logo suficiente para dar conta da expressividade a ser analisada.

Segundo os dicionários e as gramáticas consultadas, os sentidos que o prefixo *re-* confere às palavras por ele formadas são restritos. Entretanto existem nuances na formação de cada vocábulo. Reconhecendo isso, o que se propõe, a seguir, é observar como a reincidência desses em uma criação literária, já que a presença de muitos deles é um traço marcante da obra PFD, caracteriza o efeito discursivo da narrativa, tornando-a um elemento constituinte da história e, por fim, da ideia expressada por RF, deliberadamente ou não.

A partir do quadro dos verbos no item 4.2 *O prefixo re- na formação dos verbos em PFD* e das outras expressões constantes no item 4.3 *Outras opções sintáticas para os sentidos do re- em PFD* que indicam traços semânticos de repetição e intensificação decidiu-se aplicar a seguinte metodologia para a seleção qualitativa do *corpus* aqui apresentado:

- Selecionar passagens relevantes que contêm os verbos, ou adjetivos derivados de verbo, isto é, o particípio, que decorrem da derivação prefixal em que o *re-* se une a uma base de língua portuguesa (*re+baseLP*). Também serão consideradas na análise quando estas passagens também apresentarem as demais formas com *re-*, mas que advêm diretamente do latim (*re+baseLt*), substantivos, advérbios, perífrases e repetições de termos e locuções,;
- Selecionar passagens significativas que não tenham a forma *re+baseLP*, mas apresentem a forma *re+baseLt*. Quando estas passagens também apresentarem substantivos, advérbios, perífrases e as repetições de termos e locuções, também serão consideradas na análise;
- por fim, passagens significativas que não tenham nenhuma das formas verbais, mas contenham advérbios, perífrases e as repetições de termos e locuções serão consideradas na análise.

A ordem em que se disponibilizarão os exemplos do *corpus* será organizada de modo que privilegie a concatenação dos fatos textuais com a narrativa. Com exceção de algumas partes, como algumas das figuras de retórica, por exemplo. Para confrontação dos trechos selecionados em seu contexto, pode ser consultado o ANEXO D, onde está disponibilizado o romance PFD na íntegra. Por isso, também foi mantida no início de cada passagem a numeração respectiva ao parágrafo do romance anexado.

Dessa maneira espera-se dar conta da importância linguística a partir da prefixação, dos sentidos das palavras originadas do latim que foram incorporadas no léxico português, das outras opções da língua que realizam alguns dos sentidos do prefixo e da influência discursiva destes na obra PFD.

7.2 Análise do *corpus*

O primeiro trecho selecionado não tem nenhuma ocorrência de *re+baseLP*, mas apresenta muitos indícios do que se pretende averiguar nos desdobramentos da análise. A passagem em que o narrador descreve o que Pedro sabia (ou sentia) é longa e, por isso, será desmembrada para que se possa observar cada um dos casos.

10. De onde estava, isolado por uma barreira que não era capaz de localizar, Pedro **começava** a enxergar em todos ali uma variedade de gente superior. **Começava** a pensar que ele mesmo, ou algo no seu sangue, tinha ficado para trás, em alguma curva errada nas gerações.

Logo na abertura do parágrafo, o segmento sublinhado de valor predicativo com o participio adjetival encontra um dos efeitos da repetição da rotina: o afastamento progressivo e irreconhecível do entendimento do porquê das coisas serem como são. As duas orações com verbo auxiliar acurativo “começar” e os infinitivos “enxergar” e “pensar” poderiam ser coordenadas pelo conectivo “e”, mas optou-se pela periodização e a repetição do mesmo verbo, marcado em negrito.

11. E pronto: ali estava um bom exemplo do que acontecia **tantas vezes** com Pedro. Ele **sabia** disso. **De devaneio em devaneio, de desvio em desvio**, seus pensamentos se precipitavam para longe, se desgarravam uns dos outros e no fim, em geral, acabavam se pulverizando sem deixar qualquer traço do que tinham sido, do que tinham acumulado. **Às vezes**, no entanto, ali mesmo na fila do ônibus, no meio daquelas pessoas, suas ideias perdidas **voltavam atrás**, de todas as direções, convergiam de um salto e Pedro, surpreso e até assustado, dava de cara com a pergunta: *Por que eles permitem que eu fique aqui? Por que não me expulsam, como é do seu direito?*

O narrador descreve a situação rotineira de Pedro marcando a intensidade da repetição com a locução adverbial “tantas vezes” e pela primeira vez, nesse longo trecho, explicita a consciência de Pedro com o verbo “saber” que será retomado seis vezes nos parágrafos seguintes. Para demonstrar como se articulavam os pensamentos de Pedro a partir da constatação da rotina, o autor caracteriza seus movimentos, antecipando não uma apenas, mas duas locuções adverbiais de modo marcadas pela repetição de termos (“devaneio” e “desvio”) para o início da oração.

O período que é iniciado com a locução “às vezes” modaliza a primeira locução do parágrafo (“tantas vezes”). Depois, referindo-se ainda aos pensamentos de Pedro, o autor indica a direção “para trás” destes que, ao se juntar ao verbo “voltar”, criam um efeito pleonástico.

12. **Sabia** que, para muitos passageiros, aquele seria *o segundo ônibus* em sua viagem diária de volta para casa. **Sabia** que a mulher com aparência de uns sessenta anos, mas que devia ter só uns quarenta e três, com cinturões de gordura nas costas que marcavam profundas pregas na blusa, não tinha os dentes incisivos na arcada inferior. E **sabia** que ela trazia dentro da sacola, sempre abarrotada, uma Bíblia encapada em plástico transparente, que ia abrir e ler no seu banco do ônibus, durante a viagem de mais ou menos uma hora e meia.

13. Pedro **sabia** que o rapaz de uns vinte anos, de cabelo raspado, com dois dedos da mão paralisados para *sempre* numa ligeira curva em gancho por causa de algum acidente, ia dormir de cansaço no meio da viagem. A cabeça ia ficar encostada no

vidro da janela, ou ia tombar de vez em quando, quase tocando em quem estivesse sentado ao seu lado.

14. Pedro **sabia** até que o homem de uns quarenta anos, com o uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos e marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura, trazia dobradas dentro da maleta de ferramentas as páginas da seção de esportes do jornal. No fim do expediente, ele devia pegar aquelas folhas na recepção da firma para ler durante a viagem.

A importância desses parágrafos para a interpretação das formas de repetição, de intensidade e do movimento para trás na narrativa de PFD, está no componente semântico do termo repetido. A anáfora do verbo “saber” aproxima o narrador da consciência de Pedro. O narrador sabe o que Pedro sabe. No entanto, a capacidade de cognição do ser humano é complexa, pois, se a linguagem verbal e a apreensão do mundo através das linguagens são noções que possibilitam a imprevisibilidade de seus limites no que diz respeito à acumulação de conhecimento, a consciência sobre este é sempre limitada. Se em um instante se sabe de algo, isto é, tem-se em mente determinado tema, é porque não se tem, ao mesmo tempo, outros. Como é descrito no parágrafo seguinte:

15. O que Pedro na maior parte do tempo **não sabia, ou não conseguia lembrar**, era que ele mesmo estava ali, junto com os outros. Fazia os movimentos corretos, ocupava o espaço adequado ao local e à hora, e até se demorava observando e guardando detalhes — para ele acidentais, interessantes. Porém sua atenção tinha mais força do que qualidade. Enxergava **bem**, mas olhava como que de longe, ou como que através de um furo na parede. Sem ser visto, Pedro mesmo **não se via**. **Não conseguia imaginar que aspecto teria – as costas, o braço, a nuca – aos olhos daquelas pessoas.**

Eis que o narrador sabe o que Pedro não sabe. Contudo, nem mesmo o narrador pode saber de tudo. Em “Pedro [...] não sabia, ou não conseguia lembrar”, a autoparáfrase marca uma repetição imperfeita da descrição das ações de Pedro por parte do narrador.

Um dos pontos que marcam a intangibilidade das coisas ou a incompreensão dos fatos em PFD é a maneira com que o autor várias vezes se refere à visão, muitas vezes modalizando-a. Seja como os personagens enxergam ou como o narrador entende que o leitor deve “enxergar”. Neste parágrafo, o narrador, com a intensidade do advérbio “bem”, indica as condições físicas da visão de Pedro e não a qualidade do que enxerga. E, por fim, ao sucintamente dizer que “Pedro não se via”, expande o sentido desta oração com um novo período composto por subordinação em que se parafraseia mais uma vez.

Durante todo o percurso da viagem, tanto as ações que se passam no ônibus quanto as imaginadas, pensadas ou rememoradas por Pedro contêm as conotações previstas

primordialmente pelo prefixo *re-*. A seguir, foram separadas as expressões que correspondem situações ocorridas no ônibus.

As primeiras são exemplos que justificam alguns aspectos da narrativa, como a leitura de Pedro do livro sobre Darwin e a comum interrupção no deslocamento de um ônibus, que deixa de avançar em seu trajeto tanto por causa dos congestionamentos nas grandes cidades, quanto por seu modo de operar, parando nos pontos previstos de seu itinerário.

66. Pedro **reabriu** seu livro por cima de tudo isso, para continuar a ler.

48. Tanto assim que, quando o sinal abriu e o ônibus **recomeçou** a andar, Pedro levantou um pouco mais o nariz e pôs a cara só um centímetro para fora para aproveitar o vento.

As duas ações poderiam ser parafraseadas substituindo-se o prefixo por um advérbio (“novamente”) ou por uma locução adverbial (“de novo”).

Já no caso seguinte, poderia ocorrer o contrário com o verbo “pensar”, mas a intensidade ou a qualificação sugerida pelo advérbio “bem”, não seria precisada com a palavra “repensar”, muito menos especificaria a exata quantificação da ação (“duas vezes”). Outra opção, preterida desta vez, seria adotar as duas formas “pensar” e “repensar” para enfatizar a ação dos passageiros:

232. Os passageiros **pensaram bem, pensaram duas vezes**, abriram um mapa de ruas dentro da cabeça, situaram-se naquele novo trajeto do ônibus que foi anunciado, mas ainda não estava muito bem definido. Cada um levava muitos minutos *para se localizar, para visualizar travessas e esquinas, para tentar avaliar os riscos e a fadiga* — e ainda não haviam terminado essa operação, ainda **faziam e refaziam** suas estimativas, seus planos. Pedro correu os olhos pelos rostos das pessoas de pé, lado a lado, até a frente do ônibus. Viu feições de **resignação**, de estupor, de **revolta** cansada. Mas pelo menos em dois passageiros **reconheceu** uma fisionomia de susto, ouviu também alguma voz mais estridente, atrás, e confirmou a transformação. Até o motor do ônibus pareceu roncar mais alarmado, os **pés** do motorista **pisavam** mais brutos nos **pedais**.

Mais à frente, porém, após uma conjunção polissindética com a preposição “para”, o autor adota a coordenação dos verbos “fazer” e “refazer” deixando a possibilidade de se interpretar um paralelismo entre as duas formas verbais e os dois objetos diretos: “faziam suas estimativas, refaziam seus planos”. Se for considerada essa interpretação, caberia identificar um caso de hipérbato em que, ao aproximar, os dois verbos pospondo seus respectivos objetos diretos, reforçaria a ideia de repetição de uma única ação independentemente de seus objetos.

Na sequência, entre os três termos destacados que começam a partícula *re-*, dois deles são substantivos derivados. “Resignação” é a substantivação do verbo resignar [submeter-se sem revolta]. “Revolta” é uma substantivação do adjetivo “revolto” que, por sua vez, vem do latim vulgar *revoltus*, [que voltou], e no Houaiss é descrito como aquilo “que se revolveu; revolvido”. “Revolto” é, também segundo o dicionário, um possível particípio de “revolver” [voltar(-se) para trás]. No verbo “reconhecer”, apesar de haver o sentido dicionarizado de identificar ou distinguir algo ou alguém que se conheceu anteriormente, a forma vem do latim *recognosco*, na qual o *re-* apresenta traços de intensificação ou especificação [inspecionar, examinar, verificar] de *cognosco* [aprender a conhecer]. Ao observar cada um desses três casos, a significação do *re-* é obtusa, mas mesmo assim é possível notar um traço semântico que se refere a uma forma de distanciamento, de afastamento. “Resignação” e “revolta” são substantivos em que se subentende a relação com alguma coisa, na primeira algo ou alguém se submete a alguma coisa, na segunda, algo ou alguém se volta contra alguma coisa. Em “reconhecer” a relação de distância que se dá é pela possibilidade de se aproximar novamente de algo já conhecido.

A última oração do parágrafo explora um tipo de repetição não muito frequente em PFD, embora guarde algum resquício do estilo de RF em seus primeiros romances. Agente (pé), ação (pisar) e paciente (pedal) pertencem ao mesmo campo semântico. Os dois substantivos pertencem ao mesmo campo lexical, o que não é o caso do verbo “pisar”.

234. Os dois se conheciam, tinham trabalhado numa outra empresa, anos antes, e de início trocaram uns palavrões frios, xingaram **repetidas** vezes algum velho conhecido, um gerente, parece, que tinha dado um desfalque na empresa e fugido.

Nesta passagem se descreve a relação de dois motoristas de ônibus, cada um em seu veículo, conversando através das janelas. O autor sublinha uma atitude comunicativa em que se nota a repetição de termos chulos com o adjetivo “repetido”. Além da evidência de que o próprio significado de repetição de *re-* esteja presente no adjetivo (forma particípio do verbo), “repetir” não é um caso de derivação prefixal. Entretanto, a locução adverbial não foi construída com os habituais pronomes indefinidos (“muitas vezes” ou “várias vezes”). Ao utilizar o adjetivo “repetidas vezes”, ele reforça o ato de fala em “xingar”, pois “repetir” tem como seu significado primordial ‘tornar a dizer ou escrever’, isto é, a ideia de repetição para vários tipos de ação deriva da ideia de repetição na comunicação verbal.

147. Pouco à frente, **retido** em *mais um engarrafamento*, o ônibus de Pedro ficou lado a lado com um ônibus da mesma empresa, que fazia o mesmo trajeto do ônibus

de Pedro, mas vinha em sentido contrário — ou seja, de volta para o centro da cidade. O motorista apoiou o cotovelo na beirada, pôs a cabeça meio grisalha na janela. Abanou o braço esquerdo todo do lado de fora, sacudiu no ar a mão grande e mole, onde **reluzia** um anel grosso, cor de prata, e transmitiu um aviso para o motorista do ônibus de Pedro: a empresa deu ordem para nenhum motorista ir até o fim.

Os dois verbos marcados neste parágrafo, apesar de também existirem sem a partícula *re-* e reservarem entre os dois pares (*ter/reter*; *luzir/reluzir*) muitos sentidos semelhantes, quando não exatamente os mesmos, no dicionário, também vieram diretamente do latim para o vocabulário da língua portuguesa. O primeiro, no particípio, migrou para outra classe gramatical e inicia o segmento de valor predicativo, conferindo, no contexto, a conotação de impedimento de locomoção do ônibus e, quando relacionado ao adjunto adverbial, de aprisionamento em *mais um engarrafamento*. Importante mencionar a repetição do evento engarrafamento. Aprisionar também revela um traço de afastamento, como citado anteriormente na análise.

Também é digno de nota que os dois últimos trechos selecionados anteriormente narram cenas semelhantes, porém distintas da narrativa. Separadas, aproximadamente, por cem parágrafos, o motorista do ônibus de Pedro por duas vezes aproveita ocasiões de retenção do tráfego para interagir com outros motoristas de ônibus.

O traço semântico de distanciamento do verbo *reluzir* é possível de ser discernido discursivamente. O anel não é a origem da luz que reflete, logo, reluz. “Reluzir” é um verbo intransitivo, ou seja, de predicação completa, logo a descrição omite que luz está incidindo no “anel grosso, cor de prata”. Seria a luz solar ou uma luz artificial, como a de um poste de luz? Eis o ponto de vista mostrado pelo narrador, muito provavelmente também observado por Pedro. Indiretamente, o olhar alcança a luz que reflete intensamente sobre um objeto que não é a fonte original da luz, este intermedeia uma separação entre a luz de origem e o olhar a que se destina. Outra vez, a separação evoca a noção de distância. Esse mesmo efeito com o verbo *reluzir* ocorre também na próxima passagem destacada, mas a fonte de luz é a tela de um computador. A conotação de reflexo da luz já é salientada em período anterior (*refletiam a cor do asfalto*). As “faixas brancas das pistas” não são uma fonte de luz propriamente dita, elas são resultado da configuração gráfica de um jogo eletrônico. A tela é que emite uma luz e as lentes refletem o que nela se vê. Ao se tornar o reflexo da luz da tela, as lentes repetem o que se passa no jogo. A luz do monitor, portanto, é revelada indiretamente pelo verbo *reluzir*:

400. Os óculos do garoto que jogava **refletiam** a cor do asfalto. As lentes eram, de ponta a ponta, atravessadas pelas faixas brancas das pistas, que **reluziam**.

Com o verbo *rebrilhar*, também intransitivo, a motivação para suas ocorrências variam. Na primeira, em uma cena de filme que passa na televisão, a luz que incide nos objetos é uma. Contudo, assim como no jogo eletrônico, a imagem é transmitida através de uma outra fonte de luz: a televisão. Além da intensidade do brilho, o prefixo *re-* apresenta um sentido iterativo ao verbo, como se, além do brilho do que se passa na cena do filme, a reprodução por um meio luminoso – uma tela de televisão – provocasse a sobreposição luminosa de algo que já brilhava.

347. Os canos cromados ou pretos **rebrilhavam** na tela.

No próximo trecho, a fonte de luz que provoca o reflexo brilhante é expressa. A locução que vem em seguida (o sol do *dia ensolarado*). Também é descrita a transfiguração dessa luz, isto é, como ela passa a ser interpretada depois que incide em um local (*calçamento de paralelepípedo*).

386. Descalços, passos vagarosos, não pareciam sentir o calor do calçamento de paralelepípedo, que **rebrilhava** cor de prata no dia ensolarado.

Na última vez em que é utilizado, o verbo *rebrilhar* ocorre para descrever a imaginação de Pedro a partir de notícias escutadas no rádio. A intensificação do brilho é redundada (*com força*) e a fonte de luz, imaginária neste caso, não é esclarecida. Ela pode ser tanto o reflexo da luz do sol na areia, quanto o próprio sol:

431. **De novo** o lampejo, a imagem completa num quadro só: os dentes da locutora **rebrilhavam** com força, na mesma luz que se **refletia**, em cheio, na areia da praia — sob um sol de soja, à beira de um mar de aço.

Ainda pode ser uma forma de fazer menção a um quadro já imaginado por Pedro antes mesmo de entrar no ônibus. Por isso, também, a expressão “de novo o lampejo”, a imaginação em si mesma é a luz. A partir do que ouviu no rádio, Pedro amarra as informações do noticiário a suas especulações de quem seriam aquelas pessoas que as noticiam ao seu bem querer e as imagina simultaneamente (*um quadro só*).

37. Não foi uma sucessão de imagens o que Pedro viu em pensamento. Foi um quadro só, que acendeu e logo depois apagou. As drágeas, os tubos de petróleo no fundo do mar, as cifras acesas em fileiras de dígitos numa série de monitores luminosos suspensos. E os dentes do homem e da mulher surgiram todos, lado a

lado, de uma só vez e num mesmo plano. Tudo era tão automático que nem havia tempo de se distribuir numa ordem.

A referência aos dentes, no que seria um *flash* de imaginação, pode ser um motivo para os dentes rebrilharem na segunda vez em que Pedro divaga sobre a vida dos jornalistas além da notícia. Três do total de cinco casos com os verbos *rebrilhar* e *reluzir* estão relacionados a mídias eletrônicas: rádio, televisão e um jogo de computador. O romance não aprofunda a questão em nenhum momento. O trecho mais extenso é a descrição do jogo e das reações dos meninos que o estão jogando. Sobre publicidade, a narrativa tece observações a partir dos personagens de cartazes, anúncios, e a partir de uma mulher, garota propaganda de uma marca, Rosane inicia um relato de uma amiga sua sobre as consequências de uma campanha de uma loja de roupas com essa mesma garota propaganda. A repetição desses temas merece o tom quase sempre crítico ou irônico.

149. O motorista ficou vermelho, inflou um pouco o pescoço, **remexeu-se** no seu banco para um lado e para o outro, mas se controlou. E Pedro viu pelo espelho **retrovisor** interno como seus olhos quase brilhavam de tanta atenção embaixo das sobrancelhas muito franzidas e quase juntas, quase trepadas uma na outra, no ponto exato onde começa o nariz.

No caso de “remexer-se”, o prefixo *re-*, ao se realizar na forma pronominal, não perde seu valor de repetição da ação e assume a característica de intensificação que significa “mover-se inquietamente”. A reflexividade do pronome oblíquo neste verbo com o prefixo *re-* gera o traço semântico de um indefinido ou contínuo movimento do sujeito sobre si mesmo, considerando a permanência da posição em que se encontrava antes da ação, ao contrário da reflexividade sobre “mexer-se” em que está implicada a ideia de deslocamento de um corpo ou objeto no espaço.

Neste mesmo trecho, a palavra *retrovisor* aparece pela segunda vez no romance. Utilizada como adjetivo de *espelho* nesta e nas outras quatro vezes em que ela é empregada, o termo merece uma reflexão discursiva devido às suas funções nas cenas descritas pelo narrador. No DH, a definição para o termo é: “diz-se de ou pequeno espelho, usado nas laterais e no interior do veículo, que permite ao motorista ver, sem se voltar, o que se passa na pista, atrás dele, facilitando a sua locomoção”. Levando em consideração o *espelho retrovisor* do romance, pode se dizer que essa definição, de início, não contempla, por exemplo, alguns tipos de veículos. Entre estes, o espelho retrovisor no interior do veículo não tem como finalidade “ver o que se passa na pista”. Ele serve para que o motorista possa observar o interior do ônibus e assim atentar-se para o que se passa com os passageiros, se está tudo bem,

se alguém irá descer ou subir, por exemplo. Das cinco vezes em que é mencionado, em quatro delas explicita-se que de fato é o *espelho retrovisor interno*, isto é, do interior do ônibus. A primeira delas está no trecho mencionado anteriormente. As outras duas estão nos seguintes parágrafos:

435. Pelo espelho **retrovisor** interno, lá na frente, Pedro viu um terço do rosto do motorista se mexer: a pele escura com espinhas, a parte branca dos olhos bem destacada, a agitação dos dois círculos pretos, alerta, na tentativa de localizar alguém no aglomerado de gente.

568. Os olhos do motorista surgiram **de relance** no espelho **retrovisor** interno.

Na primeira vez em que é mencionado no texto, sua posição interna está implícita quando o relaciona espacialmente a outro componente do veículo, de onde se pode aferir que se trata do mesmo espelho retrovisor que o narrador referir-se-ia posteriormente:

58. No espelho **retrovisor** acima do para-brisa, Pedro podia ver quase metade da cara do motorista: os olhos rápidos, desconfiados, tentavam tomar pé da situação, dentro do ônibus e fora também.

Entretanto, esses modificadores de espelho não eram necessários para discerni-lo dos espelhos laterais que ficam do lado de fora do ônibus, porque, como pode ser interpretado em todas essas passagens, quem faz uso do espelho retrovisor não é o motorista, e sim Pedro. E o que Pedro vê são justamente os olhos do motorista.

531. De **relance**, no espelho **retrovisor**, Pedro viu **de novo** os olhos do motorista — uma luz rápida no piscar das pálpebras. De costas, ele vigiava o marasmo dos passageiros, já na expectativa de alguma mudança, alguma **reviravolta** iminente.

Só no §531 “os olhos do motorista” é o objeto direto. Em §435 e §58, são citados na descrição de parte do “rosto/cara do motorista”. Em §149, como sujeito da oração substantiva objetiva direta. Em §568, o sintagma “os olhos do motorista” é o sujeito. Só no §531, em período subsequente, faz-se referência a uma ação do motorista a partir do espelho retrovisor (“De costas, ele vigiava o marasmo dos passageiros”).

O que importa demonstrar, portanto, é como o adjetivo *retrovisor*, composto pelo prefixo *retro-*, serve apenas para denominar um tipo de espelho, pois a significação “para trás” previsto pelo prefixo não é efetivo nesses casos. O que Pedro vê pelo *espelho retrovisor* não está atrás dele, mas encontra-se a sua frente. No §435, a colocação da locução adverbial *lá na frente* antecipada reforça a ideia de que o que Pedro viu estaria a sua frente, embora de

costas para ele. Poder-se-ia dizer, ainda, que a imagem refletida por um espelho sempre trará algo que está atrás de quem o mira frontalmente, ou melhor, a frente do espelho.

Se utilizasse apenas *espelho interno*, o autor não estaria determinando precisamente qual ou que tipo de espelho. Poderia ter optado pela forma substantiva *retrovisor* em que está inculcida a ideia de espelho de veículos. Logo um *espelho retrovisor* seria um sintagma nominal cujo seu núcleo é o termo redundante. Mas o que Pedro sempre encontra no reflexo desse espelho são olhos, não os seus, mas outros olhos, olhos que estão invisíveis, pois não estão visíveis a olho nu. Sua perspectiva os encobre da observação direta. Mas um espelho que o faz olhar através, olhar para frente, deixa-o entrever os olhos do motorista. Daí que o *retro-* prefixal, neste caso, possa ser interpretado como o *retro* lexical, fazendo deste termo, *retrovisor*, um caso de composição, ao contrário do que diz o DH. Poeticamente, o verso do olhar.

A partir do significado de *retro-*, fez-se um levantamento de “para trás” ao longo do romance. Foram localizados 30 ocorrências, das quais 11 estavam ligadas aos verbos *deixar* e *ficar* nas mais variadas flexões verbais:

5. Mas o ônibus, em vez de parar, passou direto, deixou a fila **para trás** e foi estacionar no ponto seguinte, vinte e cinco metros adiante.

117. Porém o ônibus avançava em velocidade, a estrada traçava uma curva comprida e a casa escolhida por ele ficava **para trás** aos poucos.

498. Os faróis dos carros tinham ficado **para trás**, cortavam de passagem, por um segundo, a abertura estreita onde a rua de Rosane fazia esquina com a rua principal, já longe de onde estavam.

427. Só muito aos poucos o ônibus deixava o desastre **para trás**.

Das 19 restantes, 9 estavam ligadas a verbos de diferentes naturezas (*empurrar, correr, dobrar, atirar, sacudir, dar tiros, voar, inclinar-se, pentear*):

74. Logo depois outro impacto, contra o peito, que atirou Pedro para o alto, **para trás** e depois para o chão.

145. Todos se sacudiam para a frente e **para trás**.

As outras 10 ocorrências dividem-se entre *virar* (6) e *olhar* (4):

7. Algumas cabeças viraram **para trás**, em busca do ônibus atrasado.

22. Vários rostos viraram **para trás** e olharam na direção da fila de Pedro.

24. Era um homem de cabelo grisalho e bem curto, que virou a cabeça **para trás**

uma, duas vezes, em dúvida, inquieto.

46. O motorista nem virou a cara **para trás**. Só balançou a cabeça num gesto resignado – nem sim, nem não – e abriu um pouco os antebraços, com os cotovelos colados às costelas e as mãos viradas para cima.

233. Um deles, mais descontrolado, virava o rosto **para trás** e tentava erguer a voz como se pedisse apoio aos passageiros do fundo, que não conseguiam entender, pois ainda por cima alguns deles também falavam entre si.

237. Virou **para trás** para perguntar a opinião da trocadora.

*

28. Assim que viu a figura do sábio estampada na capa, no instante em que deparou com o emaranhado da longa barba cor de cinzas sobre o fundo cor de carne, bateu abrupta em sua memória a imagem do mesmo livro: chutado uma, duas, três vezes sobre as pedrinhas brancas e sujas da calçada, chutado com força e sem querer por pessoas que corriam aos empurrões, em atropelo e em fuga pela rua, enquanto olhavam para os lados e **para trás**, por cima do ombro, entre gritos e estampidos cada vez mais próximos e mais violentos que vinham de várias direções.

43. Ainda meio deitado no chão, começando a se levantar, Pedro olhou **para trás**.

72. Queria olhar **para trás**, na ânsia de saber o que tinha acontecido com os outros livros, mais de trinta, que ele tinha levado para vender na calçada e que na verdade nem eram seus.

464. O médico pegou a ficha sobre a mesa velha, de ferro, rabiscou duas linhas às pressas, olhou **para trás**, sobre o ombro, para um canto da saleta meio escura, à procura de alguma coisa.

Essa tripartição das construções com “para trás” serve para sublinhar e complementar o aspecto anteriormente discutido sobre o termo *retrovisor*, em que a visão, isto é, a complexidade do ato de ver está, no romance, entrelaçado à compreensão do que se passa diante dos olhos das personagens. Seja pelos gestos físicos que direcionam o órgão da visão, seja pelo ponto de vista marcado por um presente onipresente: tudo fica ou é deixado para trás. A visão, o que se vê, é a maior representação do presente. Aliás, no romance, isso pode ser contrastado com o fato de que, das 28 ocorrências da locução “para a frente”, em apenas uma delas, quando termina o §183, onde o narrador descreve os sonhos e os objetivos de Rosane, refere-se ao olhar:

184. Dali, daquele ângulo bem definido e cada vez mais estreito, é que se devia olhar para o mundo em redor. Era dali que se devia lançar o olhar para a frente, para o futuro.

Este paralelismo entre o que está à frente e o que se espera do futuro é um símbolo. A escassez desta perspectiva na narrativa de PFD não é à toa.

Outro indício marcado pela repetição sobre a visão está entre as 17 ocorrências de

sintagma verbal *dava + para + verbo no infinitivo impessoal*. A partir das definições das figuras de retórica, essas passagens realizam uma série de figuras de repetição diagnosticadas por sua repetição estrutural e por suas posições dentro das orações: o paralelismo, por se repetir a mesma estrutura; a anáfora, por algumas estarem localizadas no início das orações; a mesodiplose, por outras estarem no meio da oração.

Outro traço marcante dessa estrutura pode ser identificado a partir da ideia de paráfrase, mas sem constatá-la de fato. Entre essas estruturas, *dava para ver* (§22, 227, 237, 257, 375, 422, 461 e 463) é a que mais se repete. Todas as vezes elas imputam a *ver* seu valor denotativo. Sua sinonímia *enxergar* ocorre uma vez e em uma construção de negação *nem dava para enxergar* (§461). Depois, dois verbos que admitem uma conotação sinonímica de *ver*, *notar* (§401) e *perceber* (§255 e 323), são usados, mas ambos com conotações mais aproximadas a seus sentidos primordiais, respectivamente, *dizer em tom de observação* e *tomar consciência por meio dos sentidos*.

Acreditar (§501), *entender*, em duas construções de negação (§505), e *sentir* (§23 e 164) encerram esse conjunto de verbos no infinitivo relativos a faculdades humanas. *Ver*, *entender* e *sentir* são exatamente os que estão presentes na abertura do romance que traz o isócolo trimembre “não ver, não entender e até não sentir” – o advérbio de negação mais verbo no infinitivo, numa sequência semântico-discursiva, em que se vislumbra a gradativa anulação sensorial. A seguir, a lista dos casos citados:

22. **Dava para ver** como as cabeças iam surgindo na abertura das janelas ou por trás dos vidros.

23. **Dava para sentir** até de longe, até na cara dos passageiros nas janelas do ônibus parado no outro ponto.

164. Isso Rosane já havia entendido, **dava para sentir** muito bem, era quase palpável. Mas ela ainda não conseguia admitir inteiramente, não queria extrair as consequências nem queria sentir-se parte daquilo.

227. Como estariam suas pernas cheias de cicatrizes, seus ossos compridos e marcados por fraturas e pinos, como **dava para ver** nas radiografias que os médicos mostravam para os estagiários, erguidas contra a luz da janela — todos eles de branco, postados em redor da cama, cheios de curiosidade.

237. Depois levantou a mão e apontou para os seus passageiros com um gesto vago, como que para mostrar que o ônibus estava cheio — se bem que não estava lotado, na verdade, nada disso — **dava para ver**, havia espaço, dava ainda para espremer bastante.

255. **Dava para perceber** que ela abafava na boca uns gemidos misturados com risinhos resignados, simpáticos, enquanto atrás de Pedro um rapaz forte rosnava que já não bastava levar a vida toda para voltar para casa, depois de ter passado o dia inteiro quebrando a marretadas os azulejos, o cimento duro e os tijolos velhos de

uma cozinha, serrando canos enferrujados para substituir por novos — não bastava ficar com aquele cheiro de pó de entulho entranhado na pele, no cabelo, nas unhas, um cheiro que não largava nem com dois banhos e sabonete — e ainda por cima tendo de aturar a dona do apartamento que, de meia em meia hora, entrava na cozinha com cara de louca e berrava os maiores absurdos com ele e com seu colega.

257. Uma parte da bigorna estava escura, preta de fuligem até hoje, **dava para ver**, eles iam ver quando passassem por lá.

323. Pareciam alheios, concentrados em si mesmos, porém — de algum modo **dava para perceber** — observavam tudo em volta. Foram direto para as prateleiras de latas de cerveja.

375. No pescoço dele, aqui atrás, às vezes se formava uma crosta, **dava para ver** por baixo do colarinho, quando virava e levantava o braço para escrever no quadro-negro.

401. Talvez um edifício alto, ou alguma torre de transmissão de energia ou de telecomunicação — não importava: **dava para notar** que estavam ali só para constar, não tinham parte no que ia acontecer.

422. Dentro do bolso da camisa do garoto, por trás do nome do antigo presidente, **dava para ver**, através do pano fino, dois chicletes ainda na embalagem.

437. Olhe: lá vinha um, até meio vazio, **dava para ir** sentado.

461. Algumas folhas tinham pintas pretas, isso **dava para ver** de fora: folhas de uma cor oleosa, que ia do verde a um tom de ferrugem ou de fogo.

463. **Dava para ver** um maço de cigarros no bolso do jaleco.

461. Mas por trás da massa de folhas, quase espremidas umas nas outras, no aperto dos ramos, nem **dava para enxergar** os galhos negros da mangueira.

501. Debaixo dos dois guarda-chuvas, junto à porta da casa de Rosane, os três encolhidos por causa do chuvisco gelado, ela disse a idade. Trinta e dois anos. Não **dava para acreditar** — parecia muito menos.

505. Era para ter morrido depois da primeira cirurgia, depois da segunda e das outras também, e — nem **dava para entender**, disse um médico — era para ter morrido enquanto ficou no CTI semanas seguidas, e depois, quando a pneumonia atacou seu pulmão furado.

A retomada dos mesmos termos antecedidos pelo verbo *dar* no pretérito imperfeito – que indica normalmente uma continuidade ou iteração no passado e muitas vezes essa continuidade ou iteração se constituem habitualidade (COSTA, 2002, p. 48) – mais a preposição *para* modifica a aspectualidade dos verbos infinitivos. O traço semântico em comum entre eles indica o processo de conhecer, processo estritamente humano. Já o traço do semântico do verbo auxiliar (*dar*) indica possibilidade. Logo, a “possibilidade de ver”, a “possibilidade de sentir” etc. não conclui que algo “foi visto” ou “foi sentido”, por exemplo. Ela admite, implicitamente, que algo visível “não foi visto”. Quando a construção é uma negação, essa interpretação é anulada. Essa noção de incerteza pode ser explicada discursivamente, mas a partir de uma análise sintática ela se torna mais evidente.

Orações de sujeito indeterminado são empregadas por motivos cognitivos ou discursivos variados, e a língua oferece a seus usuários diferentes meios para indeterminar, dissimular ou mesmo ocultar a identidade do ser humano a quem o sujeito da oração se refere. A razão cognitiva óbvia é o desconhecimento da identidade do ser de que se fala. As razões discursivas, por sua vez, são variadas: a conveniência ou oportunidade da omissão da identidade do sujeito é uma delas, o registro de linguagem empregado ou o gênero de texto produzido é outra.

[...]

Observe-se, ainda, que só é possível a indeterminação do sujeito quando o predicado se refere a algum ser humano no papel de sujeito. (AZEREDO, 2008, p. 226)

A maioria dos casos com esta perífrase verbal é de indeterminação do sujeito – excluindo o caso do §505, que se trata de um discurso indireto de um médico. Considerando a voz do narrador como o enunciador dessas orações, tanto a razão cognitiva, quanto as razões discursivas para a indeterminação do sujeito mencionadas são convenientes para justificar o emprego da construção. Cognitiva e discursivamente elas se implicam, pois em algumas situações em que ela é aplicada parece conferir ao personagem condutor da cena descrita pelo narrador determinado ponto de vista, outras situações parece ser um comentário do narrador. A mescla das duas formas de se interpretar esses casos ao longo do romance transforma-se em um mecanismo de condução do leitor para uma decisão cognitiva que ao mesmo tempo pode ou deve ser questionada.

Outro recurso deveras aproveitado por RF é a locução *de repente*. Ela é empregada 38 vezes. Novamente, levando-se em conta o tema do olhar, soma-se a ploce que a locução *de relance* configura, sendo empregada no início, no meio e ao final das orações. No caso de *de repente*, a locução assume o efeito de uma epímone, sendo evocada em muitas situações da narrativa.

19. **De repente**, Pedro viu a mulher que trazia a Bíblia sair da fila e caminhar com sua bolsa pesada na direção da fila da frente.

126. Seguro à mesa de cirurgia (com uma força que lhe pareceu exagerada) por dois enfermeiros corpulentos — na certa acostumados a lidar com bêbados ou malucos de todo tipo, que chegavam ali acidentados ou agredidos —, Pedro viu **de repente** o rosto muito jovem e muito fresco de uma mulher debruçar-se a um palmo do seu nariz.

29. No meio de pernas em correria e através da fumaça azeda que **de repente** caiu sobre ele e fez arder os olhos, o nariz e o fundo do estômago, Pedro teve sua última visão do livro.

39. Por isso, por causa desse som, quando Pedro se abaixou para pegar com a ponta dos dedos as moedas no chão e viu, ao nível dos olhos, os pés dos passageiros metidos em sapatos e em sandálias — passou **de repente** pela sua cabeça, e com toda a vivacidade, aquela memória, a antiga sensação, a cena muitas vezes repetida em pensamento: enquanto Pedro olhava, atento, seu livro ser pisado e chutado várias vezes pela rua, a larga vidraça de uma loja explodiu inteira bem em cima dele.

55. **De repente** o ônibus saiu pela outra boca do túnel, desceu uma rampa ainda em certa velocidade por mais uns setecentos metros, até que o motor engrenado rugiu alto, como se quisesse fazer as rodas girarem no sentido contrário.

73. O tórax apareceu **de repente** a um palmo dos olhos de Pedro e ocupou quase todo seu campo de visão, no instante em que ele começava a se virar para fugir.

98. Muitas palavras rodaram **de repente** no espaço estreito da sua cabeça.

99. Veio **de relance** a impressão de que estava sendo levado à força, em linha reta, para um poço cada vez mais fundo, para um corredor escuro que desembocava num tumulto, num caos de brutalidades.

111. O motivo foi o nome em letra maiúscula, o nome de um lugar conhecido e até familiar, que **de repente** surgiu inscrito naquele parágrafo e que soou quase como um estalo em sua testa.

124. Os semestres chegavam ao fim **de repente**, sem aviso, e ele até se espantava ao ver que não avançava no curso, que tinha de repetir as mesmas matérias, uma, duas, três vezes.

136. Pedro inventava explicações e **de repente** se concentrou na boca, nos dentes, lá no fundo, nos dentes de trás.

159. **De repente**, uma mangueira esguichava em leque por cima de um gramado. Um carro encostava diante da casa recém-pintada.

165. **De repente** o dono faliu, disseram: fechou as portas de verdade.

184. Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e **de repente** topava com um imenso vazio à sua volta.

187. **De repente** passou uma sombra dentro da cabeça de Pedro.

226. Sentado atrás do minúsculo balcão, Pedro reconheceu o livro pela capa — dali mesmo onde estava, **de relance**.

261. Pensando bem — e Pedro, de pé, mais ou menos no meio do ônibus, com a mão direita bem segura ao tubo de metal aparafusado ao encosto de um banco enquanto a mão esquerda abraçava a mochila contra a barriga e os pés se apoiavam num espaço estreito do chão de ferro — o chão pegajoso por causa dos respingos de um refrigerante ou sorvete —, um espaço de poucos centímetros quadrados, o que obrigava os pés a ficarem muito próximos e não permitia muito equilíbrio quando o ônibus freava ou avançava **de repente** e obrigava Pedro a segurar-se com mais força no tubo de metal e às vezes também o obrigava a escorar-se no lado do corpo de uma jovem parruda à sua direita, a qual, em vez de se irritar, achava aquilo engraçado e ria baixinho, talvez porque Pedro parecesse muito leve para ela — pensando bem —, Pedro pensou — o fogo das fogueiras, da praça da Bigorna ou do que fosse, o fogo, qualquer fogo, vinha bem a calhar.

270. Só sabia dizer que **de repente** o fuzil disparou e, depois da explosão, depois de um calor na cara que chamuscou suas pestanas e suas sobrancelhas e depois de alguns segundos às cegas e entontecido, ele sentiu um cheiro ardido comer seu nariz por dentro e, por último, viu que tinha perdido três dedos da mão direita.

323. **De repente**, um ou outro se esticava, puxava com a mão o ombro do que ia na

frente, gritava alguma brincadeira, os dentes irrompiam brancos, rasgavam risadas.

334. Já o pai de Rosane esfriou **de repente** por dentro: uma corrente gelada desceu até os pés.

334. Olhou **de relance** e percebeu na sua fila uns quatro ou cinco fregueses — os dois mais atrás levantavam a cabeça para ver o que estava acontecendo, o motivo da demora.

342. O dono da obra sumia, o escritório fechava **de repente**, eles nem tinham de quem cobrar.

347. Homens voavam **de repente** para trás, de braços abertos, com manchas vermelhas no peito da camisa, o corpo rolava sobre o capô brilhante dos carros novos ao som de explosões e de música trepidante.

369. — Mais dia, menos dia, eles vão dar cabo de todos nós — emendou o juiz **de repente**, bufando entre os lábios finos e cinzentos.

402. O garoto que dava instruções insistiu **de repente**: “Vai logo, vem para cá, corre para este lado”.

426. Depois, **de repente**, surgiam um, dois ou três automóveis desfigurados, moídos por dentro e por fora — o asfalto arrepiado por cacos de vidro.

442. **De repente**, ao levar o tranco do homem que saltou com as sacolas, ele se deu conta de que entre os passageiros não havia tanto falatório quanto no ônibus anterior.

444. Imaginou as penugens na nuca, logo acima dessa ponta de osso, o toque áspero, o arrepio — até que de repente, na outra margem da avenida onde o ônibus seguia, uma avenida de quatro pistas, num total de doze faixas de asfalto curtido, trincado na secura de sol e na acidez da fumaça dos motores, **de repente** passou bem devagar e um pouco acima das janelas um imenso cartaz de publicidade do tamanho do ônibus.

446. Ficava visível até na pele do rosto, que **de repente** escurecia, esquentava — uma contração irritava o beijo do Rosane, as sílabas atravessadas no fundo da boca.

500. Na porta da casa de Rosane, **de repente** ela disse que se estava ali, se ainda existia, era por causa de Deus, tinha de ser: o que mais?

515. O advogado só via os ex-presidiários **de relance**, quando esticava o olhar para além do vidro, entre os ombros dos estagiários.

517. Pelo menos, era o que diria se lhe perguntassem **de repente** e se ele não parasse para pensar melhor.

526. A preocupação com Rosane voltou **de repente**, mais forte.

527. Com uma ponta de incômodo que descia até o fundo, subia e voltava a descer e a furar mais fundo, Pedro sentiu **de repente**, numa onda, a fragilidade de Rosane.

531. **De relance**, no espelho retrovisor, Pedro viu de novo os olhos do motorista — uma luz rápida no piscar das pálpebras.

532. Mas **de repente** se impressionava mais uma vez ao ver como Rosane não conseguia ficar indiferente a quase ninguém no Tirol.

532. Mas muito mais constantes eram os que simpatizavam com ela, confiavam,

contavam suas lembranças, expunham **de repente** seus pensamentos mais pessoais.

537. Por seu lado, Pedro nunca fazia planos: olhava uma coisa, ouvia outra e **de repente**, quando via, o dia tinha terminado.

550. **De repente**, o caminhão parava com um tranco mais forte, todos se seguravam embaixo do banco.

555. Diziam que os terroristas apareciam **de repente** e fuzilavam na hora, sem avisar nem nada.

557. **De repente**, ele viu no escuro dois pontos luminosos pequenos e iguais, não no mar, mas em terra.

561. Gritou, fez uma cara tão feroz que o sujeito ficou mesmo de joelhos e chegou a tremer, branco, **de repente**.

568. Os olhos do motorista surgiram **de relance** no espelho retrovisor interno.

Esta epímone com a locução adverbial *de repente* é uma marca aspectual de circunstância pontual nas orações e expressa uma ocorrência momentânea, o que impede, em geral, a imperfectização (COSTA, 2004, p. 82) ou seja, a repetição desse traço perfectivo nas atitudes dos personagens confere, através desse recurso, em muitos casos, um tom ameaçador de algo inesperado ou desconhecido. Além disso, o efeito discursivo dessa repetição no romance, outra vez, tem como objetivo intensificar a atenção do leitor diante do que está sendo descrito na narrativa.

Em contraste a essas surpresas cotidianas por que passam os personagens de PFD e, ao mesmo tempo, justificando suas motivações, uma grande quantidade de advérbios e locuções adverbiais que marcam a repetição habitual de suas vidas podem ser encontradas ao longo do romance. A seguir listam-se alguns exemplos e, ao lado da expressão, entre parênteses, quantas vezes determinado recurso aparece no romance:

de novo (36)

70. “O celular não pega, já tentei. Vai ver tacaram fogo naquelas antenas **de novo**”.

185. Agora, sentado no ônibus, junto à janela aberta, com o livro aberto **de novo** nas mãos, Pedro pensava em Rosane.

350. Não dava sono, mas mesmo com o barulho e os trancos alguns passageiros sentados dormiam, cochilavam um pouco, de cabeça mole, e toda hora acordavam **de novo**.

406. **De novo**, palavras em inglês acenderam na parte debaixo da tela, uma contagem numérica se movimentou e se apagou também.

481. Além do mais, aconteceu que Darwin se referiu **de novo** a uma vespa e uma aranha — como Pedro tinha lido algumas páginas antes, numa folha com um rabisco de criança, a lápis, sobre as letras.

às vezes (56)

146. O freio **às vezes** guinchava por baixo do chão.

166. Ele vivia indo ao Ministério do Trabalho, no centro da cidade, **às vezes** falava sozinho, em voz baixa, enquanto andava, até que um dia sumiu: ninguém mais soube dele.

199. Chamava a si mesmo de João, mas não lembrava o sobrenome e **às vezes**, poucas vezes, quase desconfiava não ser João seu nome verdadeiro.

215. Enquanto o Júlio argumentava, Pedro **às vezes** olhava para o teto da enfermaria e aquela superfície plana, com carocinhos da pintura bem visíveis, parecia balançar de leve, em ondulações, músculos que se mexiam por trás.

284. Duas moscas rodavam no ar, não se aproximavam da mesa e **às vezes** cintilavam num reflexo rápido ao cruzar uma faixa de sol que cortava o ar da cozinha.

algumas vezes (5)

280. Começou quando levou Rosane para casa numa sexta-feira, como já tinha feito **algumas vezes**.

360. Porém uma juíza jovem, que na faculdade tinha sido aluna daquele juiz aposentado, aparecia **algumas vezes**.

390. Pedro tinha visto **algumas vezes**: os dois, aqueles dois ou outros dois, ficavam na porta, olhavam lá para dentro com cara de torpor, de sono, mas com uma atenção, com uma avidez que achavam mais prudente disfarçar.

519. **Algumas vezes** chegava com o braço lanhado, tentava esconder com as mãos os riscos em brasa na pele.

541. Agora estava sentado à mesa da cozinha na casa de Rosane, com ela e com Pedro, no finzinho de uma tarde de sábado, como acontecia **algumas vezes** nesse horário.

de vez em quando (23)

13. A cabeça ia ficar encostada no vidro da janela, ou ia tombar **de vez em quando**, quase tocando em quem estivesse sentado ao seu lado.

196. Algumas lascas tinham descolado no piso de borracha preta, onde **de vez em quando** passava devagar e tateante uma baratinha da cor e do formato de uma amêndoa.

347. Era um filme americano, havia tiros **de vez em quando**, armas de vários tipos — em gavetas, em cintos, em bolsas, no porta-luva, em mãos de homem e de mulher.

513. Outros presos, que não tinham parentes que pudessem ou quisessem ajudar, eram obrigados a pagar propinas para conseguir, ao menos **de vez em quando**, refeições toleráveis.

578. **De vez em quando** ouvia um sapo de um lado, um outro sapo mais adiante, um grilo piava, e Pedro parava de novo e ficava escutando a própria respiração na garganta.

uma, duas vezes (3); duas vezes (4);

24. Era um homem de cabelo grisalho e bem curto, que virou a cabeça para trás **uma, duas vezes**, em dúvida, inquieto.

64. Enfim, descoberta a aranha, a vespa cuidou de evitar o perigo de suas mandíbulas e soube manobrar o voo com agilidade para ferroar – uma vez, **duas vezes** – a parte inferior do tórax de sua presa.

302. Foi uma mulher do departamento de pessoal da empreiteira onde ele antes trabalhava que, ao ouvir suas queixas, seus soluços engasgados, soltou um suspiro, puxou o brinco no lóbulo da orelha **uma, duas vezes** e, por pena, por simpatia — afinal, fazia anos que os dois se viam ali na empreiteira —, ou por desenfado, ou sabe lá por que, lhe deu uma ajuda que se revelou decisiva.

411. De fato, enquanto um número piscava **duas vezes** no alto da tela, surgiu uma arma na mão do jovem de pele cor de café com leite.

512. Os familiares tinham de levar de casa mantimentos para o seu preso, mas só podiam fazer isso nos dias de visita — **duas vezes** por semana.

mais uma vez (7); outra vez (9)

119. O ônibus sacudiu quando as rodas passaram por um buraco mais fundo, todos pularam nos bancos **mais uma vez** e se agarraram aos tubos de alumínio.

485. E Pedro lembrou **mais uma vez** a cena do Darwin numa balsa com um escravo, cruzando um rio: ficou muito bem descrito como o escravo reagiu sob ameaça.

95. E mesmo assim, só se tiver morrido alguém. Da **outra vez** foi assim, continuou.

111. Mesmo com tudo isso na cabeça e com as páginas do livro bem seguras entre os dedos das duas mãos, por causa do vento que entrava pela janela aberta do ônibus e às vezes empurrava as folhas de papel, Pedro conseguiu se concentrar na leitura **outra vez**, ainda que só por algumas linhas.

563. Sentado à mesa na cozinha da casa de Rosane, o guarda-vidas abriu a mão, olhou para os grãos de arroz sobre a pele cor-de-rosa, atravessada por rugas e cicatrizes minúsculas, e fechou os dedos **outra vez**.

muitas vezes (15); tantas vezes (6)

67. **Muitas vezes**, ficava até domingo na casa de Rosane – ou melhor, na casa do pai de Rosane.

292. Tentou **muitas vezes**, experimentou tudo o que pôde, até os passes de um médico espírita ele pagou.

79. Assim, como ele mesmo tinha visto **tantas vezes** — de longe, de passagem, com alguma indiferença, com desconfiança, até.

305. Entendeu também que se ela repetia isso **tantas vezes**, tão metódica, sem desistir, era porque de fato achava as moedas, escavava alguma nota amassada e suja, cor de lama, e que também por isso ninguém enxergava.

446. Era a mesma mulher que aparecia **tantas vezes** nas bancas de revistas, em cartazes nas ruas, nos shoppings.

várias vezes (10)

300. Depois de sempre se repetirem os ataques de alergia a partir quase dos primeiros minutos do seu regresso ao trabalho, assim que se encerrava o período de folga que tinha recebido dos médicos para ver se conseguia se recuperar outra vez — e depois de voltar **várias vezes** à perícia, ficar na fila, na sala de espera, ouvindo o silêncio dos estropiados, os resmungos dos nervosos, o pai de Rosane começou também a se irritar com os médicos.

301. Se no início a palavra invalidez, ouvida **várias vezes** naquelas salas de espera, lhe dava medo e uma ponta de nojo, ele logo se familiarizou com aquele som, logo a ideia lhe pareceu amiga, as sílabas promissoras.

338. Tentavam lembrar, davam voltas, passavam **várias vezes** nos mesmos lugares.

342. **Várias vezes** levavam calotes do patrão e no fim não recebiam nada.

517. Uma parede que ele tinha visto **várias vezes**, durante muitos anos — desde criança, na verdade, ao passar de ônibus —, sem que ninguém comentasse nada.

sempre (61); quase sempre (4)

12. E sabia que ela trazia dentro da sacola, **sempre** abarrotada, uma Bíblia encapada em plástico transparente, que ia abrir e ler no seu banco do ônibus, durante a viagem de mais ou menos uma hora e meia.

19. Direção oeste: o sol **sempre** à frente, o sol cada vez mais baixo, agarrado às antenas e aos fios sobre o casario pobre e interminável que se alastrava dos dois lados da pista.

112. Admirado com a paisagem, pisava de leve a fim de não perturbar o silêncio geral — **sempre** com o olhar atento aos insetos, às plantas, até aos líquens mais rarefeitos.

173. E às vezes pediam para trabalhar fora do horário, sem nunca pagar hora-extra, como também **sempre** acontecia.

169. Por isso andava **quase sempre** de boné.

Do total de 203, não é possível constatar o valor de habitualidade em todas as ocorrências. Contudo, quando somadas ao valor de repetição e ao valor de iteração, a ideia de uma constante, tanto nas ações e nos pensamentos dos personagens, quanto nas descrições do narrador, cadencia o desenvolvimento do enredo narrativo. O substantivo *vez*, núcleo de grande parte dessas locuções, significa, segundo o DH, “designação da ocorrência de um evento ou de cada ocorrência de eventos sucessivos idênticos ou análogos”. Sua modalização

ora intensificadora, ora atenuante, é digna de nota para entender a valorização da variação das descrições da narrativa.

Foram separadas, a seguir, passagens em que verbos com prefixo *re-* ocorrem em PFD. Distinguiram-se algumas maneiras de empregá-los consideradas relevantes, entre as quais algumas foram agrupadas por semelhança, mas nem todas receberão um comentário específico:

a) Verbo e repetição do mesmo verbo com o prefixo *re-*:

75. Por um momento, não soube se estava deitado, sentado ou agachado, perdeu o domínio até do movimento dos olhos, que **batiam** e **rebatiam** em tudo.

317. Assim *retardavam* o passeio do carrinho, iam e voltavam pelos corredores, *retiravam* alguns produtos que já haviam apanhado e punham outros em seu lugar. **Arrumavam** e **rearrumavam** os produtos encostados nas grades do carrinho a fim de aproveitar todos os espaços, e *refaziam* os cálculos — tão atentos às mercadorias, que ficavam mais vistosas por causa das luzes brancas e brilhantes lá no alto, que mal se davam conta da presença de outras pessoas.

438. Aquele ir e vir nos fins de semana, aquele movimento de entrar e sair do Tirol, *repetido tantas vezes*, o simples deslocamento pelas ruas compridas dentro do ônibus com um destino determinado, a oeste, *sempre* na direção do sol, o sol poente, mas aceso na sua testa quase até o fim — tudo aquilo bastava para **criar** e **recriar** com mais força toda semana um lado de fora e um lado de dentro.

489. A mãe não descansava: limpava, **fervia** e **refervia** tudo, *muitas vezes* zozna de sono, quase às cegas.

Este é o caso mais sintomático da prefixação. A repetição do mesmo verbo, servindo de base para outro verbo com o prefixo *re-*, ora promove a ideia de repetição em um curto espaço de tempo (§75 e 317), ora a ideia de repetição causada pela rotina (§438 e 489).

b) Coordenação de adjetivos deverbais do particípio em que o segundo termo apresenta o prefixo *re-*:

299. Havia gente que não entendia as explicações do médico, — “mas eu tenho pressão alta”, “ora, eu também tenho e estou aqui trabalhando” —, tinha havido gritos, ameaças, murros chegaram a afundar as divisórias meio bambas, feitas de algum tipo de massa prensada, de papel e plástico, muito limpas, **pintadas** e **repintadas** de cinza.

30. Para ser mais exato, ele poderia dizer que carregava sua tibia inteira, do joelho até a articulação do tornozelo – a mesma articulação mal e porcamente reconstituída, horas depois, na noite daquele mesmo dia do tumulto na rua — reconstituída por suturas externas e internas, por pinos e parafusos, **enfiados** e **removidos** no vaivém das dúvidas do cirurgião.

195. Uma fração do retrato daquele barqueiro **feito** por Darwin e **reproduzido** no livro acendeu na memória de Pedro a lembrança de um homem — talvez tenham sido as palavras “um negro de todo imbecil”, que estavam no papel.

281. Feita de um aglomerado de serragem e cola revestido com folhas de fórmica branca já lascadas nos cantos, a cama tinha o colchão coberto por uma colcha limpa, de bordas franzidas, que pendiam nas beiradas a toda volta, enfeitada com desenhos alegres, até um pouco infantis, em tons fortes de violeta — a mesma cor de duas bonequinhas de pano, visivelmente antigas, já **puídas** e **remendadas**, que Rosane deixava sentadas em posições simétricas sobre o travesseiro.

Nos casos acima, observa-se que a coordenação da qualidade dos objetos obrigatoriamente posiciona os adjetivos com *re-* depois da primeira qualificação. Isso acontece porque o prefixo presente no segundo elemento faz menção ao sentido imposto pelo primeiro adjetivo empregado. Só no caso do §229, tem-se a repetição do adjetivo na base do segundo termo, aproximando-se assim dos casos verbais do item a) desta sessão.

c) Coordenação de locuções verbais em que o segundo verbo apresenta o prefixo *re-*:

62. Darwin, num de seus passeios por aquela mesma região, havia **observado** e **registrado** como algo memorável um combate entre uma vespa e uma aranha.

102. Muitas casas foram **subdivididas** e **revendidas**, e também ampliadas para cima, à medida que chegava mais gente para morar.

Neste caso, há dois exemplos bem distintos. O do §62 conta com um verbo com *re-* que não é exatamente um caso de prefixação, pois *registrar* é um dos verbos que vieram com esta forma diretamente do latim e não conta com nenhuma variação prefixal na língua portuguesa. No entanto, sua coordenação com *observar* pode ser entendida como uma confirmação por escrito do que foi observado, isto é, um modo intensificador. Se se omitisse o termo registrado (*havia observado como algo memorável*), pelo contexto do romance, entender-se-ia que implicitamente o que foi observado havia sido registrado, pois Pedro lê um livro sobre Darwin.

O exemplo do §102 apresenta a iteração em ambos os verbos, já que *subdividir* prevê uma divisão anterior e *revender* uma venda anterior.

d) Coordenação de verbos em que o segundo verbo apresenta o prefixo *re-* justificado semanticamente pelo primeiro verbo:

74. Ainda **percebeu** que do alto caíam uns arcos de ferro retirados dos canteiros de plantas e **reconheceu** o cheiro ardido de pólvora logo depois do estampido de um rojão a uns cinco metros dali.

120. Tinham dito a ele que era fácil, muita gente estava entrando nos negócios por esse caminho — **disseram** e **repetiram**, os negócios, o dinheiro, e ele mesmo viu na televisão uma entrevista de um sociólogo que falou sobre o espírito empreendedor represado naqueles vendedores de calçada.

165. O pai trabalhou quase vinte anos numa firma que de dois em dois anos **fechava** e **reabria** em seguida com outro nome e outro registro de pessoa jurídica para não ter de pagar os direitos trabalhistas aos empregados e poder fugir de impostos.

275. *Por um segundo*, Pedro desconfiou que **pensava** e **realçava** tudo isso para não *pensar* no acidente. *Por um segundo*, chegou a admitir que empurrava para longe a lembrança do ferimento e a previsão de suas consequências para o garoto.

348. A expressão de quem olha e ao mesmo tempo tenta lembrar alguma coisa, algo que *resiste*, foge — Pedro **observou** e **reviu** ali, *reforçadas*, as feições e um certo jeito de Rosane.

470. Diante do cartaz, sob as asas brancas e compridas da tal ave marinha, que **esticavam** o céu e **relaxavam** o horizonte de uma ponta à outra da foto, Rosane recebeu e assinou os documentos da demissão.

No §74, *perceber* (por meio dos sentidos) descreve, em princípio, a visão de Pedro. A sequência, no entanto, demonstra que a percepção se estende pela audição (*estampido de um rojão*) e pelo olfato (*cheiro*), de modo que o *reconhecer* é uma consequência de perceber. Novamente, *reconhecer* é uma forma que veio direto do latim e seu sentido expandido no português se deve às características do prefixo *re-* isoladamente.

No §120, como mencionado anteriormente no início da análise, o significado primordial de repetir é ‘tornar a dizer ou escrever’. Sua utilização nesse caso é a mais tradicional possível.

No §165, a imperfectividade da cena descrita, com o circunstancial temporal *de dois em dois anos* especifica o traço iterativo tanto ao primeiro verbo *fechar* quanto ao verbo *reabrir*. O prefixo *re-* reforça a proximidade juntamente com a locução adverbial *em seguida*.

No §275, o verbo *realçar*, ao ser coordenado com *pensar*, ressalta sua qualidade abstrata, distanciando do sentido físico que é atribuído predominantemente a *alçar* e ainda é reservado em alguns casos para *realçar*. Assim, sua coordenação qualifica o primeiro termo.

No §348, diferente do comentário no item c), em que *observar* pode ser comparado a *registrar*, o verbo *rever*, quando coordenado ao primeiro verbo, afasta o sentido sinônimo da base, pois o objeto direto de *observar* está antecedido no trecho e faz com que o prefixo *re-* intensifique a aproximação de seu objeto (*as feições e um certo jeito de Rosane*).

No §470, os verbos coordenados se relacionam por oposição, logo o prefixo em *relaxar* assume um valor de intensificação do sentido contrário.

Uma série de figuras de retórica de repetição colabora textualmente para diversificados efeitos textuais e discursivos de repetição. Poucos efeitos sonoros são detectados, por exemplo, um homeoptoto é formulado quando Pedro se imagina embrenhado no pântano:

577. **Molhado, cansado, enlameado**, Pedro pisava tateante, com cuidado, o solo seco ou o fundo dos charcos, onde as pernas afundavam até a coxa na água gelada, grossa.

Um exemplo de diácope com a preposição *sem*:

4. Além do mais, é preciso reconhecer: **sem** mal-estar, **sem** adversidade, **sem** um castigo sequer, como se pode esperar que haja alguma adaptação?

A epanaplese com a palavra “sombra” reforça a ideia de unidade da fila. Ou seja, a fila formada por vários corpos enfileirados geravam apenas uma sombra e não várias.

3. A **sombra** da fila, estendida quase ao máximo sobre a calçada, era a única **sombra**.

A mesodiplose no §444 serve para representar o esforço imaginativo de Pedro ilustrado no início do parágrafo. O sintagma “tentava imaginar Rosane” ilustra o seu pensar reiteradas vezes. Até a epanadiplose criada pelo “quem sabe” no início do parágrafo, sendo retomado ao final de outra oração, reforça a tentativa de imaginar.

444. *Quem sabe ela já está em casa?* — pensou pela primeira vez. Pensou de novo, e de novo — se apegou à ideia com força, com gosto, *quem sabe?* **Tentava imaginar Rosane** já em casa, porta fechada, janela fechada, com o pai, com a tia, **tentava imaginar Rosane** na cozinha preparando qualquer coisa para ele comer — nessa noite não iriam ao supermercado, ela não iria ao colégio, não haveria aula.

Aliás, diferente dessa ocorrência, marcada em itálico no próprio texto, fazendo referência a um pensamento de Pedro, a expressão “quem sabe” é um recurso discursivo do autor para representar, por exemplo, as especulações que o protagonista faz sobre os mais diversos fatos que lhe passam ao longo do livro. Ele aparece outras 33 vezes, como nessa sequência anafórica:

491. Com o ônibus parado, Pedro pensava rápido, a cabeça voava, e ele imaginou que mais tarde, um ano depois, digamos, a mãe da Flávia já arranhou meios de ir

melhorando sua casa aos poucos. Ou **quem sabe** foi outra coisa: **quem sabe** não foi a criança, mas sim ela mesma, a mãe, essa menina sentada ali no ônibus, que ficou doente depois do parto. **Quem sabe** foi ela que escapou por pouco e daí veio a tatuagem, “minha vida”. Pedro, ao pensar nisso, parou um instante.

Ao introduzir o personagem João na narrativa, o narrador, com uma paráfrase, sublinha um trecho do livro de Darwin para relacionar com uma lembrança de quando Pedro estava hospitalizado. O sintagma original aparece pela primeira vez (§190) e é citado pela segunda vez (§195) no meio das orações. No parágrafo §199, inicia a oração substituindo “negro” por “homem”. A repetição com esse sintagma através da plocé correlaciona trechos temáticos diferentes da narrativa:

190. Tratava-se, nas palavras do naturalista, de **um negro de todo imbecil**, pois Darwin tentava se comunicar com ele sem alcançar nenhum sucesso.

195. Uma fração do retrato daquele barqueiro feito por Darwin e reproduzido no livro acendeu na memória de Pedro a lembrança de um homem — talvez tenham sido as palavras “**um negro de todo imbecil**”, que estavam no papel.

199. **Um homem de todo imbecil**, inferior ao mais insignificante dos animais domésticos — talvez alguém, talvez o próprio Pedro, dissesse o mesmo sobre o paciente no leito à frente dele.

Novamente, se referindo à história do personagem João, repete-se uma oração. A primeira apresenta o personagem como o objeto direto “João”, que é substituído na segunda pela antecipação do objeto com o pronome oblíquo da terceira pessoa masculino. A diferença das duas está na locução adverbial que as segue. Na primeira, informa-se o local, na segunda, quando se passou a ação.

203. **o caminhão que atropelou o João** na beira da calçada, diante de uma pequena construção onde disseram que ele trabalhava, mas onde semanas depois a assistente social do hospital foi conferir e não havia nenhum registro de um operário ausente na lista de empregados — **o caminhão que o atropelou** naquele dia foi embora e deixou-o desacordado na rua, sem nenhum documento no bolso.

Um trecho marcante sobre repetição textual e discursiva é a passagem em que o narrador, sob o ponto de vista de Rosane, questiona como vidas de trajetórias, até um dado momento, tão semelhantes – como a sua e de sua amiga de infância – poderiam ter destinos tão diferentes. Textualmente, o poliptoto – a repetição do adjetivo como diferentes flexões – intensifica um conjunto de situações pelos quais passaram as amigas. Discursivamente, a repetição está no fato de que no caso de “ameaças” e “humilhações” não são necessárias e exatamente as mesmas. São parecidas, pois provêm do mesmo ambiente (“mesmo tempo” e

mesmas ruas”), mas são acontecimentos comuns, que se repetem (“no dia seguinte, na semana seguinte”), diferente de “mesmo ar” ou “mesmas palavras” que podem, aí sim, ser um só compartilhado simultaneamente.

182. As duas cresceram ao **mesmo** tempo, nas **mesmas** ruas, respiraram o **mesmo** ar parado, meteram os pés nas **mesmas** poças, as **mesmas** vozes falaram para uma e para outra, as **mesmas** palavras voavam à sua volta. Elas dormiram debaixo das **mesmas** noites, debaixo da **mesma** poeira e abafamento, depois de pressentir as **mesmas** ameaças, depois de esbarrar nas **mesmas** humilhações — as **mesmas** que iriam se pôr no seu caminho no dia seguinte, na semana seguinte.

As repetições de “mundo” e “atenção”, no segmento a seguir, configuram um epânodo em que os termos, cada vez que reaparecem na sequência textual, têm seus sentidos desenvolvidos:

62. Naquela página do livro, a criança deixou um risco tremido, talvez uma tentativa de imitar a letra B. Ficou bem claro, para Pedro, nessa passagem, como até o passeio, até o lazer do cientista supunha seu trabalho ininterrupto: o **mundo** tinha de se dobrar, tinha de tomar a forma da sua **atenção**. E quanto mais **atenção**, mais **mundo** existia para ele: mais **mundo** pertencia a ele.

Diferentemente ocorre na antanáclase (ou diáfora) a seguir

4. Acontece que toda **hora** é **hora** de avançar na escala evolutiva, subir mais um degrau.

Nela o termo repetido em questão apresenta sentido distinto. Ou seja, se o primeiro significar “momento”, o segundo deve significar “oportunidade” ou “chance”. Ou o contrário, respectivamente: “Acontece que todo momento é a chance de avançar...” ou “Acontece que toda oportunidade é o momento de avançar...”.

Na passagem seguinte, uma anástrofe – a mudança na ordem dos constituintes que se sucedem – configura uma epanadiplose com a palavra “razão”, bem como resguarda traços de uma antanáclase, apesar de não ocuparem a mesma oração.

9. A **razão**, Pedro ignorava. Nem se esforçava em procurar uma **razão**, pois para ele tratava-se de um sentimento vago demais, quase em forma de segredo.

A diferença nessa construção está na definição e na indefinição de como o termo é mencionado nas orações. Quando aparece pela primeira vez com o artigo definido, retomando a ideia citada no parágrafo anterior, “a razão” seria “o motivo”, da segunda vez, “uma razão”

equivaleria a “uma explicação”. Talvez, poder-se-ia dizer que os termos não merecessem tal discernimento. Contudo, uma elipse poderia apagar a segunda vez que “razão” aparece, deixando apenas a possibilidade de interpretação para uma conotação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de propor um avanço para a descrição de um dado da língua portuguesa – os morfemas prefixais *re-*, prioritariamente, e o *retro-*, conseqüentemente –, tendo como *corpus* uma obra literária contemporânea se comprovou árdua, porém, até determinado ponto, satisfatória.

Árdua, porque selecionar quais os aspectos históricos e teóricos deveriam embasar a importância de ambas as áreas específicas, língua e literatura, de maneira a se complementarem, revelou as complicações que existem quando se depara com incontáveis possibilidades válidas, mas que nem sempre são capazes de se coordenarem. Satisfatória, porque o objetivo proposto pôde ser contemplado durante a análise do *corpus*.

A primeira reflexão difícil decorreu da elaboração teórica de como traçar uma ponte entre a relevância da língua para o desenvolvimento humano ao longo da história preencheu o vínculo pragmático entre esta linguagem codificada e os seus usuários de modo a privilegiar aspectos iniciais que correlacionam língua e pensamento. Por ter como objetivo final a análise de um *corpus* literário delimitado a um livro de um autor brasileiro contemporâneo, a opção de dar prosseguimento ao tema anterior avançou por tópicos relacionados à língua portuguesa e sua relevância como uma das línguas mais faladas e escritas, sendo o Brasil o território com mais falantes nativos.

A partir dessa primeira etapa, a língua portuguesa no Brasil é o tema privilegiado para se entender dois pontos relativos a sua estabilização e a sua dinâmica. Esse tema, aliás, foi habitual para personagens históricos da literatura brasileira na primeira parte do século XX, por exemplo, e, hoje em dia, recebe a companhia de linguistas renomados. Essa querela entre escritores e linguistas sobressaiu pelo fato de RF ser um personagem que transita entre o ensino de língua e a criação artística a partir do seu objeto de ensino. Um professor-escritor cuja preocupação em aprimorar as ferramentas para um pensamento autônomo levou-o a mudar radicalmente seu estilo como escritor.

Para, então, sublinhar o interesse desta tese no papel literário em relação a língua, acredita-se que a estilística, valorizada nos anos de 1950 e 1960, mas desacreditada nos anos de 1980 e 1990, ainda desempenhe fundamental manancial teórico para se investigar a produção linguística. Apesar dos percalços de se avançar tanto tão sucintamente, o capítulo, com as lacunas que sempre existirão, contribuiu com uma tese que se propõe recuperar a valorização dos estudos de língua a partir de obras literárias, neste caso, contemporâneas.

Verificar e elencar a abordagem contemporânea sobre o processo de prefixação está vinculado com a marca linguística diagnosticada no romance PFD pelo autor desta tese. Depois de elencados, constatou-se que este procedimento, tanto para a compreensão dos sentidos de palavras já dicionarizadas, quanto para o entendimento na formação de novos termos, tem uma cobertura distinta entre as três gramáticas consultadas. Desde uma postura mais normativa, como a de Bechara, até uma visão que incorpora teorias linguísticas e uma perspectiva de significação do processo, como a Azeredo, a questão se vê bem analisada. Prefere-se, entretanto, esta última abordagem e crê-se que, para o objetivo almejado, o reinício de um debate sobre a consideração descritiva da prefixação como um processo de composição, em vez de derivação, como está consagrado, não seria relevante para os tópicos subsequentes.

O levantamento dos sentidos para os prefixos *re-* e *retro-* foi de extrema valia para o ponto de partida do que se entende como principal fundamento linguístico para esta tese. Outra fundamental contribuição para esta pesquisa é o estudo espanhol sobre a prefixação de Varela & Garcia. As autoras espanholas fazem uma acurada pesquisa sobre os traços semânticos de vários prefixos comuns às línguas espanhola e portuguesa. Objetivamente, foram aproveitados somente os prefixos perscrutados na tese e, a partir do significado de iteração, incluídas as acepções de *sobre-* e *sub-*.

A inconstância dos significados atribuídos a *re-*, principalmente por dicionários e gramáticas – o único que cobriu todos os sentidos dispensados por diferentes referências foi o DHe, muito por causa de sua janela complementar de elementos mórficos – confirmou a preocupação mencionada como motivação para esta pesquisa. Mesmo que não seja possível transportar o estudo espanhol integralmente para considerá-lo totalmente compatível às características da língua portuguesa, em grande parte ele pode ser aplicado. Portanto, soma-se à constatação da variação e da incompletude dos verbetes dos dicionários, porque estes são apenas um recorte das possibilidades de significação de uma palavra, e das menções nas gramáticas a abrangência de significados do ponto de vista argumentativo das construções oracionais sobre iteração e intensificação.

Ao se concluir que, de fato, há lacunas no registro do sentido dos prefixos quando estes formam novas palavras a partir de bases vernaculares ou, até mesmo, como essa lacuna não é preenchida, mesmo quando um termo com a partícula *re-* adveio para a língua portuguesa diretamente do latim, julgou-se necessário incorporar, para ampliação dos sentidos de repetição e intensificação, outras marcas textuais que os valorizam.

Detendo-se ao *corpus* literário da tese, as principais marcas textuais recorrentes no texto e que valorizavam os aspectos de repetição, iteração e habitualidade das ações dos personagens foram os advérbios e as locuções adverbiais circunstanciais de tempo. As figuras de retórica de repetição que, tradicionalmente, costumam representar, por exemplo, a intensificação sonora em poemas ou elementos coesivos de prosas, foram elencadas a partir da obra de José Luiz Fiorin.

O acréscimo desse aporte teórico aos conceitos de prefixação e os sentidos previstos pelos prefixos *re-* e *retro-* encerram a parte da tese que prioriza aspectos predominantemente linguísticos. Todavia convém destacar que a sequência desses temas foi assim desenvolvida para colocar em evidência traços semânticos que vão desde a formação de palavras, passando pela sua importância nas construções oracionais, até alcançar um objeto textual de maior complexidade, como um parágrafo, ou, neste caso, um romance.

Essa escolha se mostrou competente de maneira a contemplar a análise. Talvez, entretanto, perscrutar como considerações sobre o valor semântico poderiam atuar na formação de palavras reacendesse o debate sobre derivação ou composição no que diz respeito ao processo de prefixação. Não pareceu razoável para os objetivos da análise aprofundar-se neste tema, porque só foram estudados os casos específicos dos prefixos pertinentes à tese. Porém, se novas gramáticas ou reedições de importantes gramáticas da língua portuguesa do Brasil resolvessem expandir este tópico, os aspectos semânticos, como os mencionados por Varela & Garcia, teriam grande valor para a descrição linguística.

Antes de avançar para a análise do *corpus*, os capítulos 5 e 6 compuseram um papel determinante para as observações discursivas sobre os recursos linguísticos. O capítulo 5 enfatizou a importância das três vertentes profissionais do autor do livro do *corpus*. Cada uma delas reforça uma especificidade entre língua e pensamento. A experiência como professor de língua portuguesa em escolas de periferias da cidade do Rio de Janeiro não pode ser avaliada com exemplos, senão a partir de seus depoimentos. A oportunidade que teve o autor da presente tese de participar de uma de suas aulas, não foi como professor de língua, mas como professor de um curso sobre produção de contos, baseado em sua própria experiência de escritor de contos. No entanto, o fato de ser tradutor e escritor reconhecido pela crítica em ambos os campos e enfrentar as dificuldades que um professor de língua portuguesa enfrenta no seu dia a dia merece ser levado em conta na sua lida com a língua, que é sua ferramenta de expressão tanto na tradução quanto na criação literária.

Os comentários depreciativos em relação à literatura contemporânea de língua inglesa que traduzem e a dedicação com que se empenha em traduzir a literatura russa do final do

século XIX também contribuem com sua caminhada como escritor ficcional. Aliás, o paralelo que traça entre traduzir uma obra e traduzir uma ideia e não reconhecer diferenças entre os processos, apesar de ser uma “maneira de dizer”, encarrega-se de valorizar a influência que a atividade da tradução exerce sobre sua produção ficcional.

Como escritor, o principal fator frisado foi a tomada de consciência crítica sobre sua primeira fase, composta de seus primeiros três romances, e como essa posição o moveu a trabalhar outro modelo de narrativa de modo que a nova experiência permitisse sua reinvenção estilística. Por isso, a título de demonstração, expuseram-se algumas passagens dos primeiros romances e, com o auxílio de comentários do crítico literário Luiz Costa Lima, examinou-se como o estilo empregado por RF em suas obras foi aos poucos se modificando. A análise dos temas, o principal e os periféricos, contidos em PFD partem de comentários do próprio escritor, que não se furta a debatê-los em diversas oportunidades. Ao discutir tradução e, principalmente, nas apresentações que escreve para suas traduções do russo, RF dá pistas de seu olhar sobre o papel da literatura na sociedade e de como algumas técnicas empregadas alcançam efeitos expressivos.

A análise do *corpus* conseguiu desempenhar um papel efetivo baseado nos argumentos compilados anteriormente nos capítulos antecedentes. Todas as marcas que indicam características de repetição comuns à rotina dos cidadãos de uma grande metrópole podem ser identificadas em construções verbais com a presença de verbos com o prefixo *re-* isoladamente, com a coordenação de verbos que ora repetiam sua base (*fervia e refervia*), ora não repetiam (*fechavam e reabriam*), as locuções adverbiais (*de novo*), advérbios (*sempre*), repetições de sintagmas verbais relacionados ao modo de perceber (*dava para ver*) e outros.

Sobre como o narrador do livro impregna a consciência do leitor com a repetição das ações no transcurso da viagem de Pedro e nos relatos que compõem a história, identificou-se a locução *de repente* como uma epímone que permeia praticamente as reações de todos os personagens que compõem a narrativa. Essa, assim como outras figuras retóricas, é um caso de repetição textual que se correlaciona com os aspectos discursivos das palavras com o prefixo *re-* e suas outras formas perifrásticas.

Devido ao escopo deste trabalho e outras limitações, como aspectos da teoria literária para a interpretação de um romance, uma total consagração de que este índice linguístico dê cabo de uma estrutura romanesca não pode ser admitido. Além disso, apesar de não ter sido necessário para alcançar o objetivo aqui proposto, a utilização de ferramentas de levantamento de dados para verificar, não apenas no *corpus* escolhido, mas toda produção ficcional de RF,

podendo também aí incluir algumas de traduções do russo, enriqueceria o tópico dedicado a sua transformação estilística.

Por fim, espera-se ter contribuído para a continuidade de estudos da língua portuguesa a partir de um *corpus* literário, ao descrever e caracterizar dois prefixos percebidos como essenciais, e manifestações linguísticas advindas de suas significações, com o intuito de interpretar um dos possíveis mecanismos constitutivos dos temas histórico-sociais abordados no livro PFD de RF.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. S. O Brasil e sua língua: trilhas de uma questão. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares; PORTUGAL, Francisco Salinas. (Org.). *Estudos Galego-Brasileiros*. 1. ed. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2003. p. 329-354.
- _____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. Introdução: norma linguística & outras normas. In: *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, M.A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- _____. *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BARTHES, R. et al. *Linguística e literatura*. Lisboa: Edições 70, 1968.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 15. reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SOBRAL, A. Posfácio. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (Org.). *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 201-214.
- BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BUESCU, M. L.C. *A língua portuguesa, espaço de comunicação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- BURKE, Peter. Introdução. In: _____; PORTER, Roy (Org.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997.
- CAMARA JR. J. M. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004. 80p. (Coleção Linguística e Filologia).
- CARDOSO, E. de A. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. In: SILVA, L.A. *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.
- CARVALHO, J.A.B.S. *O ensino da escrita: da teoria às práticas pedagógicas*. Braga: Universidade do Minho, 1999.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002. – (Repensando a Língua Portuguesa).

CRESSOT, M. *O estilo e as suas técnicas*. São Paulo: Edições 70, 1980.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. CD-rom versão 1.0, para Windows.

DUARTE, P. M. T. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.

FERREIRA, A.B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FIGUEIREDO, R. Apresentação. In: GONTCHARÓV, I. A. Oblómov. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 9-13.

_____. Apresentação. In: TOLSTÓI, L. *Anna Kariênina*. Tradução de Rubens Figueiredo. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.6-11.

_____. Apresentação. In: TOLSTÓI, L. Guerra e paz. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.13-20.

_____. *Barco a seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Essa maldita farinha*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *A festa do milênio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *O livro dos lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *O livro dos lobos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O mistério da samambaia bailarina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

FIGUEIREDO, R. *As palavras secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Entrevista concedida ao programa Entrelinhas (TV Cultura Digital). São Paulo, 31 out. 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=AQdCTXNRkpw> >. Acesso em: 9 set. 2017.

FIGUEIREDO, R. Entrevista concedida ao programa Livros (UNIVESPTV). São Paulo, 13 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aa0doZ_TRRs>. Acesso em: 9 set. 2017.

_____. Entrevista concedida ao Programa Imagem da Palavra, exibido pela Rede Minas, Minas Gerais, 7 nov. 2013. Disponível em: <<http://youtu.be/Y5Yje5HH9hQ> parte 1; <http://youtu.be/PlcrG7BatYw> parte 2>. Acesso em: 26 dez. 2015.

_____. Rubens Figueiredo fala dos trabalhos como escritor, tradutor e da atividade que lhe dá maior satisfação: a de professor. SARAIVA. Blog Saraiva. Entrevista concedida para Marcos Fidalgo [s/d]. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/43623>>. Acesso em: 15 maio 2015.

_____. Tradutor Rubens Figueiredo explica seu trabalho de 3 anos. Entrevista concedida a Maria Fernandes Rodrigues. O Estado de São Paulo. São Paulo, 19 nov. 2011. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,tradutor-rubens-figueiredo-explica-seu-trabalho-de-3-anos-imp-,800319>> Acesso em: 16 maio 2015.

_____. Um romance pode contribuir para o conhecimento. SUPLEMENTO PERNAMBUCO. Pernambuco, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/444-um-romance-pode-contribuir-para-o-conhecimento.html>>. Acesso em: 15 maio 2015.

_____. Um trabalhador braçal: *Revista Brasileiros*. Rio de Janeiro: [99], [out. 2015] Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2015/10/um-trabalhador-bracal/>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

_____. *A Arte do Conto: técnicas personalizadas de trabalho* (Curso da Estação das Letras). Rio de Janeiro, 23 jan. 2014. [Registro em áudio digital]

_____. Diálogo sobre a obra ficcional de Rubens Figueiredo, realizado na Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel, Rio de Janeiro, 7 abr. 2016.

_____. *Mesa-redonda: Ficção Hoje* (XV ENCONTRO ABRALIC). Rio de Janeiro, 20 set. 2016. [Registro em áudio digital]

FIORIN, J.L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, F. I. *Vergílio Ferreira: a celebração da palavra*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

FOWLER, R. *Crítica linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GUEDES, P.C. A língua portuguesa e a cidadania. *Revista Organon - A língua materna: o ensino em processo*, Porto Alegre, v. 11, n.25. 1997. UFRGS.

GUIRAUD, P. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

GULDIN, R. Traduzir-se e retraduzir-se: a prática da escrita de Vilém Flusser. In: BERNARDO, Gustavo (Org.). *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2002. p.18-42. Tradução de: Gustavo Bernardo.

HECKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: Unisinos, 1984.

ILARI, R. ; BASSO, R. M. O verbo. IN: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: volume III: palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Blog do IMS. Rio de Janeiro: [22 nov. 2011]. Disponível em: <<http://blogdoims.com.br/tradicao-e-traducao-quatro-perguntas-a-rubens-figueiredo/>>. Acesso em: 15 maio 2015.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

LAPA, M.R. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEITE NETO, Alcino. O renascimento de um clássico. Folha de São Paulo. São Paulo, [s/d] Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/15370-o-renascimento-de-um-classico.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2015.

LIMA, L.C. *Intervenções*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MARÇALO, M. J. A dinâmica da língua - implicações num estudo sincrónico. VARIACÃO lingüística no espaço, no tempo e na sociedade. Associação Portuguesa de Linguística, Edições Colibri, set. 1994.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.

NOMURA, Masa. *Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário*. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

OLIVEIRA, F. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: INCM, 1975.

PADLEY, G. A. A norma na tradição dos gramáticos. IN: *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PATROCÍNIO, P.R.T.do. *Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

PORTELLA, E. *Literatura e realidade nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

REZENDE, A. M. de. *Dicionário do latim essencial*. 2.ed. -- rev. e ampl. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Clássica).

RIFATERRE, M. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RIO-TORTO, G. A prefixação na tradição gramatical portuguesa. *Confluência*, Rio de Janeiro, Instituto de Língua Portuguesa, n.47 p. 13-39 – 2. sem. 2014.

RODRIGUES, S. Blog TODOPROSA. Rio de Janeiro, RJ, 22/06/2008 [publicado originalmente em: 24/11/2006. Disponível em: <<http://todoprosa.com.br/comecos-ainda-inesqueciveis-rubens-figueiredo/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARPIN, Paula. Nossos três russos. PIAUÍ. Rio de Janeiro: Ago. 2010. Questões literárias. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/nossos-tres-russos/>>. Acesso em: 15 maio 2015.

VALENTE, A. A produtividade lexical em diferentes linguagens. IN: _____. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p.43-58.

VARELA, S.; GARCÍA, J. M. La prefijación. In: BOSQUE, I. ; DEMONTE, V. (Coord.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: ESPASA, 1999. (v.3) p. 4993-5038.

VASCONCELOS, C.M. de. *Lições de filologia portuguesa, segundo as prelações feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*. (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro, 1916.

VICTOR, Fabio. O nascimento de um autor. Folha de São Paulo. São Paulo, [s/d]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/15368-o-nascimento-de-um-autor.shtml>>.

ANEXO A - Tabela comparativa dos significados atribuídos por dicionários e gramáticas para o prefixo *re-*

	intensidade intensificação	iteração	Movimento para trás	Movimento em sentido contrário	Mudança de estado	novamente; de novo	oposição	reciprocidade	repetição; reiteração	restituição da condição anterior	volta, retorno, regresso
<u>DH</u>			<u>X</u>	<u>X</u>					<u>X</u>		
<u>DH e.m</u>	<u>X</u>	<u>X</u>					<u>X</u>				<u>X</u>
NDALP	X		X		X			X	X		
DENFLP							X		X		X
DLE				X		X	X		X	X	X
NGPC			X						X		
MGP	X		X					X	X		
GHLP			X						X		

ANEXO B				
Tabela comparativa dos significados atribuídos por dicionários e gramáticas para o prefixo <i>retro-</i>				
	movimento para trás	atrás	do lado de trás	Para trás
<u>DH</u>				X
<u>DH e.m</u>	Remete para o verbete do prefixo <i>re-</i>			
NDALP	X			
DENFLP	X			
DLE		X	X	X
NGPC	X			
MGP				X
GHLP	X			

ANEXO C

base	re+base	exp. latina	derivado de adj ou subst	pref variante na lp+base	pref variante na exp latina	estrangeirismo e outras origens
abrir	<u>reabrir</u>			boquiabrir, desabrir, entreabrir, soabrir		
acender	<u>reacender</u>					
agir		<u>reagir</u>		coagir, interagir	retroagir	
alçar	<u>realçar</u>			exalçar, sobalçar		
arrumar	<u>rearrumar*</u>					
avaliar	<u>reavaliar</u>					
bater	<u>rebater</u>			contrabater, entrebater		
brilhar	<u>rebrilhar</u>					
		<u>receber</u>			conceber, perceber	
çaçar						<u>Rechaçar</u> fr.ant. <i>rechacier</i> 'repelir', hoje <i>rechasser</i> 'repelir', 'recomeçar a caça'
			recheiar re+cheio+ar			
clamar		<u>reclamar</u>			aclamar, conclamar, declamar, exclamar, proclamar	
cobrar		<u>recobrar</u>				
cobrir	<u>recobrir</u>			encobrir	descobrir	
colher	<u>recolher</u>			encolher, escolher	acolher	
começar	<u>recomeçar</u>					
comendar (ant.)		<u>recomendar</u>			encomendar	
conhecer		<u>reconhecer</u>		deconhecer, entreconher		
constituir	<u>reconstituir</u>			desconstituir		
contar	<u>recontar</u>			descontar		
cortar	<u>recortar</u>			entrecortar		
costurar	<u>recosturar*</u>					

base	re+base	exp. latina	derivado de adj ou subst	pref variante na lp+base	pref variante na exp latina	estrangeirismo e outras origens
criar	<u>reciar</u>			concriar	procriar	
		<u>recuar</u>		acuar		
		<u>recuperar</u>				
		<u>recusar</u>			acusar, escusar	
		<u>redigir</u>				
distribuir	<u>redistribuir</u>					
		<u>reduzir</u>			abduzir, aduzir, conduzir, deduzir, eduzir, induzir, introduzir, produzir, seduzir, traduzir	
encardernar	<u>reencardernar</u>					
estabelecer	<u>restabelecer</u>			presetabeler		
estar		<u>restar</u>				
fazer	<u>refazer</u>			afazer, desfazer, entrefazer, esfazer, gelifazer, perfazer, quefazer, transfazer	benfazer, contrafazer, estufefazer, liquefazer, malfazer, putrefazer, rarefazer, satisfazer, torrefazer, tumefazer	
ferir		<u>referir</u>		desferir, disferir, inferir, malferir	aférir, anteférir, auferir, conferir, deferir, diferir, preferir, proferir, transferir	ing. <i>to interfere</i> 'id.' > fr.ant. <i>s'entreferir</i> 'ferir-se'
ferver	<u>referver</u>					
		<u>refletir</u>			defletir, genufletir, infletir	
forçar	<u>reforçar</u>			desforçar, esforçar		
			refrescar re+fresco+ar	afrescar		
		<u>registrar</u>				
guardar			salvaguardar	aguardar desguardar		<u>resguardar</u> , esguardar (orig.contrv)

base	re+base	exp. latina	derivado de adj ou subst	pref variante na lp+base	pref variante na exp latina	estrangeirismo e outras origens
		<u>regular(+izar)</u>				
		<u>rejeitar</u>	ajeitar trejeitar		enjeitar sujeitar	
			relatar		delatar, dilator, prolatar	
laxar		<u>relaxar</u>			malaxar	
luzir		<u>reluzir</u>		auriluzir, desluzir, entreluzir, luciluzir, luziluzir, preluzir, tremeluzir	transluzir	
matar	<u>rematar</u>					
meter		<u>(ar+)remeter</u>			cometer, entrometer, intermeter, intrometer, prometer, submeter	
mexer	<u>remexer</u>					
mover		<u>remover</u>			amorver, comover, demover, promover	
		<u>resmungar</u>			Comungar	
parar		<u>reparar</u>		anteparar, deparar, entepara, malparar	amparar, aparar, comparar, disparar, equiparar, preparar, separar	
peitar (pagar tributo)		<u>respeitar</u>	despeitar des+peito+ ar		suspeitar	
		<u>repetir</u>			competir	
pirar		<u>respirar</u>			(aspirar, conspirar, espirar, expirar, inspirar, perspirar, suspirar, transpirar)	
pintar	<u>repintar</u>			despintar, salpintar	sarapintar	
pisar	<u>repisar</u>					
		<u>responder</u>				

base	re+base	exp. latina	derivado de adj ou subst	pref variante na lp+base	pref variante na exp latina	estrangeirismo e outras origens
por		<u>repor</u>		extrapor, justapor, sobpor, sobrepor, subpor	antepor, apor, compor, contrapor, depor, dispor, entrepор, expor, impor, interpor, opor, pospor, prepor, propor, superpor, supor, transpor	
		<u>reprender</u>			apreender, compreender depreender empreender	fr. <i>surprendre</i> 'surpreender, causar surpresa etc.'
presar		<u>represar</u>		apresar, empresar, intrepresa, sopresar, surpresar		
presentar		<u>representar</u>		apresentar		
premir/ premer		<u>reprimir</u>			comprimir, deprimir, exprimir, imprimir, oprimir, suprimir	
produzir	<u>reproduzir</u>			contraproduz ir, coproduzir		
puxar	<u>repuxar</u>			empuxar		
saltar	<u>ressaltar</u>			sobressaltar		assaltar (orig. contrv,)
secar	<u>ressecar</u>		ensecar (en+)seco(+ar)		dessecar	
		<u>residir</u>			dissidir, presidir	
		<u>resignar</u>			consignar, designar	
		<u>resistir</u>			assistir, consistir, desistir, insistir, persistir, subsistir	
soar		<u>ressoar</u>			assoar, consoar, dessoar, ensoar	

base	re+base	exp. latina	derivado de adj ou subst	pref variante na lp+base	pref variante na exp latina	estrangeirismo e outras origens
solver		<u>resolver</u>			(absolver, dissolver, exsolver, persolver)	
		<u>resultar</u>			consultar, insultar, subsultar	
talhar	<u>retalhar</u>			entalhar, entretalhar		atalhar [orig. contr.], detalhar [fr. détailler]
tardar		<u>retardar</u>		atardar		
ter		<u>reter</u>		entreter	deter	
tirar	<u>retirar</u>			atirar, contratar, estirar		
tomar	<u>retomar</u>				epitomar	
trair		<u>retrair</u>		retortrair	abstrair, atrair, contrair, detrair, distrair, extrair, protrair, subtrair	
trucar	<u>retrucar</u>					
unir	<u>reunir</u>			desunir		
valar			envalar (en+)vala(+r)		circunvalar	<u>Resvalar</u> (esp. rebalar, de orig. duv.)
velar		<u>revelar</u>			desvelar	
vender	<u>revender</u>			retovender		
vestir		<u>revestir</u>		desvestir, sobrevestir, transvestir	investir	(fr. travestir)
virar	<u>revirar</u>			desvirar		
ver	<u>rever</u>			antever, entrever, interver	prever	
voar	<u>revoar</u>			avoar, circunvoar, sobrevoar	transvoar	
voltar						<u>revoltar</u> (fr. révolter) viravoltar [vira+voltar]

ANEXO D

A viagem de Pedro³⁷

(de Rubens Figueiredo)

1. Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas. Um distraído, de certo modo — e até meio sem querer. O que também ajudava. Motivo de gozação para uns, de afeição para outros, ali estava uma qualidade que, quase aos trinta anos, ele já podia confundir com o que era – aos olhos das pessoas. Só que não bastava. Por mais distraído que fosse, ainda era preciso buscar distrações.

2. Pedro abriu com a unha a tampinha da parte de trás do rádio minúsculo e trocou a pilha. A música foi devolvida, tão forte quanto os chiados e mais alta do que os barulhos da rua. Ele tinha enfiado os fones nos ouvidos. Estava de pé, num fim de tarde, colhido numa diagonal rasante por um sol cor de brasa que se recusava a ir embora e se negava a refrescar. Um sol quase colado à sua testa e também à testa de todos os outros, que se mantinham em ordem numa fila, à espera do ônibus no ponto final.

3. Não havia nada entre o sol e as cabeças de todos ali, a não ser a parte mais alta do poste de concreto e os fios bambos de eletricidade ou de telefone, que lá em cima irradiavam para os dois lados numa simetria de costelas. A sombra da fila, estendida quase ao máximo sobre a calçada, era a única sombra. A demora do ônibus, o bafo de urina e de lixo, a calçada feita de buracos e poças, o asfalto ardente com borrões azuis de óleo, quase a ponto de fumegar – Pedro já estava até habituado. Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver.

4. Pensando bem, não era tanto uma questão de hábito nem de mimos. Acontece que toda hora é hora de avançar na escala evolutiva, subir mais um degrau. É mesmo impossível ficar parado e, qualquer que seja a direção em que as pernas começam a andar, o chão logo toma a forma de uma escada. Além do mais, é preciso reconhecer: sem mal-estar, sem adversidade, sem um castigo sequer, como se pode esperar que haja alguma adaptação?

5. Pedro, talvez por causa da música engasgada nas orelhas, demorou a perceber que um ônibus se aproximava por trás, pela rua, rente à calçada. Vidros meio soltos nas janelas e placas frouxas de metal trepidavam dentro e fora do ônibus. A tampinha que protegia a boca do tanque de combustível tinha sido destravada e, a cada solavanco das rodas, o pequeno quadrado de metal estalava com força de encontro à lataria. Por um momento, a sombra alta e retangular do ônibus cobriu a sombra da fila na calçada. Mas o ônibus, em vez de parar, passou direto, deixou a fila para trás e foi estacionar no ponto seguinte, vinte e cinco metros adiante.

6. Era um ônibus de outra linha. O motorista desligou o motor, ergueu o corpo, saltou por cima

³⁷ Título constante no documento enviado pelo próprio Rubens Figueiredo da obra *Passageiro do fim do dia*

do capô e desceu os três degraus da porta aos pulos, com toda a força. Cada pulo fez balançar a carroceria inteira. Depois, afobado, o motorista contornou o ônibus pela frente. Escondido das pessoas que aguardavam em várias filas na calçada, urinou a céu aberto — de costas para a rua, o corpo virado para a roda, quase encostado ao pneu dianteiro.

7. Com a chegada do ônibus que não servia para ele, Pedro percebeu como sua fila vibrou de uma ponta à outra, numa corrente de impaciência. Algumas cabeças viraram para trás, em busca do ônibus atrasado. Desconhecidos trocaram resmungos. Corpos mudaram o pé de apoio, calcando com rancor os buracos da calçada.

8. Mas até aí nada do que estava acontecendo chegava a ser novidade. Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila. Já conhecia de vista vários passageiros. Sem nenhum esforço e sem a mínima intenção, já sabia até alguma coisa a respeito de alguns — já contava com a irritação desse e com a resignação de um outro, por causa da demora do ônibus. Às vezes, sem perceber, chegava a brincar mentalmente, testava como as reações deles eram previsíveis. E por esse caminho misturava-se àquela gente, unia-se a alguns e, a partir deles, aproximava-se de todos. Mesmo assim, mesmo próximo, estava bastante claro que não podia ver as pessoas na fila como seres propriamente iguais a ele.

9. A razão, Pedro ignorava. Nem se esforçava em procurar uma razão, pois para ele tratava-se de um sentimento vago demais, quase em forma de segredo. Apesar disso, Pedro era obrigado a reconhecer que o impulso de partirem todos juntos na mesma direção e o afã de pontualidade, ou pelo menos de constância, não bastavam para fabricar um sangue comum. Aquelas pessoas pertenciam, quem sabe, a um ramo afastado da família. Mais que isso, já deviam constituir uma espécie nova e em evolução: alguns indivíduos resistiram por mais tempo; outros fraquejaram, ficaram para trás.

10. De onde estava, isolado por uma barreira que não era capaz de localizar, Pedro começava a enxergar em todos ali uma variedade de gente superior. Começava a pensar que ele mesmo, ou algo no seu sangue, tinha ficado para trás, em alguma curva errada nas gerações.

11. E pronto: ali estava um bom exemplo do que acontecia tantas vezes com Pedro. Ele sabia disso. De devaneio em devaneio, de desvio em desvio, seus pensamentos se precipitavam para longe, se desgarravam uns dos outros e no fim, em geral, acabavam se pulverizando sem deixar qualquer traço do que tinham sido, do que tinham acumulado. Às vezes, no entanto, ali mesmo na fila do ônibus, no meio daquelas pessoas, suas ideias perdidas voltavam atrás, de todas as direções, convergiam de um salto e Pedro, surpreso e até assustado, dava de cara com a pergunta: *Por que eles permitem que eu fique aqui? Por que não me expulsam, como é do seu direito?*

12. Sabia que, para muitos passageiros, aquele seria o segundo ônibus em sua viagem diária de volta para casa. Sabia que a mulher com aparência de uns sessenta anos, mas que devia ter só uns quarenta e três, com cinturões de gordura nas costas que marcavam profundas pregas na blusa, não tinha os dentes incisivos na arcada inferior. E sabia que ela trazia dentro da sacola, sempre abarrotada, uma Bíblia encapada em plástico transparente, que ia abrir e ler no seu banco do ônibus, durante a

viagem de mais ou menos uma hora e meia.

13. Pedro sabia que o rapaz de uns vinte anos, de cabelo raspado, com dois dedos da mão paralisados para sempre numa ligeira curva em gancho por causa de algum acidente, ia dormir de cansaço no meio da viagem. A cabeça ia ficar encostada no vidro da janela, ou ia tombar de vez em quando, quase tocando em quem estivesse sentado ao seu lado.

14. Pedro sabia até que o homem de uns quarenta anos, com o uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos e marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura, trazia dobradas dentro da maleta de ferramentas as páginas da seção de esportes do jornal. No fim do expediente, ele devia pegar aquelas folhas na recepção da firma para ler durante a viagem.

15. O que Pedro na maior parte do tempo não sabia, ou não conseguia lembrar, era que ele mesmo estava ali, junto com os outros. Fazia os movimentos corretos, ocupava o espaço adequado ao local e à hora, e até se demorava observando e guardando detalhes — para ele acidentais, interessantes. Porém sua atenção tinha mais força do que qualidade. Enxergava bem, mas olhava como que de longe, ou como que através de um furo na parede. Sem ser visto, Pedro mesmo não se via. Não conseguia imaginar que aspecto teria — as costas, o braço, a nuca — aos olhos daquelas pessoas.

16. Na sombra da fila sobre a calçada, sua silhueta moveu o braço. Pedro mudou o rádio minúsculo de lugar, na tentativa de captar melhor a estação. Como os outros, estava cansado. Não tinha carregado caixotes de frangos congelados para a caçamba de um caminhão nem havia esfregado corredores e escadas de um prédio de quinze andares de cima até embaixo como alguns outros ali, mas tinha ficado muito tempo em pé no trabalho. O sangue parecia descer com um grande peso pelas pernas até o fundo dos pés. Os dedos endurecidos chegavam a latejar, apertados uns contra os outros, dentro do bico do tênis.

17. Alguém cantava no rádio, e com força, dentro do seu ouvido. Em geral as letras das canções não existiam para Pedro. Sua audição displicente, cansada, drenava todo o sentido das palavras. Depois se livrava também da articulação das sílabas. Restavam apenas o timbre, a altura, a cadência da voz e dos instrumentos.

18. Na sequência das notas musicais, Pedro distinguia então, por conta própria, frases de uma outra espécie. Marcadas por vírgulas e ponto final, providas de lógica e até de eloquência, eram frases tão perfeitas que, para elas, as palavras não faziam a menor falta. Pedro, com o gosto de quem ouve uma conversa inteligente, acompanhava o movimento daquelas frases, feitas só das notas da melodia e do acompanhamento. A argúcia das falas, no caso, se mostrava maior ainda, porque a conversa prosseguia e se ramificava em muitos caminhos, sem nunca ter de se referir a coisa alguma.

19. De repente, Pedro viu a mulher que trazia a Bíblia sair da fila e caminhar com sua bolsa pesada na direção da fila da frente. Talvez estivesse com mais pressa naquela tarde. O problema, raciocinou Pedro, pondo-se no lugar da passageira, era que a outra linha não servia para ela. Na verdade, aquele ônibus seguia por vários quilômetros o mesmo trajeto do ônibus que ainda não tinha chegado. Direção oeste: o sol sempre à frente, o sol cada vez mais baixo, agarrado às antenas e aos

firos sobre o casario pobre e interminável que se alastrava dos dois lados da pista.

20. Mas, depois de quase uma hora de viagem, aquele ônibus fazia uma curva comprida, de cento e oitenta graus, e saía da via expressa bem antes do viaduto que dava acesso ao bairro onde a mulher morava. O mesmo bairro aonde Pedro queria chegar. No total, uns cinco quilômetros de diferença. Será que ela pretendia percorrer essa distância a pé, e ainda por cima com aquela bolsa pesada na mão?

21. Pedro mal havia terminado de pensar no assunto, fazer as contas e imaginar a sensação das pernas um pouco inchadas da mulher, quando viu duas estudantes de uns doze anos também abandonarem a fila. Uma puxou a outra pelo braço, deu até um puxão numa trancinha do cabelo da outra, arregalou os olhos muito brancos, sacudiu a cabeça na ponta do pescoço comprido e falou algo que Pedro não pôde ouvir. “Vamos embora, vem logo”. Deve ter sido isso, pelo formato da boca. Após uma corridinha ágil com as pernas finas em movimentos de tesoura, recortadas pelo sol, as duas ocuparam o fim da fila, no ponto lá na frente.

22. Mais à frente ainda, no início da fila, os passageiros já estavam entrando no ônibus. Os assentos das janelas começaram a ser ocupados um a um. Dava para ver como as cabeças iam surgindo na abertura das janelas ou por trás dos vidros. Vários rostos viraram para trás e olharam na direção da fila de Pedro.

23. A simples demora do ônibus, mais longa do que a demora de sempre, talvez pudesse justificar o nervosismo, também diferente do de sempre, que vibrava agora na sua fila. Dava para sentir até de longe, até na cara dos passageiros nas janelas do ônibus parado no outro ponto. Só que Pedro não via razão para se deixar contagiar por aquela ansiedade. O atraso, por maior que fosse, ainda era só mais um atraso. Fazia parte da rotina e, dentro da rotina, havia sempre lugar para nervosismo, para irritação.

24. Na fila, bem diante dos seus olhos, Pedro olhava para uma nuca de pele grossa, muito vermelha de sol e vincada de rugas — ainda mais fundas no ponto em que a borda do colarinho fazia pressão contra a gordura do pescoço. Era um homem de cabelo grisalho e bem curto, que virou a cabeça para trás uma, duas vezes, em dúvida, inquieto. Falou alguma palavra para a mulher quase gorda à sua frente e em seguida saíram os dois da fila, às pressas. Foram os últimos a entrar naquele ônibus mais à frente. Logo depois o motorista fechou a porta com um chiado de ar comprimido e um estalo e o ônibus arrancou. Balançou mais forte ao se afastar da beira da rua, onde o asfalto era mais ondulado por causa do calor do sol, tão grande que o piche chegava a amolecer e afundar sob o peso das rodas.

25. Agora, só restava esperar na fila. Além do rádio, para escutar sobretudo nas horas de espera, Pedro sempre trazia na mochila um livro para ler na viagem. Possuía uma loja bem pequena, em sociedade com um amigo advogado, onde vendia livros de segunda mão. Nessa tarde trazia na mochila um volume de uma coleção que tinham vendido em bancas de revistas uns quinze anos antes. O volume tratava da vida e das ideias de Charles Darwin.

26. A capa de trás tinha sido arrancada. Sobre passagens do texto havia rabiscos eufóricos de

alguma criança muito pequena que, num momento de distração dos pais, conseguira pôr as mãos no livro. Pedro sabia muito bem que essas coleções tinham fama de não valer grande coisa. Mesmo assim, no início daquela tarde um freguês havia erguido um pouco o livro com uma das mãos e, antes de repor no lugar, tinha comentado que o autor fazia uma introdução até bastante razoável ao assunto.

27. Mais tarde, com sua lojinha já sem fregueses, Pedro pegou o livro e, de pé, encostado ao balcão, leu umas oito páginas. Um torpor soprou morno em seu rosto enquanto lia, e a lassidão aumentava a cada página que virava. Mas não foi tanto o elogio do freguês que o atraiu, e menos ainda o assunto. Já tivera outro exemplar daquele livro para vender anos antes, quando ainda não era dono nem sócio da pequena livraria. Quando ainda não tinha nada.

28. Assim que viu a figura do sábio estampada na capa, no instante em que deparou com o emaranhado da longa barba cor de cinzas sobre o fundo cor de carne, bateu abrupta em sua memória a imagem do mesmo livro: chutado uma, duas, três vezes sobre as pedrinhas brancas e sujas da calçada, chutado com força e sem querer por pessoas que corriam aos empurrões, em atropelo e em fuga pela rua, enquanto olhavam para os lados e para trás, por cima do ombro, entre gritos e estampidos cada vez mais próximos e mais violentos que vinham de várias direções.

29. Pisado e chutado, o livro correu para um lado e para o outro, se rompeu em duas e em três partes. Os olhos de Pedro ficaram presos ao livro e o seguiram, golpe a golpe, aos sustos, cada vez mais longe, enquanto ao redor, em plena rua, o tumulto se espalhava. No meio de pernas em correria e através da fumaça azeda que de repente caiu sobre ele e fez arder os olhos, o nariz e o fundo do estômago, Pedro teve sua última visão do livro. A certa distância viu as folhas de um dos cadernos se soltarem da costura sob a força do escorregão de um sapato ou de um pé descalço. Por último, conseguiu avistar folhas espalhadas e murchas, irreconhecíveis, junto ao meio-fio molhado, na beira de um bueiro de ferro.

30. Assim, agora, nesse fim de tarde, na fila do ônibus, Pedro tinha a sensação de que carregava na mochila algo bastante pessoal. Para ser mais exato, ele poderia dizer que carregava sua tíbia inteira, do joelho até a articulação do tornozelo – a mesma articulação mal e porcamente reconstituída, horas depois, na noite daquele mesmo dia do tumulto na rua — reconstituída por suturas externas e internas, por pinos e parafusos, enfiados e removidos no vai-vém das dúvidas do cirurgião. Remendos e linhas, no fim das contas, quase tão inúteis quanto as costuras e grampos das folhas do livro chutado pela rua.

31. Também por isso o sangue descia mais pesado pela perna esquerda. O sangue esquentava e formigava na canela enquanto Pedro esperava de pé na fila de ônibus. Também por isso ele mancou ligeiramente quando sua fila, enfim, se pôs em movimento. Pois nesse intervalo, e sem ele notar, seu ônibus havia chegado e parado na beira da rua.

32. Depois de estacionar e desligar o motor, o motorista desceu a passos pesados pela porta da frente e, com a camisa desabotoada até o umbigo, foi conversar com o fiscal do ponto. Abanava muito as mãos, de vez em quando empurrava com força a massa de cabelo crespo para trás. A pele da testa, escurecida e ressecada pelo sol, se esticava sobre a frente larga do crânio. Como se não conseguisse

conter uma irritação, chegou a dar dois tapas na guarita de fibra de vidro onde o fiscal se abrigava e de onde ele saiu com as mãos nos ouvidos e a cabeça abaixada.

33. Pedro, com os fones nos ouvidos, não ouviu o som dos tapas, mas pela força do gesto estava claro que deviam ter feito um bocado de barulho. Enquanto isso, depois de ter deixado com o fiscal uma folha de papel dobrada, a trocadora, quase uma anã, começou a escalar os degraus com um esforço ondulante dos quadris muito largos, rumo ao seu banco dentro do ônibus. Atrás dela, os passageiros começaram a entrar pela porta da frente.

34. Na calçada, junto à fila, um homem com um olho coberto por um curativo vendia sacos de amendoim, pacotes de biscoito e aparelhos de barbear feitos de plástico. Os produtos, amarrados em feiras e em cachos, ficavam todos presos a um gancho de ferro cromado, do tipo usado para pendurar peças de carne em frigoríficos. O vendedor, de testa suada, mantinha-o erguido quase acima da cabeça com a mão esquerda, pois ali, no meio da calçada, não havia onde prender o gancho. Enquanto trocava palavras afobadas com um ou outro passageiro da fila interessado em comprar biscoito, o ambulante arregalava de tal jeito o olho que Pedro, por algum motivo, achou que o assunto de que estavam falando não podia ser apenas o biscoito. Não podia ser só a conta do troco.

35. Nisso, dentro do seu ouvido uma voz de mulher anunciou no rádio a cotação do dólar, do euro, do ouro e do barril de petróleo. Mencionou a taxa de juros do Banco Central e os índices da bolsa de valores de Nova York, de Tóquio e de São Paulo, em minúcias que chegavam aos centésimos. A mulher pareceu alegre – cada fração era preciosa e tilintava em seus dentes.

36. Mais atento à voz do que aos números, Pedro tentou imaginar a idade da locutora, seu rosto, se ela teria mesmo dólares em casa e que ações da bolsa teria comprado e vendido naquele dia, naquela tarde, talvez por meio de um telefonema logo depois de comer a sobremesa do almoço e escovar os dentes. Horas depois, encerrado o expediente na rádio, ela se deixaria levar no carro silencioso do namorado, um homem divorciado e com uma risca grisalha no cabelo. Iriam juntos a um restaurante, a uma boate para dançar, iriam rir e beber um pouco mais naquela noite de sexta-feira. Ou quem sabe tomariam drogas especiais, em drágeas coloridas que um amigo do homem tinha trazido do exterior.

37. Não foi uma sucessão de imagens o que Pedro viu em pensamento. Foi um quadro só, que acendeu e logo depois apagou. As drágeas, os tubos de petróleo no fundo do mar, as cifras acesas em fileiras de dígitos numa série de monitores luminosos suspensos. E os dentes do homem e da mulher surgiram todos, lado a lado, de uma só vez e num mesmo plano. Tudo era tão automático que nem havia tempo de se distribuir numa ordem.

38. Pedro subiu no ônibus e se demorou diante da trocadora, à procura de moedas na carteira para facilitar o troco. Quando passou na roleta percebeu que, no rádio, a voz da locutora foi substituída pelo anúncio de um seguro de automóveis oferecido por um banco. A vinheta sonora começou com uma longa e estridente freada, um som quase musical. Daí passou para um estrondo metálico, logo acompanhado por um estilhaçar de vidros. E culminou em três acordes graves de um teclado eletrônico que imitava uma orquestra. A sequência de sons, perfeitamente lógica e previsível,

empurrou para dentro da cabeça de Pedro uma pergunta: *Será que os pneus deste ônibus também guincham desse jeito numa freada?*

39. Duas moedas escaparam da sua mão, caíram no piso de aço. O baque metálico, mesmo com seu tilintar abafado pelos fones que tinha nos ouvidos, fez vibrar uma sonoridade mais ou menos parecida com o espatifar do parabrisa que tinha acabado de ouvir no anúncio do rádio. Por isso, por causa desse som, quando Pedro se abaixou para pegar com a ponta dos dedos as moedas no chão e viu, ao nível dos olhos, os pés dos passageiros metidos em sapatos e em sandálias — passou de repente pela sua cabeça, e com toda a vivacidade, aquela memória, a antiga sensação, a cena muitas vezes repetida em pensamento: enquanto Pedro olhava, atento, seu livro ser pisado e chutado várias vezes pela rua, a larga vidraça de uma loja explodiu inteira bem em cima dele. Num jato, caquinhos de vidro se derramaram sobre suas costas.

40. Pedro nem soube como tinha ido parar deitado de bruços no meio da calçada. Era uma rua de pedestres. Foi então que veio a visão dos pés das pessoas, de sapatos, de sandálias — a visão de baixo, ao nível do chão. Logo depois, bem perto dos seus olhos, veio a figura dos frágeis tornozelos dos cavalos. A imagem dos cascos e das ferraduras que matraqueavam estridentes contra as pedras do calçamento e às vezes cuspiam faíscas.

41. Deitado de barriga para baixo sobre a calçada, num movimento instintivo, ele cobriu a cabeça com as mãos, com os braços. Sentiu o toque frio das pedrinhas brancas do calçamento direto na bochecha, no queixo, quase nos dentes. Pôde ver, entre os dedos da mão, lá na frente, a uns trinta metros, como um homem nu da cintura para cima e com a cabeça meio enrolada numa camiseta cinzenta se abaixou depressa, apanhou na calçada um bastão de onde saía uma fumaça branca e atirou-o com força mais ou menos na direção de Pedro. O bastão voou em rodopios, a fumaça branca desenhou anéis no ar. Depois o homem sem camisa correu para trás pela rua e sumiu, aos saltos, numa agilidade incrível.

42. Pedro sabia o que tinha de fazer: tinha de se levantar, não podia ficar ali deitado no meio do caminho. Então fez um movimento com o tronco. No mesmo instante, sentiu alguns caquinhos de vidro escorrerem da nuca para dentro da camisa, por trás da gola. Assim como as pedras da calçada, os pedacinhos de vidro pareceram muito frios ao tocar sua pele. Também devia haver alguns cacos entranhados no seu cabelo crespo, espesso, cheio de anéis miúdos. Por isso ele apalpou a cabeça com a mão aberta, de leve, tomando cuidado para não se cortar.

43. As lojas tinham baixado as portas de aço nos dois lados da rua e pessoas se encostavam ali, sem ter onde entrar nem para onde fugir. Pedro viu como olhavam para ele – duas mulheres com cara de susto, boca de choro. Ainda meio deitado no chão, começando a se levantar, Pedro olhou para trás. Pensou nos livros que, meia hora antes, tinha posto na calçada para vender — todos bem arrumados em cima de um papelão. E imaginou se ainda ia conseguir recuperar alguns deles.

44. Mas agora, dentro do ônibus, na hora em que estava pagando sua passagem, Pedro se ergueu do chão, deu para a trocadora as moedas que pegou no piso de aço, apanhou o troco, meteu a carteira

no bolso e foi sentar-se à janela, num banco mais alto que os outros, bem em cima da roda traseira. Não recuperou os livros, naquele dia — naquela vez em que houve o tumulto na rua. Mas agora, pelo menos, o livro sobre Darwin estava com ele — tantos anos depois. Recosturado, reencadernado, quase inteiro. Só faltava a contracapa.

45. Os quase cinquenta assentos do ônibus foram ocupados. Entraram mais dez passageiros que se espalharam, de pé, pelo corredor. O motorista subiu até o seu banco, arregaçou a bainha das calças, puxou as meias para cima, até o meio da batata da perna. Esfregou uma toalhinha em todo o arco do volante e depois a jogou embolada num canto, entre o parabrisa e o painel à sua frente.

46. Então, Pedro viu a passageira sentada no primeiro banco se inclinar para o motorista e falar alguma coisa por cima do ombro dele. O motorista nem virou a cara para trás. Só balançou a cabeça num gesto resignado – nem sim, nem não – e abriu um pouco os antebraços, com os cotovelos colados às costelas e as mãos viradas para cima.

47. No momento em que o ônibus partiu, Pedro voltou o rosto para a janela aberta ao seu lado. Quase pôs o nariz para fora, enquanto o ônibus dobrava a primeira esquina e a segunda esquina. O motorista deu uma arrancada comprida, o motor lançou um ronco cada vez mais agudo e mais forte, até frear com um tranco diante de um sinal fechado. Todos levantaram um pouco a mão e esticaram o braço para a frente a fim de segurar-se nos tubos de alumínio aparafusados em cima do encosto dos bancos.

48. Um carro novo, grande, de marca sueca, se aproximou silenciosamente e parou ao lado. O cachorro sentado no banco do carona metia o focinho afoito pela fresta que o motorista – uma mulher, na verdade – tinha deixado aberta no alto do vidro da janela. Pedro olhou bem para o cachorro, acomodado sobre as patas traseiras num assento estofado em couro preto. Pedro também gostava de sentir o vento na cara, também seria capaz de acreditar, nessas horas, que a janela, toda e qualquer janela, de um ônibus, de um carro ou de uma casa, não tinha outra finalidade senão deixar o vento bater na cara da gente. Tanto assim que, quando o sinal abriu e o ônibus recomeçou a andar, Pedro levantou um pouco mais o nariz e pôs a cara só um centímetro para fora para aproveitar o vento.

49. Dali, o ônibus subiu ligeiro por um viaduto. Naquele momento, quem olhava através da janela tinha quase a impressão de estar num avião que decolava. Surgiram aos poucos os terraços das casas e dos prédios baixos: caixas d'água, antenas, telheiros precários, churrasqueiras, roupas penduradas para secar em cordinhas esticadas. Um homem descalço, de uns quarenta anos, sem camisa, soltava pipa num terraço com o olhar concentrado no céu e dava puxões curtos e ritmados na linha, movendo o antebraço para baixo e para cima, numa diagonal. Ao longe, por trás dele, se abria a ponta de um parque e o reflexo azul de uma lagoa.

50. Todos os passageiros sabiam que logo depois viria um túnel comprido, quase todo em curva. Ali dentro o rádio ficava mudo, só chiava, e depois da montanha de rocha, durante vários quilômetros, o aparelho pegava muito mal – o sinal das estações ficava mais fraco entre aquela serra e a serra seguinte, alguns quilômetros à frente. Pedro tirou os fones dos ouvidos e desligou o rádio. Quase no

mesmo instante o barulho do motor começou a ecoar e girar entre as paredes de pedra do túnel. Formou-se um estrondo contínuo que, junto com o vento que entrou pelas janelas, tomou conta do ônibus inteiro. Parecia que era só o barulho, que era aquele ronco e mais nada o que sugava o ônibus para a frente, através do enorme buraco na montanha.

51. Pedro continuou a receber o vento na cara, junto com o barulho dos motores e junto com a poeira grossa do túnel. Se gostava tanto assim de vento, tinha mesmo de aproveitar ao máximo, porque, mais à frente, dali a pouco, o trânsito ia andar arrastado, ia quase parar. O cachorro, que viajava em seu banco de couro, talvez tivesse mais sorte. Talvez fosse para algum endereço próximo dali — era mesmo o mais provável. E lá, com a cabeça enfiada entre os balaústres da varanda de um apartamento no décimo quinto andar, o cachorro ia poder observar, com seus olhos inteligentes, o grande engarrafamento lá embaixo.

52. Mas para Pedro, a partir de certo ponto da viagem, a janela só ia servir para cozinhar a testa no sol rasteiro do fim da tarde. E também para bafejar nos seus olhos o gás queimado dos motores em ponto morto, os suspiros curtos da primeira e segunda marchas no trânsito engarrafado.

53. Seria, então, a hora de retirar o livro da mochila, a hora de acompanhar o famoso cientista inglês em sua viagem pelas ilhas e pelos países do sul. Talvez o livro não se referisse ao fato, mas Pedro sabia que um século e meio antes Darwin tinha passado por aquela mesma cidade onde ele vivia. Tinha percorrido aquele litoral com seu olhar observador. Tinha, sem dúvida, escolhido e apanhado umas borboletas, uns insetos, umas plantas, e tinha levado embora — tudo num catálogo bem ordenado e espetado dentro de caixas, talvez com tampas de vidro, com nomes e sobrenomes em latim.

54. No vidro das janelas, contra o fundo escuro do túnel, Pedro viu naquele momento o reflexo dos passageiros de pé, iluminados pelas luzes internas do ônibus. Ombro a ombro, com as mãos seguras aos tubos de alumínio no teto e nos bancos, eles tinham feições variadas. Borboletas, já não era comum encontrar na cidade, pensou Pedro. Insetos, sim, havia muitos. Ali mesmo, dentro do ônibus, acontecia de circularem umas baratinhas. Darwin talvez gostasse de saber que as ancestrais de algumas delas podiam ter chegado de outros países, em navios — quem sabe até no navio do próprio cientista —, ou, ao contrário, podiam ter embarcado sem querer daqui para outras terras. E lá como aqui algumas delas, as mais aptas, as que não desistem, haviam se adaptado ao novo ambiente, haviam apurado seu sangue, sua família. Tudo sempre para garantir que a melhor parte, a parte nobre, ficasse para si e para os seus.

55. De repente o ônibus saiu pela outra boca do túnel, desceu uma rampa ainda em certa velocidade por mais uns setecentos metros, até que o motor engrenado rugiu alto, como se quisesse fazer as rodas girarem no sentido contrário. O ônibus foi reduzindo a velocidade aos poucos até que o motorista parou no ponto. Do lado de fora, passageiros logo se aglomeraram em volta da porta e, em dúvida, perguntavam alguma coisa ao motorista.

56. Pedro continuava a ler seu livro. Entendia perfeitamente o que lia — era simples, ou tinha sido

simplificado com habilidade. Mas nem por isso deixava de perceber que o ônibus estava parado já fazia algum tempo e que o rumor das vozes lá na frente soava duro, áspero. Só parou de ler quando um homem no penúltimo banco, depois de lançar para a frente um palavrão, gritou que não podiam ficar ali a vida toda, que quem tivesse algum problema podia descer e que só depois que chegassem lá eles iam ver como era e como não era, e pronto — não tem o que ficar discutindo.

57. Pelo menos foi isso o que Pedro entendeu. O sujeito tinha o cabelo raspado, a cabeça grande e, quando brandiu a mão no ar, a pulseira de metal do relógio, um pouco frouxa, faiscou e sacudiu em volta do pulso. Uma mulher sentada ali perto também ergueu a voz em sua boca grande, com a língua meio rosada palpitando lá dentro. Disse que tinha pagado a passagem e queria ir até o fim, de um jeito ou de outro, senão eles tinham de devolver seu dinheiro agora mesmo.

58. Com isso, lá na frente, as pessoas pareceram se decidir. Subiram às pressas, amontoaram-se na roleta, que logo começou a estalar a cada quarto de volta, enquanto o motorista respondia a uma ou outra pergunta com movimentos vagos das mãos e da cabeça. Um ou dois passageiros ainda fizeram alguma piada e riram para ele, que no entanto não riu em resposta. No espelho retrovisor acima do para-brisa, Pedro podia ver quase metade da cara do motorista: os olhos rápidos, desconfiados, tentavam tomar pé da situação, dentro do ônibus e fora também.

59. Porque lá fora, espremidas na calçada estreita entre o meio-fio e a grade do estacionamento de um supermercado, dezenas de pessoas esticavam o pescoço na direção da rua, para o lado de onde vinham os carros, cada uma delas à procura da aproximação do seu ônibus, todas preparadas para correr na direção da porta de embarque assim que pudessem calcular em que altura da calçada o motorista ia encostar e parar. Mas não havia só isso no movimento alarmado daquelas cabeças. Não era só um esforço de atenção e cálculo que franzia a pele da testa, que endurecia o olhar.

60. O mesmo nervosismo anunciado no ponto final parecia vibrar também ali, nas pessoas e até no ar em volta. De uma forma inexplicável para Pedro, os mesmos nervos pareciam ter se esticado até bem longe e chegado também ali, através do túnel e das ruas. Os nervos pareciam se ramificar para além da grade, atravessar a área do estacionamento, passar por baixo dos grandes cartazes com os algarismos que indicavam os preços das promoções e alcançar os corredores do supermercado — corredores que Pedro nem podia ver, da sua janela, mas que estavam lá dentro, ele sabia: os produtos arrumados aos milhares nas prateleiras compridas e bem iluminadas.

61. Alguns ônibus encostavam no ponto e logo partiam, mas, vindo por fora, outros ônibus ainda tentavam com dificuldade encontrar um espaço livre para se aproximar da calçada, estacionar e também pegar seus passageiros. A demora do ônibus de Pedro em deixar o ponto estava irritando os outros motoristas, que começavam a reclamar. Abriam a porta da frente para protestar. Um deles, em vez de falar, pôs o braço para fora da janela e deu murros na lataria. Um outro piscou o farol várias vezes, fez o motor rugir bem alto, em ponto morto. O cano de descarga estava perto da janela de Pedro, que recuou a cabeça por causa das baforadas de cheiro ácido e parou a leitura.

62. Darwin, num de seus passeios por aquela mesma região, havia observado e registrado como

algo memorável um combate entre uma vespa e uma aranha. Havia muitas matas desabitadas na cidade, naquela época. Darwin anotou o fato em seu diário, poucas linhas depois de ter comentado o agradável efeito visual dos numerosos blocos de rocha nua que se erguem arredondados de dentro da mata ou do mar e alcançam até centenas de metros de altura. Naquela página do livro, a criança deixou um risco tremido, talvez uma tentativa de imitar a letra B. Ficou bem claro, para Pedro, nessa passagem, como até o passeio, até o lazer do cientista supunha seu trabalho ininterrupto: o mundo tinha de se dobrar, tinha de tomar a forma da sua atenção. E quanto mais atenção, mais mundo existia para ele: mais mundo pertencia a ele.

63. Uma vespa – *Pepsis* – mergulhou no ar na direção de uma aranha – *Lycosa* – e alçou voo outra vez. Foi tão rápido que ninguém teria certeza do ataque se a aranha não tivesse cambaleado em sua fuga e rolado numa pequena depressão de barro encharcado. Peluda, maior do que a vespa, a *Lycosa* remexeu em várias direções as oito patas articuladas, até conseguir virar-se outra vez sobre o abdômen. Ainda teve forças de se arrastar para baixo de umas plantas rasteiras, onde sem dúvida pretendia se esconder. A *Pepsis* voltou depressa, sobrevoou o local, surpreendeu-se de não encontrar mais a aranha. Darwin descreveu assim: “Teve início uma caçada tão sistemática quanto a de um cão que persegue uma raposa”.

64. A vespa voava em círculos rasantes, asas e antenas zuniam. Enfim, descoberta a aranha, a vespa cuidou de evitar o perigo de suas mandíbulas e soube manobrar o voo com agilidade para ferroar – uma vez, duas vezes – a parte inferior do tórax de sua presa. Em seguida, apalpou com cuidado o corpo da *Lycosa* para se certificar de que ela estava imóvel e se preparou para transportá-la. *Para onde?* – pensou Pedro. *Vespas comem aranhas? De que modo? Uma vespa sozinha? E o veneno?* Tudo o que soube, ao fim da página, ao fim da história, é que Darwin capturou “o tirano e a vítima” e os levou embora, para si, para seu país. Cento e setenta anos depois, lida num ônibus, parecia que era essa toda a moral da fábula.

65. O motorista, com esforço, girou o volante para a esquerda, até o fim, até parar de rodar. Pôs o ônibus em movimento, afastou-o da calçada onde ficava o ponto, depois virou o volante para a direita. Assim conseguiu contornar a ponta de um ônibus parado na sua frente com a traseira muito enviesada na direção da rua, o que estreitava a passagem e atravancava o trânsito mais ainda. Pela janela, um motorista deu um último grito para o motorista do ônibus de Pedro. “Olha que vão tacar fogo” – foi o que Pedro conseguiu ouvir, pois nesse instante o motor acelerou mais forte e impeliu o ônibus para a frente e para fora da confusão do ponto.

66. Os passageiros em pé dentro do ônibus ocupavam agora toda a extensão do corredor, em duas fileiras — uma de costas para a outra. Só duas pessoas sentadas se ofereceram para segurar bolsas, pacotes e mochilas dos que não tinham onde sentar. Pedro foi um desses passageiros e um rapaz de uns dezenove anos pôs sobre os seus joelhos uma pesada mochila de pano um pouco esfiapado, enfeitada com uma longa correntinha feita de tampinhas de latas de cerveja ou de refrigerante entrelaçadas. Sobre essa mochila, uma mulher pôs ainda uma bolsa de plástico que continha um

aparelho de telefone usado, envolto num emaranhado de fios sujos, poeirentos. Pedro reabriu seu livro por cima de tudo isso, para continuar a ler.

67. Ao contrário dos outros passageiros e apesar de estar cansado, ele não tinha pressa. Não tinha hora para chegar. Não ia para sua casa — se bem que ia para dormir e para ficar lá um dia ou dois. Já era um hábito. Sem notar, ele se adaptara também, e de maneira tão fácil que agora Pedro teria de fazer um certo esforço para lembrar como aquilo havia começado. Sexta-feira à noite e sábado. Muitas vezes, ficava até domingo na casa de Rosane — ou melhor, na casa do pai de Rosane.

68. Ela às vezes chegava do trabalho depois de Pedro e então iam os dois juntos ao supermercado, a quase um quilômetro da casa. Puxavam pela rua um carrinho de compras feito de arame de alumínio, com duas rodas meio bambas que um dia haviam soltado e que Pedro prendera de novo no lugar: enfiou um prego em cada extremidade do eixo e, com um alicate, dobrou para trás a ponta fina dos dois pregos.

69. Mas às vezes, antes de caminharem juntos para o mercado, Rosane ainda ia assistir a pelo menos uma ou duas aulas na escola noturna. Pedro se habituara a dormir tarde, na sexta-feira, se habituara a esperar sua vez ao lado de Rosane na longa fila da caixa do supermercado e a pagar as compras na hora em que as portas de aço já estavam abaixadas para ninguém mais entrar. Agora mesmo, ali sentado no ônibus, tinha a postos no bolso seu cartão do banco para ser usado mais tarde.

70. “Já faz uns seis anos” — ouviu a voz de alguém. “Eu nunca mais vou esquecer...” Pedro ouviu uma voz de mulher, oculta atrás dos passageiros em pé. O motor do ônibus roncava, placas e peças frouxas chacoalhavam com força nos trancos das rodas ao passarem nos buracos da pista, e era tão grande o barulho à sua volta que Pedro só conseguia ouvir e entender quando alguém falava muito alto, ou muito perto, ou quando o ônibus estava parado. Não que falassem muito, nem que ele fizesse força para ouvir, muito menos para entender. Mesmo assim, mesmo sem querer, ainda ouviu: “De manhã, quando saí, estava tudo tranquilo...” E também: “O celular não pega, já tentei. Vai ver tacaram fogo naquelas antenas de novo”.

71. Duas ferroadas, dois golpes certos no tórax da aranha — a grande habilidade da vespa. Não era a mesma coisa, nem de longe. Não havia a mínima chance de comparação. Mesmo assim, a memória não levava isso em conta e bastou somar a palavra *tórax* à expressão *duas ferroadas* para Pedro se ver de novo naquele dia, na hora em que se levantava da calçada — ali onde havia caído por causa da vidraça da vitrine que explodiu nas suas costas.

72. Queria levantar-se depressa e correr para o canto da rua, queria ficar encostado às portas de aço das lojas, como estavam as outras pessoas. Queria olhar para trás, na ânsia de saber o que tinha acontecido com os outros livros, mais de trinta, que ele tinha levado para vender na calçada e que na verdade nem eram seus. Teria de pagar por todos, cada um deles — mas como, com que dinheiro? Ia ter de pedir à mãe outra vez? E ela teria como pagar?

73. Mal havia levantado — e alguns caquinhos de vidro ainda rolavam dos seus ombros e das suas costas —, quando o tórax de ferro de um cavalo surgiu de surpresa, apareceu do nada, bem na sua

cara. O pelo ruivo, curto, o brilho do suor, o calor e o pelo quase fumegante no peito do animal, a pele esticada pela pressão dos músculos por dentro – o coração do cavalo quase palpável. O tórax apareceu de repente a um palmo dos olhos de Pedro e ocupou quase todo seu campo de visão, no instante em que ele começava a se virar para fugir.

74. Ainda teve tempo de entender que, em volta, voavam pedras arrancadas da calçada. Ainda percebeu que do alto caíam uns arcos de ferro retirados dos canteiros de plantas e reconheceu o cheiro ardido de pólvora logo depois do estampido de um rojão a uns cinco metros dali. Ainda teve tempo de ver que o policial de máscara e capacete, sobre o cavalo, havia erguido o grande escudo de plástico transparente no braço dobrado para se proteger das pedradas. Então veio o impacto contra o ombro de Pedro. Logo depois outro impacto, contra o peito, que atirou Pedro para o alto, para trás e depois para o chão.

75. A calçada, as portas de aço das lojas, os galhos das árvores, as janelas dos prédios, a faixa comprida de céu no alto – tudo em conjunto girou em torno de Pedro, e girou mais uma vez. A rua inteira se transformou numa bola de vidro que rolou e Pedro estava preso dentro da bola. Por um momento, não soube se estava deitado, sentado ou agachado, perdeu o domínio até do movimento dos olhos, que batiam e rebatiam em tudo. O alerta, a dor propriamente dita, só veio quando o cavalo — o mesmo cavalo, com os dentes à mostra e a gengiva roxa, brilhante — arremeteu num curto galope contra as pessoas revoltadas e, de passagem, pisoteou a parte de baixo da perna de Pedro. A ponta do casco entrou fundo no tornozelo e continuou a descer, a apertar, enquanto o cavalo procurava o apoio do chão, da pedra, apenas para tomar impulso e seguir adiante.

76. Várias pessoas que, a exemplo de Pedro, vieram vender mercadorias na calçada tinham conseguido recolher uma parte de seus pertences, quando a polícia investiu na outra ponta da rua. Tiveram tempo de sair do caminho e agora se encostavam às paredes e às portas das lojas. Abraçadas a trouxas amarradas às pressas ou a sacolas grandes fechadas com zíper, misturavam-se a outras pessoas que estavam ali apenas de passagem quando a confusão teve início. Outros, adiante, na esquina, atiravam pedras contra os guardas e também lançavam frascos de vidro cheios de pregos enferrujados e até pequenas bombas feitas de garrafinhas cheias de gasolina, que já estavam preparadas e escondidas à espera do confronto. Muitas delas não explodiam.

77. Sem máscara, sem capacete, um guarda segurou Pedro por baixo dos braços e arrastou-o com esforço para o canto, para perto das lojas fechadas. A camisa do uniforme do guarda estava suada, tinha uma mancha de fogo no lado. A mão tremia enquanto ele falava pelo rádio. De sua boca voavam perdigotos e pingos de suor saltavam da testa por causa dos movimentos bruscos. “Levou um tiro”, disse um homem careca, encostado à porta de ferro. “Ele vai morrer?”, quis saber uma mulher meio gorda, com voz aguda.

78. Deitado no chão, ainda tonto, ainda com o tórax do cavalo aceso e vermelho na memória, diante dos olhos, Pedro tentou enxergar seu pé, mas não conseguiu. O ombro parecia estar deslocado, o osso mordida o tendão ao menor movimento da cabeça ou do tronco. Mesmo assim, Pedro avistou na

calçada um fino risco de sangue que avançava muito devagar, se afastava. E decidiu que se tratava do seu próprio sangue.

79. Então era assim, pensou Pedro. Pronto, aí estava, era verdade, *aconteceu comigo*. Era assim que as pessoas se acidentavam ou eram agredidas e se feriam gravemente no meio da rua. Ficavam estiradas na calçada, diante dos olhos dos outros, numa cena memorável, que vai contada e recontada. Assim, como ele mesmo tinha visto tantas vezes — de longe, de passagem, com alguma indiferença, com desconfiança, até. Às vezes com certo desprezo: *isso, esse erro, não vai acontecer comigo*.

80. De fato, ainda era assim que ele se via, mesmo depois de ter acontecido. Porque, de algum modo, aquela mesma surpresa e até a dor no tornozelo — cujas contrações e formigamentos Pedro acompanhava com atenção — o separavam do que tinha acabado de acontecer. Já não era a indiferença, já não era o descaso, mas sim sua atenção, concentrada até as minúcias, que agora o mantinha afastado, separado do resto.

81. Dentro da ambulância que o levou, preso com firmeza sobre a maca gelada, Pedro conseguiu virar um pouco a cabeça e os olhos na direção da janela. Olhou através de um espaço transparente ao lado da cruz vermelha pintada no vidro e pôde ver uma fumaça que subia com força, aos arrancos, em rolos grossos, num negror de cinzas. Sentiu o cheiro de óleo e de plástico queimados. Depois, num relance, num clarão repentino e alaranjado que quase ofuscou seus olhos enquanto a sirene da sua ambulância gemia para abrir caminho, viu uma viatura da Guarda Municipal com grades nas janelas completamente tomada pelas chamas por dentro.

82. Agora, a essa altura da sua viagem, sentado no ônibus com o livro aberto na mão, Pedro já começava a adivinhar do que os passageiros estavam falando — a que se referiam aqueles pedaços de conversa, aquele tom alarmado. Era nada menos do que o óbvio e mesmo assim ele só adivinhava a contragosto. Preferia não ouvir, preferia não saber e, para todos os efeitos, nem gostava de pensar no assunto. Só de trazer aquilo à mente já tinha a impressão de estar cometendo um erro, ou até de estar criando um problema ainda maior, ou pelo menos abrindo caminho para aquilo, para algo ainda pior. A lógica era simples: em troca de não ver, de não acreditar, de não tomar conhecimento, seria possível abolir aquelas coisas ou impedir que se passassem daquele jeito.

83. Além de tudo — e isso talvez fosse o que mais o incomodava —, Pedro tinha a impressão de que as pessoas, naqueles casos, a exemplo dos noticiários, sempre exageravam. Achava que elas gostavam demais de falar, deixavam-se levar por uma euforia perniciososa, instigadas pelo som da própria voz, pela batida forte das palavras. Para Pedro, beirava a maldade o modo como as pessoas não perdiam nenhuma chance de falar daquele jeito e de pôr mais força, mais ênfase. Ele tinha a impressão de que tudo o que elas dissessem, toda má notícia, precisava ser a maior, tinha de ter a primazia, só porque eram elas que falavam, e não os outros. Para elas, pouco importava que o problema e que aquelas histórias se transformassem num prazer e numa necessidade da qual, sem perceber, já não conseguiam abrir mão.

84. Só que o bairro de Rosane para onde Pedro estava indo dispensava exageros, não disputava a

primazia de coisa nenhuma. E foi sem ênfase e aos poucos que Rosane, certo dia, contou para Pedro o que havia acontecido seis anos antes. Contou com certa vergonha, até com uma secura triste — tristeza e secura que Pedro, por alguma razão, sentiu mais marcadas por causa das linhas magras dos braços e dos ombros meio pontudos da moça.

85. Aquele desgosto já um pouco antigo, que às vezes tomava a forma de um torpor, pareceu concentrar-se e esticar-se ao longo dos ossos de Rosane. Enquanto ela falava, Pedro observava no canto do pulso fino uma pontinha de osso que se mexia por baixo da pele marrom ao menor movimento dos dedos. Os mesmos movimentos também faziam balançar de leve uma medalhinha presa a uma pulseira em formato de corrente.

86. Rosane morava no Tirol desde os dois anos de idade, naquela mesma casa. O aspecto da casa tinha sido melhor na sua infância – como também o aspecto das outras casas, das ruas em volta e de todo o resto, na lembrança de Rosane. O Tirol era um bairro construído inicialmente para alojar militares. As casas originais, de feições semelhantes, tinham todas o mesmo tamanho e ocupavam o centro de lotes idênticos. O traçado das ruas era monótono, mas às vezes elas desembocavam em praças redondas de chão de terra ou se desfaziam em terrenos livres sem nenhum propósito específico. Nessas ilhas, aglomerados de árvores antigas e de copas densas serviam para ventilar um pouco o rigor quadriculado das ruas e dos lotes.

87. Já não havia mais nenhum militar quando os pais de Rosane se mudaram para lá. Todos foram removidos de uma só vez, após uns dez ou doze anos de ocupação, e os lotes e as casas foram distribuídos pelo governo para quem se cadastrasse e satisfizesse os critérios previstos. O pai e a mãe de Rosane nunca tinham ouvido falar do Tirol. Moravam a quarenta quilômetros dali, trabalhavam como caseiros num sítio cujo dono só aparecia de dois em dois meses e não lhes pagava um salário fixo.

88. Nada possuíam, viviam à beira da penúria e, se não plantassem abóbora, aipim, bananas e criassem galinhas num canto das terras do sítio, teriam dificuldade até para comer. Ainda por cima tinham de esconder a maior parte do que colhiam, porque o dono, quando vinha, se julgava no direito de levar o que tivessem produzido. Aqueles legumes, frutas, aquelas galinhas eram, para o dono do sítio e sua família, uma espécie de farra adicional à diversão regular dos feriados e das folgas no trabalho.

89. Um dia, quando a mãe de Rosane estava no ponto do ônibus, um guarda lhe disse que estavam cadastrando candidatos a um lote no Tirol. O guarda costumava ficar por ali, às vezes conversava um pouco com ela, e lhe deu o endereço – o escritório de um deputado. Avisou que ela teria de chegar bem cedo porque ia ter muita gente. Eram centenas de lotes. O pai de Rosane desdenhou a novidade, já não acreditava naqueles cadastramentos, havia se inscrito outras vezes. Mas a mãe, por algum motivo, cismou, gostou do nome Tirol. Enfiou na cabeça que ia conseguir o lote. E a partir daí só falava disso.

90. No local de cadastramento a mulher que a ajudou a preencher a ficha disse que era melhor não

pôr o nome do marido, declarar que era solteira, sozinha, com dois filhos, em vez de um só. Assim teria mais chance, explicou. A mãe de Rosane não hesitou e, em todos os muitos recadastramentos seguintes, continuou solteira, mãe de dois filhos. Quando sabia que o tal deputado ia estar em algum lugar, ela acordava mais cedo e caminhava três quilômetros para pegar o ônibus. Às vezes ficava sem almoçar, à espera da inauguração ou da cerimônia que houvesse, mas sempre dava um jeito de entregar uma fotocópia da sua última ficha de cadastramento para uma secretária do deputado. Não tinha carimbo, não tinha assinatura, não tinha nome de nenhum órgão público impresso na folha. Era só um papel escrito à mão. Porém, assim como ela, todos demonstravam acreditar naquele papel.

91. Rosane ouviu a mãe contar essa história muitas vezes, para muita gente. E a mãe tanto repetia, tanto se alegrava em descrever os detalhes, em narrar com minúcias as horas de espera em filas debaixo do sol, tanto martelava que ao ir lá só levava no bolso o dinheiro contado das passagens de ida e de volta e com tanta afeição falava do pão com manteiga conseguido certa vez de graça numa padaria e que a sustentou durante onze horas à espera de ser atendida — tanto repisou e insistiu, que não podia haver dúvida quanto ao seu desejo de pôr a conquista da casa e do lote no centro da vida de todos eles. E de fato era assim.

92. Quando o nome da mãe de Rosane saiu numa lista no jornal – o nome de solteira –, o marido foi até lá para ver o bairro pela primeira vez e ocupou a casa designada para a mulher. Tinham medo de deixar a casa vazia, ainda que fosse só por um dia, porque havia rumores de invasões de lotes. No início ele dormiu no chão sujo de entulho e logo depois arranjou uma esteira. Improvisou reparos nas portas, nas janelas, no telhado, capinou o lote inteiro, já coberto pelo mato alto. Vizinhos lhe pagaram uns trocados para também capinar seus lotes e, mais tarde, para limpar ou fazer fossas novas.

93. Assim ele começou logo a ganhar algum dinheiro ali mesmo. Além disso, todo dia havia movimento de novos moradores que chegavam e ele teve a ideia de improvisar um salão de barbeiro na entrada do seu lote para atender aquela gente. Pôs uma cadeira debaixo de uma tenda feita com uma cortina de plástico das que se usam em chuveiro e que ele prendeu no muro. Pendurou um espelho num barbante, amolava a tesoura velha num caco de cerâmica e alinhava o cabelo do freguês com um pente de plástico vermelho, meio desdentado na parte mais grossa. No dia em que a mãe de Rosane veio afinal conhecer o Tirol e sua casa, a situação já era essa. Poucos dias depois, trouxe a filha pequena, algumas galinhas, e nunca mais voltaram para o sítio.

94. Agora o céu já começava a escurecer e o ônibus em que Pedro estava sentado e que levava as pessoas de volta para suas casas só havia chegado à metade da viagem. Pedro via o motorista espiar de vez em quando pelo reflexo do espelho — uns olhos muito rápidos, bem acesos, como que para vigiar os passageiros e não o movimento dos carros em volta. O nervosismo das pessoas só conseguia se expressar em frases e exclamações soltas, não se encadeava numa conversa.

95. O rapaz que deu a mochila para Pedro segurar no seu colo tentava sintonizar um radinho, a mão direita mexia no botão enquanto a esquerda segurava a barra de alumínio presa ao teto. Queria ouvir alguma notícia no rádio através dos fones de ouvido, mas acabou resmungando que não

adiantava, o rádio pegava mal, e além do mais não iam mesmo falar nada do assunto. É sempre a mesma coisa, só vão falar uns dois, três dias depois – reclamou a dona da sacola onde havia um telefone e um bolo de fios sujos, a sacola que também estava no colo de Pedro. E mesmo assim, só se tiver morrido alguém. Da outra vez foi assim, continuou.

96. Por um segundo, voltou ao ouvido de Pedro a voz da locutora que tinha dado a cotação do dólar, do euro, os números da bolsa de valores de Nova York e Londres. Mas o ônibus parou num sinal fechado e um ônibus de uma outra linha, que vinha em sentido contrário, na pista vizinha, também parou na faixa. Os dois ficaram bem perto um do outro, os motoristas estavam quase ombro a ombro, quase janela com janela, um voltado para o leste o outro para o oeste. Só uma estreita calçada de terra e grama seca os separava. Parece que já não está passando ônibus por lá, está a maior confusão, disse o motorista da outra linha, com a cabeça e o cotovelo para fora. Olha aqui, falando sério, acho melhor desviar, fazer um contorno.

97. Alguns passageiros na parte da frente ouviram a conversa e logo se agitaram, reclamaram da ideia. Perceberam que o motorista tinha ficado preocupado, parecia disposto a desviar-se do itinerário. Embora eles também estivessem preocupados, insistiram que o motorista precisava ir até o fim e pelo trajeto normal. Aliás, era bom até andar mais depressa, porque já estava anoitecendo e, quanto mais escuro e quanto mais tarde pior seria.

98. O sinal abriu e o ônibus arrancou de um tranco. Em seu assento, Pedro tentou ler mais uma linha sobre Darwin, fingiu que acompanhava o sentido da frase até o fim. Mas na verdade sua atenção se deteve num rabisco trêmulo de criança, um risco a lápis em forma de espiral que atravessava com força as linhas impressas. Aconteceu que Pedro também começava a sentir-se alarmado, ali dentro do ônibus. Muitas palavras rodaram de repente no espaço estreito da sua cabeça.

99. Veio de relance a impressão de que estava sendo levado à força, em linha reta, para um poço cada vez mais fundo, para um corredor escuro que desembocava num tumulto, num caos de brutalidades. Sabia que precisava evitar a todo custo aquelas imagens drásticas, sabia que se aquilo tomasse impulso não ia parar mais. Tinha certeza absoluta de que não passava de um disparate, de uma fraqueza e de uma bobagem. Mas, como de outras vezes, sentiu também uma atração, uma sedução vaga, que o induzia não só a se deixar levar, mas até a encaminhar-se ele mesmo exatamente para lá — a sensação quase violenta de que pertencia àquilo, mais do que a qualquer outra coisa.

100. Foi uma visão rápida e que lhe deu repulsa. Um calor de vergonha correu na sua testa e ele tratou de rechaçar bem depressa aquelas ideias. De todo jeito, o fato concreto era que não podia mais sair do ônibus. Tinha de ir até o final, assim como muitos outros passageiros. Lembrou que Rosane também devia estar indo para lá, para o Tirol, naquele horário e pelo mesmo caminho, em outro ônibus.

101. No Tirol, agora — e foi Rosane que chamou a atenção de Pedro para isso, um dia —, não havia mais quase nenhuma árvore. O sol atacava direto as ruas poeirentas, onde o capim cinzento só crescia a custo nos cantos dos muros e das pedras. Com o tempo, para abrigar as famílias em

expansão, as casas foram aumentadas e desdobradas de tal modo que não havia mais terreno livre em quase nenhum dos lotes. Várias construções ocuparam até a calçada, às vezes ainda chegavam um pouco além e, assim, o traçado de algumas ruas mudou. Elas ficaram mais estreitas, sinuosas.

102. Muitas casas foram subdivididas e revendidas, e também ampliadas para cima, à medida que chegava mais gente para morar. Muitas paredes tinham os tijolos à mostra. No aglomerado de construções novas, mal se podia distinguir as formas das casas originais, que no entanto continuavam lá, como que embutidas na alvenaria recente. As antigas tubulações de esgoto e as fossas de vinte anos antes já não davam vazão, os dejetos às vezes corriam em canaletas descobertas ou onde encontrassem passagem. A água limpa se arrastava sem pressão no ziguezague dos canos e conexões originais — em que eram comuns os vazamentos, as emendas e os desvios — e podia ficar dias inteiros sem alcançar as torneiras da casa de Rosane. Assim, para poder contar com uma reserva, havia bombas e caixas d'água extras em muitas casas.

103. Além de Rosane, agora moravam na casa o pai e uma tia diabética. A tia tomava pílulas para os nervos e para dormir, quando o posto médico lhe dava uma cartela. A mãe havia morrido alguns anos antes de Pedro visitar Rosane pela primeira vez e ele não a conhecera. A casa tinha ficado bem menor porque o pai, depois que a mãe morreu, dividiu o lote ao meio e vendeu metade da construção para uns parentes. Estes, mais tarde, venderam a casa para uma família de fora, que depois a revendeu também.

104. Agora uma família desconhecida tinha vindo morar ali, formada por avó, mãe e duas adolescentes, cada uma com uma filha pequena. Nenhuma dessas mulheres tinha emprego, só conseguiam trabalho por tempo curto, distribuindo folhetos nos sinais de trânsito nos fins de semana, e muitas vezes catavam latinhas pelas ruas para revender. Já de noite, sentadas no chão ao ar livre ou na soleira da porta, amassavam centenas de latas com grande barulho. Colocavam a latinha de pé sobre um pedaço de tábua e batiam com um sarrafo grosso, duas, três vezes, com um estalo cortante, até achatar bem.

105. O barulho de cada golpe parecia atravessar a cabeça de Pedro. Vizinhos tão próximos, parede com parede, as duas famílias não se davam. E Rosane ia explicando tudo isso aos poucos para Pedro quando os dois ficavam sozinhos, juntos no sofá, diante da televisão, com o volume muito baixo porque o pai e a tia já dormiam atrás da parede fina.

106. Na época em que os lotes foram entregues e os moradores vieram instalar-se, o Tirol só tinha uma via de acesso. De um lado, o bairro era bloqueado pelas linhas do trem, cercadas por muros altos. Atrás, era isolado por uma vasta área de mata de brejo com mais de cinquenta quilômetros quadrados chamada Pantanal. Cercado por muros e arames antigos, vigiado por militares em guaritas de concreto e aço, todo o terreno do Pantanal pertencia ao exército. Tinha sido usado de forma sistemática durante décadas para treinamento de guerra, mas agora, com a população vizinha mais numerosa, havia o risco de acidentes e os militares só realizavam treinamentos leves e muito esporádicos.

107. Portanto no início o único acesso para o Tirol era através da Várzea — um bairro maior, mais

populoso, mais antigo. Pobre também, mas ainda assim com certos recursos que o bairro novo não tinha. Ou seja, tinha um posto de gasolina, três farmácias, duas padarias e três escolas. O ônibus fazia ponto final ali. Não havia outro jeito: para entrar e sair do Tirol era preciso cruzar a Várzea quase de ponta a ponta.

108. A imagem daquela gente que de uma hora para outra começou a percorrer as ruas com suas mobílias e seus pertences — gente que parecia vir às pressas e em fuga, e todos ao mesmo tempo —, a presença à força de pessoas que eles não chamaram, não conheciam, não queriam ali — acabou formando nos moradores da Várzea a ideia de que aquela gente vinha para prejudicar, vinha para desvalorizar a vizinhança de algum jeito, para degradar o bairro todo. Ou, quem sabe, até coisa pior.

109. Meses seguidos, dia após dia, eles viam passar aquelas pessoas diante da porta de suas casas — a pé, empurrando carrinhos de mão, em bicicletas, em caminhonetes fretadas ou mesmo em automóveis velhos. Sabiam que aquilo ia se repetir no dia seguinte e depois, e que ia até aumentar com o tempo. Entendiam também que elas tinham ganhado lotes e casas de graça do governo, que simplesmente assinaram um papel e pegaram uma terra, uma casa — com canos, fios e tudo o mais instalado. Tudo isso se acumulou com rapidez, sob a pressão dos rancores mais diversos, e se concentrou numa irritação, numa hostilidade cerrada, ferida, numa sanha de todo dia e que a todo custo tinha de procurar um jeito de se expressar. Primeiro foram os olhares de lado, de cara fechada. Depois as provocações à distância, as janelas partidas com pedradas, no escuro. E logo começaram, aqui e ali, as pancadarias, as brigas por qualquer motivo.

110. Um canal no meio de uma rua de duas pistas, em tudo igual a várias outras ruas e a vários outros canais, se transformou na fronteira entre o Tirol e a Várzea. Assim ficou estabelecido, de uma hora para outra. Ninguém sabia dizer quem foi que decidiu, nem como, por força de que lei. Mas todos logo passaram a acreditar que aquela faixa de terra tinha um efeito muito grave sobre quem morava à esquerda ou à direita do canal.

111. Mesmo com tudo isso na cabeça e com as páginas do livro bem seguras entre os dedos das duas mãos, por causa do vento que entrava pela janela aberta do ônibus e às vezes empurrava as folhas de papel, Pedro conseguiu se concentrar na leitura outra vez, ainda que só por algumas linhas. O motivo foi o nome em letra maiúscula, o nome de um lugar conhecido e até familiar, que de repente surgiu inscrito naquele parágrafo e que soou quase como um estalo em sua testa. Era um lugar próximo, situado a uns quarenta quilômetros de onde o ônibus estava agora. Darwin em pessoa tinha passado por lá, dizia o autor do livro — e tinha caminhado bastante. Hospedou-se em uma fazenda enorme.

112. Darwin contou em suas memórias que, certo dia, saiu para passear pela fazenda uma hora antes de o sol nascer. Admirado com a paisagem, pisava de leve a fim de não perturbar o silêncio geral — sempre com o olhar atento aos insetos, às plantas, até aos líquens mais rarefeitos. Então, de surpresa, ouviu ao longe, trazido pelo vento, o hino que os escravos entoavam em coro todas as manhãs antes de começar a trabalhar.

113. O contracanto se desdobrava em duas vozes, ia e voltava numa escala pentatônica, enquanto lá no fundo uma faixa rosada se dilatava no céu, rente ao chão. O canto soou agradável demais, Darwin julgou que os escravos eram muito felizes em fazendas como aquela. Afinal, podiam trabalhar para si no sábado e no domingo e, naquele clima abençoado, dois dias de trabalho por semana pareciam ao jovem cientista inglês mais do que suficientes para sustentar um homem e sua família.

114. Ao virar a página, porém, Pedro acompanhou a consternação do viajante ao relatar um episódio presenciado na mesma fazenda: “coisas que só acontecem num país onde reina a escravidão”, supôs Darwin. O proprietário das terras, por causa de umas dívidas cobradas na justiça, resolveu separar os escravos homens de suas esposas e filhos para vendê-los em praça pública. Na última hora não o fez, mas apenas por razões econômicas. Darwin, com espanto e também com certa curiosidade, garantia que nem de longe passou pela cabeça do fazendeiro que seria uma crueldade separar famílias unidas havia muitos anos. Aliás, por seu caráter bondoso e humano, tratava-se justamente de um homem superior a muitos outros, na opinião do viajante.

115. Pedro lembrou-se do lugar a que o livro se referia, o lugar onde ficava a tal fazenda silenciosa em que os escravos cantavam de manhã. Era agora uma aglomeração de casas pobres que se derramavam desde a metade de uns morros áridos e quase sem vegetação até as margens de uma estrada de tráfego intenso. Carros, caminhões e ônibus passavam em alta velocidade sobre o asfalto, em duas mãos, em duas pistas separadas por um canteiro de capim seco, enquanto algumas construções precárias se amontoavam até chegar quase à beira do acostamento — casebres às vezes espetados no alto de pequenos barrancos de argila.

116. Pedro lembrou que, nas vezes em que passou por ali e observou a paisagem ao longe, através da janela do ônibus em que viajava, teve a impressão de que tudo estava adormecido, encoberto por um torpor — dentro e fora das casas. As antenas de tevê e os fios bambos nos postes pareciam também desativados, sem carga. O aspecto, no conjunto, era de um cenário oco, sem nada por trás.

117. Mas não podia ser verdade e, já que não via ninguém por ali, Pedro escolhia uma casa e nela fixava o olhar. Tentava imaginar como eram os moradores e em que trabalhavam. Porém o ônibus avançava em velocidade, a estrada traçava uma curva comprida e a casa escolhida por ele ficava para trás aos poucos. Por fim sumia, antes que Pedro conseguisse formar qualquer ideia.

118. Fechou o livro agora, pôs a mão bem em cima da cara de Darwin e virou a sua cara para a janela do ônibus, a fim de aproveitar o vento seco, brusco, que subiu de uma curta arrancada do ônibus. Curta porque o motorista logo seria obrigado a frear num novo engarrafamento que viria logo adiante. Sobrancelhas franzidas, olhos meio fechados contra as batidas do ar, Pedro viu uma motocicleta passar zunindo rente ao ônibus, bem embaixo da sua janela, rompendo o início do engarrafamento. Logo depois, outra motocicleta, com um motor de timbre mais grave, um zumbido mais rouco e mais estalado. A vespa e a aranha — o tirano e a vítima — *Pepsis* e *Lycosa*.

119. Pedro olhou para a capa do livro: um achado muito pessoal, não havia dúvida, um objeto ligado a ele por um laço bem particular. Mesmo assim, Pedro o deixara na bancada de sua livraria,

misturado aos outros livros para ser vendido. Foi uma distração, talvez, e se um cliente não tivesse pegado o livro e feito o comentário... O ônibus sacudiu quando as rodas passaram por um buraco mais fundo, todos pularam nos bancos mais uma vez e se agarraram aos tubos de alumínio. A velha dor em forma de tesoura que abre e fecha por dentro do tornozelo atacou de novo e fez Pedro mexer um pouco a perna esquerda para um lado e para o outro, a fim de ajeitar melhor o pé sobre o chão, na tentativa de encontrar alívio.

120. Aquela vez em que o cavalo o pisoteou foi sua última tentativa de vender livros na calçada. Tinham dito a ele que era fácil, muita gente estava entrando nos negócios por esse caminho — disseram e repetiram, os negócios, o dinheiro, e ele mesmo viu na televisão uma entrevista de um sociólogo que falou sobre o espírito empreendedor represado naqueles vendedores de calçada. Parecia fácil, parecia certo, até bonito — ou então Pedro não prestou atenção às ressalvas.

121. De um jeito ou de outro, já no hospital, depois de aguardar as seis horas em jejum exigidas pelo médico que ia fazer a cirurgia, e depois de mais três horas simplesmente à espera de uma vaga no centro cirúrgico — a todo momento tomado de assalto por casos de emergência: acidentados do trânsito, baleados, esfaqueados —, ali mesmo no hospital, a questão para Pedro ficou resolvida, e de uma vez por todas. Quando viraram seu corpo de lado, quase nu, sobre a gelada mesa de cirurgia, para o enfermeiro aplicar a injeção de anestésico na raiz da sua espinha, Pedro já tivera tempo de sobra para pensar e decidir: teria de inventar um outro jeito de ganhar dinheiro.

122. Aquela não foi uma boa ideia — bem que sua mãe tinha avisado. Mas ele já não sabia o que tentar e já andava envergonhado de viver à custa da mãe, com quem morava num apartamento de dois quartos, com sessenta metros quadrados, num prédio antigo, sem elevador, sem garagem, e onde na verdade muito poucos moradores tinham carro. Era um apartamento próprio que a mãe herdara do marido, um funcionário da justiça que ao morrer por causa da diabete também lhe deixara uma pensão. Por coisas desse tipo — por seu filho não ser, por exemplo, um criminoso ou um dependente de drogas que brigava aos berros com a mãe quase todo dia, como acontecia num apartamento vizinho — ela se julgava uma pessoa de sorte.

123. Na verdade a mãe de Pedro era de índole alegre, acordava e saía da cama quase de um pulo todas as manhãs, ainda bem cedo. Meio gorda e barriguda, ela muitas vezes se movia também quase aos saltos, gostava de cozinhar para o filho, tinha prazer de cuidar da sua roupa, de arrumar seu quarto. Havia trabalhado fora de casa por um breve tempo. Mas o salário era muito baixo, o marido não a incentivava, o filho nasceu e ela deixou o emprego. Esperava que o filho fosse advogado, esperava que ganhasse mais dinheiro do que o pai havia conseguido. Mas não chegou a manifestar muita decepção quando Pedro abandonou a faculdade gratuita depois de ficar matriculado quase seis anos.

124. Ele bem que tentava estudar e acompanhar as aulas, bem que pensava em fazer os trabalhos pedidos pelos professores para conseguir as notas necessárias. No geral, gostava do ambiente, dos colegas, da lanchonete, do bar que ficava em frente à faculdade, do outro lado da rua. Gostava até de dois ou três professores mais bem-humorados. Só que Pedro se distraía com as datas, com os prazos,

com o horário das provas, se distraía com os conceitos e as teorias do direito e, no máximo, conseguia guardar um punhado de palavras-chave e algumas frases feitas e se admirava quando via que, usadas por ele, não faziam sentido e não produziam efeito nenhum. Os semestres chegavam ao fim de repente, sem aviso, e ele até se espantava ao ver que não avançava no curso, que tinha de repetir as mesmas matérias, uma, duas, três vezes. Em certas horas, sentia-se um burro, achava que os colegas e os professores o viam como um incapaz e isso o deixava ainda mais atrapalhado.

125. Na biblioteca de paredes altas e mofadas do prédio quase centenário da faculdade, Pedro tentava ler os livros e os capítulos pedidos pelos professores. Mas sua atenção morria sem fôlego no amontoado de palavras estranhas, alheias. Adormecia nas marteladas sem ritmo de frases cada vez mais distantes. Os títulos e subtítulos começaram a soar estridentes, hostis, como uns latidos. Seus olhos se desviavam espontaneamente para as imensas árvores de mais de cem anos no parque em frente, emolduradas pelas janelas muito altas. Ele se demorava ali à toa num torpor, observando a folhagem densa, a profusão dos galhos, a leve transformação das cores e das sombras à medida que o sol baixava.

126. Seguro à mesa de cirurgia (com uma força que lhe pareceu exagerada) por dois enfermeiros corpulentos — na certa acostumados a lidar com bêbados ou malucos de todo tipo, que chegavam ali acidentados ou agredidos —, Pedro viu de repente o rosto muito jovem e muito fresco de uma mulher debruçar-se a um palmo do seu nariz. Envolto na máscara e na touca brancas, só a faixa dos olhos estava descoberta, na verdade. Através da máscara cirúrgica, a boca lhe disse num sopro, num hálito amigo, numa voz que ele gostaria de ouvir a vida toda, para sempre: *Tudo bem, senhor Pedro? Agora, conte até dez, bem devagar.* Ele contou, com a fé mais pura, com a maciça confiança de que era para o seu bem e sem o menor receio do que aconteceria quando chegasse ao número dez. Mas ao alcançar o seis, sob o violento clarão de uma colmeia de luzes pendurada no teto, Pedro não encontrou mais voz nem números e perdeu de todo a consciência.

127. Gostaria de ter podido contar até dez, quando o cavalo o atropelou. Gostaria de ter contado pelo menos até seis, quando o casco ferrado esmagou seu tornozelo na calçada.

128. O negócio com livros usados tinha sido sugestão do Júlio, um amigo — um colega de faculdade muito estudioso. Ele e Pedro entraram no curso no mesmo ano e, quando Pedro abandonou as aulas de uma vez por todas, Júlio já se havia formado e trabalhava numa firma de advocacia bastante próspera, onde havia estagiado graças à indicação de um parente.

129. Durante o curso, Júlio fazia o possível para incentivar o amigo, pressionava para estudarem juntos antes das provas, socorria Pedro com autênticas aulas particulares, tentava até dar cola para ele durante as provas, ou pelo menos tentava ensiná-lo a colar direito. No fundo, e de um modo até surpreendente para quem visse de fora, Júlio considerava Pedro mais inteligente do que ele e chegava a se irritar com o desinteresse do colega pelas formalidades mais triviais do curso.

130. Júlio tinha uma cara grande, risonha, redonda, uma expressão amistosa em que não se percebia quase nenhum ângulo de osso. O tronco encorpado, largo, recheava com fartura os ternos que ele

passou a vestir todos os dias, com muita naturalidade, assim que se formou e começou a trabalhar na firma de advocacia. Foi nessa mesma firma, poucos anos depois, que Pedro conheceu Rosane. Era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas.

131. Pedro não tinha ternos. Por economia, só vestia roupas compradas na calçada, em feirinhas de rua e em camelôs. Eram sinais que Rosane logo identificava e entendia prontamente. Havia aprendido desde criança essa linguagem. Na verdade, quase tudo, tanto os objetos quanto as pessoas, se traduzia nos termos desse idioma — quem comprava o que e por quanto — e Rosane nem tentava imaginar como seria possível viver fora dele. Por outro lado, notou que Júlio e Pedro se tratavam como iguais — e até mais do que iguais. Isso não era comum, sobretudo em pessoas que à primeira vista traziam marcas tão diferentes e mesmo opostas. Assim, logo de saída ela ficou curiosa.

132. Quando entrava no escritório do Júlio para servir o café, Rosane se demorava um pouco mais, prestava atenção no que os dois conversavam. Pedro, ao contrário de Júlio, falava pouco e baixo. Em compensação olhava — olhava muito — olhava sem parar. Olhava uma vez e olhava de novo. Rosane tinha a impressão de que ele estava fazendo uma lista na cabeça, tentava arrumar numa ordem as coisas que via, mas não ficava satisfeito. Pedro queria alguma coisa, sem saber o que era. Procurava, sem saber o que estava procurando. Era diferente e Rosane não se lembrava de ter visto uma pessoa assim. Foi ficando curiosa, queria saber o que era aquilo. Pedro, numa reação fora do comum, não se intimidou com a curiosidade dela, e os dois começaram a sair juntos depois do expediente.

133. Ele logo a levou para um hotel muito barato, num sobrado velho, onde puderam ficar sozinhos num quarto durante uma hora. Os degraus da estreita escada de madeira, onde só subia uma pessoa de cada vez — ela na frente, ele atrás —, estavam gastos, abaulados no meio, e com borrões de gordura. As paredes do quarto tinham manchas de bolor e o ventilador no teto trepidava meio frouxo ao rodar. Pelo jeito de Pedro, por seus olhares ao redor e por suas perguntas ao recepcionista, no térreo, Rosane percebeu que ele nunca tinha estado lá. Portanto, raciocinou ela, alguém havia sugerido o lugar, e não podia ser o Júlio — ele usaria outro tipo de hotel, mais caro.

134. Tempos depois, Rosane soube que o hotel era comentado pelos estudantes, ainda no tempo em que Pedro cursava a faculdade. Ele continuava agora a morar com a mãe, como na época da faculdade, e na sua pressa, naquela emergência, foi o único lugar que veio à sua lembrança. Nunca passava por ali, nem sabia se o prédio ainda existia, chegou a temer que o tivessem demolido. No fim, achou que foi uma sorte especial, e também um bom sinal para eles, o hotel ainda estar funcionando.

135. Naquela altura, já fazia meses que ele não ficava com uma mulher — nenhum contato físico. Por que, ele não sabia. Já estava virando um problema a mais, como se não bastassem os outros. Quando Rosane apareceu, segura de si e à vontade, Pedro nem percebeu que era a mulher mais pobre com quem havia saído. Só mais tarde, com surpresa, e já com uma certa preocupação, ele se deu conta. E se deu conta de que aquilo a deixava mais vulnerável, mais frágil, a despeito de toda sua segurança e

desembaraço.

136. Entre os detalhes de Rosane que ele começou examinar naquela ocasião, por algum motivo Pedro se concentrou no cheiro. Era uma mistura de aromas que ele não conhecia. Um cheiro meio apagado, suave, mas constante, e que fazia certa pressão sobre ele. Não vinha de uma loção, de um xampu. Pedro cismou: parecia vir de alguma outra coisa — quem sabe vinha da infância, pensou ele, do lugar onde Rosane tinha crescido. Pedro inventava explicações e de repente se concentrou na boca, nos dentes, lá no fundo, nos dentes de trás. E a partir dos dentes Pedro deteve a atenção nos ossos compridos de Rosane e em como ela era toda magra.

137. Na situação em que estava, a carência de Pedro tomou o aspecto de um entusiasmo. Rosane, por sua vez, não viu perigo — quer dizer, ele não podia ser um tarado, um ladrão ou um espancador de mulheres. Além disso, ela não se julgava tão indefesa — ao contrário. A partir daí foi levada por um interesse de muitas faces.

138. Rosane gostava de sexo, gostava daquele calor, daquela entrega. Desde bem nova, não via nisso nenhuma complicação. Ao contrário, era antes uma diversão e não se misturava com nenhum tipo de carência — as carências para ela eram bem mais definidas e concretas. No entanto logo de saída ela teve de notar que nunca havia transado com um homem que tivesse cursado uma faculdade, e uma faculdade pública, um homem que tivesse um amigo advogado — e um advogado, ao que parecia, a caminho de ganhar muito dinheiro, a exemplo do patrão. Nunca havia transado com um homem que morasse num bairro como aquele onde Pedro morava, um bairro, aliás, aonde ela nunca tinha ido — e ainda por cima num apartamento próprio, embora fosse da mãe.

139. Depois do hotel, no ponto, à espera do ônibus para voltar para casa, Rosane contou meio rindo que, por causa dele, tinha perdido a aula de inglês daquele fim de tarde. Havia conseguido uma bolsa de setenta e cinco por cento num curso de férias com a ajuda do Júlio, de umas cartas escritas por ele, e estava pagando com bastante esforço os vinte e cinco por cento restantes. E com o mesmo esforço estudava para tirar as notas mínimas exigidas para uma bolsista. Ainda atenta aos ônibus que se aproximavam pela rua — para não perder o seu —, ela abriu a bolsa e mostrou a fotocópia do livro do curso de inglês, com as folhas presas numa espiral e encapadas de azul.

140. Pedro disse que ia tentar arranjar algum material didático para ela entre os livros de segunda mão da sua livraria. Contou que também sabia um pouco de inglês: na adolescência, tinha feito os cinco anos de um curso particular pago pela mãe. Lembrou e até disse para Rosane que a mãe também havia conseguido uma bolsa — mas não sabia de quantos por cento.

141. Só por um instante, com surpresa, sentiu-se ligeiramente culpado diante de Rosane. Talvez por não saber tanto inglês quanto devia, depois de ter aula durante cinco anos. Talvez por não saber de quantos por cento era o desconto e haver nisso um certo descaso pelos esforços da mãe. E assim achou também que sua culpa era em relação à mãe, de quem por um momento, naquela situação, se lembrou meio constrangido.

142. Sentado junto à janela do ônibus, com a bolsa da mulher e a mochila do rapaz no colo, ambas

acomodadas embaixo do livro sobre Darwin, Pedro via lá fora as pequenas luzes vermelhas que se arrastavam em filas desalinhadas até perder de vista. Os carros e os ônibus tolhidos num engarrafamento já haviam acendido as lanternas traseiras, apesar de ainda não ser noite propriamente. Ele observava como as lâmpadas, num ritmo entorpecedor, brilhavam mais fortes, mais vermelhas por um momento, numa espécie de sincronia toda vez que os motoristas punham o pé no freio — o que agora acontecia a todo momento, numa sequência que começava ao longe, prosseguia até chegar onde Pedro estava e passava para os veículos que vinham atrás.

143. Alguns passageiros que tinham dormido desde o início da viagem já estavam acordados — como o rapaz de boné no banco na frente de Pedro. O rapaz não conseguia conter um ou outro bocejo, enquanto conversava com a mulher ao seu lado — de uns quarenta e cinco anos e com uma verruga grande e peluda logo abaixo da orelha. Contava que, anos antes, os invasores tinham erguido uma barricada bem na entrada da sua rua, com pneus em chamas, latões de lixo e um carro virado. Na verdade, era um beco, um corredor que se estendia por uns vinte metros entre duas fileiras de portas e janelinhas — as casas apoiadas umas nas outras. Assim, naquela hora, ninguém podia entrar nem sair da rua.

144. Ao voltar da escola já no início da noite, o rapaz chegou até uns trinta metros da sua rua, viu aquela fumaceira preta que se esticava para o alto, viu as contorções do fogo, avermelhado no meio e amarelo nas beiradas, olhou bem para as chamas, que se abriam e se fechavam no ar, enquanto sentia as ondas de calor baterem forte na sua cara, mesmo àquela distância. Depois de ficar alguns minutos olhando e olhando, sem saber o que fazer, ouviu uns tiros avulsos por trás da barricada e das chamas e depois outros tiros, estampidos mais graves, mais afobados. Teve de pegar outro ônibus e passar a noite na casa de um tio, noutro bairro, longe dali. Sem saber onde andariam a avó e o irmão, ele nem conseguiu dormir direito naquela noite.

145. Pedro ouviu tudo isso enquanto o ônibus andava e freava, em arrancadas curtas, bruscas. O freio às vezes guinchava por baixo do chão. Todos se sacudiam para a frente e para trás. O motor cortava os pensamentos com roncões irritados. Um ônibus passou lentamente em sentido contrário. Através das janelas, os rostos tanto de quem estava sentado como dos que viajavam em pé olharam para os passageiros do ônibus de Pedro. Havia neles uma curiosidade, uma atenção excessiva. Pareciam procurar alguma coisa e, através dos vidros, devassavam a aflição das pessoas e, ao mesmo tempo, despejavam dentro delas sua própria aflição.

146. Uma garota até apontou de leve com o dedo, chamando a atenção de alguém a seu lado. Pedro chegou a ter a impressão de que alguns passageiros do outro ônibus estavam à beira de falar para eles, à beira de lançar um grito através das janelas, quem sabe um aviso, uma advertência, antes que os dois ônibus se afastassem. Mas hesitavam — desistiam. O certo era que havia uma seriedade incomum nas suas feições, inclusive na cara de um adolescente de pescoço magro, cabelo descolorido — ou pintado de cor de ferrugem —, com um borrão de vitiligo na testa, e que observou os olhos de Pedro com mais demora, com certa insistência incômoda. Até que a última janela, afinal, passou e o ônibus foi embora.

147. Pouco à frente, retido em mais um engarrafamento, o ônibus de Pedro ficou lado a lado com um ônibus da mesma empresa, que fazia o mesmo trajeto do ônibus de Pedro, mas vinha em sentido contrário — ou seja, de volta para o centro da cidade. O motorista apoiou o cotovelo na beirada, pôs a cabeça meio grisalha na janela. Abanou o braço esquerdo todo do lado de fora, sacudiu no ar a mão grande e mole, onde reluzia um anel grosso, cor de prata, e transmitiu um aviso para o motorista do ônibus de Pedro: a empresa deu ordem para nenhum motorista ir até o fim. Não queriam ter mais ônibus incendiados — foi o que disseram. A ordem era desviar e ir deixando os passageiros ao longo da linha do trem. Mas nem mesmo junto da linha do trem o motorista podia passar: tinha de seguir por uma via paralela, a uns quinhentos metros da linha do trem, onde por enquanto parecia mais seguro, alertou o outro. E foi embora.

148. Já não era boato, agora era oficial. Soaram palavrões entre os passageiros, a mulher que deixara a sacola plástica com fios e um telefone no colo de Pedro chegou a fazer cara de choro, sua boca se contraiu por um momento, a pele tremeu em volta dos lábios. Mas ela se conteve, fechou os olhos, respirou fundo. Nisso, lá na frente, alguns passageiros quase se debruçaram sobre o motorista, se exaltaram. Outros gritaram para ele de longe — um mais descontrolado até ameaçou depredar o ônibus ali mesmo de uma vez, se ele não seguisse o trajeto normal. Podia não ter muita lógica, nas circunstâncias — afinal, queriam fugir ou não? —, mas mesmo assim, com ou sem lógica, para eles, no seu atordoamento, serem deixados para trás parecia má-fé, parecia uma ofensa e uma traição, era mesmo o pior de tudo.

149. O motorista ficou vermelho, inflou um pouco o pescoço, remexeu-se no seu banco para um lado e para o outro, mas se controlou. E Pedro viu pelo espelho retrovisor interno como seus olhos quase brilhavam de tanta atenção embaixo das sobrancelhas muito franzidas e quase juntas, quase trepadas uma na outra, no ponto exato onde começa o nariz. Ao mesmo tempo, Pedro notou que alguns passageiros pegaram os celulares e tentaram fazer contato, em busca de alguma solução, de algum caminho. Pediram a ajuda de um parente ou amigo, e logo uns quatro deles disseram que iam descer. Na certa iam dormir fora de casa naquela noite.

150. Era noite de sexta-feira e já fazia mais de seis meses que Pedro se acostumara a dormir naquele lugar, naquela casa, naquela cama, no Tirol — nas sextas-feiras. Mesmo assim não conhecia muito bem o Tirol, e menos ainda seus arredores. A tal rua a quinhentos metros da linha do trem era um mistério para ele. Na situação, qualquer coisa desconhecida tinha o efeito de aumentar a ameaça, de produzir a imagem de um risco ainda maior — e ainda por cima à noite. Calculou que Rosane talvez também tivesse de saltar do seu ônibus lá, na mesma rua que ele. Mas como encontrá-la? Rosane tinha um celular, mas Pedro não: depois de perder três aparelhos, havia desistido.

151. Numa daquelas noites de sexta-feira ou de sábado, sentados diante da televisão, Rosane explicou para Pedro: só depois de alguns anos construíram um viaduto e uma passarela de pedestres por cima das linhas do trem e aí, afinal, o Tirol ganhou outra via de acesso, independente da Várzea. Não era mais necessário cruzar a Várzea inteira para chegar ao Tirol nem para sair de lá. Só que,

durante aqueles anos, tinha se formado uma rivalidade tão forte entre os moradores dos dois bairros que a solução do viaduto, exigida desde tanto tempo, só veio piorar a situação. Um luxo, um privilégio a mais. Na verdade, a partir de um ponto, tudo o que se fazia, tudo o que se dizia e até o que apenas se pensava, por mais refletido e bem intencionado que fosse, parecia apenas piorar mais ainda a situação.

152. Pedro havia comprado o sofá em que ele e Rosane estavam sentados, havia comprado também o colchão onde os dois dormiam — o colchão anterior tinha um buraco num dos lados, uma das molas estava quebrada. Eram presentes de Pedro, pagos à prestação, e o pai de Rosane gostava, agradecia. A pequena loja de livros de segunda mão gerava uma receita minguada para Pedro, mas não dava prejuízo e ele tinha poucas despesas, morando na casa da mãe. Então, no sofá, enquanto lixava as unhas sem esmalte — mas rosadas, por causa da carne e do sangue que se enxergavam de leve através das unhas —, e enquanto podava as cutículas minúsculas com uma tesourinha cromada, fabricada na China, Rosane foi explicando aos poucos para ele.

153. O Tirol, quando ela era pequena, tinha a vida de um bairro normal. As pessoas saíam de casa de manhã para trabalhar em construções, em residências de bairros ricos, em condomínios, em lojas, em fábricas. Como seu pai, que havia trabalhado na construção de viadutos, de hotéis famosos — e como ela mesma que, mais tarde, chegou a trabalhar numa fábrica de refresco, embalado e vendido em copinhos de plástico.

154. O Tirol ainda foi assim por uns poucos anos — aquilo que ela chamava (como outros também chamavam) de um bairro normal. As pessoas, nas lembranças de Rosane, pareciam menos pobres do que agora. Contra o fundo da sua memória de criança e de adolescente, aquela transformação, já consumada e sem volta, se apresentava como um processo rápido demais, fácil demais, para que fosse possível ter acontecido de fato assim — sem resistência, sem alternativa. E isso ela não conseguia explicar: era preciso engolir e pronto — essa era a ideia que estava no ar — era o próprio ar. Rosane olhava para Pedro e olhava para a televisão como quem ainda não acredita, como quem quer tirar uma dúvida que não se desfaz, não se abre.

155. As brigas de soco e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revólveres deram lugar a fuzis e depois a granadas. Os homens que vendiam um tipo de droga passaram a vender dois tipos e depois três. Foi instalado, e depois ampliado, um posto da polícia militar mais ou menos na divisa entre os dois bairros, com viaturas grandes na porta. Os parachoques amassados, a pintura descascada, as rachaduras atravessadas no vidro do parabrisa — no início, só de ver já dava medo em Rosane. Ultimamente, aparecia às vezes um veículo blindado, com orifícios retangulares por onde apontavam canos de fuzis.

156. O posto de polícia era um prédio em forma de cubo, sempre em silêncio, com celas gradeadas nos fundos, antenas grandes no telhado, janelas barradas por um vidro fosco na frente, em geral escuras ou quase escuras, onde à noite, a intervalos, se via passar um vulto, uma sombra corpulenta ou magra, de braços compridos, uma silhueta que se detinha um momento antes de avançar e sumir num dos cantos de sombra.

157. Rosane, ao contar, achava que cada vez menos gente saía de casa para trabalhar ou para ir à escola, cada vez mais gente ficava em casa ou na rua, à toa. Os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio — nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente.

158. Rosane queria explicar para Pedro, queria mostrar um sentido, mas esbarrava em expressões vagas, nervosas, e tudo o que parecia estar ao seu alcance era criar uma lista sem ordem. Ele mesmo se distraía nas cenas avulsas que ela contava e a atenção de Pedro se perdia sem fixar quase nenhuma sequência. Mais que tudo, notava e guardava na lembrança o tom desanimado, o desgosto na garganta, na voz quase sempre alegre de Rosane — o pescoço comprido em que Pedro distinguia, tão bem marcados contra a pele, os anéis de cartilagem da traqueia.

159. Na tevê à frente deles, o anúncio de um banco mostrou um casal risonho, de roupas bem passadas, com cartões de plástico coloridos na ponta dos dedos: os dois cartões se tocavam e, com uma faísca prateada que saltava, parecia que os cartões se beijavam no ar. De repente, uma mangueira esguichava em leque por cima de um gramado. Um carro encostava diante da casa recém-pintada. A lataria espelhava o azul do céu. Uma porta do carro abria, uma criança saltava para fora e corria sobre a grama. A tela inteira era tomada pela cabeça e pelo tronco de uma jovem no impulso de sair de uma piscina, enquanto a pele bronzeada gotejava. Os quinze segundos do anúncio se arrastavam, não queriam passar. Tentavam congelar-se, ficar em suspenso, encher a sala e a casa, enquanto Pedro e Rosane, sem perceber, aguardavam mudos, atentos à promessa de um sinal, de uma autorização, para que também eles se integrassem àquela visão.

160. Mas logo depois dispararam na tela os passos de um homem de terno elegante com uma enorme pistola prateada na mão. Ele corria com ímpeto pelo meio de uma rua larga, no meio dos carros, que passavam bem perto e buzinavam. O homem dava tiros para trás, sobre os ombros, sem parar de correr e quase sem fazer pontaria: voltava a arma sobre o ombro e puxava o gatilho. Entre um tiro e outro, gritava dois nomes próprios ingleses, que mesmo gritados soaram baixinho na sala — nomes que amigas e conhecidas de Rosane escolhiam para dar aos filhos. Mas os tiros romperam a barreira do volume baixo do televisor, vibraram mais fortes, e Rosane então, como se acordasse, como se aquilo despertasse alguma lógica em sua memória, explicou a Pedro que, agora, já não tinha afinidade e nem muito contato com a maioria dos antigos colegas de infância.

161. Alguns tinham ido embora, alguns estavam presos, alguns tinham morrido — quantos? Ela não fez a conta. Mas, entre os que continuavam a morar no Tirol, uma parte dos seus antigos colegas havia adotado um tipo de vida que mal permitia que Rosane conversasse com eles. O mundo deles parecia diferente, retraído, e reduzia-se com tenacidade ao espaço físico do Tirol, do cotidiano do Tirol e, no máximo, dos seus arredores.

162. Fora dali sentiam-se reconhecidos, ameaçados, temidos — fora dali só viam rancor e não havia roupas, linguajar nem maneiras com que pudessem se disfarçar. Quase que só saíam quando precisavam ir a algum hospital ou providenciar algum documento. Ir ao centro da cidade, a quase quarenta quilômetros dali, como fazia Rosane, e ainda por cima todos os dias, era uma coisa que algumas de suas colegas de infância achavam estranho e até ruim. Para algumas, era mesmo impensável. Torciam a cara só de imaginar. Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância, Rosane explicou.

163. Depois de frequentar a escola durante alguns anos, algumas delas mal sabiam ler, trocavam letras, paravam no meio. Encaravam as palavras e as contas com hostilidade. Rosane lembrou-se de duas amigas de escola que agora, já adultas, conseguiam ler porque tinham aprendido quando pequenas, mas não acreditavam nem pensavam em continuar estudando. Sabia de uma ou outra que se matriculava no colégio só para obter uma declaração e poder contar com a segurança mínima desse documento. Ou se matriculavam porque os patrões, nas casas onde trabalhavam como faxineira e cozinheira, queriam que elas tivessem o cartão de estudante para andarem de graça nos ônibus pois assim não precisavam pagar a passagem de suas empregadas.

164. Em suma, tudo aquilo — o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais — tudo pertencia ao mundo que as deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos. Isso Rosane já havia entendido, dava para sentir muito bem, era quase palpável. Mas ela ainda não conseguia admitir inteiramente, não queria extrair as consequências nem queria sentir-se parte daquilo. E também era o que ela tentava explicar a Pedro, só que não achava um meio.

165. Talvez com um exemplo, uma pessoa, quem sabe? Contou então que na casa em frente morava uma antiga colega de infância. Como Rosane, ela continuava a morar na casa e no lote que os pais ganharam na época em que o Tirol foi ocupado. O pai trabalhou quase vinte anos numa firma que de dois em dois anos fechava e reabria em seguida com outro nome e outro registro de pessoa jurídica para não ter de pagar os direitos trabalhistas aos empregados e poder fugir de impostos. De repente o dono faliu, disseram: fechou as portas de verdade. O dono da empresa foi morar no exterior com a família inteira, pelo que diziam. E o pai da amiga de Rosane, como os outros empregados, ficou sem indenização nem aposentadoria — tudo parado para sempre na Justiça.

166. Naquela altura o homem tinha cabelos brancos. A mão esquerda começou a tremer. De uma hora para a outra, o braço ficou imóvel, encolhido junto à barriga. Ele vivia indo ao Ministério do Trabalho, no centro da cidade, às vezes falava sozinho, em voz baixa, enquanto andava, até que um dia sumiu: ninguém mais soube dele. Não havia registro em hospitais, em necrotérios, nada. Agora a viúva, que não podia nem mesmo receber a pensão, fazia um tratamento de tuberculose já havia alguns anos. Tossia forte, se sacudia toda, noite adentro. Parecia arrebentar, mas não arrebentava. Tinha passado a ouvir uma rádio religiosa, em volume alto demais — sua audição estava ruim, ela esperava

milagres — e fazia algum tempo que recebia uma espécie de aposentadoria ínfima do Estado.

167. A filha dela tinha dois filhos pequenos, que muitas vezes andavam trôpegos ou engatinhavam quase nus na beira da rua. Pedro tinha visto: um dos meninos tinha feridas nos pés, já havia ultrapassado visivelmente a idade de engatinhar, mas ainda engatinhava. O pai das crianças era um rapaz de dezenove anos – mais novo que a moça —, saudável, ativo, muito forte, que ria alto e trabalhava de piloto de moto-táxi. Depois começou a consertar motos e, junto com um amigo, quase do dia para a noite, montou uma oficina de motocicletas nos fundos daquela mesma casa, ali em frente. Nem havia espaço para isso, na verdade. Tudo ficava atravancado, às vezes o material se amontoava na beira da rua mesmo. O barulho dos motores e das pancadas metálicas era enorme e ia até tarde, atrapalhava o sono dos vizinhos.

168. A oficina também servia para desmontar motos roubadas e revender as peças, tudo em troca de ninharias e para gente que vinha de outros bairros. Elevaram o muro, mas a polícia logo descobriu, eles passaram a ter de pagar aos policiais e por isso precisavam desmanchar mais motos, atender mais encomendas. Um dia, foram dar uma volta num carro que um policial havia deixado para eles consertarem — um carro de motor possante, com vários alto-falantes à toda volta dos bancos e atrás. A uns três ou quatro quilômetros dali, já em alta velocidade, o rapaz que dirigia foi sintonizar melhor o rádio, confundiu-se com a direção, o carro resvalou no meio-fio, bateu de lado num poste, capotou e os dois rapazes morreram na rua, antes da chegada do socorro. Isso já fazia um ano e os restos das motocicletas que sobraram ainda continuavam largados nos fundos da casa, no mesmo lugar em que estavam no dia do acidente — Rosane mostrou para Pedro, de longe, discretamente, através de uma janela de basculante.

169. Uns três meses depois do acidente, veio morar ali, naquela casa, um homem de uns trinta anos que se dizia primo da amiga de infância de Rosane. Atarracado, quase sem pescoço, de tronco volumoso como um barril, o homem tinha uma cicatriz que deixava pelada uma pequena faixa da cabeça acima da testa. Por isso andava quase sempre de boné. Parecia esconder os olhos na sombra da pala. Quase não falava com ninguém, costumava sair ao entardecer e ninguém via a que horas ele voltava para casa, ou pelo menos ninguém comentava. Ninguém sabia em que trabalhava, mas o certo era que, para ele, morar naquela casa tinha um preço. Comprou uma geladeira e uma televisão novas e até uma bicicleta para a prima.

170. Um dia o homem sumiu e então se soube — as pessoas começaram a falar, em voz baixa: ele era um matador contratado pelos chefes do bairro para assassinar devedores e desafetos. Mas depois de seis meses de atividade, houve uma desavença entre ele e os chefes e o homem teve de fugir às pressas para longe, foi para outro estado. Ainda havia roupas e objetos pessoais dele dentro da casa. As duas mulheres não sabiam o que fazer com as coisas do homem sumido nem com as faturas de prestações que chegaram depois, pelo correio, no nome dele.

171. Rosane contou como ela e a amiga da frente brincavam, quando pequenas, depois que voltavam da escola. Contou que gostavam dos mesmos programas na televisão, dos mesmos filmes,

que viam numa tevê em que faltava o tampo de trás, tinha os fios e os circuitos à mostra — um aparelho de onde vinha um cheiro ácido, de que elas até gostavam, quando o tubo e os circuitos ficavam bem quentes. E contou que brincavam de fingir que eram elas os personagens dos programas. Lembrou como imitavam as vozes muito bem e que cantavam juntas as músicas dos anúncios de sorvete, de biscoito. Rosane ainda lembrava uma das músicas, cantarolou meia-dúzia de notas e perguntou se Pedro não lembrava.

172. Contou como as duas comiam muitas vezes lado a lado no refeitório da escola na hora do recreio — a mesma comida, da mesma panela, a mesma quantidade, as colheradas bem medidas e pesadas no pulso das merendeiras. O mesmo refresco em pó diluído na caneca de plástico, na frente do prato. As duas: tudo igual a todos os outros alunos. Contou que se sentavam muito perto uma da outra na sala de aula, costumavam emprestar o lápis ou a caneta, quando uma delas se esquecia de trazer — era fácil, era uma natureza que traziam dentro delas. Rosane tentava de todos os meios e não conseguia localizar o momento em que o mundo das duas se desmembrou. Não entendia como podiam ter se afastado tanto e em tão pouco tempo. Nesse esforço, sem achar a saída, lembrou também um episódio ocorrido ainda antes de começar o namoro com Pedro.

173. No escritório de advocacia onde os dois se conheceram — e onde Rosane já não trabalhava (pois Pedro, agora, tinha conseguido um outro emprego para ela, um emprego melhor) —, surgiu uma vaga para serviços bem simples, de limpeza e de cozinha, qualquer trabalho braçal. Pagavam o salário mais baixo possível, descontado de todas as formas possíveis, como sempre acontecia. E às vezes pediam para trabalhar fora do horário, sem nunca pagar hora-extra, como também sempre acontecia.

174. Mesmo assim, ali, como em toda parte, achavam que já estavam pagando muito, que a despesa era excessiva, que os impostos eram altos, que as pessoas não sabiam economizar, que uma empresa moderna tinha de ter poucos empregados ganhando o mínimo possível. Mas, no fim das contas, davam vale-transporte, tíquete-refeição, carteira assinada, férias, décimo-terceiro salário — e pagavam em dia. Rosane comentou o fato com o pai, que comentou com uma conhecida na rua, que por sua vez se lembrou de uma jovem, uma ex-colega de escola de Rosane e sua amiga de infância, que estava sem emprego havia muito tempo.

175. Rosane tinha lembrança dela, via na rua às vezes, de passagem. Mas não se falavam já fazia alguns anos. Mesmo assim, a pedido do pai, recomendou a amiga ao departamento de pessoal do escritório de advocacia. Lá, gostavam muito de Rosane e sua amiga foi logo chamada para trabalhar por um período de experiência de um mês. Só que a experiência não passou de metade de um dia. Ao rever a amiga, a própria Rosane quase tomou um susto. Não que nunca tivesse visto, não que não estivesse acostumada — como também já deviam estar acostumados quase todos os seus colegas no trabalho. Havia muita gente assim, em toda parte. A moça nada tinha de raro ou de anormal, na verdade. Só que nem por isso o susto foi menos forte ou menos lembrado.

176. Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas — no meio dos aparelhos eletrônicos novos que

zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas — sobre o piso de granito reluzente — debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto — ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras, recebiam os cuidados e as atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento — ali, sua vizinha e amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros.

177. A moça falava rápido demais, num tom sempre alto, estridente. Cortava tantos pedaços das palavras que às vezes algumas pessoas menos habituadas demoravam a compreender o que dizia, ou nem entendiam mesmo. Quando perguntavam a ela o que estava falando, às vezes se revoltava, achava que estavam fazendo pouco, zombando dela. E sua explicação vinha sempre enrolada em resmungos de queixa e de ofensa. Por qualquer coisa se ofendia, o tom de voz subia ainda mais e os outros compreendiam ainda menos o que ela falava.

178. Movia-se com largueza, os braços se abriam e os ombros fortes se agitavam mais do que o espaço podia comportar. Esbarrava nos objetos, nas pessoas até, mas não dava sinal de se importar com isso — as coisas é que estavam no lugar errado, as pessoas estavam onde não deviam. Ria muito, ria com toda a força do pulmão, ria com uma alegria feita de músculos, de suor. Mostrava-se completamente segura de si, muita certa de sua razão, a boca se escancarava iluminada pelos dentes.

179. Em vez de água filtrada, servida em copos descartáveis sempre à mão, ela preferia matar a sede colocando a boca direto na torneira — ainda por cima bochechava, uma vez até cuspiu um pouco no chão da cozinha, como se a água estivesse ruim — e nisso até ela parecia saber que havia um exagero, como se fosse só por desaforo, para chocar mesmo. Teimava em chutar as sandálias para fora do pé e andar descalça, cismava de não fechar todos os botões do jaleco. Enrolava as mangas para cima e para dentro, até os ombros inteiros ficarem de fora, os braços musculosos todos à mostra. Mexia de vez em quando com as pessoas, disparando um ou outro palavrão, não punha nada de volta no lugar de onde havia tirado, se mostrava sentida, indignada, não queria saber de ouvir as orientações das colegas.

180. Quinze minutos depois de começar a trabalhar, já se irritou com alguém que reclamou da sua voz alta. Em meia hora criou um problema sério por se recusar a fazer de novo uma faxina num pequeno banheiro. Depois brigou com uma colega que reclamou porque ela pegou um pouco da sua comida na geladeira, só para provar. Pegou um telefone celular que estava em cima de uma mesa para fazer uma ligação e, três horas depois de chegar, saiu pela porta de vidro aos gritos, abanando os braços, atirou-se direto pela escada, não quis nem esperar o elevador — com raiva também do elevador, que não vinha buscá-la depressa. E não voltou mais.

181. Uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa — com vergonha, com susto de estar dizendo aquilo: um bicho. Mas foi o que alguém no escritório falou, na hora, e foi o que Rosane pensou e, com medo, atenta, para testar, repetiu a palavra na cabeça. Como sua amiga tinha ficado assim? E como Rosane pôde pensar aquilo? Ela acusava com amargura a amiga de infância, acusava

as pessoas que eram como ela — não eram raras, não eram exceção —, sem procurar desculpas nem atenuantes. Ou melhor, queria a todo custo evitar as desculpas, tinha medo de que as desculpas aparecessem, reclamassem todo o seu peso, se revelassem muito mais fortes do que ela e, muito mais do que desculpas, fossem razões completas.

182. Mas na certa o que mais a incomodava no fundo daquele tumulto e daquela raiva, capazes de causar uma preocupação tão funda que dava até um pouquinho de náusea em Rosane, era saber que ela mesma poderia muito bem ser aquela moça — igualzinha, em cada gesto. E que se não era agora, se não era ainda, poderia vir a ser um dia — e de um dia para o outro. Por que não? As duas cresceram ao mesmo tempo, nas mesmas ruas, respiraram o mesmo ar parado, meteram os pés nas mesmas poças, as mesmas vozes falaram para uma e para outra, as mesmas palavras voavam à sua volta. Elas dormiram debaixo das mesmas noites, debaixo da mesma poeira e abafamento, depois de pressentir as mesmas ameaças, depois de esbarrar nas mesmas humilhações — as mesmas que iriam se pôr no seu caminho no dia seguinte, na semana seguinte.

183. E, por trás disso tudo, o que mais ameaçava Rosane era uma dúvida: será que, no fundo, o jeito de Rosane, sua opção, era de fato melhor? Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, poder comprar mais coisas, queria ser respeitada por eles, os outros, aquele gente toda — queria poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém — isso era o certo, era o que todos diziam, era sabido e apregoado em toda parte — ali estava o que era bom fazer, o que era bom ter sempre na cabeça e não desistir nunca.

184. Dali, daquele ângulo bem definido e cada vez mais estreito, é que se devia olhar para o mundo em redor. Era dali que se devia lançar o olhar para a frente, para o futuro. Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e de repente topava com um imenso vazio à sua volta. Que chances tinha ela, afinal? Por que havia de conseguir o que pessoas iguais a ela não conseguiam de jeito nenhum? O que poderia haver em Rosane de tão especial? Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela?

185. Agora, sentado no ônibus, junto à janela aberta, com o livro aberto de novo nas mãos, Pedro pensava em Rosane. Sob o efeito do que acontecia no ônibus, do que devia estar acontecendo no Tirol e do que falavam à sua volta naquela viagem, Pedro pensou primeiro nas coisas que ela contava sobre seu bairro. Mas logo se distraiu e passou a pensar nos ossos do pulso, nos ossos dos ombros de Rosane. Demorou-se nisso com um certo gosto — já era uma mania que ele tinha, e sabia disso muito bem — tratava-se de uma fixação em algo que, de tanto ele pensar, de tanto ele procurar, tomava a forma e os atributos da última linha de defesa: o osso.

186. Pedro sentia como era fácil parecer protetor, e até ser de fato um protetor, tamanha a fragilidade aparente em torno de Rosane, tamanha a estreiteza das coisas em que ela podia se apoiar. E

isso apesar do seu jeito em geral seguro, apesar da obstinada força de vontade que transpirava de Rosane na maior parte do tempo.

187. De repente passou uma sombra dentro da cabeça de Pedro. Sem contorno, sem cara, se acumulou uma fumaça — ou melhor, olhando bem, ele viu: uma fumaça grossa que escurecia tudo e flutuava a dois palmos do chão, no meio de um caminho coberto de capim. Num relance, num lampejo, ele viu — havia uma corda esticada no ar, uma corda que saía do meio daquela fumaça. Não se via nada por trás da fumaça, mas algo puxava lá dentro e esticava a corda. Foi dessa forma, foi nesse quadro de um momento em sua cabeça que veio a sensação do perigo que Rosane podia correr, naquela crise que se anunciava ali dentro do ônibus. Um perigo que ele não era capaz de definir e (pelo menos isso estava bem claro) um perigo para o qual não existia proteção possível.

188. Quis concentrar-se no livro em suas mãos, forçou a atenção, quase empurrou os olhos e o pensamento para o que estava escrito. Na página, estava o nome de outro lugar também próximo da cidade — um lugar onde agora havia fábricas desativadas, já ilhadas pelo capim alto, descontrolado, à beira de uma estrada sem sinalização e sem faixas pintadas na pista de asfalto, retalhado por rachaduras. Um pouco mais adiante dali se estendia um imenso depósito de lixo, cujos gases e fumaças permanentes se avistavam mesmo à distância. Cento e cinquenta anos antes, naquele local, Darwin passou por uma experiência que fez questão de registrar por escrito em suas memórias.

189. Aliás, era esquisito — pensou Pedro —, era esquisito que o livro contasse tantos episódios de sua viagem por estas terras, quando o normal seria concentrar-se na explanação das descobertas e teorias científicas do inglês, ainda que em forma simplificada — era aquilo o que interessava, afinal, aquilo era o importante. Mas o livro tinha sido escrito neste país, era direcionado aos leitores daqui, e os editores, sem dúvida, avaliaram que teria um certo gosto de glória, que seria quase a apropriação de uma parcela do progresso poder figurar com destaque nas lembranças estudiosas do cientista: documentar que a luz daquelas paisagens havia tocado os olhos atentos do sábio inglês.

190. Ao cruzar um rio numa balsa, Darwin foi guiado por um escravo. Com a longa vara na mão, o escravo calcava o fundo do rio para empurrar a balsa através da corrente mansa, sem ondas nem espuma. Tratava-se, nas palavras do naturalista, de um negro de todo imbecil, pois Darwin tentava se comunicar com ele sem alcançar nenhum sucesso. Por imaginar que o homem talvez fosse surdo, ou apenas por se perturbar com uma irritação crescente, causada por seus esforços frustrados, Darwin passou a falar cada vez mais alto, ao explicar o que queria saber. (*Mas como assim? Será que falava em inglês com o escravo?* — pensou Pedro.) Fazia também sinais com as mãos e movimentos com o rosto, gesticulava com exagero, no esforço de se fazer compreender.

191. Em um desses movimentos, sua mão passou perto da cara do escravo: perto demais. O homem achou que Darwin estava furioso e queria lhe dar um murro. Encolheu-se, levantou um pouco os braços quase na altura do rosto e olhou-o de lado, tolhido pelo medo. Na certa, tomou a posição em que as pancadas doeriam menos — ele conhecia esses expedientes, era uma lição segura, aprendida bem cedo na vida: se não havia como escapar do chicote, sempre havia um jeito de uma chicotada

doer um pouco menos. Pensando bem, essas coisas não podiam deixar de estar claras para qualquer pessoa, assim que visse o escravo ali na balsa.

192. Darwin escreveu que nunca ia esquecer os sentimentos de surpresa, desgosto e vergonha que o assaltaram, quando viu na sua frente o homem apavorado, dominado pela ideia de tentar abrandar um golpe iminente, do qual acreditava ser o alvo. A observação sistemática dos seres vivos em seu ambiente natural pode ter pesado no comentário acrescentado por Darwin em seguida à narração do episódio. Na sua opinião, haviam conduzido o escravo a uma degradação maior do que a do mais insignificante dos animais domésticos.

193. Sim, era triste, pensou Pedro. Fazia tanto tempo, bem mais de um século. O pior, talvez, era ver que tudo se distribuía numa escala — até os animais domésticos. Pensou também: O que será que o cientista queria tanto saber que o deixou nervoso, com gestos exaltados, naquela balsa no meio de um rio? O que ele achava que o escravo podia lhe dizer? De que modo poderia responder? Quem sabe se o que de fato horrorizou Darwin foi descobrir que ele mesmo sentia-se tão confiante na sua razão, no seu direito de perguntar e receber resposta, que de fato poderia ter dado um murro na cara do escravo sem ter de se justificar ou responder a ninguém por ter feito isso.

194. Quem sabe percebeu como seria fácil, como estava na lógica das coisas e como ele, ou sua presença ali, numa balsa que cruzava um rio tão distante da sua casa, para logo depois ir embora levando amostras de seres vivos e anotações e nunca mais voltar, também fazia parte da mesma lógica? Quem garante que sua mão não quis mesmo acertar na cara do homem e que só se desviou no último instante? Talvez, na sua irritação, em seu descontrole, tenha até acertado um golpe de leve e, ao escrever, tempos depois, Darwin recontou o episódio na forma que preferia lembrar. O escravo pode estar certo, pensou Pedro. Pode ter esquivado o rosto na hora exata e na medida exata para deixar no estrangeiro a impressão de que ele havia recebido o castigo devido e, ao mesmo tempo, não se expor muito à dor — quem sabe? E assim, lá estava: o imbecil tinha as suas razões.

195. Uma fração do retrato daquele barqueiro feito por Darwin e reproduzido no livro acendeu na memória de Pedro a lembrança de um homem — talvez tenham sido as palavras “um negro de todo imbecil”, que estavam no papel. Pois muitas horas depois daquele incidente com o cavalo no meio da rua — o cavalo que atirou Pedro no chão e o pisoteou na calçada de pedrinhas brancas alternadas com pretas, em desenhos geométricos —, já depois de terminada a cirurgia no tornozelo, muitas horas depois do incidente, já no fim da madrugada, Pedro foi levado na maca rolante para um elevador do hospital e em seguida para uma enfermaria de seis leitos.

196. Dois leitos vazios, sem colchão, e os outros quatro ocupados por homens acidentados que tinham operado a perna e estavam internados ali — na verdade, dois deles tinham sido operados nas duas pernas. A sala era ampla, o teto alto. Algumas lascas tinham descolado no piso de borracha preta, onde de vez em quando passava devagar e tateante uma baratinha da cor e do formato de uma amêndoa. A tinta branca dos tubos de ferro dos leitos estava envelhecida, amarelada, tinha se encolhido em rugas e descascado em vários pontos. De perto, os tubos das camas cheiravam um pouco

a ferrugem.

197. Pedro lembrava como a janela era grande e ficava sempre aberta, dia e noite, porque estavam no verão – em nenhuma noite daquela semana fez menos de trinta graus. Era o oitavo andar, e pela janela, para quem estava deitado com a cabeça no travesseiro, só se via o céu, as nuvens, algum avião ou alguma pipa que se remexia e se esticava vigilante na ponta da linha, à caça de outras pipas.

198. Logo na primeira noite houve uma tempestade e não vieram fechar os vidros, nem quando os raios começaram a cruzar o céu. A luz transparente dos relâmpagos varria de um jato o chão da enfermaria, até a soleira da porta do corredor. Mas a chuva não entrou: o beiral era largo. Pedro, da sua cama, do seu travesseiro — com o número do inventário estampado na fronha em grandes caracteres pretos —, olhava para a janela escura, ouvia o estalo da chuvarada de encontro às paredes dos prédios lá fora e no asfalto da rua lá embaixo, e aguardava a hora em que o efeito da anestesia ia passar e sua perna ia começar a doer de verdade.

199. Um homem de todo imbecil, inferior ao mais insignificante dos animais domésticos – talvez alguém, talvez o próprio Pedro, dissesse o mesmo sobre o paciente no leito à frente dele. Talvez pensassem assim as enfermeiras que com tanto esforço e capricho davam banho todo dia naquele homem. Chamava a si mesmo de João, mas não lembrava o sobrenome e às vezes, poucas vezes, quase desconfiava não ser João seu nome verdadeiro. Assim como não lembrava de onde era, onde morava, nem o nome ou as feições de nenhum familiar ou amigo, nem nada anterior à sua chegada ao hospital.

200. As duas pernas engessadas da canela até o alto da coxa, um metro e noventa e cinco de altura, cem quilos ou mais — forte sim, forte como um excelente animal doméstico. Era preciso reunir a força de duas enfermeiras vigorosas para retirá-lo da cama na hora do banho. Era preciso proteger o gesso com plásticos, levá-lo para o banheiro, despír seu avental hospitalar, colocá-lo sentado num banco de aço debaixo do chuveiro, suspender as pernas sobre uma cadeira colocada mais adiante para os pés e os tornozelos não incharem, era preciso esfregá-lo inteiro, da cabeça até a virilha, e depois lavar os pés, limpar o intervalo de todos os dedos, enxugá-lo bem, vesti-lo manobrando os braços compridos no ar e trazê-lo de volta para a cama.

201. “Não maltrata o João”, ele dizia. “O João é um homem bom.” Referia-se a si mesmo na terceira pessoa – uma forma hábil, um último recurso para tentar separar-se da sua presença no hospital e de tudo o que havia acontecido. Um acordo que tentava fazer com sua perda de memória, um meio engenhoso de mostrar que havia uma distância entre chamar o nome e responder ao nome. Ele queria ficar nesse intervalo, tentava abrigar-se ali.

202. Mas o problema persistia: por mais que se esforçasse, não se lembrava de nada anterior ao hospital. Quando perguntavam, olhava de um jeito manso, admirado, como se não entendesse, e dizia: “O João é um homem bom”. Havia sempre a suspeita ou o medo de estar sendo acusado de alguma coisa. Só sabia que não sabia de nada e essa consciência nula era toda sua consciência. “O João hoje está contente, o doutor veio falar com o João”. Pedro entendia: era mais ou menos como alguém que

fala sozinho, alguém que se explica e apela para o vazio. Ele estava chamando — chamando o João.

203. Mas não era só isso — e Pedro também entendeu (tantas horas e dias ao seu lado, alguma coisa Pedro tinha mesmo de entender): o caminhão que atropelou o João na beira da calçada, diante de uma pequena construção onde disseram que ele trabalhava, mas onde semanas depois a assistente social do hospital foi conferir e não havia nenhum registro de um operário ausente na lista de empregados — o caminhão que o atropelou naquele dia foi embora e deixou-o desacordado na rua, sem nenhum documento no bolso. Parecia morto quando os bombeiros o levaram na ambulância — assim contavam as enfermeiras.

204. Teria morrido de verdade se fosse mais fraco. Fazia mais de seis meses que estava no hospital, tinha sido operado três vezes nas duas pernas. Já suportara complicações sérias, as dores de uma infecção no osso — as terríveis dores que queimam e raspam em espetos por dentro, dia e noite — como descreveu o outro paciente que também teve a mesma complicação — um magrinho de voz fraca, rouca, no leito perto da janela. Tinha sido atropelado numa rodovia por um carro dirigido por uma mulher jovem, de cabelos esvoaçantes, que ele entreviu pelo parabrisa um segundo antes do impacto, cujo rosto mesmo assim ficou na sua memória e que fugiu na mesma velocidade em que o atropelou. “Como ela pôde fazer isso”, gemia o homem às vezes de madrugada, deitado de lado na cama, virado para a janela, com voz fina de criança, no tom sincero de quem sabe que não pode ser ouvido por ninguém.

205. Pois o João suportou aquela dor durante dias quase sem se queixar — até sorria, contaram as enfermeiras. Só de vez em quando deixava escapar um ronco abafado e comprido, na sua voz grossa, que vinha do fundo do pescoço. De tão enfraquecidas pela imobilidade, suas pernas agora deviam ser dois palitos dentro do gesso já um pouco folgado, que os médicos tinham substituído mais de uma vez. Quando João ficava de pé, apoiado em duas enfermeiras, com os compridos canudos de gesso que iam do tornozelo até o alto da coxa, mais parecia equilibrar-se em cima de pernas de pau. “O João está ficando bom.” “As mulheres gostam do João.” “Quem vai aparar o bigode do João?”

206. Seu manejo das palavras — ele, o João —, desmembrando-se em dois, em duas figuras que não existiam, ou só existiam em parte, ou só existiam uma contra a outra, era um jeito indireto de quase obrigar as pessoas a não esquecer: ali na frente delas, em algum espaço, estava uma pessoa com nome, vida própria, igual a elas, com certos direitos — um paciente em relação a quem todos tinham responsabilidades. Para onde iria, quando ficasse bom das pernas? Para onde o hospital iria mandá-lo? Porque, no fim das contas, algum dia o João ia se recuperar, os médicos agora já estavam seguros, seu corpo, suas pernas iam se restabelecer. No início acharam que o paciente não ia resistir. O médico, certa noite, já bem tarde, deu as costas para o João e falou para a enfermeira sonolenta: Pode avisar ao serviço funerário.

207. Agora, ninguém tinha dúvida: depois de uma temporada de fisioterapia, talvez ele até voltasse a andar normalmente — ou mesmo voltasse a correr, quem sabe, por que não? Até lá, dariam um jeito de mantê-lo no hospital, na enfermaria, sempre arranjariam um canto para ele ficar, garantiriam as

refeições, os banhos, o pijama, o cobertor. O que seria dele na rua? Mesmo assim, os dias passavam e, dentro do seu corpo espaçoso que se restabelecia, continuava faltando a memória. O médico pediu a Pedro: Fale com o João, puxe conversa, talvez as lembranças voltem, talvez surja algum endereço ou um nome de parente, preste atenção no que ele disser, a gente pode ir procurar, já aconteceu aqui uma vez. Mas — no fundo, todos sabiam — mesmo que a memória voltasse, mesmo que encontrassem alguém, um parente, vários parentes, ainda assim, mesmo fora do hospital, ficaria faltando muita coisa ao João. Como suprir aquela falta?

208. Pedro, por sua vez, tinha a perna esquerda engessada do joelho para baixo, com uma janela mais ou menos redonda serrada no gesso, na altura do tornozelo — uma tampa que o médico abria e fechava para trocar o curativo e aos poucos tirar os pontos que não estivessem inflamados. Deitado em sua cama, com o pé escorado um pouco mais alto do que a cabeça, Pedro falava com o João várias vezes durante o dia e a noite. De preferência, deixava ele falar à vontade e só fazia uma pergunta quando João se calava, quando sua voz perdia o impulso e o pensamento parecia afundar.

209. João não sabia ler, não conhecia a cidade em que estava, não tinha noção dos bairros, não se lembrava de ter vindo para a cidade nem para o hospital, não sabia quem era o governador ou o presidente, mas sabia o que era um carro, sabia o que era um caminhão. De pergunta em pergunta, Pedro descobriu que João sabia até o que era o cinema, tinha visto um filme. Não lembrava nada do filme, é verdade, mas tinha uma explicação para o que acontecia dentro do cinema: “É um gás que soltam numa casa escura e aí a gente começa a ver aquelas sombras.” Falava em tom sério, compenetrado, o mesmo tom de perigo com que se referia a um caminhão – qualquer caminhão, uma espécie de entidade maligna.

210. A mãe veio visitar Pedro na enfermaria no final do dia seguinte à cirurgia, depois que ele foi autorizado a receber visitas e Pedro, ainda fraco, um pouco zozzo, contou mais ou menos como tinha sido o acidente com o cavalo em que havia machucado o tornozelo dois dias antes. João escutava da sua cama e, sem levantar a cabeça grande e raspada que pesava fundo em seu travesseiro, mostrou que também conhecia cavalos: “Tem de dar um murro no focinho, ou então bem no meio do pescoço. Cavalo é um bicho bobo, cavalo nenhum derruba o João”.

211. O cavalo voltou a ser discutido quando Júlio veio visitar o amigo na enfermaria. De gravata, paletó estendido sobre as pernas, suor no pescoço e no pano da camisa embaixo dos sovacos, Júlio sentou-se numa cadeira de ferro meio bamba, também pintada de branco, ao lado da cama. Pedro descreveu o acidente na rua e Júlio, desde o início, ouviu com minúcias de advogado.

212. Era visível: sua cara redonda aumentava um pouco a cada detalhe sobre o cavalo. A ideia foi tomando forma e no final ele propôs: Pedro podia pedir uma indenização, o ideal era dar entrada logo, quanto antes melhor. Tinha de providenciar radiografias, a ressonância magnética, um laudo do cirurgião. Anotou o nome do médico para procurá-lo mais tarde. Mencionou casos semelhantes e estimou ali mesmo um montante para a indenização.

213. Pedro se espantou, mostrou que não acreditava — não só na soma como também na

possibilidade de uma indenização, coisa muito enrolada. Mas Júlio retrucou: Um cavalo, um animal doméstico, não pode responder por si mesmo, não sabe o que faz, alguém é responsável, alguém tirou o animal do pasto, da cocheira, e pôs ali na rua, um local público, bem na sua frente. Você não pode aceitar isso. É um direito seu. Talvez fique com uma sequela para o resto da vida. Deixe que eu cuido de tudo.

214. Pedro lembrava muito bem, lembrava sempre o peito do cavalo num clarão, durante um segundo, um instante em que tanta coisa agora se acumulava. O peito do cavalo a um palmo dos seus olhos — o pelo curto meio avermelhado, cor de brasa, os músculos ondulantes do bicho sob a pele muito esticada, como se fosse rasgar. O suor que exalava uma quentura, quase um vapor. Um bicho, um animal doméstico. Lembrava-se também do soldado sobre a sela, suado, com uma expressão de susto, com o escudo de plástico transparente erguido acima da cabeça para se proteger das pedradas.

215. Não, Pedro não teria coragem de dar um murro no focinho do cavalo. Também não disse nada sobre a proposta do Júlio — nem que sim, nem que não. Sua perna já doía bastante, sobretudo por causa dos pontos internos, sentia também uma fraqueza que o entontecia, na certa uma febre intermitente, alguma inflamação em andamento. Enquanto o Júlio argumentava, Pedro às vezes olhava para o teto da enfermaria e aquela superfície plana, com carocinhos da pintura bem visíveis, parecia balançar de leve, em ondulações, músculos que se mexiam por trás. As rachaduras na tinta velha se esticavam meio moles no teto, se abriam um pouco, formavam breves sorrisos de zombaria voltados para sua cara.

216. Não se preocupe, deixe tudo comigo, insistiu o Júlio. De fato, ele encaminhou os papéis com presteza, chegou a localizar duas testemunhas do acidente — o que foi mais fácil do que parecia, pois tudo havia ocorrido a dois quarteirões do prédio onde ficava o escritório em que Júlio trabalhava. Ele circulava diariamente por ali, tinha conhecidos na área. Mais do que conhecidos, tinha quase admiradores. Júlio sempre dava bom-dia a todos — nas lanchonetes, na lojinha lotérica, na banca de revistas, na drogaria — para os porteiros, os vigias, os guardadores de carros.

217. Mais do que um bom-dia ou um cumprimento convencional, ele travava conversas não muito demoradas, mas marcantes — Júlio mostrava interesse. Todos eram alvo do seu bom-humor, da sua inclinação à simpatia. Não se tratava de exercitar uma doutrina de otimismo, não era uma questão de pôr em prática a regra de um espírito positivo a qualquer preço. Não: Júlio enxergava muito bem a crueldade à sua volta, não fechava os olhos às desgraças e fraudes de todos os dias, via o horizonte escuro, fechado, Júlio não era bobo. Só que, mais por instinto do que por raciocínio, não queria render-se por antecipação, não queria omitir-se ou abrir mão do seu tempo, da sua vez na fila, da sua vez de fazer o lance, não queria deixar a última palavra, a palavra mais forte, para os outros, para os adversários — quem quer que eles fossem. Além de tudo, essa conduta lhe trazia benefícios imediatos e evidentes demais para serem ignorados. A cordialidade espontânea, fácil, era também um estímulo bastante produtivo.

218. Júlio conhecia várias pessoas da rua pelo nome. Sabia de que cidade e estado tinham vindo,

sabia em que bairro moravam, como eram suas famílias. Quase nenhuma dessas pessoas se recusava a falar de sua vida, quase nenhuma fugia à sua curiosidade e Júlio achava interessante, em especial, constatar como era comum terem sete, oito, dez irmãos. Já no primeiro diálogo com alguma delas, às vezes arriscava um palpite bem-humorado: Tem oito irmãos? Tem onze irmãos, não é? Cinco irmãos e quatro irmãs? Havia uma graça meio caricata, meio delirante, nessas cifras elevadas, nessa proliferação desatenta. Mas — Júlio, com o tempo, começou a pressentir — talvez houvesse também ali uma lógica, uma reação elaborada, uma estratégia, uma forma sutil de resistência ou de vingança da parte deles. Uma represália cujo objeto, cujo alvo — Júlio adivinhava a contragosto — devia incluir necessariamente a ele mesmo, o Júlio.

219. Verificava também que era comum morarem todos juntos, com as famílias, em casas muito próximas ou enfileiradas, como pequenas aldeias de índios — comparava Júlio, que mentalmente se distanciava deles de propósito para ver melhor. Também por isso sentia-se em certos momentos o observador de uma civilização alheia, um antropólogo amador que trabalhava à distância, mas ao mesmo tempo misturado com eles, e que pesquisava por meio de entrevistas informais. No entanto sua curiosidade era só uma curiosidade e ele não conseguia e nem pretendia impor a ela um método ou um sentido.

220. Assim, quando Júlio saiu pela rua indagando a respeito do incidente com Pedro e o cavalo ocorrido dois ou três dias antes, não foi difícil convencer duas pessoas a testemunhar — um homem que fazia sanduíches e sucos emparedado na minúscula cozinha de uma lanchonete e que conversava com Júlio através de uma janelinha pouco maior que sua cabeça — a abertura por onde passava os copos de suco para as garçonetes servirem no balcão — e também uma mulher que trabalhava na caixa de uma drogaria, sentada num banquinho meio torto e tão alto que não deixava seus pés tocarem no chão (o que lhe causava dores nas costas).

221. O homem dos sucos tinha visto toda a cena do ataque do cavalo contra Pedro através de uma pequena abertura na porta de ferro corrugado da lanchonete, pois a porta tinha sido baixada e fechada às pressas na hora do tumulto. A mulher, por sua vez, presenciou o incidente espiando pela janela do primeiro andar, aonde subira para se abrigar. Os dois podiam reconhecer Pedro, viram muito bem que ele não tomou parte do conflito, não provocou o soldado nem o cavalo nem ninguém.

222. Reunidas as testemunhas e a documentação necessária, Júlio em seguida cuidou para que o processo não morresse numa prateleira da Justiça. Com a ajuda do patrão, experiente nos meandros do fórum, manobrou para que o processo não fosse encaminhado para varas mal afamadas e para juízes lerdos ou imprevisíveis em seus caprichos, ou descontroladamente corruptos. Júlio quase todo dia acompanhava o andamento do caso para não deixar que caísse numa zona morta. Vai sair, Pedro, sua indenização vai sair — animava o amigo.

223. Com o passar dos meses, Pedro às vezes chegava a se esquecer da história. De fato saiu, após um ano e tanto — quase dois anos —, uma indenização bem menor do que a solicitada no processo, mas ainda assim um bom dinheiro. O suficiente para Pedro montar sua pequena loja de livros de

segunda mão, em sociedade com o Júlio, a quem coube, a título de honorários, uma parcela do dinheiro estipulado na sentença.

224. E foi o Júlio quem achou, entre as lojas à venda, um imóvel com localização e preço adequados. Indicou-o para o Pedro e cuidou da documentação. Era uma loja que mais parecia um corredor profundo, no térreo de um sobrado de mais de cem anos, numa travessa do centro antigo, onde todas as casas eram tombadas pela prefeitura. A rua era tão estreita que só permitia passar um carro de cada vez. A calçada de um metro e meio, dos dois lados da rua, ainda preservava algumas das grandes pedras de cantaria do calçamento original, talvez colocadas ali por escravos ou ex-escravos.

225. O térreo do sobrado tinha sido dividido em três imóveis distintos. Cada uma das três portas em arco — rematadas no alto com arabescos formados por floreios nas bonitas grades de ferro — se transformara na entrada de uma loja independente. Cada uma das três lojas tinha um proprietário distinto e uma escritura própria. A primeira era um estabelecimento de apostas: loterias, cavalos, futebol e, mais no fundo, por trás de um tapume com fotos de atrizes e atores da televisão, jogo clandestino. A segunda era uma loja de internet e jogos eletrônicos, com oito computadores dispostos em fila numa das paredes, até o fundo mal iluminado, com ninhos de fios emaranhados nos cantos, junto ao chão. A terceira era a livraria de livros usados, que devido aos contatos do Júlio acabou formando um acervo sobretudo de livros jurídicos. A clientela predominante era de advogados, estudantes de direito, promotores, juízes e procuradores — excêntricos ou maníacos o bastante para se meterem numa rua tão pouco recomendável, onde prostitutas bem maduras ou gordas circulavam durante o dia todo, desde manhã cedo.

226. Foi um deles, um juiz aposentado recentemente — a quem os advogados muitas vezes consultavam ali mesmo, em voz baixa, a respeito de impasses e encrencas em seus processos — foi esse juiz que no início daquela tarde puxou, no meio de uma pilha, o livro sobre Darwin, anos antes vendido em bancas de revistas, e comentou: é uma introdução bastante razoável ao assunto. Mas que assunto? Sentado atrás do minúsculo balcão, Pedro reconheceu o livro pela capa — dali mesmo onde estava, de relance. E na mesma hora seu tornozelo, num reflexo, acusou uma pontada de dor.

227. Nessa altura, onde andaria o João, pensou Pedro. Como estariam suas pernas cheias de cicatrizes, seus ossos compridos e marcados por fraturas e pinos, como dava para ver nas radiografias que os médicos mostravam para os estagiários, erguidas contra a luz da janela — todos eles de branco, postados em redor da cama, cheios de curiosidade. Será que o João tinha encontrado o caminho de volta para seus cavalos, para a fazenda onde trabalhava — quem sabe? E afinal o caminhão também não era uma espécie de animal doméstico que atropela, segue em frente e não pode responder por isso? A quem pedir indenização? O mais insignificante dos animais domésticos. E um ônibus? Quem responde por ele, quem o tirou da garagem e o trouxe para o meio da rua? Quem encheu o ônibus de gente?

228. O ônibus em que Pedro viajava, sentado junto à janela aberta, estava agora com as luzes do teto acesas. Não todas, não muitas — o motorista não gostava de acender muitas lâmpadas, porque a

luz e a claridade internas refletiam no parabrisa e ele achava que isso prejudicava sua visão da rua. Era um exagero, é claro, uma dessas manias, ou quem sabe era mesmo de propósito que apagava as luzes, só para causar um desconforto aos passageiros — criaturas de quem os motoristas tinham sempre muitas queixas, contra quem sentiam um rancor antigo.

229. Para Pedro, que queria ler e que agora começava a sentir a necessidade de um pouco mais de luz para poder enxergar as linhas, aquilo era uma besteira, uma chatice. Não passava de mais uma irritante cisma do motorista — a luz, a claridade, mais uma coisa que a viagem tomava dos passageiros. A maior parte deles parecia não se importar. Menos ainda quem dormia, e no fim das contas ainda era um privilégio estar sentado, ainda era preciso ser grato por isso. À direita de Pedro, um pouco mais atrás, dois passageiros haviam se acomodado, encolhidos, sentados no chão, na ponta dos degraus da porta traseira, e olhavam sérios para a rua com o rosto virado para os vidros da porta.

230. Um velho caminhão de refrigerante ou cerveja passou bem rente à janela de Pedro, ultrapassou o ônibus devagar. A carroceria sacudi no asfalto irregular, enquanto as fivelas soltas dos cinturões que prendiam os engradados balançavam e se chocavam nas ferragens com estalidos metálicos. Não maltrata o João. O João hoje está contente, o almoço vai ser bom — o João já sabe, avisaram lá da cozinha. A cozinheira quer casar com o João, aquela bonitona, aquela bem cheinha. Pedro estava agora de cabeça baixa e se deu conta de que olhava para as letras do livro sem ler nada. Estava parado no mesmo parágrafo, na mesma linha, fazia algum tempo. Talvez não só por causa da iluminação um pouco mais fraca.

231. Aconteceu que o nervosismo à sua volta havia aumentado um grau e parecia se generalizar. Para Pedro, no primeiro instante, foi algo invisível — devia estar na respiração das pessoas. De um jeito ou de outro, não havia dúvida, tinha acontecido uma coisa importante: a viagem tinha entrado numa fase nova.

232. Os passageiros pensaram bem, pensaram duas vezes, abriram um mapa de ruas dentro da cabeça, situaram-se naquele novo trajeto do ônibus que foi anunciado, mas ainda não estava muito bem definido. Cada um previu mais ou menos onde teria de saltar e por onde teria de seguir a pé rumo à sua casa. Cada um levava muitos minutos para se localizar, para visualizar travessas e esquinas, para tentar avaliar os riscos e a fadiga — e ainda não haviam terminado essa operação, ainda faziam e refaziam suas estimativas, seus planos. Pedro correu os olhos pelos rostos das pessoas de pé, lado a lado, até a frente do ônibus. Viu feições de resignação, de estupor, de revolta cansada. Mas pelo menos em dois passageiros reconheceu uma fisionomia de susto, ouviu também alguma voz mais estridente, atrás, e confirmou a transformação. Até o motor do ônibus pareceu roncar mais alarmado, os pés do motorista pisavam mais brutos nos pedais.

233. Uma pequena aglomeração se formou perto do motorista, umas três ou quatro pessoas espremidas na pequena área anterior à roleta. A trocadora, a roleta, o corredor já estreito, e ainda mais espremido com os passageiros que viajavam em pé — tudo impedia que a maior parte dos passageiros aflitos se aproximasse e tomasse informações do motorista. Mas os poucos que se amontoaram ali

debatiam, falavam ao mesmo tempo. Um deles, mais descontrolado, virava o rosto para trás e tentava erguer a voz como se pedisse apoio aos passageiros do fundo, que não conseguiam entender, pois ainda por cima alguns deles também falavam entre si.

234. A certa altura, o motorista pôs o braço bem esticado para fora da janela e abanou devagar, para baixo e para cima, com a palma da mão virada para baixo. Era um gesto dirigido ao motorista de um outro ônibus, um pedido para que ele parasse, ouvisse o que ia dizer. O outro ônibus parou ao lado, abriu a porta da frente e os dois motoristas começaram uma conversa — uma negociação, na verdade. Poucas palavras, quase gritos, por causa do barulho dos motores e da rua. Os dois se conheciam, tinham trabalhado numa outra empresa, anos antes, e de início trocaram uns palavrões frios, xingaram repetidas vezes algum velho conhecido, um gerente, parece, que tinha dado um desfalque na empresa e fugido. E nisso tudo, e no riso rápido que trocaram, se desenrolava uma preparação, para ajustar o tom da conversa.

235. Aproveitando o trânsito muito lento, os dois veículos tentavam se manter emparelhados à medida que avançavam. Quando o espaço entre eles se alargava, a lataria com a pintura em cores fortes refletia-se um pouco nos vidros das janelas. O motorista do ônibus de Pedro punha a cabeça, o pescoço e quase os ombros para fora a fim de falar e gesticular. Perguntou se o outro ia seguir o itinerário normal e explicou que tinha recebido ordem de desviar o trajeto, não podia ir até lá, até dentro do Tirol, como fazia diariamente, e os passageiros estavam chateados, e com razão, era natural.

236. O outro coçou a cabeça, a irritação crescia. De início respondeu que não sabia de nada, disse que ia em frente, ia até o fim. Pensou alguns segundos, viu que estava sem saída, bufou e disse que não queria nem saber o que estava acontecendo: era o caminho de sempre, azar, que se danasse todo mundo, ele não ia mudar agora por causa desse bando de malucos. E em conclusão bateu com a mão grande no capô do motor, que trepidou com um som grave.

237. O motorista do ônibus de Pedro fez uma proposta. Explicou. O outro puxou a orelha, em dúvida, aborrecido. Virou para trás para perguntar a opinião da trocadora. Depois levantou a mão e apontou para os seus passageiros com um gesto vago, como que para mostrar que o ônibus estava cheio — se bem que não estava lotado, na verdade, nada disso — dava para ver, havia espaço, dava ainda para espremer bastante.

238. Tudo isso Pedro podia mais ou menos acompanhar ou deduzir pela sua janela e por cima da cabeça dos passageiros sentados à sua frente, porque seu banco era um pouco mais alto, ficava em cima das rodas traseiras. A notícia passou de um passageiro para o outro, a partir da frente, onde ficava o motorista — percorreu o ônibus até chegar ao segundo eixo, na parte de trás, onde Pedro estava sentado.

239. Os dois motoristas tentavam acertar os detalhes do acordo, era visível, uma solução de emergência, um socorro, um salvamento. Num ponto mais adiante, num ponto onde era certo não haver fiscais de nenhuma das duas empresas, os passageiros do ônibus de Pedro que quisessem arriscar, para poderem saltar mais perto de casa, poderiam passar para o outro ônibus. Fariam uma

baldeação informal, não teriam de pagar outra passagem, entrariam pela porta de trás e pronto.

240. Muito bem, era uma ideia, mas que ônibus era aquele? Não pertencia às linhas que vinham do centro, nem sequer era uma linha regular: só circulava de manhã cedo e no fim da tarde, pelo que disseram, e só nos dias de semana. Era uma linha especial, recente, eventual, adaptada de uma outra linha, essa sim regular.

241. As pessoas olhavam, não tinham certeza do trajeto e imaginavam que na certa o ônibus não chegaria a entrar muito pelas ruas do Tirol e nem mesmo nas ruas da Várzea. Apesar de tudo — alegou o motorista — e alguns passageiros confirmaram, ou acreditaram nele —, apesar de tudo, o itinerário talvez permitisse que algumas pessoas saltassem mais perto de casa, conforme o endereço de cada um. Pelo menos saltariam mais perto do que se ficassem ali, no ônibus em que estavam, isso era seguro, já era uma ajuda, melhor do que nada — e nada era só o que eles tinham.

242. Tratava-se então de escolher, de calcular a distância, de estimar os apuros de cada caminho, de traçar uma estratégia, por mais precária que fosse — melhor do que nada. Afinal, na hora em que chegassem lá, já estaria de noite, talvez não houvesse luz na rua, os transformadores podiam ter sido incendiados ou destruídos por tiros de fuzil. Isso acontecia, não chegava a ser raro, era mesmo o mais provável nas circunstâncias. Quando se andava no escuro, uma distância mais curta era quase sempre preferível a uma longa — isso se o ônibus pudesse entrar lá, o que não se podia garantir. Mas, dependendo do lugar — escuro ou claro, tanto faz —, a distância mais curta podia ser também a mais perigosa. Dependia, tudo dependia.

243. De todo jeito, ficou evidente logo de saída que todos iam viajar mais apertados no novo ônibus. E pior — isso era grave, isso era o que ia acontecer agora —, quem até aquele ponto estava indo sentado, dali para a frente também ia ter de viajar em pé. Mas nem todos os passageiros iam para o Tirol. E nem todos aqueles que iam saltar no Tirol preferiam o trajeto do outro ônibus — não convinha a todos. Eles iam escolher, eles iam agora se dividir.

244. Pedro estava sentado. Pedro ia para o coração do Tirol. O transtorno portanto o afetou em cheio, pois sua decisão foi seguir a maioria e passar para o novo ônibus, embora não soubesse com segurança se era a melhor opção. Já os que tinham viajado de pé até ali e iam continuar no mesmo ônibus ficaram logo ansiosos, olharam para os lados, animaram-se visivelmente com a chance rara, ou até impossível, de concluir sentados a longa viagem diária. Em troca, aquilo trazia uma irritação a mais para os que iam descer e fazer a baldeação — mais pragas e mais palavrões desfeitos entre dentes —, quase todos já cansados demais para puxar a voz para fora da garganta.

245. Os dois ônibus pararam um pouco adiante de um ponto onde não havia calçada propriamente dita, só lama seca e um capim meio chamuscado, que se interrompia, abrupto, na beirada do asfalto. Ali, bem no cantinho, o asfalto formara uma dobra muito saliente: o piche quente de sol tinha esfriado e endurecido num formato de marola, na margem da pista. Os dois ônibus pararam quase embaixo de uma passarela de pedestres toda feita de placas de aço unidas com milhares de rebites e um tanto enferrujadas. Junto à escada de acesso havia uma barraquinha feita de tábuas pregadas, a essa hora já

iluminada por dentro graças a uma lâmpada presa num fio comprido amarrado à passarela lá em cima, de onde a energia era desviada.

246. Ali dentro, uma mulher vendia pacotes de biscoitos, paçoca, balas, bananada, mate e refrigerante em latinhas e em copinhos de plástico fechados, guardados no gelo, dentro de uma caixa de isopor apoiada sobre a terra e toda envolvida em tiras de fita adesiva, para não romper. O gelo tinha derretido àquela altura da tarde, só restava no fundo uma água meio turva, meio grossa, mas ainda fresca. Tinha vazado um pouco por algum furo ou rachadura e uma poça enlameada se espalhava embaixo da caixa de isopor.

247. As portas de trás dos dois ônibus se abriram, uma de cada vez, com um chiado e um estalo. Os passageiros do ônibus de Pedro começaram a descer a escadinha, um de cada vez. Os homens mais jovens, em geral, logo tomavam a frente na esperança de conseguir um lugar melhor. Embora soubessem que no outro ônibus não havia assentos livres, eles sempre tinham os seus lugares prediletos, mesmo quando viajavam de pé. Mal saíam pela porta, logo avançavam um depois do outro pisando meio trôpegos nos buracos de lama ressecada, rumo ao ônibus da frente.

248. Dois passageiros desviaram-se para comprar um refresco na barraquinha. A mulher meteu a mão na água fria do isopor, pegou dois copinhos lacrados com uma folha metalizada, enxugou com um paninho encardido e entregou para eles. Em seguida, na hora de dar o troco, foi catar moedas dentro de um copinho de plástico vazio. É, parece que não está entrando ônibus no Tirol, não, disse ela. Pelo visto, a notícia estava se espalhando.

249. Em resposta, os dois fizeram breves caretas e balançaram a cabeça, como se cada um soubesse muito bem o que o outro sabia — como se fosse uma coisa tão sabida e eles estivessem tão fartos de saber que nem valia a pena reclamar: a questão era andar, era só ir em frente, ir para lá de uma vez e pronto. Os dois passageiros voltaram depressa para junto dos outros, beberam o mate todo em grandes goles no caminho e, logo depois de entrar no ônibus, jogaram os copos vazios pela janela — a primeira janela, a mais próxima à porta da frente. Os copos voaram lá de cima numa curva e, ao bater com o fundo no asfalto, cada copo emitiu uma nota bem aguda, antes de rolares os dois para a beira do capim.

250. Ainda dentro do primeiro ônibus, ainda sentado, Pedro tirou do colo a mochila de pano enfeitada com uma correntinha habilmente feita de tampinhas de lata de cerveja ou refrigerante e devolveu para o rapaz, que estendeu o braço para receber a mochila. Depois Pedro pegou a sacola com o telefone e uns fios embolados e entregou para a mulher, que já estava sendo meio empurrada na direção da porta de trás pelas pessoas que saíam, e assim teve de esticar o braço para pegar a bolsa que Pedro lhe devolveu.

251. Em seguida, Pedro guardou dentro da sua mochila o livro sobre Darwin, com rabiscos de uma criança em algumas páginas, e se levantou, ao mesmo tempo que pendurava a mochila nos ombros — não nas costas, mas sim voltada para a frente, no peito — por um hábito, um gesto já quase mecânico, para evitar os ladrões. O tornozelo doeu quando ele ficou de pé — a velha ferida que não fechava por

dentro da pele. Pedro esticou o braço, agarrou o tubo de metal no teto para se equilibrar e foi avançando aos poucos na direção da porta de trás. Era espremido pelos passageiros que iam ficar no ônibus e seguir viagem e também pelos que, a todo custo, queriam descer antes dos outros, e por isso o empurravam, mas aos poucos, sem exagero.

252. O motorista, depois de encostar o ônibus na calçada e parar, puxou o freio de mão, deixou o motor ligado em ponto morto, levantou da cadeira e desceu pela porta da frente. Mas antes baixou a bainha da calça, que estava arregaçada até quase o joelho. Era um costume antigo. Dirigia muitas vezes assim por causa do calor do motor, que apesar de todos os cuidados da oficina escapava por baixo do capô, bem ao lado de seus tornozelos. Mas podia não ser tanto por isso, talvez tivesse alguma alergia na pele, ou quem sabe ele achava naquilo alguma graça, algum charme, ou vai ver tinha um valor pessoal, porque havia aprendido aquilo com alguém muito tempo antes, alguém que ele admirava. O fato é que só baixava a bainha da calça e se ajeitava quando aparecia um fiscal da empresa. Saiu pela porta bufando e abanando a cara com uma toalhinha. Andou devagar pela calçada, esticando os braços, os ombros. Contornou o outro ônibus pela frente, parou de pé embaixo da janela do motorista e, enquanto enxugava as mãos e a testa na toalhinha, que enfiava na cintura e logo depois pegava outra vez, trocou umas palavras com o colega.

253. Pedro, ainda dentro do seu ônibus, à espera da sua vez de descer, gostaria de poder acompanhar a conversa, mesmo de longe. Mais do que ninguém, era daqueles homens, dos motoristas, que havia de vir alguma informação útil, por menor que fosse, pensou. Mas Pedro não estava bem localizado e não podia, dali, perceber grande coisa. Observou — e achou isso interessante — que os motoristas agiam como se fossem ou como se considerassem a si mesmos responsáveis pelos passageiros. Ao mesmo tempo rogavam pragas contra todos, contra tudo, xingavam a esmo, como se os passageiros fossem os culpados — por que não andavam de táxi? — e reclamavam que toda aquela história só servia para atrasar a vida deles, o seu dia. Não viam a hora de chegar em casa, esticar as pernas no sofá, ver televisão, encher o prato e comer, comer muito — e eram enfáticos neste ponto: jantar, comer. Mas tudo isso, todo o alarde, pareceu a Pedro meio que uma encenação.

254. Já do lado de fora, diante da porta de trás do ônibus em que ia entrar, Pedro cedeu a vez para uma mulher gorda, de cabelos alisados e grossos. Os fios, na altura da nuca, grudavam uns nos outros em pontas duras, brilhantes, voltadas para baixo. Ela subiu a escadinha com dificuldade. As pernas contornadas por volumes de gordura venceram um degrau de cada vez — degraus muito altos para o comprimento das pernas. Carregava uma sacola plástica de aspecto pesado na mão esquerda e com a direita se agarrava ao balaústre para içar o corpo. Balançava-se para um lado e outro, numa ondulação larga, difícil.

255. Dava para perceber que ela abafava na boca uns gemidos misturados com risinhos resignados, simpáticos, enquanto atrás de Pedro um rapaz forte rosnavia que já não bastava levar a vida toda para voltar para casa, depois de ter passado o dia inteiro quebrando a marretadas os azulejos, o cimento duro e os tijolos velhos de uma cozinha, serrando canos enferrujados para substituir por novos — não

bastava ficar com aquele cheiro de pó de entulho entranhado na pele, no cabelo, nas unhas, um cheiro que não largava nem com dois banhos e sabonete — e ainda por cima tendo de aturar a dona do apartamento que, de meia em meia hora, entrava na cozinha com cara de louca e berrava os maiores absurdos com ele e com seu colega. Além de tudo isso, na hora de voltar, de poder descansar, agora nem sabia mais por que caminho e de que jeito ia chegar à sua casa. De fato, depois que o novo ônibus começou a andar, ficou só um pouco mais claro qual seria o trajeto e, dali a pouco, rodou entre os passageiros o nome de um lugar, de uma praça — a praça da Bigorna.

256. Uns conheciam, outros não. Pedro não tinha a menor ideia. Nem chegava a ser uma praça, na verdade — tinha sido uma praça anos antes, bem no início — disse alguém. Depois começaram a construir umas barraquinhas, mais tarde ergueram casas de alvenaria nas beiradas e o terreno foi ocupado quase pela metade, por lojinhas e residências. Restou livre um semicírculo, a partir do que tinha sido o centro da praça, ali onde havia uma bigorna de concreto em cima de um pedestal de pedra, com um relógio grande no meio, feito de metal, o mostrador meio inclinado para cima, para o céu — um relógio com algarismos romanos, sinais que a maioria nem compreendia, parado e na verdade sem ponteiros havia muitos anos.

257. Um homem gordo, de uns vinte e dois anos de idade, com muitas espinhas na cara e uma papada com uma dobra no meio, vestido numa camiseta branca bem limpa e com um pequeno brinco de argola dourada na orelha, um homem que já estava naquele ônibus desde antes e que por isso viajava sentado no banco da janela logo atrás da trocadora, levantou a cabeça, levantou um pouco a voz e disse lentamente, para que não houvesse dúvida, num tom de evidente satisfação com o que ele mesmo dizia — anunciou que naquela praça, uns dois anos antes, tinham feito uma barricada de pneus, lixo e um carro virado, e tinha ateado fogo em tudo. Depois, durante meia hora, jogaram pedras nos bombeiros, pedras e paus, alguém deu até uns tiros para impedir que os bombeiros chegassem lá e apagassem as chamas. Uma parte da bigorna estava escura, preta de fuligem até hoje, dava para ver, eles iam ver quando passassem por lá.

258. Pedro estava em pé, mais ou menos no meio do ônibus. Nem chegou a se admirar ao ver que, assim como ele, várias pessoas pareciam não ter a menor ideia de onde ficava a tal praça da Bigorna. Já havia notado que muitos moradores da região não conheciam as localidades do próprio bairro, como seria de esperar — mesmo quando moravam ali havia muitos anos. E nem era uma área tão vasta assim, longe disso.

259. Mas Pedro, com o tempo e com a repetição dos finais de semana que passava na casa de Rosane, não pôde deixar de observar em muitos moradores a tendência, ou quem sabe a regra, de não cruzar certos limites, de considerar-se estranhos a certos lugares e também estranhos e até hostis às pessoas que residiam nesses lugares. Uma opção de não conhecer, de não querer saber — ou vai ver não tinham mesmo outra escolha senão tentar confirmar todo dia o que eram e onde estavam, no esforço de garantir o seu lugar, o lugar que tinham, ainda que ao preço de encurtar ao máximo a linha do horizonte.

260. Afinal, qual o problema da praça da Bigorna? O que importava se tinha mancha de fuligem? Toda noite de sexta-feira e sábado, no Tirol, Pedro via fogueiras em algumas esquinas — fogueiras feitas com pedaços de caixotes, retalhos de papelão, restos do estofamento de sofás ou poltronas, embalagens e trapos de todo tipo. Havia manchas de fuligem demais, por toda parte — no asfalto, na calçada, nos postes, nos muros. Fuligem, cinzas e também crostas de plástico derretido que de manhã se viam coladas no chão. Sem falar no cheiro de queimado que ia e voltava o tempo todo e que qualquer pessoa que andava por ali sentia. As ruazinhas tinham pouca iluminação. No escuro, as fogueiras irradiavam seu clarão com mais força. Podiam ser uma brincadeira de meninos e meninas, podiam ser sinais entre os grupos que vendiam e compravam drogas ou proteção, podiam não ser nada.

261. Pensando bem — e Pedro, de pé, mais ou menos no meio do ônibus, com a mão direita bem segura ao tubo de metal aparafusado ao encosto de um banco enquanto a mão esquerda abraçava a mochila contra a barriga e os pés se apoiavam num espaço estreito do chão de ferro — o chão pegajoso por causa dos respingos de um refrigerante ou sorvete —, um espaço de poucos centímetros quadrados, o que obrigava os pés a ficarem muito próximos e não permitia muito equilíbrio quando o ônibus freava ou avançava de repente e obrigava Pedro a segurar-se com mais força no tubo de metal e às vezes também o obrigava a escorar-se no lado do corpo de uma jovem parruda à sua direita, a qual, em vez de se irritar, achava aquilo engraçado e ria baixinho, talvez porque Pedro parecesse muito leve para ela — pensando bem —, Pedro pensou — o fogo das fogueiras, da praça da Bigorna ou do que fosse, o fogo, qualquer fogo, vinha bem a calhar. Brincadeira ou sinal, Pedro via como aquelas fogueiras se destacavam com firmeza do cenário em redor. Percebia como as fogueiras escavavam à força, no escuro, um lugar próprio, criavam uma dimensão que era só sua, única, onde tinham a primazia, onde falavam mais alto.

262. Nos vultos esparsos de crianças, adolescentes ou adultos em volta do fogo, em seus movimentos vagarosos, sem atenção, sem propósito, mas insistentes, como se não conseguissem afastar-se dali, Pedro começou a notar os traços de uma espécie de culto noturno, ancestral. Traços de uma adoração espontânea e desinteressada. Coisa rápida, a mais simples possível, sem alcance além daqueles minutos e daqueles poucos metros. Tratava-se, quem sabe, de uma espécie de identificação, de uma assimilação momentânea, entre eles e o fogo.

263. Obediente, o fogo atendia a um chamado. No mesmo instante surgia em pleno ar uma energia concentrada, viva, que eles acreditavam poder controlar, pelo menos até certo ponto, pelo menos em certas condições. Uma energia extraída do lixo, dos restos, daquilo que ninguém quer ou precisa, mas que para ela mesma tem grande proveito — um calor que força o limite do suportável, que avança por cima de si mesmo, que se consome depressa demais, que não se acanha em levar embora e arrastar consigo, para as cinzas, qualquer coisa que cair em suas mãos. Tinha a cara, o aspecto muito familiar de uma alegria — uma alegria que só quer saber de aumentar, só pensa em se expandir, e que também convida, chama, acena com uma promessa, com uma troca talvez vantajosa, e aponta um caminho.

264. De todo jeito, o fogo era uma coisa que não devia estar ali, não pertencia a este mundo,

pensava Pedro, o mundo da cidade. E ele achava esquisito pensar assim, ainda se surpreendia ao ver uma fogueira na rua. As fogueiras acesas sobre o asfalto ou na beira da calçada deviam provir de um outro tempo, coisa antiga, alheia. O fogo se aproveitava de alguma brecha, de algum ponto incompleto do tempo atual e se infiltrava por essa falha, irrompia com força, perturbava, buscava aliados para poder voltar com plenos direitos e se estabelecer, de uma vez por todas, no lugar que queria ter como seu.

265. Onde Pedro morava e sempre havia morado, e também onde Júlio morava e lá onde trabalhava, no centro da cidade, por exemplo, não havia essas fogueiras. Ninguém, muito menos crianças, acendia fogo assim à toa na rua, para ficar olhando — chamas altas, alaranjadas — um olho sempre aceso e aberto, e voltado para eles, um olho que cresce no meio do caminho, no meio da rua, um olho que quer e exige ser olhado de frente

266. Rosane, numa noite de sexta-feira, ao voltar do pequeno supermercado para casa junto com Pedro, explicou que um dos meninos que eles viram perto de uma fogueira não sabia contar os dedos da mão. Não sabia nem quantos anos tinha. É sim, não acredita? Pergunte para ele você mesmo, você vai ver. Já falei com um que nem sabia dizer direito os dias da semana.

267. Sem camisa, descalços, só de bermuda, cabeça raspada, alguns meninos não sabiam distinguir o valor das notas e das moedas nem pelas figuras estampadas e, para fazer os negócios perigosos que os adultos ou os adolescentes confiavam a eles nas ruas e nos becos, às vezes vinham perguntar a Rosane, pedir sua ajuda. Desembolavam as cédulas diante dela, sobre a pele rosada da palma da mão pequena, entre os dedos abertos. O papel das notas sempre cheio de rugas, a tinta de impressão às vezes chegava a estar quase gasta nas marcas onde a nota tinha sido espremida com força entre os dedos suados. E, uma vez aberta, desdobrada a nota, dali de dentro daquela espécie de planta murcha quase sempre exalava um odor azedo, curtido, parecido com um fedor de carniça, um cheiro chupado de muitas mãos, de muitos poros, um cheiro que só o dinheiro tinha e bafejava no ar o tempo todo.

268. Pistola, revólver, até um fuzil Rosane já tinha visto nas mãos de alguns daqueles meninos — ela contava. Não era comum, não era todo dia nem toda hora, mas numa noite de sexta-feira, enquanto Pedro vinha com ela e puxava o carrinho de duas rodas, feito de arames de alumínio e cheio de compras quase até em cima, Rosane viu sentado na beira da rua, a uns cinco passos de uma fogueira, um menino de uns dez anos. Tinha a mão enrolada por uma atadura meio suja de terra, com a ponta vermelha e uma parte da gaze branca já começando a soltar fiapos. Tinha uma testa estranha, muito saliente, o que deixava os seus olhos um pouco escondidos embaixo das sobrancelhas. Por meio de palavras que Pedro nem sempre conseguia entender e que Rosane depois traduziu, o menino contou que tinha fugido do hospital naquele dia.

269. Contou que uns dias antes — cinco, dez, ele não sabia — ele estava sentado ali mesmo, na beira da calçada, com uma espécie de fuzil pequeno, fabricado na oficina improvisada de um armeiro com pedaços de outras armas e até peças adaptadas de outros objetos. Estava com a arma em pé, apontada para cima, entre as pernas meio abertas — assim, olha — e para mostrar, ergueu, no espaço

entre as pernas miúdas, a mão livre e também a mão enrolada na atadura, segurando o vazio, o ar, na posição em que, dias antes, tinha segurado a arma. Aconteceu naquele dia de ele querer mostrar a um outro garoto como se carregava o pente de balas naquele fuzil engraçado, meio diferente.

270. O menino até agora não entendia ou não conseguia explicar o que tinha ocorrido. Só sabia dizer que de repente o fuzil disparou e, depois da explosão, depois de um calor na cara que chamuscou suas pestanas e suas sobrelanceiras e depois de alguns segundos às cegas e entontecido, ele sentiu um cheiro ardido comer seu nariz por dentro e, por último, viu que tinha perdido três dedos da mão direita. Ergueu a mão enfaixada e mostrou para Rosane.

271. Pedro, escorando na coxa o carrinho de compras de duas rodas para ele não inclinar e tombar por causa de um buraco na calçada, notou que naquele relato feito às pressas, sem susto, sem ênfase, havia uma coisa estranha. Havia algo que chamou sua atenção com mais força do que o tiro, com mais urgência do que o ferimento e que os dedos. Pelo rosto, pela respiração, pela voz, Pedro entendeu que, para o menino, o que havia ocorrido três ou cinco dias antes parecia não ser nada: ele não tinha sido atingido pelo tiro, não houve tiro nenhum e ele não tinha perdido nada — os dedos não eram nada, aqueles dez dias não eram nada, assim como a rua toda não era nada, assim como as casas em volta — e o que mais?

272. Os cantos dos olhos do garoto estavam vermelhos, pareciam inflamados. Pela narina, começava escorrer a ponta de uma secreção esbranquiçada. O clarão da fogueira de vez em quando rebatia com mais força no rosto e no peito do garoto. Por um instante a pele nua brilhava cor de brasa, depois escurecia de novo. O menino falava e olhava para eles rápido, meio por alto, mas ainda com uma espécie de apelo, de brandura, como quem espera e pede aprovação, aplauso. Não acham isso bom? E Pedro via muito bem: o menino não ia parar, não ia sossegar. Ele ia bater e sacudir para todos os lados tudo aquilo que, por acaso, estivesse ao seu alcance.

273. O bom mesmo, explicou o garoto, foi ter fugido do hospital, onde queriam que ele ficasse parado numa cama e viviam lhe dando broncas e injeções por dentro de um tubo enfiado no braço. Pelo menos serviram bastante comida. Só que não queriam deixar que ele comesse com a mão e que catasse a comida no prato com os dedos, como ele preferia fazer. E agora, então, com a mão direita toda enfaixada... Doía no braço, por dentro, havia ali uma dor, está certo, o menino sabia, tinha de admitir — de vez em quando contraía o nariz, franzia os olhos, fazia uma careta rápida. Alguma dúvida, então, passava por ele. Mas, num esforço, logo se refazia e, com o nariz levantado, as narinas abertas, deixava claro: nem para isso ele ligava. Não era da sua conta. Se doía, doía à toa: não era nada.

274. Muito rápido, uns dois minutos, três no máximo — Rosane sabia que não convinha ficar ali na rua conversando com o menino mais tempo. Meteu a mão no carrinho de compras, pegou um pacote de biscoito e deu para ele. Mesmo assim, bastaram aqueles minutos para Pedro. Depois, na sua memória, o intervalo pareceu mais longo. Quando entrou com o carrinho de compras na casa de Rosane e o puxou com as duas mãos firmes para as rodas subirem devagar os dois degraus de concreto

cheios de rachaduras, na porta de entrada, Pedro tinha no pensamento a figura bem desenhada do menino: uns vinte e sete, trinta quilos, no máximo, as costelas visíveis embaixo da pele esticada do tórax, músculos redondos nos ombros estreitos, pulsos finos, de aspecto quase quebradiço, e uns movimentos que queriam ser largos, uns gestos sedentos de chegar longe, uma voz que se esticava aos saltos, voz e gestos que não sabiam a que se prender.

275. Por um segundo, Pedro desconfiou que pensava e realçava tudo isso para não pensar no acidente. Por um segundo, chegou a admitir que empurrava para longe a lembrança do ferimento e a previsão de suas consequências para o garoto. Reconheceu que sua vontade era isolar, neutralizar de algum modo aquela notícia, aquela ideia, que no entanto continuava na sua frente. Pedro parecia ter medo de que pensar nos dedos do menino terminasse por ser o mesmo que arrancá-los mais uma vez — pensar no tiro seria dar mais um tiro — e ele previa e temia o estampido, a explosão, as sobranceiras chamuscadas.

276. Pedro estacionou o carrinho de compras junto à porta da cozinha e começou a retirar os sacos plásticos cheios de mercadorias. Remexidos nas suas mãos, os sacos teimavam em emitir um barulho estridente, um chiado semelhante ao de água e de uma chuva forte, um som tão alto que enchia a cozinha inteira, ressoava nas paredes ladrilhadas e em certos momentos encobria as vozes dos dois — dele e de Rosane. Um a um, retirou todos os produtos dos sacos e entregou para Rosane.

277. Ela guardou alguns nas duas prateleiras do armário sem portas que ficava embaixo da pia, pôs outros dentro da geladeira que, toda vez que era aberta, lançava uma luz amarela no chão e na parede da cozinha — pôs outras mercadorias em cima da geladeira e as últimas numa prateleira feita de azulejos velhos, junto ao tanque, na área minúscula onde lavava a roupa. Rosane separou também o papel higiênico para depois guardar no banheiro. Havia bananas, laranjas, havia leite numa garrafa de plástico com a palavra “saúde” estampada. Havia repelente de mosquito, uma ratoeira e pregadores de roupa. Um pacote de biscoito, em cores brilhantes demais e com um nome em inglês, tinha a foto da cara de uma mulher sorrindo, com imensos dentes de louça.

278. Nos corredores do supermercado, entre as prateleiras onde as mercadorias se apertavam até a beirada, até quase pular para a mão das pessoas, Pedro não cansava de se admirar com a transformação que ocorria em Rosane. Ao entrar, ela tomava uma espécie de impulso, tomava um fôlego, reunia forças e se concentrava. Os olhos ganhavam uma fixidez diferente. Tudo o mais se apagava para ela. Empinava o pescoço, o corpo crescia um pouco, ora pisava cautelosa num rumo vago, ora investia certa — a exemplo de todas as outras pessoas ali dentro, como Pedro passou a observar, pois todos faziam o mesmo. Na certa, tinha sido sempre assim, com todo mundo, em qualquer supermercado: ele é que não percebia.

279. Na verdade, os produtos distraíam Pedro em sua profusão de nomes, feição, utilidade. Uma espécie de desfile, de exposição (talvez porque em sua casa não era ele, em geral, que ia ao supermercado e fazia as compras, mas sim a mãe). Já Rosane se movimentava guiada por um olhar atento, rigoroso, quase enciumado de seus objetivos e resultados. Era visível que ela mobilizava os

conhecimentos adquiridos em muitas idas ao supermercado, em numerosas ocasiões de compra. Acreditava distinguir vantagens, descobrir oportunidades onde Pedro enxergava apenas um tumulto indiferente, e onde outros — também em busca de vantagens, mas pelo visto menos sagazes do que ela — não as percebiam. Pedro notava como Rosane se orgulhava daquelas façanhas minúsculas: frações de preço ou de peso às vezes tão ínfimas que pareciam depender sobretudo de uma questão de fé.

280. E era mesmo assim: acreditar era possuir — acreditar era ganhar —, ou seria só isso, e tão simples, caso aquelas compras de sexta-feira não significassem tanto para Rosane, para seu pai, para a casa deles. Pedro ficava lá no fim de semana. Achou razoável, achou normal comprar alguns mantimentos, dar uma ajuda, digamos. Assim fez quase desde o início. Começou quando levou Rosane para casa numa sexta-feira, como já tinha feito algumas vezes. Entrou e daquela vez demorou mais tempo com ela, e quando viu já era bem tarde. A volta de ônibus seria complicada àquela hora, talvez impossível. Dormiu lá — pai, tia, ninguém se opunha, Rosane explicou.

281. A cama de solteira de Rosane era larga — dava bem para dois magros e baixos. Feita de um aglomerado de serragem e cola revestido com folhas de fórmica branca já lascadas nos cantos, a cama tinha o colchão coberto por uma colcha limpa, de bordas franzidas, que pendiam nas beiradas a toda volta, enfeitada com desenhos alegres, até um pouco infantis, em tons fortes de violeta — a mesma cor de duas bonequinhas de pano, visivelmente antigas, já puídas e remendadas, que Rosane deixava sentadas em posições simétricas sobre o travesseiro.

282. Por dentro da porta do armário um pouco empenada e que por isso nunca fechava direito e às vezes se abria sozinha no meio da noite com um leve rangido, havia um pedaço de cartolina plastificada, pendurado numa tachinha, com a frase “Traga um sorriso e leve um amigo”, em letras bem desenhadas. Ao lado, quatro tachinhas prendiam uma foto meio apagada da família de Rosane. Ela aparecia ali ainda bem criança, no colo da mãe, sentada em frente à casa — aquela mesma casa, mas com as paredes estranhamente claras, limpas, e o espaço em volta mais arejado. O colchão meio endurecido tinha um buraco no lado em que Pedro deitou e assim, ainda durante a primeira noite, passou pela sua cabeça a ideia de comprar um colchão novo e dar para ela, colocar ali.

283. Quando acordaram de manhã, o pai de Rosane já tinha saído. A tia estava sentada à mesa do café da manhã. Catava migalhas de pão de fôrma espalhadas sobre a toalha de plástico e colocava dentro da boca, bem devagar. A cada migalha, sua língua vinha um pouco para fora. O nariz se encolhia no rosto mole, se achatava, mais redondo, toda vez que ela abria a boca para receber uma migalha. Na frente da tia, ao lado de uma caneca de louça com o escudo de um time de futebol, estava uma cartela de comprimidos meio amassada — os três primeiros invólucros de plástico já rompidos e vazios.

284. Deu bom-dia para a sobrinha e para Pedro, que já a conhecia havia algum tempo e que lhe ofereceu a mão. Mas ela não apertou, ofereceu só o pulso e, risonha, deu a entender que sua mão estava suja, lambuzada talvez de margarina. Acenou com a cabeça para ele sentar. Na mesa havia pão de fôrma branco dentro de um saco plástico — a palavra “vitamina” em letras de festa, saltitantes.

Havia meio tablete de margarina num pires de plástico antigo, já com umas finas rachaduras marrons. Açúcar branco dentro de um pote de louça sem tampa. Leite e café no fogão, em bules de alumínio um pouco escurecidos na base. Duas moscas rodavam no ar, não se aproximavam da mesa e às vezes cintilavam num reflexo rápido ao cruzar uma faixa de sol que cortava o ar da cozinha.

285. Vai ter de comprar algumas coisas depois, disse a tia para Rosane, com sua voz áspera, difícil, que parecia soprar de trás da pele do peito. A ideia de fazer compras com Rosane, e de pagar, veio a Pedro no mesmo passo automático da fome e do sono. Assim como veio a ideia de comprar o colchão, enquanto quase dormia, ouvindo a respiração de Rosane voar entre as paredes do quarto de teto muito baixo, de telhas visíveis, no alto. Durante a noite, um mosquito de vez em quando teimava em zunir no escuro, em algum ponto perto da cabeça de Pedro — o zumbido aumentava e diminuía, ia e vinha, mas nunca ao alcance da mão, que Pedro fazia estalar contra a própria orelha.

286. Rosane, na noite anterior, mostrou-se na verdade tão contente com a ideia de Pedro dormir ali que ele, que não contava com isso, não teve outro jeito senão pensar que devia fazer o mesmo no dia seguinte e também nos próximos finais de semana. Não pôde deixar de pensar que em pouco tempo aquilo — dormir e fazer compras com ela — havia de se transformar num hábito, numa rotina necessária. Mas ninguém sugeriu isso, assim como ninguém lhe pediu nada — bem ao contrário. No supermercado, Rosane começou a pôr no carrinho alguns artigos, bem poucos, contados, medidos, só os mais baratos, e quando Pedro acrescentou mais alguns por conta própria, dobrando a quantidade, e Rosane olhou para ele com ar de dúvida, desconfiada, com ar de querer perguntar, Pedro explicou: não precisava se preocupar, ele ia pagar, estava com dinheiro.

287. Rosane chegou a começar um protesto, contraiu um pouco as sobrancelhas. Mas logo parou. Pensou junto com Pedro: nenhum dos dois trabalhava no sábado, tinham pouco ou nenhum tempo para ficar juntos nos dias úteis, era melhor ficar de uma vez ali mesmo, na sua casa, no fim de semana. Assim Pedro ainda economizava, por não ter de pagar o motel de costume e a passagem de ida e volta. Era mais ou menos o mesmo valor que ia gastar nas compras no supermercado.

288. Ao contrário da mãe de Pedro, que não via Rosane com bons olhos e dava a entender que considerava o filho digno de companhia melhor, o pai de Rosane não se importava com a presença de Pedro em casa. Na verdade, era muito melhor do que sua filha ficar na rua de noite. Afinal a filha já estava bastante crescida, trabalhava e pagava algumas despesas domésticas já fazia um bom tempo, desde os quinze anos, mais ou menos. Pedro fazia também umas boas compras, e tudo isso pesava. Mas nem tanto, ou pelo menos não era o decisivo, como Pedro logo concluiu.

289. Em geral, o pai de Rosane olhava para ele com uma certa reserva, com uma curiosidade reprimida, mas no fundo hospitaleira — como se Pedro fosse alguém que vinha de longe, de um outro país. Ao mesmo tempo, o pai de Rosane fazia questão de tratá-lo com o ar de quem diz: eu conheço gente feito você, sei muito bem como são as pessoas lá de onde você veio. Ainda assim, não conseguia disfarçar um interesse diferente, uma espécie de surpresa, ou meia surpresa, com que encarava Pedro, seus movimentos, sua presença ali. Além disso, o fato de Pedro ser tão pacífico, discreto, quase não

ocupar espaço nenhum e não pedir nada, nem a atenção de ninguém, inspirava nele uma simpatia que às vezes podia beirar a afeição.

290. Era um homem alto, de costas largas, a barriga esticava só para a frente a camiseta de malha. Careca em cima, cabelo grisalho, curto e bem cerrado nas têmporas, formando um arco por cima das orelhas grandes. Tinha no geral um jeito manso, de quem reprimia alguma coisa no corpo volumoso. Havia trabalhado em obras, em algumas construções importantes da cidade, durante quase vinte anos, desde que ele e a esposa foram morar no Tirol. Até que um dia surgiram umas irritações em seus pés, abriram-se umas feridas que formaram buracos feios e cada vez mais fundos.

291. Pelo visto, aconteceu que de tanto trabalhar descalço, sem luvas, ele pegou uma alergia ao cimento cru, ou quem sabe a algum componente do cimento. Não importa, tanto faz, nenhum médico sabia dizer, davam nomes diferentes, esquisitos. Uma alergia tão violenta que nem precisava encostar no cimento: bastava chegar perto, bastava um bafo de ar polvilhar um cisco a alguns centímetros da sua perna, ou mesmo do seu braço, e logo vinham os pruridos, as supurações, e a pele dos pés e das canelas ardia em fogo.

292. Dali para a frente não adiantou trabalhar de botas de borracha, mesmo de cano alto até quase os joelhos e com meia por baixo. Não adiantou cobrir o nariz e a boca com aquelas máscaras de cirurgião, ele explicou para Pedro um dia. Tentou muitas vezes, experimentou tudo o que pôde, até os passes de um médico espírita ele pagou. Estava no cheiro, vinha num gás, quem sabe, ou mesmo no brilho, no reflexo do cimento, vai ver era uma espécie de onda que irradiava daquele pó, corria rente ao chão, era uma vibração que atravessava tudo e depois entranhava na pele.

293. O cimento até então era o seu trabalho, era o seu dia — obediente na mistura, dócil no tempo de dar a liga, o cimento era sempre o mesmo, não mudava, era o seu salário, o seu patrão. Estava por trás de tudo, por baixo de tudo, e era na direção do cimento que seus braços compridos se moviam: armar o pequeno lago de água limpa no alto do montinho de cimento e areia, depois misturar tudo com aquela água, em golpes medidos de uma enxada ou pá, e por último, com a ajuda da pá, encher os baldes ou os carrinhos de mão com a massa úmida, pesada — às vezes, numa sombra de irritação, num cansaço antecipado, ele já acordava pensando naquilo, sentia até o cheiro: na hora em que pegava o açúcar na colher para pôr dentro da caneca de café com leite, adivinhou no ouvido o chiado da lâmina da pá ao ser enfiada no monte de areia.

294. Contou isso para Pedro, um dia — os dois sentados no sofá muito mole, de estofamento puído, ele com os pés apoiados sobre um banco de madeira nua para as pernas não incharem —, diante da televisão, com a imagem um pouco ruim, quando apareceu o anúncio de um shopping em cuja construção ele havia trabalhado, num terreno que na época não passava de um capinzal habitado por sapos e cobras. Contou que, quando veio a alergia e quando as proteções, os cuidados e os remédios foram sendo derrotados um a um, e quando ficou mais do que claro que ele não poderia mais trabalhar, ficou à beira do desespero. Ainda se lembrava de uma noite inteira que passou acordado, dentro de casa, as luzes todas apagadas, enquanto os outros dormiam — ora sentava, ora andava, e passava de

um cômodo para o outro, no escuro, arrastando os pés machucados, enquanto os mesmos pensamentos de susto, os mesmos medos, que não pareciam nem um pouco exagerados e soavam como a coisa mais razoável do mundo, se repetiam sem parar dentro da sua cabeça.

295. Parava de andar, olhava para os pés, para as unhas horríveis, que nem carvões, que nem pedras — e então teve raiva do cimento, teve raiva dos pés. Depois de mais de vinte anos trabalhando, como podiam fazer aquilo com ele? Percebeu que era um desatino sentir isso — ter raiva dos pés, do cimento. Mas afinal, pense bem, o que seria da sua casa, da sua família, da sua filha, que na época ainda dependia tanto dele? Debruçado na janela aberta, olhou para o ar escuro da noite, os olhos parados, presos no espaço estreito entre uma parede lá fora e um muro esfolado, com tijolos à mostra — olhava, olhava, sem atinar com o que ia fazer da sua vida quando afinal o dia nascesse. Olhava bem fixo, bem fundo para aquela noite encardida e sentia no rosto ora um cheiro de cinzas, ora um cheiro de podre. Pensava, perguntava, e só um morcego piava a intervalos, por cima, nuns rodopios compridos, velozes.

296. Parentes, não tinha. A mulher havia morrido. Também não conseguia pensar num único amigo com quem pudesse contar naquele apuro. Dispensado do trabalho, começou a rotina das perícias médicas, em intervalos de dois, três meses ou mais, para garantir pelo menos o pagamento mensal do seguro. Horas antes do nascer do sol, tomava um lugar na fila que já estava lá, a postos, nas sombras de uma rua, a uns vinte quilômetros da sua casa. As pessoas espremidas contra a parede para aproveitar a proteção da marquise estreita de um edifício de escritórios, ou coladas à porta de aço de uma loja vizinha, fechada com dois cadeados no meio e mais um embaixo, encostado no chão.

297. O pai de Rosane tinha os pés inchados, vermelhos, tinha marcas úmidas na pele, até nas canelas. Os pés sempre calçados em sandálias abertas de borracha, mesmo quando chovia e as ruas ficavam cheias de poças, porque não havia como enfiar aquilo num sapato. Já trazia de casa alguma folha de papel mais grosso e lustroso, dobrada no bolso — o anúncio de uma farmácia, por exemplo, onde remédios e produtos de higiene vinham acompanhados pelo preço, estampado em vermelho, dentro de uma estrela amarela — um papel para pôr sobre a beirada de cimento ou de uma pedra fria, forrar o chão e sentar-se em cima, junto à parede ou encostado à porta de aço. Ali, então, esticava as pernas para a frente, sobre a calçada, fechava os olhos e respirava fundo para se acalmar. E ainda por cima tinha de espantar o sono.

298. Em geral, ali ninguém conversava. Era raro alguém dormir. Às vezes uma pessoa tentava vender um lugar melhor na fila, mais na frente. Se ele tivesse dinheiro, compraria, entraria na frente dos outros, ninguém ia reclamar, acontecia sempre. Lá dentro, horas depois, havia ar-refrigerado e cadeiras estofadas para todos. Mesmo assim, às vezes, na hora da consulta, o médico olhava para os pacientes com certa apreensão. Sabia que a sorte deles estava em suas mãos: aquela gente tinha uma doença para oferecer em troca de uma renda mensal e cabia ao médico avaliar a doença, classificar o estrago, medir seu interesse, seu prazo, seu fator destrutivo — e depois alugar a doença por um tempo, comprá-la para sempre ou apenas rejeitá-la, e chamar o próximo paciente.

299. Ninguém gostava de perder uma renda mensal com dia certo para ser sacada no banco. Ainda por cima sem trabalhar. Havia gente que não entendia as explicações do médico, — “mas eu tenho pressão alta”, “ora, eu também tenho e estou aqui trabalhando” —, tinha havido gritos, ameaças, murros chegaram a afundar as divisórias meio bambas, feitas de algum tipo de massa prensada, de papel e plástico, muito limpas, pintadas e repintadas de cinza. Corriam histórias de pacientes que, em outros postos, longe dali, foram para a fila armados, e por isso os seguranças, de roupa preta e boné, com um escudo dourado no peito, às vezes rondavam as saletas dos médicos a passos lentos, com olhares desconfiados que interrogavam as fileiras de gente sentada.

300. Depois de sempre se repetirem os ataques de alergia a partir quase dos primeiros minutos do seu regresso ao trabalho, assim que se encerrava o período de folga que tinha recebido dos médicos para ver se conseguia se recuperar outra vez — e depois de voltar várias vezes à perícia, ficar na fila, na sala de espera, ouvindo o silêncio dos estropiados, os resmungos dos nervosos, o pai de Rosane começou também a se irritar com os médicos. Um deles — de cabelo branco e sujo, dentes amarelos de cigarro, pescoço feito um galho seco, dedos um pouco trêmulos e indecisos sobre os formulários de papel amarelo em cima da mesa, voz moída na garganta, uma voz que não se fazia entender — um dos médicos provocou no pai de Rosane o medo de que aquele homem de jaleco branco fosse doido, não estivesse vendo os pés inchados, feridos, que estavam bem ali na sua frente. Teve medo de que o médico fosse escrever algum disparate naquelas fichas. Só de pensar nisso, as consequências se encadearam com a velocidade de um raio em sua imaginação e daí ele passou a uma raiva absurda, uma vontade de sacudir aquele sujeito pelos ombros, abrir seus olhos à força — os olhos foscos e meio escondidos nas pálpebras estreitas, umas pupilas sem rumo nas quais o reflexo da luz branca do teto parecia formar uma nata.

301. Estava cansado de repetir o mesmo caminho, tinha perdido a esperança de se curar da alergia, não acreditava mais nos pés, nos remédios, nas semanas. Porém os médicos só queriam lhe dar umas poucas semanas de dispensa, mais nada. Mandavam repetir o tratamento ou experimentar um outro — não entendiam, não aceitavam, o tratamento tem de dar certo, está previsto, é clínico, diziam — e mandavam voltar depois para uma nova perícia. Nem mencionavam aquilo que, de tanto ouvir falar, ele já enxergava como um prêmio, sua recompensa por tudo, a justiça em pessoa: aposentadoria por invalidez permanente. Se no início a palavra invalidez, ouvida várias vezes naquelas salas de espera, lhe dava medo e uma ponta de nojo, ele logo se familiarizou com aquele som, logo a ideia lhe pareceu amiga, as sílabas promissoras. Com o que mais ele poderia contar?

302. Foi uma mulher do departamento de pessoal da empreiteira onde ele antes trabalhava que, ao ouvir suas queixas, seus soluços engasgados, soltou um suspiro, puxou o brinco no lóbulo da orelha uma, duas vezes e, por pena, por simpatia — afinal, fazia anos que os dois se viam ali na empreiteira —, ou por desenfado, ou sabe lá por que, lhe deu uma ajuda que se revelou decisiva. Simplesmente escreveu num papel o nome de uma outra mulher, que trabalhava no instituto de aposentadorias, no centro da cidade. Anotou embaixo o endereço e lhe disse para ir lá e falar só com ela.

303. Assim ele fez, assim ele suplicou aos porteiros, assim mentiu para secretárias e assim, após alguns meses, sem saber como nem por que caminho, conseguiu a renda mensal que continuava a ganhar e que agora ganharia até morrer. Menos do que recebia antes no trabalho, e que já era bem pouco — está certo, muito menos. Mas veio na hora exata, veio como um milagre, quando ele já estava começando a pedir dinheiro emprestado e disposto a pensar bobagens.

304. Porque aconteceu que naquela época, perto dele, morava uma mulher sozinha, de uns cinquenta anos. De noite, mesmo já bem tarde, o pai de Rosane às vezes via o vulto da mulher passar pela rua mal iluminada. Muito devagar, os ombros magros, encolhidos, uma sacola de plástico agarrada e amassada entre os braços cruzados no peito, os dedos compridos, unhas sujas, a cabeça curvada para a frente e para baixo, ela andava em ziguezague pelas calçadas vazias. Parecia falar sozinha, às vezes voltava um pouco por onde já havia passado, tinha o olhar fixo, abaixava mais, mais, e com a ponta de um dedo esticado revirava alguma coisa no chão, no canto do asfalto e do meio-fio — e logo o pai de Rosane entendeu. Na primeira vez em que viu e prestou mais atenção, duvidou por um segundo, mas não podia ser outra coisa: entendeu que a mulher estava procurando dinheiro, moedinhas que tivessem caído e ficado perdidas ali no meio da poeira, sem ninguém ver ou querer pegar, por causa do seu valor ínfimo ou porque estavam meio escondidas.

305. Entendeu também que se ela repetia isso tantas vezes, tão metódica, sem desistir, era porque de fato achava as moedas, escavava alguma nota amassada e suja, cor de lama, e que também por isso ninguém enxergava. Imaginou que a mulher devia vagar assim muitas horas, a noite inteira, devia cobrir grandes distâncias com seus passos lentos, para ter chance de reunir uma quantia suficiente para comprar alguma coisa. Adivinhou logo a indignação, o desamparo que tinha de haver em sua casa para ela fazer uma coisa como aquela, arriscar-se de madrugada, não ter outra opção. Mesmo quando chovia, o vulto passava em silêncio — quase sua vizinha, e ele nem sabia quem era, as pessoas não sabiam seu nome, achavam que era doida e pronto.

306. Traído pela alergia, iludido pela cura, na espera de uma decisão que adiavam e se recusavam a dar, o pai de Rosane já se imaginava fazendo a mesma coisa que aquela mulher, arrastando os pés feridos pelas ruas. Imaginou a filha e a cunhada caminhando muito devagar pela calçada, de ombros encolhidos. Chegou a ver as duas curvadas para a frente, os olhos apontados para o chão, a velha e a jovem, abraçadas a uma sacola de plástico contra o peito, dois fantasmas no meio da noite, e sentiu um arrepio apertar sua cabeça.

307. Nessa época, ainda na expectativa de uma solução, alguém lhe sugeriu que se cadastrasse num programa que o governo estava promovendo ali mesmo no Tirol: ofereciam um valor fixo mensal só para a pessoa fazer compras no supermercado, contanto que o candidato preenchesse certos requisitos. Ele se lembrou da sua esposa, muitos anos antes, lembrou como ela, por teimosia, contra a vontade dele, se havia cadastrado no programa de um deputado e no fim acabara conseguindo a casa onde ele morava até hoje — ou pelo menos no pedaço da casa que havia sobrado, depois que vendeu uma parte para uns parentes. Lembrou-se do sítio onde até então ele e a mulher viviam, quase como índios,

pensou, e veio um arroubo de carinho pela esposa, um aperto na barriga, um respeito que ia além da morte, e se animou.

308. Cadastrou-se, respondeu os questionários, as perguntas da entrevista e toda semana ia ver se seu nome tinha sido incluído na lista dos favorecidos. Na volta para casa, passava no supermercado e olhava para as prateleiras com mágoa, com uma cobiça pesada: cada produto, cada marca em letras vibrantes era uma ofensa. De vez em quando a visão chegava a se estreitar, uma sombra se fechava pelos lados dos olhos, os tons coloridos das embalagens se borravam de preto e nessas horas o pai de Rosane tinha de piscar os olhos e piscar de novo, três, quatro vezes, para voltar a enxergar direito as mercadorias, que pareciam sumir. No fim, sem saber muito bem o que estava fazendo, ia para a caixa com um pacote de margarina, um saco de pão de fôrma e um outro de arroz só para não dizer que não estava levando nada.

309. Havia alguns problemas naquele cadastramento, as pessoas comentavam: os tais cheques não eram aceitos em qualquer lugar. Certa vez correu o boato de que mais nenhum supermercado ia receber aquela forma de pagamento. Quem ainda tinha um crédito nas mãos se afobou em gastar logo tudo, de qualquer jeito. Muita gente, vários vizinhos se cadastraram. A tia de Rosane também. E foi o nome dela que acabou aparecendo na lista dos escolhidos, um dia, quando o pai foi até lá ver.

310. Voltou para casa com a notícia, levou a cunhada até o escritório que tinham montado em cima de um caminhão, dentro da carroceria de aço, com ar-refrigerado, três computadores e mocinhas que digitavam tudo. Ele pensou que a cunhada já sairia dali com o cheque — na verdade, um cartão magnético feito de plástico. Só que ainda ia demorar, tinha de preencher mais fichas, assinar, trazer documentos, cópias, voltar dias depois, esperar que o sistema dos computadores aprovasse. A tia de Rosane já ficava nervosa à toa e aquela agitação, as perguntas, os números, as datas, a busca dos documentos, as unhas pintadas e velozes da menina que faziam ferver as teclas de plástico do computador — tudo a deixou desconfiada, com uma irritação explosiva que (o pai de Rosane logo notou) podia pôr tudo a perder.

311. Uma vez por semana o caminhão chegava de manhã, subia o meio-fio de uma praça e, entre os buracos na terra meio lamacenta, com manobras curtas, procurava um lugar onde todas as rodas ficassem mais ou menos niveladas. O motorista e o ajudante estendiam por cima do caminhão uma faixa com o nome do programa do governo, as mocinhas abriam uma porta na parte de trás e colocavam ali uma escadinha de alumínio de cinco degraus.

312. Junto com umas vinte pessoas, lá estava o pai de Rosane à espera, de braços dados com a cunhada, para apoiá-la. Cara de sono, meio tonta, nervosa, ela não parava de remexer a barra da blusa com a mão, enquanto os lábios se moviam devagar, mascando a boca vazia e de poucos dentes. Uma semana, duas semanas, e na quarta semana apareceu finalmente o cartão magnético de plástico: o nome dela em relevo, prateado, o símbolo do governo no canto. Por trás, uma língua preta e reta que atravessava o cartão de ponta a ponta.

313. Nesse meio tempo, tinha havido algum problema. Disseram no caminhão que o supermercado

que agora aceitava aquele cheque ficava mais distante, na Várzea. O pai de Rosane e a cunhada não costumavam ir à Varzea: em geral, gente do Tirol não era bem vista por lá. Mas os dois eram velhos, ou pareciam mais velhos do que eram, e aquela desavença entre os bairros empolgava mais os jovens. Além disso, quase ninguém os conhecia na Várzea. Ninguém repara em velhos. Na certa iam pensar que vinham de qualquer outro lugar, não do Tirol.

314. O problema sério de fato era que o supermercado ficava distante: não daria para carregar as sacolas na mão de lá até em casa, nem mesmo se empurrassem tudo no carrinho de compras que Rosane usava para ir ao outro supermercado — uma roda podia quebrar no caminho, que era muito ruim e acidentado. Mas no final isso também não importava. O pai de Rosane fez as contas e achou que ainda seria muita vantagem se pegassem um táxi — isso mesmo, não ia ser nenhum luxo. A distância ainda era curta para um carro, daria uma corrida barata, pouco mais do que o preço de ida e volta de ônibus, para os dois. Afinal, todas aquelas compras iam sair de graça e além do mais ele gostou da imagem que viu em pensamento: as sacolas de plástico estufadas enchiam o porta-malas aberto de um automóvel estacionado na saída do mercado. Imaginou também o desembarque das sacolas na frente da sua casa, animou-se cada vez mais e chegou a sorrir sozinho, enquanto previa o que iria comprar.

315. No dia seguinte, a cunhada foi andando ao seu lado devagar, meio puxada por ele pelo braço, sobretudo na hora de atravessar as ruas e subir nas calçadas. Tomava cuidado com os buracos, sempre com medo de cair. Não estava acostumada, saía pouco de casa. Foram a pé para economizar a passagem do ônibus e poder pagar o táxi na volta. Andavam, andavam, e ela não conseguia acompanhar todo o entusiasmo do pai de Rosane. Faltava a ela uma certa concentração, uma dose maior de certeza daquilo que estava fazendo. Olhava para os lados, pensava em outras coisas, lembrava-se de pessoas que anos antes tinham morado nos lugares em que passava — quem sabe ainda moravam lá? Mesmo assim, ela entendia muito bem que aquilo que estava fazendo era bom, que o cunhado estava contente, que a sorte daquela vez estava do lado deles.

316. Entraram no supermercado, viram logo que era grande. A mesma transformação que ocorria em Rosane aconteceu com os dois: o pescoço empinado, os olhos acesos, a respiração concentrada e contida num ritmo de quem guarda uma parte das energias para o imprevisto. Com um chocalhar metálico, desprenderam um carrinho da fileira de carrinhos encostada à parede, verificaram se as rodas giravam bem e não agarravam no eixo. Enveredaram pelo primeiro corredor e começaram a selecionar as mercadorias. O pai de Rosane — desconfiado com os rumores sobre a validade do tal cheque de compras — achou melhor consumir o crédito do mês inteiro de uma vez só naquele dia e assim tirar mais proveito do custo do transporte no táxi. Por isso os dois faziam as contas de cabeça, à medida que iam colocando as mercadorias dentro do carrinho.

317. Não tinham hora, não tinham pressa — demoravam-se com certo gosto na seleção, no exame da variedade. Havia uma satisfação, uma sensação de força, um alívio que passava para o corpo e que eles tratavam de aproveitar ao máximo — uma coisa que vinha da mera certeza de poder comprar.

Assim retardavam o passeio do carrinho, iam e voltavam pelos corredores, retiravam alguns produtos que já haviam apanhado e punham outros em seu lugar. Arrumavam e rearrumavam os produtos encostados nas grades do carrinho a fim de aproveitar todos os espaços, e refaziam os cálculos — tão atentos às mercadorias, que ficavam mais vistosas por causa das luzes brancas e brilhantes lá no alto, que mal se davam conta da presença de outras pessoas.

318. Quanto tempo fazia que não tinham alguns daqueles produtos em sua casa? Havia novidades que a tia de Rosane nunca tinha visto, nomes em inglês que não apareciam nem nos anúncios da tevê, ou que ela não havia notado. E ela então sugeria experimentar um detergente, uma esponja de três cores, um amaciante de roupas com o bico da embalagem em forma de pescoço de pato ou de cisne. Souberam selecionar com tanto critério que conseguiram encher o carrinho até em cima, sobretudo com produtos mais duráveis, capazes de resistir até o mês seguinte sem estragar. Afinal, pelas suas contas, alcançaram o valor máximo oferecido pelo cartão. Desfrutaram cada escolha, nem repararam quanto tempo haviam passado ali dentro. Tomaram seu lugar na fila para uma das caixas, começaram a olhar em volta e só então ficaram um pouco preocupados.

319. Seu carrinho era, de longe, o mais cheio. Daquele jeito, parecia um pouco agressivo — as pessoas olhavam. O pai de Rosane de início experimentou responder com uma barragem de orgulho — um orgulho que acabou se revelando raso, de fôlego curto, sem pontaria. De todo jeito ele achou que tinha de reagir, mostrar coragem, por isso manteve o queixo erguido, o peito estufado, seu olhar traçava uma linha reta e firme acima das cabeças de todos.

320. Sua fila não era grande, mas avançava devagar como as outras, paralelas. As pessoas evitavam tomar lugar atrás deles e estava bem claro o motivo: adivinhavam que, com o carrinho tão cheio, os dois iam demorar muito tempo na caixa. As pessoas calculavam os minutos a mais de espera, na verdade faziam e refaziam muitas contas ali dentro, punham em números as coisas mais diversas. Algarismos rodavam no ar do supermercado — o lugar parecia feito para isso — e na verdade só uma parte de todos aqueles cálculos se materializava nas notas fiscais que, com um gemido, iam saindo linha por linha das pequenas impressoras das caixas.

321. Mas podia não ser só isso — o tempo de espera, o valor de um carrinho cheio de compras, os números na nota fiscal. Aconteceu que o pai de Rosane começou a sentir nas filas próximas uns ares de raiva ou no mínimo de um despeito — cujo alvo no entanto talvez não fossem eles dois exatamente, ele e a tia de Rosane, mas algo vago, algo mais espalhado, dentro do qual estavam eles dois. Enquanto isso a tia de Rosane, distraída com suas compras, quase sem desviar os olhos do carrinho, de vez em quando apanhava na mão um dos produtos. Examinava de novo, aproximava o rótulo dos olhos e conferia alguma informação, antes de pôr de volta com cuidado no mesmo lugar do carrinho.

322. A moça da caixa já tinha avistado na fila aquele carrinho cheio. O pai de Rosane notou na mesma hora e achou que a moça torceu a boca de leve — um sinal de aborrecimento: quem sabe ela já previa alguma coisa. Ele quis recobrar a calma, disse a si mesmo que era exagero, a moça da caixa estava cansada, só isso. Tudo normal. Pelo sim, pelo não, concentrou as ideias: eles tinham o direito de

estar ali, iam pagar por tudo, ninguém podia se queixar.

323. Nesse momento, entrou um grupo com alarde, todos bem juntos, uns atrás dos outros. Falavam alto, alguns cantavam refrões martelados — rapazes de bermuda, alguns sem camisa, moças de short e barrigas de fora. Sacudiam muito a cabeça no alto dos pescoços compridos, espalhavam no ar os braços elásticos, os troncos balançavam com folga sobre a cintura flexível. De repente, um ou outro se esticava, puxava com a mão o ombro do que ia na frente, gritava alguma brincadeira, os dentes irrompiam brancos, rasgavam risadas. Pareciam alheios, concentrados em si mesmos, porém — de algum modo dava para perceber — observavam tudo em volta. Foram direto para as prateleiras de latas de cerveja.

324. O pai de Rosane seguiu os passos do grupo com o canto dos olhos, ficou mais apreensivo e só quando a cunhada começou a tirar os produtos do carrinho e colocar sobre a placa de alumínio do balcão da caixa, ele se deu conta de que, até que enfim, havia chegado sua vez. A moça da caixa começou a puxar as mercadorias para perto e registrar os preços num teclado de computador, enquanto ele mesmo na outra ponta do balcão arrumava tudo dentro de sacolas de plástico.

325. As mercadorias passavam uma depois da outra pela caixa, num ritmo contínuo, sem tropeços, o que transmitia segurança e pareceu animá-lo. Até que um dos produtos não pôde ser registrado. Por mais que a caixa tentasse, a máquina não aceitava. Não tinha o preço cadastrado, a moça explicou. Chamou um colega de crachá com foto e nome preso no pescoço por uma fita azul e pediu que fosse verificar o preço na prateleira.

326. A tia de Rosane, com sua voz fraca, explicou que não era preciso, debruçou-se para a moça, disse exatamente quanto custava. Sabia todos os preços de cor, até os centavos, tudo estava calculado. Mas a caixa, sem olhar para ela, respondeu que não podia fazer assim, tinha de verificar, era ordem do patrão.

327. Com isso — a falha do registro, a ordem do patrão — o pai de Rosane ficou ainda um pouco mais alarmado. No entanto quis logo se emendar: bobagem, aquilo era comum, era até de se esperar em casos de compras grandes. A moça continuou a registrar as outras mercadorias uma a uma e as sacolas de plástico fino já se avolumavam no chão, em certa desordem, espalhadas em volta dos pés do pai de Rosane — os pés em sandálias, um pouco inchados, os dedos sujos. Alguns sacos ele fechava com um nó firme nas duas alças; outros, deixava mesmo abertos.

328. Havia agora pessoas naquela fila à espera da sua vez com as compras na mão ou também num carrinho. A primeira era uma mulher de boné preto, com o umbigo à mostra abaixo da barra da blusa. Trazia na mão apenas um saco de plástico transparente, borrado de sangue por dentro, com mais ou menos um quilo e meio de carne de boi. O rapaz com crachá voltou, depois de conferir o preço do produto. A tia de Rosane deu o cartão para a caixa e mostrou sua carteira de identidade plastificada. Quando a moça passou o cartão na máquina, soou um apito.

329. Pela cara que ela fez, o pai de Rosane viu logo que não tinha dado certo. A caixa tentou de novo e soou o mesmo apito. Dessa vez ele teve a impressão de que o apito zuniu mais alto, teve

mesmo a certeza de que as lâmpadas lá em cima brilharam mais forte, cuspiram uns raios tão brancos que ofuscaram a forma das pessoas em sua volta. Durou só um instante. Pois logo viu com nitidez que a moça da caixa ergueu o cartão acima da cabeça, brandiu no ar e, inclinada na direção da caixa do lado, perguntou em voz alta:

330. — Como é que passa isto aqui mesmo?

331. A outra, com uma embalagem de doze latas de cerveja nas mãos, parou na mesma hora, virou, olhou para o cartão por um segundo e respondeu:

332. — Ontem foi o último dia. Agora só mês que vem. Talvez.

333. A caixa devolveu o cartão para a tia de Rosane e perguntou se não queria pagar em dinheiro. Mas falou em voz baixa, mansa, um pouco automática: é claro, nem precisava perguntar, já sabia a resposta. Com seu cartão de volta na mão, a tia de Rosane olhava para o cunhado, para a moça da caixa, para o cartão, para os sacos plásticos cheios e amontoados sobre o piso de cerâmica e sentiu o ar fugir.

334. Já o pai de Rosane esfriou de repente por dentro: uma corrente gelada desceu até os pés. Com uma clareza também fria, entendeu que ele já contava com aquilo ou com algo parecido desde o início, desde o caminhão parado lá na praça. A primeira coisa que pensou e que o preocupou a sério foi que as pessoas na fila iam ficar irritadas com ele. Olhou de relance e percebeu na sua fila uns quatro ou cinco fregueses — os dois mais atrás levantavam a cabeça para ver o que estava acontecendo, o motivo da demora. Nos olhos brancos, meio arregalados, uns riscos de sangue — e lá estava a mulher com o saco transparente cheio de carne.

335. A segunda ideia que passou pela cabeça do pai de Rosane foi que estavam na Várzea. E agora sim aquilo ganhou um peso diferente, com as lembranças de histórias brutais, vinganças horríveis praticadas à toa. A terceira foi a imagem do grupo de jovens que chegara pouco antes ao supermercado, seus risos e cantorias sem música, o jeito como abanavam os braços compridos a caminho das prateleiras de cervejas.

336. Disse para a moça que talvez aquela máquina estivesse com defeito, quem sabe numa outra o cartão funcionaria. Mas a moça respondeu que não, a máquina estava boa, e olhou para baixo, para as mãos de unhas pintadas, o esmalte já um pouco descascado, os dedos a postos na frente do teclado só de números. Um anel no polegar brilhava. Então a caixa deu um relance para o primeiro freguês na fila e voltou-se.

337. Se eles não tinham como pagar — explicou a moça, com uma voz calma, de quem parecia entender a situação, de quem compreendia tudo, até bem demais, só que gostaria que nada daquilo tivesse acontecido e preferia que eles fossem embora logo — se não tinham como pagar, explicou a moça, teriam de pôr tudo de volta nas prateleiras. Pois é. Não havia um funcionário para arrumar as mercadorias de novo. Se não fosse assim, a bagunça aumentava, já vinha muita gente ao mercado só para criar confusão, mexer nas coisas, tentar roubar, justificou ela mais apressada agora: um desinteresse novo, uma falta de paciência começava a dominar. E aquilo era verdade, claro, está certo,

é razoável — pensou o pai de Rosane, que respirou fundo e se deu conta da presença de um segurança parado a uns cinco passos, com um colete preto sem botões aberto sobre a barriga proeminente.

338. Ele e a cunhada foram buscar outro carrinho, que logo encheram com as sacolas colhidas do chão e levantadas duas a duas, uma em cada mão, até a última, e voltaram para os corredores do mercado. Os dois empurravam devagar o carrinho, mais pesado agora. Pareciam subir uma ladeira. Uma das rodas da frente meio torta soltava guinchos num ritmo que entorpecia. Achar um produto no meio daquelas sacolas de plástico, todas iguais — todas chiando com o mesmo barulho quando eles mexiam — era tão difícil quanto localizar a prateleira onde o produto tinha sido apanhado. Tentavam lembrar, davam voltas, passavam várias vezes nos mesmos lugares. E um por um foram todos retirados do carrinho e colocados nas prateleiras certas.

339. Com a ponta dos dedos, a tia de Rosane empurrava de leve a mercadoria em seu lugar, fazia questão de alinhá-la de acordo com as outras. Cada produto de que se desfaziam causava mágoa. A garganta apertava. Nenhum, nem o mais barato deles, foi deixado para trás com indiferença. O tato, o manuseio dos frascos de vidro, dos potes de plástico, o formato das caixinhas na mão dos dois um momento antes de abandoná-los em seu lugar aumentavam a pena que sentiam. Sem falar na visão do carrinho que empurravam sempre em frente cada vez mais vazio, as sacolas murchas amontoadas nos cantos, junto aos arames de alumínio. Como se não bastasse, o pai de Rosane pressentia que as pessoas em volta olhavam muito para eles. No início — assim parecia — olhavam sem entender o que os dois estavam fazendo, mas logo a notícia deve ter se espalhado. Ele agora já imaginava, já adivinhava sabe lá que zombarias.

340. No fim, um cansaço pesava sobre os dois e no caminho de volta para casa, a pé, ficaram em silêncio o tempo todo. Até que pararam na beira de uma rua, perto de alguns sacos pretos de lixo amontoados em redor de um poste. Os dois à espera de que o sinal fechasse e os carros e as motocicletas parassem. Só aí o pai de Rosane olhou para a esquerda e percebeu que a cunhada fungava, puxava para dentro algum resto de choro. E viu que ela ainda estava com o cartão magnético seguro na mão. Ele então pegou o cartão, abriu o zíper da bolsa da cunhada e o colocou lá dentro, junto da carteira de identidade. Era uma bolsa de plástico já com a tinta meio descascada — uma bolsa que tinha sido da sua mulher no tempo em que ainda moravam no sítio.

341. O pai de Rosane, diante da televisão ligada, contou para Pedro que foi exatamente naquela ocasião que saiu sua aposentadoria vitalícia, seu atestado de invalidez. Por isso dizia que veio na hora certa: um pouco mais e ele nem sabia o que poderia acontecer. Porém a aposentadoria veio na hora certa por um outro motivo também.

342. No início o pai de Rosane ainda tinha certa inveja dos colegas que, sem maiores problemas de saúde, continuaram a trabalhar nas empreiteiras, faziam horas-extras e de quebra ainda arrumavam uns bicos em obras pequenas. Mas dali a algum tempo as obras grandes começaram a rarear e os bicos eram poucos para tanta gente. Os seus colegas, na grande maioria, foram ficando desempregados, no máximo arranjavam trabalhos clandestinos, e por um tempo curto, em que ganhavam ainda menos.

Naqueles serviços, não tinham hora para ir para casa, os pagamentos atrasavam semanas, meses até. Várias vezes levavam calotes do patrão e no fim não recebiam nada. O dono da obra sumia, o escritório fechava de repente, eles nem tinham de quem cobrar.

343. Foi de uma hora para outra que o pai de Rosane viu a situação mudar daquele jeito: ninguém esperava. Ele ouvia aquelas histórias repetidas, sempre iguais, e sentiu um alívio, quase agradeceu à alergia, quase abençoou as feridas dos pés e o cimento que, dentro dele, estourava em bolhas — quase se dizia um homem de sorte. Pensando bem, se ele ficasse longe do cimento e das obras, as feridas não se abriam, os pés não inchavam muito, não viravam aquelas bolas roxas na ponta das pernas.

344. Assim, com certo esforço, ele podia ainda fazer outros tipos de trabalho. Por exemplo, foi vender produtos miúdos na calçada sobre um tabuleiro dobrável feito de madeira. Um policial lhe dava os produtos, emprestava até o tabuleiro, dizia o lugar onde ele ia ficar e o horário. Desse negócio o pai de Rosane tirava uma receita diária minúscula, que vinha se somar à sua aposentadoria por invalidez. Os pés inchavam, mas em compensação não havia risco, assegurava o policial.

345. Desse modo, foi estranho, foi até engraçado quando poucos anos depois ele descobriu por um acidente que não tinha mais a alergia, descobriu que sem mais nem menos estava curado. Um dia tropeçou na rua perto de uma obra da companhia de gás, escorou-se com a mão num tapume que desabou com seu peso e ele foi junto. Caiu quase de cara num monte de cimento e terra, que estava ali à espera dos operários, em horário de almoço. Com a ajuda de um pedestre, levantou-se assustado — logo o cheiro e o tato do cimento romperam em pânico pelo seu nariz, pela sua pele. Já previa os transtornos, o inchaço, os buracos medonhos.

346. Esfregou-se aflito ali mesmo na rua, lavou-se como pôde na torneira de uma garagem em frente e depois, ao chegar em casa, enxaguou várias vezes com sabão, já sabendo que não ia adiantar. Mas veio o dia seguinte, outros dias passaram e nada aconteceu. Olhou para os pés, pensou bem, pensou de novo. Com cuidado fez um teste: abaixou, pegou um pouquinho de cimento na ponta de um dedo, contou até três e, nervoso, sacudiu o dedo no ar para se livrar do pó. Horas depois, dias depois, nem sinal das feridas. Porém ainda era preciso mais, era preciso matar a dúvida até o fim e então colocou um pouco de cimento em cima do pé, o ponto mais sensível. Esfregou ligeiro, aflito, e logo depois, como que arrependido, afastou o pó com uns safanões da mão para os lados. Na verdade, já no momento daquele gesto ele acreditava que estava de fato livre da alergia.

347. O pai de Rosane contava para Pedro, falava um bocado e parava, quando alguma coisa na televisão prendia seu interesse. Era um filme americano, havia tiros de vez em quando, armas de vários tipos — em gavetas, em cintos, em bolsas, no porta-luva, em mãos de homem e de mulher. Os canos cromados ou pretos rebrilhavam na tela. Homens voavam de repente para trás, de braços abertos, com manchas vermelhas no peito da camisa, o corpo rolava sobre o capô brilhante dos carros novos ao som de explosões e de música trepidante. Ou um casal se beijava com força, os dedos esticados da mulher, de unhas compridas, enterravam-se nos cabelos do homem.

348. Pedro observou o rosto do pai de Rosane: o queixo um pouco abaixado na direção do peito, a

testa ampla, um pouco para a frente, o olhar que partia de baixo para a cima, rente às sobrancelhas, os lábios um pouco encolhidos, à beira de formar um bico. A expressão de quem olha e ao mesmo tempo tenta lembrar alguma coisa, algo que resiste, foge — Pedro observou e reviu ali, reforçadas, as feições e um certo jeito de Rosane.

349. Já eram dez horas e os dois esperavam que ela voltasse do colégio. No tanque de cimento havia roupas para enxaguar, panos de molho dentro da água embaçada de sabão. Na cozinha, havia pratos sujos, panelas na pia — umas dentro das outras, os cabos apontados para fora, em direções diferentes. A tevê apenas gemia com o volume baixo para não perturbar o sono da tia de Rosane. No chão, um ventilador virado para eles dois rodava sem parar, tremia de leve com o estalido de uma das pás que estava meio torta e resvalava na grade a cada volta num ritmo insistente — um som mole, de plástico, que soprava suave no ouvido e dava sono. Ainda mais com o ronco incessante do motor ao fundo.

350. Não era como o motor do ônibus em que Pedro viajava agora de pé, com a mochila pendurada sobre o peito, os dedos seguros com força no tubo de metal preso no banco à sua frente. O motor a diesel cantava forte, com alternâncias de graves e agudos, suspiros e roncões que trepidavam por baixo do chão de aço e vibravam através da sola dos sapatos. Variavam conforme os movimentos do trânsito atravancado, conforme as paradas e as arrancadas nos pontos de passageiros, e variavam também conforme os pedais e o câmbio respondiam às manobras irritadas do motorista. Não dava sono, mas mesmo com o barulho e os trancos alguns passageiros sentados dormiam, cochilavam um pouco, de cabeça mole, e toda hora acordavam de novo. Os rostos sem um pingo de ânimo, esgotados, eles dormiriam em qualquer lugar e de qualquer jeito. Tinham os braços cruzados, as mãos largadas, ásperas, o peso morto dos dedos em cima de sacolas e mochilas.

351. Por algum motivo, Pedro ali de pé lembrou-se do que tinha lido pouco antes, ainda no outro ônibus quando viajava sentado. No livro sem a quarta capa, o livro que agora estava dentro da mochila pendurada diante do seu peito. Vai ver o motivo foi o cheiro dos amendoins que uma jovem sentada à sua esquerda tirava de um saquinho de plástico guardado dentro da bolsa aberta em cima das pernas. Com a ponta dos dedos, a mulher punha um ou dois amendoins de cada vez dentro da boca e mastigava, enquanto olhava pela janela.

352. Vai ver Pedro estava com fome, porque se lembrou das comidas que Darwin provou numa fazenda, em sua viagem por uma região não muito distante do destino final daquelas mesmas pistas asfaltadas e engarrafadas que o ônibus agora percorria. Na verdade — e era estranho, todo um capítulo do livro se demorava nessas histórias, o capítulo que Pedro veio lendo no outro ônibus — o cientista espantou-se com a fartura geral que encontrou na fazenda: o rebanho gordo, a abundância de caça na floresta, a fazenda onde mataram um cervo por dia nos três dias que o inglês ficou naquelas terras.

353. Os visitantes, contou Darwin, eram tão raros na fazenda que, ainda de longe, o dono saudava sua chegada com disparos de um velho canhão. O estrondo ecoava nos penhascos em volta, mas anunciava a festa para ninguém, pois as vastidões eram despovoadas até muito além do que a vista

podia alcançar. A comida que faziam questão de oferecer era tanta que não cabia na mesa — uma vasta prancha maciça, onde os nós da madeira se desenhavam bem marcados em riscos escuros.

354. Era preciso a todo custo provar todos os pratos, mas o visitante terminava por se dobrar sob o peso de tamanha carga. Não conseguia dar conta do que dele esperavam. Assim, num outro dia, Darwin calculou as porções com cuidado para poder realizar a proeza. Mas se desesperou ao final quando viu trazerem ainda por cima um leitão e um peru assados inteiros. A todo instante cachorros e crianças negras rondavam à beira da mesa e, escreveu Darwin, à parte a escravidão, havia algo delicioso naquela vida patriarcal em que a pessoa se sentia absoluta e separada do resto do mundo.

355. Darwin se demorou bastante na observação de lesmas e vermes que se aglomeravam em profusão embaixo de troncos podres, dos quais aqueles bichos se alimentavam. Admirou-se com a simplicidade de seus organismos invertebrados. Não havia meios de distinguir a parte inferior da superior no corpo deles, mas Darwin registrou que, na parte do corpo sobre a qual se arrastavam no chão, aqueles vermes dos trópicos tinham duas aberturas transversais. Através da abertura anterior saía uma tromba em forma de funil, muito sensível. O pensador viajante fez questão de assinalar que essa tromba conservava sua vitalidade durante vários segundos depois de o animal estar completamente morto, fosse afogado, esmagado, ou por qualquer outro meio.

356. Pedro não se lembrava de ter visto lesmas ou vermes com trombas, mas também nunca havia observado lesmas com tanta atenção, nem tinha motivo para isso. Quem sabe os tais bichos já estavam extintos. Afogados, esmagados, ou por outros meios — quantas vezes Darwin teria feito o teste? Quantos outros meios empregou? Que meios seriam esses? Pedro se lembrou de novo do livro pisado e chutado pela calçada até se desfazer: o livro que anos antes ele tinha posto para vender na rua, pouco antes de estourar o conflito com os guardas, conflito que logo se generalizou pelas ruas e calçadas. Agora, tanto tempo depois, ao recuperar o livro, um outro exemplar do mesmo livro, Pedro contava encontrar ali uma boa introdução a uma doutrina que, segundo diziam, abria mil caminhos, explicava muita coisa e de uma vez por todas.

357. No entanto, até ele trocar de ônibus na tentativa de, afinal, saltar mais perto do Tirol, mais perto da casa de Rosane, e portanto até o momento em que passou a viajar em pé, Pedro só havia encontrado no livro umas histórias avulsas sobre a viagem do cientista inglês por aquela mesma região do país. Por isso Pedro tentava, sem grande esforço, é verdade, e sem nenhum método, mas tentava, imaginar se não haveria naqueles parágrafos, naquelas histórias, alguns indícios da teoria geral, que sem dúvida viria explicada num outro capítulo algumas páginas adiante. Foi um juiz aposentado que pegou o livro na bancada da sua loja de livros usados e falou assim: uma boa introdução.

358. Esse juiz teimava em pintar os cabelos brancos numa cor de canela — uma tonalidade lustrosa demais, em contraste com a pele do rosto: seca, repuxada por rugas, fosca, da cor de cinzas já frias. Com a mão que tremia bem de leve e a intervalos, o juiz levantava um livro. Abria a capa com os dedos compridos, de nós salientes e coroados por uns pelos grisalhos. Folheava bem devagar, e a exatidão dos movimentos curtos de seus dedos no manuseio das páginas denotava a familiaridade e o

respeito pelo papel e pela letra.

359. Seu olhar cravava-se na folha com a energia de um raio de luz e, se a parte branca do olho tinha uma cor amarelada, com pintas escuras aqui e ali, em compensação a íris apontada para as linhas impressas ardia numa fixidez incansável. Quando um advogado de terno e gravata ou uma advogada de *tailleur* se aproximava e lhe fazia uma pergunta, ou apenas o cumprimentava, ele, que sempre vestia calça de vinco bem marcado e uma camisa de manga curta abotoada até o último botão, com o colarinho estrangulado na raiz do pomo-de-adão palpitante, por trás da pele mole e rugosa do pescoço — ele, o juiz, o ex-juiz, o ex-professor emérito, demorava a desgrudar os olhos do papel e voltar-se para o conhecido ou para a conhecida que tinha falado com ele.

360. A livraria não contava com uma limpeza perfeita — era mesmo um contratempo inevitável por causa do entra e sai de velharias, e talvez por isso os fregueses da área jurídica fossem na maioria homens. Promotoras, juízas e mesmo advogadas, em geral, se esforçavam em andar tão bem vestidas que deviam ter medo de sujar a roupa ali dentro. Sem falar nas mãos, de pele e unhas muito bem cuidadas. Era o que Pedro às vezes pensava. Porém uma juíza jovem, que na faculdade tinha sido aluna daquele juiz aposentado, aparecia algumas vezes. Comprava um livro de vez em quando.

361. Seu carro com motorista e segurança apontava na esquina, fazia a curva e avançava devagar pelo corredor estreito da rua de dois séculos atrás. O carro parava diante da loja — o sol bem aceso na lataria —, a própria juíza abria a porta de trás. Primeiro o sapato de bico fino tocava com cautela os desníveis da calçada centenária de pedra de cantaria, sempre suja com restos de papel e plástico. Logo depois a juíza desdobrava o corpo na altura da cintura e esticava o tronco para fora do carro. Erguia-se enfim por inteiro, alisava com a mão a saia que descia até as panturrilhas, fortes e revestidas por meias cor da pele. Puxava para baixo as abas do paletozinho curto para desfazer as dobras, enquanto anéis brilhavam nos dedos das duas mãos. Em seguida, de cabeça ereta, as sobancelhas em arco e depiladas em pontas finas de faca, o nariz lustroso de cosméticos, ela entrava na livraria. Seu segurança, de terno e gravata, ficava postado ao lado da porta, olhava atento para as duas extremidades da rua, enquanto o carro seguia adiante lentamente, vidros escuros, motor silencioso, nenhuma fumaça visível no ar.

362. — Um segurança é pouco — disse o juiz aposentado. — Quantas pessoas a senhora pôs na prisão esta semana?

363. A juíza pegou um livro mais novo e mais limpo do que os outros, escrito por um publicitário aposentado que ensinava como ser feliz, rico e famoso, como ele mesmo dizia ser. O rosto do autor cintilava na capa, uma cabeleira radiante, um olhar que lisonjeava o leitor e o mundo. Ela folheou o livro devagar, de cabeça baixa, ao que parecia sem grande interesse, sem nenhuma crença especial, e Pedro achou que a juíza podia de fato estar calculando quantas pessoas havia mandado para a prisão naquela semana.

364. Durante aquela pausa, Pedro observou o novo relógio da juíza, com pulseira muito larga, de couro vermelho, fivela dourada, um exagero de cor no seu braço muito branco e fino. Sabia que ela colecionava relógios de pulso — já devia ter pelo menos uma centena — além de reunir sobre o

assunto informações enciclopédicas. Certa vez, num lote comum da sua livraria, apareceu um livro alemão sobre relógios de pulso femininos, com fotos e desenhos, publicado uns trinta anos antes. Pedro separou aquela extravagância para ela, ficou encabulado, mas, conforme lhe haviam ensinado, pediu um preço absurdo, que a juíza pagou sem hesitar.

365. Pedro olhava para ela e calculava que a mulher teria uns trinta e cinco anos. Era neta de um senador de um estado distante, dono de usinas de álcool e de uma estação de tevê regional, além de ser autor de uns três livros de memórias, traduzidos para umas três ou quatro línguas pelo menos. Pedro sabia que a juíza era solteira, não tinha filhos e, em regra, namorava advogados, defensores públicos e promotores, mesmo se fossem casados. Isso e sua reputação de possuir um saber jurídico extraordinário e de defender ideias modernizadoras demais na esfera penal davam margem a comentários às vezes desagradáveis, que Pedro já ouvira na livraria.

366. — Para onde o senhor queria que eu os mandasse, professor? Para um hotel? Sabe, por mais que eu mande muitos para a prisão, as pessoas só me dizem que ainda é pouco, que entre nós não existe castigo. E, veja, o senhor também exagera. Eles não sentem rancor por mim, tenho certeza. Quando converso com eles, vejo que são entusiastas da justiça, tanto quanto nós. Conhecem bem as leis, são apegados às leis, sabem de cor artigos inteiros do código, palavra por palavra, às vezes adivinham eles mesmos argumentos para sua defesa, ou para a acusação de outros. Sem exagero, eu diria até que eles amam as leis. Alguns sonham em estudar Direito e, mesmo sem isso, mesmo sem uma faculdade, a força da experiência é maior do que a gente imagina. Veja, quando eles são submetidos à justiça, sentem-se cidadãos plenos, sentem que são importantes, uma sensação que o dia-a-dia nunca oferece. Sentem na pele como a lei foi feita para eles.

367. — Hmm. Sentem na pele. A expressão vem bem a calhar, agora que estão pondo pardos e negros no Supremo Tribunal. — O ex-juiz deixou a frase no ar por um instante e fez cara de quem não está falando muito a sério. — Mas, me diga, já está andando armada? Procurou o curso de tiro que recomendei à senhora? — perguntou, depois da pausa.

368. A juíza ficou calada, calma. Respirava pelas narinas, que se dilatavam de leve, agora com as bordas um pouco suadas. Ainda tinha na mão o livro do publicitário. Acredite em si mesmo. Você é melhor do que os outros. Os bonzinhos não enriquecem. A juíza, de cabeça baixa, lia em silêncio o título dos capítulos no sumário.

369. — Mais dia, menos dia, eles vão dar cabo de todos nós — emendou o juiz de repente, bufando entre os lábios finos e cinzentos. — Vão nos perseguir dentro de casa, na rua, com pistolas e pedaços de pau. Não vamos ter onde nos esconder, nenhum lugar para fugir. Nem na cidade, nem no campo, nem mesmo debaixo da terra. Ninguém vai vir em nossa defesa. Nessa altura, os aeroportos estarão fechados para nós, nenhum outro país vai admitir nos receber. Seremos uns dois ou três milhões de pessoas. O resto, a escória, uma onda migratória mais do que indesejável, os portadores da catástrofe. Todos vão querer que sejamos liquidados o mais depressa possível, para poder esquecer logo o assunto. Meus dois filhos já moram no exterior, regularizados, a senhora os conheceu na faculdade,

lembra? Um está em Chicago, o outro em Zurique. Eu não vou porque...

370. Parou. Olhou para a porta. Piscou os olhos, feridos por um reflexo do sol no espelho de uma motocicleta. O segurança, lá na entrada, olhava para dois meninos de onze ou doze anos, no máximo, que passavam bem devagar. Arrastavam na calçada os pés descalços, encardidos de poeira, a mancha cinzenta subia até as canelas. Tinham os olhos saltados na cara murcha, vestiam imundas camisetas de adultos que chegavam quase aos joelhos. O pano pendia torto nos ombros, esticado pelos ossos pontudos que formavam a base do pescoço, a pele à mostra na esgarçada abertura da gola. Por baixo do pano folgado, com manchas de lama e de fogo, cada um escondia sem grande cuidado uma garrafinha de plástico que continha no fundo um dedo de solvente de tintas para eles cheirarem.

371. — Um segurança só é pouco, estou dizendo. Vamos. Quantos a senhora mandou para a prisão, só esta semana?

372. — Ora, nada demais, também não é assim. Pouca gente. A justiça é lenta. E afinal, pense bem, não há prisão que chegue. Prefiro penas alternativas, serviços comunitários. Há outros caminhos.

373. Estava claro para Pedro que ela ouvia apenas com indulgência as profecias de catástrofe do ex-professor. Estava claro também que o respeitava e que existia entre os dois uma espécie de laço afetivo resistente. Mas Pedro não entendia do que era feita aquela afeição, que não se traduzia sequer no mais sutil olhar de carinho, ainda que forçado ou mecânico. Podiam até trocar umas piadas rápidas, mas nunca sorriam um para o outro. Apenas demonstravam, em sua expressão, que tinham entendido a ironia um do outro, que haviam localizado sua origem, e depois tocavam a conversa para a frente.

374. — Hoje em dia aceitamos que os loucos andem soltos na rua — argumentou a juíza, com um ar sensato, uma cadência justa da voz. — Não há mais manicômios como antigamente e ninguém estranha, nem reclama. Ninguém fica apavorado com um louco que se masturba deitado na calçada ao lado de um poste com a mão enfiada por baixo da calça, ou com um doido que para no meio da rua e abraça e beija demoradamente o capô de um carro diante de um sinal fechado. Não é verdade? Acabei de ver isso, um profeta barbado beijou o meu carro. Então por que não fazer o mesmo com os presídios, as carceragens, as penitenciárias, e deixar soltos os ladrões, os fraudadores, os assassinos? Em pouco tempo acho que nos adaptaríamos, estaríamos perfeitamente habituados, daríamos bom-dia quando passassem por nós. Quem sabe teria um grande efeito educativo, ficaríamos até menos apegados aos nossos bens, à nossa existência pessoal. Isso sim seria um novo patamar de civilização.

375. — Se a senhora repetir essa tese três vezes em público no tom de voz certo, vai encontrar defensores ferrenhos, não duvido. Mas pense bem. Há um problema. Perderíamos o nosso emprego. Muita gente boa, gente nossa, perderia o emprego. O que iríamos fazer? E são bons empregos. Eu sei, é claro, nem precisa me dizer: o Estado não paga tanto quanto devia. Uma miséria, na verdade, a gente sabe muito bem disso. Dá ódio quando um advogado, num único processo, ganha mais do que nós ganhamos em três meses de salário honesto. Mesmo assim... Veja este livro aqui. — Levantou um volume amarelado, capa rasgada no canto, título em italiano. — O autor foi meu professor, sabia? É, deixou a Itália por causa do Mussolini, era o que dizia, pelo menos, e lecionou aqui durante muito

tempo. Cheirava mal, não gostava de tomar banho. No pescoço dele, aqui atrás, às vezes se formava uma crosta, dava para ver por baixo do colarinho, quando virava e levantava o braço para escrever no quadro-negro. Tinha ideias muito liberais. Na visão dele, a teoria do direito penal era um céu de Ptolomeu: esferas dentro de esferas, no espaço vazio, um mecanismo em equilíbrio perfeito e em funcionamento perpétuo. Em algum planeta, em alguma estrela, ficavam as prisões... Hoje em dia, se não me engano, vocês condenam pelo computador, não é assim? Um toque do dedo no teclado. É rápido, mais condenações por minuto. Instantâneo, um raio. Fulminante. Acho que eu gostaria de experimentar. Mas... não sei...

376. O juiz se empolgou, as orelhas ficaram rosadas, com as veias quase roxas mais visíveis através da pele seca. A voz ganhou uma cadência mais segura de si, cresceu num tom imperial, certa de que tudo abriria passagem para ela. Enquanto o juiz falava, o pomo-de-adão subia e baixava, dando esbarrões no colarinho abotoado e justo.

377. Pedro sabia que o ex-juiz ia muito à sua livraria não só porque gostava de livros velhos e porque ali conversava com gente conhecida. Além desses motivos, a esposa agora o aborrecia muito em casa, o ex-juiz não aguentava ficar lá e saía, andava pela cidade. Tinha casado com uma aluna. Risonha, alegre, não era boa nos estudos, mas aos poucos o juiz passou a ajudá-la nas notas. Formada, começou a trabalhar como advogada num serviço de defensoria gratuita. Logo depois do casamento, porém, ficou claro que o juiz preferia ter a esposa à disposição dentro de casa. Por meio de amigos, arrumou um emprego para a mulher num tribunal. O importante, no caso, era que ela recebia o salário sem nunca precisar comparecer ao trabalho. E assim foi, até ela se aposentar, havia alguns anos.

378. Em casa, o juiz nunca lavava um copo, não pendurava uma roupa no cabide. Qualquer coisa que usava e pegava, deixava onde estivesse para que a mulher ou alguma empregada guardasse. Tudo o que queria, mesmo que estivesse a dois passos e bastasse ele se levantar para pegar, pedia em voz alta que a esposa viesse apanhar e lhe desse na mão. Ombros abertos, coluna empinada, ele segurava pela asa a xicarazinha de café, na ponta de dois dedos compridos e em curva. Depois erguia a xícara num gesto estudado, importante, um arco em que o antebraço se elevava até a altura dos beijos contraídos para a frente num bico. Em seguida baixava a xícara, depositava na superfície mais próxima e lhe dava as costas.

379. Estipulava uma quantia mensal para a esposa gastar com a casa e os filhos, sentia-se no direito de ficar furioso quando aquele valor era ultrapassado e gostava de mostrar para os amigos como era rigoroso no seu regime doméstico. Ao mesmo tempo sempre emprestava dinheiro aos amigos, sobretudo para aqueles não lhe pagavam.

380. Nem por isso o juiz ficava menos amigo deles. Ao contrário, quanto mais os amigos, em suas conversas, sempre em linguagem estudada e paliativa, confidenciavam entre si suas falhas de caráter — quanto mais conversavam sobre as manifestações de suas espertezas, sobre seus atos de desonestidade e de egoísmo predador, sempre num tom de dignidade ferida e de consciência injustiçada — quanto mais faziam isso, mais amigos se tornavam. Entre eles, ser amigo era aquilo,

acima de tudo. Amizade era um jeito de falar e ouvir aquelas coisas, um jeito capaz de tomar para si e redistribuir numa permuta, entre todos eles, toda a razão, todo o mérito e não deixar para os outros, senão as sobras, os ossos roídos. Além disso, juntos, mostravam-se sempre joviais, alegres, eruditos, bem informados, com uma simpatia tão contagiosa que só quem já estivesse de sobreaviso, ou quem por acaso olhasse de um ângulo momentaneamente desguarnecido, poderia ficar livre do desejo de ser também um deles.

381. Porém com os anos os amigos do juiz tinham morrido nos melhores hospitais, tinham mudado para outro país, mais de um foi assassinado, outros estavam de cama, inválidos, outros não queriam saber de mais nada a não ser prostitutas, filmes pronográficos e doses cada vez maiores de remédios estimulantes. Por sua vez, a esposa do juiz, depois que os filhos foram estudar no exterior e lá ficaram de uma vez, passou primeiro por uma fase de apatia: não arrumava mais nada em casa nem exigia das empregadas os cuidados a que o ex-juiz estava habituado.

382. Depois deu início a uma série de tratamentos de beleza e cirurgias plásticas. Aderiu a variadas crenças esotéricas e, em seu apartamento, era comum o juiz ter de abrir os janelões na tentativa de atenuar o cheiro dos incensos. Objetos em feitiço de animais fantásticos, ou formados só por arabescos que se multiplicavam em serpentes e em penachos de muitas pontas, objetos feitos de pedra, de cristal, de metais dourados, verdes, apareciam em todo canto da casa em vários tamanhos. E a esposa, com adereços ciganos, hindus, africanos espalhados pela roupa e pelo corpo, empolgada a cada trimestre por uma nova redescoberta de si mesma, parecia ignorar quem era ou tinha sido um dia o seu marido, o juiz, o ex-juiz.

383. Pedro sabia de tudo isso pelo que o juiz deixava escapar, pelo que os outros diziam, mas sobretudo pelo que Júlio, seu sócio no comércio de livros velhos, comentava. O patrão do Júlio, um advogado mais velho, obtinha por terceiros informações detalhadas sobre o cotidiano dos juízes. Aquilo era útil nas manobras da sua profissão, ele sabia, mas com o tempo a possibilidade de usar aquelas informações na condução dos processos deixou de ser sua única motivação e a vida até dos ex-juízes e ex-desembargadores tornou-se objeto do seu interesse e de seus comentários.

384. Parecia existir naquilo um significado maior e, afinal de contas, era gente que o velho advogado tinha conhecido bem, com quem tinha lidado em muitas situações, ao longo de anos, pessoas cujos pensamentos e emoções ele havia examinado até o fundo e com a agudeza mais fria — não conseguia deixar de ter um certo apego. E uma vez que Júlio era quase um discípulo seu, o patrão partilhava com ele aquelas histórias como se houvesse em tudo uma espécie de lição para os mais jovens. Só que nunca ficava claro qual era o sentido da lição.

385. — Não é para condenar que usamos o computador — respondeu a juíza. — Ainda não é, pelo menos que eu saiba. Mas o senhor não usa computador? Sei onde comprar um modelo bom. O senhor vai poder acompanhar os processos do seu escritório, em casa.

386. Queixo erguido, o juiz olhou para a porta — para a rua. Pedro olhou também. Lá fora, os dois meninos com camisetas imundas que chegavam aos joelhos atravessaram de uma calçada para a outra.

Descalços, passos vagarosos, não pareciam sentir o calor do calçamento de paralelepípedo, que rebrilhava cor de prata no dia ensolarado. Os dois vieram para a porta da livraria sem dar a menor atenção ao olhar fixo e à cara francamente hostil do segurança de paletó e gravata.

387. Um dos meninos parou um instante, levantou o bico da garrafinha de plástico, aproximou do nariz e logo escondeu a garrafa de novo dentro da camiseta. Ossos salientes em vários pontos da pele dos braços. Ossos finos, em leque, visíveis no peito do pé. Agora parado, se via ainda melhor a pele dos pés e das canelas, recoberta por um borrão fosco, seco, em cor de fuligem, acúmulo de várias camadas de poeira da rua. Mesmo assim a unha de um dedão tinha um brilho rosado na luz do meio-dia. Metidos no cabelo embolado do garoto, Pedro avistou uns três ou quatro fiapos de estopa que balançavam de leve e às vezes, em certas posições, também rompiam faíscas na batida do sol.

388. O juiz olhava, Pedro olhava. O sol de chapa sobre a rua riscava a carvão os traços finos dos dois garotos na moldura da porta da loja. Gestos moles, os dois tinham os olhos vermelhos, os ombros faziam uma curva por baixo do pano da camiseta, as pontas dos ombros voltadas para a frente. O segundo menino, riscos roxos de pele esfolada na testa, parou também, um passo à frente do amigo. Fingiu levar o bico de sua garrafinha até os lábios, como se fosse beber, mas se deteve um pouco antes de encostar ali e apenas inalou pela boca.

389. — Não é isso, eu já tenho computador, eu mexo um pouco — respondeu o juiz. — Aliás, já que a senhora falou, não sente raiva da maneira como eles reproduzem os passos de um processo ali na tela de vidro? Remessa, despacho, vista... Uma listinha vagabunda. Parece que foi feito só para desmoralizar o nosso trabalho, a nossa ciência. Não, não é disso que estou falando, eu me refiro à sentença, à nossa intervenção, sabe, quando a nossa palavra se converte em força. Veja, neste mundo a eletrônica constitui um estatuto superior, quem vai negar isso? A eletrônica pode até não ser, mas aos olhos do mundo vale por uma autoridade em si mesma. E o que vale é só o que importa, esta é a chave de toda a nossa ciência. Então é isso, lá está. — O ex-juiz ergueu e moveu as duas mãos como se esticasse uma linha no ar. — Uma sentença inscrita em prótons e elétrons. A física pura, uma instância expurgada até a última partícula. O poder por excelência, que sintetiza, executa e perdura, numa esfera impalpável. É isso o que eu queria experimentar... quer dizer, eu acho que é isso.

390. Pedro sabia aonde iam os dois meninos. Dariam uns poucos passos para a esquerda e iriam parar na porta da loja de internet, vizinha à livraria. Pedro tinha visto algumas vezes: os dois, aqueles dois ou outros dois, ficavam na porta, olhavam lá para dentro com cara de torpor, de sono, mas com uma atenção, com uma avidez que achavam mais prudente disfarçar.

391. Primeiro punham um pé no degrau que dava entrada para a loja, espichavam o pescoço e a cabeça para dentro e avaliavam se poderiam entrar ou não. Dependia do humor de quem tomava conta, dependia do movimento na loja, dependia do estado e do funcionamento dos computadores, dependia do mau cheiro entranhado na roupa que os dois vestiam ou do odor que vinha de suas garrafinhas de plástico — dependia de muita coisa, mas às vezes eles entravam, por alguns minutos ficavam parados, de pé, ao lado de alguém que estava ali jogando no computador. Um homem, um adolescente, nunca

menina ou mulher. E os dois acompanhavam os lances como se também jogassem, como se fossem eles também os desenhos, as figuras, as formas de vida que, na tela, corriam e pulavam — como se fossem também deles os olhos, o olhar, cuja visão o jogo representava, numa imagem que tomava a tela toda.

392. Os jogos pela internet eram quase o único negócio ali dentro. Olhos fixos, ombros contraídos, as fibras salientes na pele do pescoço, o jogador afunilava-se inteiro, sem sentir, até reduzir-se a um só nervo, bem esticado, que seguia direto dos olhos à ponta dos dedos no comando das teclas e dos botões. Era um ambiente até que silencioso — Pedro notou desde o início. Com fones nos ouvidos, os jogadores em geral ficavam sozinhos, sentados na frente da tela. No máximo, soltavam uns gemidos, uns resmungos por trás dos dentes.

393. Às vezes, Pedro ia ali para ver se havia mensagens ou pedidos de livros para ele no computador. Se a livraria e a rua estivessem muito paradas, o movimento fraco, ele se demorava na loja vizinha e observava. Por isso já tinha visto aqueles dois meninos descalços e alguns outros iguais a eles. Por isso tinha visto, um dia, de manhã, dois meninos de uns dez anos, no máximo, em uniformes de escola, sentados em cadeiras de plástico branco, diante de um computador.

394. Um deles jogava com só um fone num ouvido — a orelha direita livre. O outro acompanhava de pé ao seu lado, curvado para a frente: dava instruções, incentivava, repreendia. As mochilas dos dois estavam no chão, juntas, muito cheias, estufadas. As alças se entrecruzavam, murchas, caídas. As duas mochilas estavam escoradas num pé da mesa de plástico sobre a qual ficava o computador.

395. O menino que jogava era magro, cabelo preto, crespo e cerrado como uma touca em volta do crânio meio pontudo na parte de cima. Usava uns óculos um pouco grandes para seu rosto estreito. Os olhos pretos piscavam e moviam-se num passo tímido, mas curioso e vivo, enquanto os óculos escorregavam toda hora para a ponta do nariz, o que o obrigava a afastar a mão dos botões e, rapidamente, empurrar os óculos de volta para o lugar. Seus dedos sujavam as lentes. Da cadeira onde estava sentado, ele tinha de esticar a ponta dos pés para baixo para conseguir alcançar o chão e tomar apoio, quando o braço fazia um movimento mais brusco ou mais largo sobre as teclas.

396. O outro, a seu lado, tinha uma cara mais gordurosa, os braços fornidos e moles, mesmo no pulso, em torno do qual se formavam na pele duas pregas de gordura. Incapaz de conter-se, ele sacudia no ar as mãos redondas para reclamar da hesitação do amigo, enquanto avançava aos solavancos a pequena cabeça afoita, em forma de esfera, até chegar a um palmo da tela. Falava em voz baixa, mas num ritmo ansioso, brusco. As palavras enrouqueciam. A saliva fervia na boca e de vez em quando ele era obrigado a enxugar os lábios com as costas da mão. O outro, o que jogava, nada dizia, não parecia incomodar-se.

397. Na tela, Pedro viu um homem de calça comprida de cor verde, segura por um cinto preto. Camiseta branca sem mangas, sapatos brancos, na certa um par de tênis. Tinha o cabelo preto e curto, bem crespo. A pele toda igual, contínua, numa tonalidade bem dosada de café com leite. Era jovem, mas adulto, e Pedro logo percebeu que aquele homem personificava o menino, o jogador: os

movimentos dos dedos, as decisões do garoto, acendiam a vontade instantânea daquele corpo.

398. Em seguida, Pedro se deu conta do que o cenário representava. A maior parte era ocupada por asfalto — ele notou desde o primeiro relance, havia mesmo algo muito familiar naquela superfície plana. Asfalto com faixas brancas no meio e nas bordas — tracejadas, contínuas ou duplas, que realçavam as retas e as curvas das pistas. Mas não eram ruas, como Pedro supôs de início. Nem avenidas, nem mesmo estradas na zona rural. Nas margens, não havia casas, prédios, nem lojas, não havia matas, pastos ou plantações.

399. Achou então que era uma pista de corrida, uma competição de carros num autódromo. Mas o homem de camiseta sem mangas estava a pé sobre o asfalto, as pernas levemente flexionadas, os braços musculosos um pouco afastados do corpo — não era um piloto, não vestia uniforme, não havia sinais de uma atividade esportiva. A cabeça olhava para um lado e para o outro, o tronco um pouco inclinado para a frente, o corpo visivelmente ágil, na posição de quem está pronto e ansioso para correr, entrar em ação.

400. Os óculos do garoto que jogava refletiam a cor do asfalto. As lentes eram, de ponta a ponta, atravessadas pelas faixas brancas das pistas, que reluziam. Não eram mesmo ruas, e sim viadutos, pistas elevadas sobre pilares tão altos que nem se cogitava onde ficaria o solo, a terra firme. O que se apresentava eram elevados e vias expressas que se cruzavam no ar, se ramificavam, passavam por cima e por baixo uns dos outros, em curvas, em mergulhos, em retas de fuga, em retornos que voavam para um patamar ainda mais alto, e tudo se somava para formar um mundo à parte, isolado, completo em si mesmo, onde alguma coisa grave estava em jogo.

401. O que o garoto escutava no fone de ouvido, Pedro nem imaginava o que podia ser. Além da mureta que margeava as pistas de asfalto, Pedro avistou ao fundo uma espécie de céu, um azul lambido, morto, com nuvens de ferrugem. Uma ou outra ponta se erguia bem ao longe, no vazio. Talvez um edifício alto, ou alguma torre de transmissão de energia ou de telecomunicação — não importava: dava para notar que estavam ali só para constar, não tinham parte no que ia acontecer.

402. O garoto que dava instruções insistiu de repente: “Vai logo, vem para cá, corre para este lado”. E o homem de camiseta sem mangas encolheu-se, deu um pulo. Em movimentos harmoniosos de um atleta que se controla e não perde o ritmo, começou a correr exatamente na direção em que o garoto sacudia a mão gorducha.

403. O primeiro carro que apareceu não era de corrida, mas de passeio, um carro em tudo banal e pacífico. Surgiu devagar, até cauteloso demais, numa curva, no canto da tela. Ao volante estava um homem gordo, de camisa desabotoada até a barriga, bem proeminente. O jovem de camiseta sem manga parou de correr, tomou posição no acostamento da pista, um pouco agachado junto a uma placa de trânsito, como se quisesse esconder-se, pernas e braços flexionados e meio abertos. Enquanto os dedos do menino pairavam alerta acima das teclas do computador, o carro se aproximou.

404. Era evidente que o motorista estava distraído nos próprios pensamentos — suas dívidas, sua dieta, suas multas de trânsito —, quem sabe ouvia uma música do seu tempo de juventude no rádio do

carro, e por isso, na hora em que os dedos do menino sibilaram sobre as teclas velozes, o homem gordo ao volante nem deu sinal de reação. O protagonista de pernas ágeis saltou contra a janela do motorista, que estava aberta, pendurou-se no carro em movimento, agarrou-se com o braço dobrado ao pescoço do homem gordo e apertou-o, o que fez a cabeça do homem inclinar-se para trás. Com a outra mão, o jovem abriu a porta e puxou o motorista para fora. Os dois rolaram no asfalto, em movimentos que não eram perfeitamente contínuos ou realistas, longe disso, mas sim mecânicos, entrecortados. O carro perdeu velocidade e, à deriva, devagar, foi bater na mureta no outro canto da tela, onde ficou parado, de porta aberta, motor ligado.

405. Palavras em inglês apareceram no pé da tela, algumas abreviadas, acompanhadas de números e de pequenos símbolos. Letras piscaram. O gordo estava caído no asfalto, o jovem estava montado sobre ele, prendendo seus braços contra o chão com os joelhos. “Dá só um soco e corre, não precisa gastar tiros”, falou o menino de pé para o mais magro. O homem de pele cor de café com leite ergueu a mão no ar e golpeou, na direção do chão. Levantou-se e correu para o carro, com os mesmos movimentos atléticos das pernas. O motorista ficou estirado onde o outro o deixou e, em seguida, com os traços de uma bolha que estoura no ar, sumiu da tela.

406. “Vê se o carro pega. Olha, é melhor pedir gasolina, mas só um pouco, não precisa muito”, insistia o menino mais gordo, enquanto o jovem de camiseta sem manga sentava no banco do motorista. Logo fechou a porta, deu marcha a ré, virou o volante e partiu pelo asfalto. Ganhando velocidade, as pistas entravam em cena da direita para a esquerda, vinham ao encontro do carro oferecendo desvios, bifurcações. As linhas brancas tracejadas corriam para baixo das rodas à medida que o carro se deslocava para a frente. De novo, palavras em inglês acenderam na parte debaixo da tela, uma contagem numérica se movimentou e se apagou também.

407. Um caminhão de combustível, um microônibus escolar, um táxi — havia poucos veículos no caminho. Mesmo assim, o carro do jovem cor de café com leite os ultrapassava com guinadas bruscas. Para onde estava indo? Numa outra pista elevada, ao fundo, passou em sentido contrário uma viatura da polícia, com a luz vermelha acesa no teto. Viam-se homens de uniforme através da janela. Palavras em inglês apareceram no pé da tela, ao mesmo tempo que uma onda de agitação vibrou nos dois meninos, embora o jovem que dirigia o carro nem tenha virado a cabeça para aquele lado.

408. O menino mais gordo e de pé agitou-se, bateu o pé no chão. “Eles vão vir por trás, igual da outra vez, não deixa”, avisou. O garoto de óculos — que agora já tinham escorregado e estavam no meio do nariz — não hesitou. Os dedos fizeram um floreio sobre as teclas e, com o polegar estendido, ele atacou duas vezes, firme, um botão maior, já desbotado pelo uso e que estalou, meio frouxo, a cada toque.

409. Em resposta, o jovem de camiseta sem mangas virou o volante do carro, que naquele momento avançava em boa velocidade, e ao mesmo tempo pressionou o freio até o fundo. O carro tombou na mesma hora em que ele abriu a porta, saltou e rolou pelo asfalto com agilidade, com um total controle do tempo e do espaço, o que se traduzia nos movimentos medidos do seu corpo. O carro,

com as quatro rodas viradas para cima, atravessado no caminho, deslizou sobre o asfalto, até chocar-se com um táxi que veio de trás.

410. Algarismos acenderam e apagaram embaixo da tela, seguidos de símbolos. Caracteres japoneses acenderam e apagaram no canto. O impacto dos dois carros foi tão forte que o óleo derramou-se na pista e os dois veículos queimaram numa fogueira. “Até pegou fogo”, empolgou-se num susto o garoto de pé. “Agora pega a pistola, a pequena. Olha a bala, só um pente”, e vibrava com a rapidez e a previdência do próprio raciocínio.

411. De fato, enquanto um número piscava duas vezes no alto da tela, surgiu uma arma na mão do jovem de pele cor de café com leite. Ele moveu a cabeça para um lado e para o outro com o mesmo gesto uniforme, num ritmo de máquina, de novo com as pernas e os braços levemente flexionados, a postos para correr.

412. A mancha alaranjada do incêndio e a fumaça se erguiam ao fundo, quando surgiu uma motocicleta pelo canto da pista, em velocidade reduzida. O rapaz encolheu-se como da vez anterior e, quando a moto se aproximou, ele saltou sobre o motociclista. Os dois voaram abraçados, enquanto a moto tombava e deslizava sobre o asfalto. O jovem de camiseta sem mangas desembaraçou-se do corpo do outro, estirado no chão, de braços abertos, e correu aos pulos para a moto. Levantou-a com as mãos nas pontas do guidão, montou no assento preto e, sem hesitar, partiu na contra-mão em alta velocidade.

413. Números correram de novo no pé da tela, valores cada vez mais altos, a contagem prosseguia, animou-se, Pedro percebeu, enquanto a moto, em guinadas bruscas que acompanhavam o dedilhado corrido do garoto sobre as teclas, desviava dos veículos que vinham na sua direção. Os dois meninos moviam de leve a cabeça para um lado e para o outro, em resposta aos movimentos da moto. Soltavam chiados de prazer com a língua por trás dos dentes, quando a moto raspava na lataria de um carro ou de uma caminhonete ou se desequilibrava, mas não caía. Alguns motoristas tentavam desviar e acabavam batendo em outro veículo ou na mureta, desastres que a moto deixava para trás em seu rastro: num deles, o braço do motorista desacordado pendia inteiro para fora da janela, a mão mole quase tocava no asfalto.

414. Numa bifurcação, surgiu um carro de polícia — os guardas com braços na janela, armas apontadas, óculos escuros — e avançou de um bote quase em cima da moto. Mas o menino, já com os óculos lá embaixo, na ponta do nariz, martelou o teclado com os dedos indicadores das duas mãos num repique feroz. A moto inclinou-se muito, desviou da investida policial, derrapou e assim, mesmo raspando parte da lataria no asfalto, conseguiu escapar pelo outro lado da bifurcação, num ângulo e numa direção que o carro da polícia não poderia acompanhar — não havia meio de fazer a manobra com rapidez.

415. Dali, a moto deu uma arrancada em alta velocidade pela pista vazia. Mais adiante, após uma curva, surgiu um cavalete com listas amarelas e pretas atravessado no asfalto: havia uma obra na pista e o rapaz que pilotava não conseguiu frear a tempo. A moto dessa vez caiu, escapou de suas pernas,

deslizou pelo asfalto, bateu na mureta e, depois de parar, também desapareceu no ar feito uma bolha que estoura. O rapaz rolou pelo chão para o lado oposto, até esbarrar no cavalete.

416. Números dispararam agora no canto direito da tela, num quadradinho cujo título tinha caracteres japoneses. “Você não viu a placa, não?”, reclamou o garoto de pé. O menino no comando do teclado esticou o indicador e empurrou os óculos para o lugar, de novo no alto do nariz. Depois esticou as pernas para baixo, apoiou-se com a ponta dos pés no chão e ajustou-se melhor na cadeira.

417. O rapaz de camiseta sem manga levantou-se, avançou com os mesmos passos saltitantes para o canto da pista, de novo com os joelhos e os braços levemente arqueados. Nos viadutos e elevados ao fundo, em curvas suspensas no espaço, veículos deslizavam. Pareciam planar, até sumir por trás de outros viadutos ou no canto da tela. Duas nuvens sem cor pairavam no alto, à frente do mesmo céu meio queimado. Enquanto isso, os olhos dos dois meninos percorriam a tela de um canto a outro, à espera ou em busca de alguma coisa.

418. A pausa durou pouco. Logo apareceu um carro bonito, aberto, conversível, com largos frisos cromados. Esse carro não tinha o aspecto pacífico do outro: sua presença exprimia arrogância — era o portador ostensivo de algum valor, de algum poder especial. Era dirigido por uma mulher de óculos escuros e blusa decotada, que reduziu a velocidade por causa da placa que indicava uma obra à frente. Os dedos do menino correram no teclado, o rapaz de pele cor de café com leite pulou sobre a motorista, exatamente o mesmo pulo das vezes anteriores. Mas ela resistiu, empurrou-o com o braço livre — o outro braço segurava o volante. “Vai, não pode perder tempo, pega logo a pistola. Não vai atirar só porque é mulher?”, atçou o menino de pé, num tom de voz impaciente, que dava a entender que se fosse ele agiria mais rápido.

419. O cabelo liso e amarelo da mulher estremeceu quando o rapaz de camiseta sem manga de fato pegou a pistola que trazia na cintura e atirou. O efeito instantâneo foi ativar uma contagem numérica em dois quadrinhos na parte de baixo da tela. Uma outra contagem, agora de tempo, piscou num ritmo de aviso ou de alerta, no outro lado. E a mulher, no banco do carro, desapareceu também como uma bolha de sabão que estoura no ar.

420. Pedro via tudo isso perfeitamente, pois estava sentado diante do computador vizinho ao dos meninos, e quase não havia intervalo entre as duas mesas de plástico. Dali, sua observação não atrapalhava em nada o jogo e a verdade é que ele não conseguia desviar os olhos da tela e dos garotos. Já havia passado a participar mentalmente das decisões, começava a ser assimilado pelo andamento do jogo. Voava junto com aqueles carros, movia-se com os braços e as pernas do rapaz de camiseta sem mangas, já de todo esquecido do que tinha vindo fazer ali — esquecido das mensagens de uns três clientes, moradores de outras cidades, que ele precisava responder.

421. No bolso do uniforme escolar dos meninos estava estampado o nome do colégio, nome e sobrenome de um antigo presidente da república. Na pele do braço gorducho do garoto em pé estava colado uma espécie de adesivo comprado na banca de jornal, a figura de um monstro dentuço de olhos vermelhos, sanguinários, garras nos dedos e pelos arrepiados em todo o corpo. Quando o garoto erguia

o braço para gesticular, o monstro ficava a pouco mais de um palmo dos olhos de Pedro e parecia ganhar vida, animado pela palpitação do músculo e da gordura por trás da pele do menino. Sob as patas inferiores do monstro, Pedro leu as letras da marca de um chiclete.

422. Dentro do bolso da camisa do garoto, por trás do nome do antigo presidente, dava para ver, através do pano fino, dois chicletes ainda na embalagem. Havia riscos azuis de caneta na ponta dos dedos do menino. Mas os dois garotos não eram os únicos ali, naquele momento: um rapaz de uns dezoito anos jogava num computador três mesinhas adiante, mais no fundo. Cabeça raspada, pescoço um pouco encolhido entre os ombros, uma correntinha dourada em volta da gola da camiseta, outra correntinha no pulso esquerdo e fones largos sobre os dois ouvidos, ele nem se dava conta da agitação dos garotos. Concentrava-se com toda a força nos movimentos do cano e da mira de um fuzil, à sua frente, à altura dos seus olhos, como se a arma estivesse nas suas mãos. A ponta do fuzil preto, grande, ondulava para um lado e para o outro, obedecia ao seu comando, no teclado, à medida que uma sucessão de corredores e ruas tortuosas avançava na tela ao seu encontro.

423. “Não vai atirar só porque é mulher?” Para Pedro, o jogo pareceu reduzir o ritmo quando o menino falou assim: o jogo pareceu encolher-se por trás do vidro do monitor, empalidecer. A atenção de Pedro foi suspensa. Ou pelo menos se desfez a sincronia entre o que Pedro percebia na tela e o que pensava. Não que o jogo tivesse parado, ao contrário, até se acelerou, tomou um rumo mais definido e Pedro, um pouco adiante, mesmo desatento, entendeu que o propósito principal dos jogadores era destruir carros da polícia e seus ocupantes por meio de manobras acrobáticas, com tiros e bombas. Tudo aquilo que havia acontecido até então eram só preliminares, aquecimento. O jogo era um desafio demorado. Guardava o registro das maiores pontuações obtidas: a data e o nome ou codinome dos jogadores recordistas.

424. Os garotos descalços, sujos e abraçados a garrafinhas com solvente, não chegavam aos computadores, não jogavam — pelo menos Pedro nunca tinha visto. Mas eram aqueles jogos que eles queriam acompanhar, nem que fosse ali da porta mesmo, meio de longe, encolhidos contra a parede, os olhos acesos, o pescoço esticado para o lado de dentro, um pé apoiado no degrau de entrada, o outro, do lado de fora. Nas ações e imagens da tela eles pareciam procurar um contato, alguma sintonia. Havia uma ânsia especial na sua atenção, estava bem claro, Pedro percebia: uma exigência e uma confiança de que seus desejos iriam se cumprir. Procuravam e cobravam uma forma aceitável, uma figura fácil de ser reconhecida e preenchida por seus desejos, linhas que ataçavam mais ainda aquela vontade e davam a ela uma espécie de corpo.

425. — O que vamos fazer? Afinal, não temos força. Então vamos deixar que eles mesmos se enforcem — disse a juíza, em tom conclusivo, numa impaciência que já não se continha, falando para o seu ex-professor, o ex-juiz, que havia falado sobre as prisões, os condenados. Ele agora segurava e folheava o livro de um cientista americano: um livro ainda novo sobre a seleção natural, mas com uns rabiscos brutos, à caneta, sobre a capa. A juíza, por sua vez, tinha aberto um livro grande, um livro de mesa, patrocinado por um banco, sobre um artista europeu que fazia grandes

instalações com automóveis batidos ou meio incendiados, tudo criteriosamente disposto sobre um piso limpíssimo e lustroso, de mármore ou de granito recoberto por uma resina transparente, a julgar pelo que se via nas fotos.

426. Quando folheou aquele livro para avaliar o preço que ia cobrar e que algarismos ia escrever a lápis no canto superior da folha de rosto, Pedro viu os carros destroçados, expostos nas páginas de papel grosso, e pensou nos restos de acidentes que tantas vezes encontrava no seu caminho para a casa de Rosane. Eram eles o gargalo que às vezes explicava o longo engarrafamento — ou que pelo menos davam algum sentido ao trânsito arrastado e aos vinte ou trinta minutos quase sem sair do lugar. Primeiro, ainda de longe, ouvia-se alguma sirene. Depois, de repente, surgiam um, dois ou três automóveis desfigurados, moídos por dentro e por fora — o asfalto arrepiado por cacos de vidro. Ou então aparecia um ônibus completamente vazio, meio torto na pista e com um afundamento de quase um metro na parte traseira, sem que se avistasse em parte alguma o que poderia ter batido ali, algo que, pelo aspecto dos ferros, só poderia ser enorme.

427. Os passageiros do ônibus de Pedro esticavam o pescoço para ver. Erguiam-se um pouco, se estavam sentados nos bancos do outro lado. Os passageiros de pé tinham uma visão melhor, podiam virar a cabeça à medida que o ônibus avançava devagar, freando quase a cada metro. Só muito aos poucos o ônibus deixava o desastre para trás. Ficava o medo, algum lamento preso na boca fechada, e também a sensação de que daquela vez a sorte havia ajudado pois aquele não era o seu ônibus. Dependendo do caso, um passageiro podia fazer uma piada seca, sem risos.

428. Pedro estava de pé, mais ou menos abraçado à sua mochila. Com a outra mão, segurava-se no tubo de metal acima do encosto do banco à sua frente. Por isso, nesse novo ônibus, em que pretendia chegar ao Tirol e à casa de Rosane, não podia mais ler o livro sobre Darwin para passar o tempo. No entanto, mesmo de pé e com pouco equilíbrio, abalado pelas freadas repentinas, conseguiu colocar nos ouvidos os fones do rádio. Ligou, sintonizou uma estação e enfiou o aparelho no bolso da calça, junto com o chaveiro, que chacoalhou de leve, frio ao toque dos dedos.

429. A mesma locutora de antes conversava com uma outra mulher. Pela voz, que saltava elástica de uma palavra para outra, Pedro achou que a locutora devia ter uns vinte e oito anos e a outra mulher, cujo sopro vibrava meio sujo e raspava na garganta e nos dentes, já devia passar dos cinquenta. Falavam de uma futura reunião do Banco Central americano. As decisões sobre os juros eram previstas, em números inteiros e decimais, e as possíveis consequências das variações dos decimais pesavam muito nas palavras das duas mulheres.

430. Depois voltaram a falar dos barris de petróleo, da bolsa de valores local, festejaram alguma notícia relativa a um saldo e a um déficit, já agora expressos em bilhões redondos. Esmiuçaram até a casa dos centésimos a cotação de remuneração de certos títulos com base nos preços internacionais do aço e da soja, resgatáveis em dois e em quatro anos, se é que Pedro tinha entendido direito. (*Mas por que quatro anos?*, pensou). E a mulher entrevistada, que bafejava uns ares de especialista e pisava as sílabas com autoridade, aproveitou para zombar de quem tinha feito previsões erradas, catastróficas.

Enfatizou com mais números e percentuais o alcance daqueles enganos e o benefício dos acertos: os seus acertos. Logo as duas se despediram, animadas, com votos de um bom fim de semana: uma iria para a praia, a outra para a serra.

431. Então era isso, Pedro quase riu ao saber: no dia seguinte, a tal mulher iria para a praia. Devia estar contente por ter acertado suas previsões, por ter confiado nos ganhos e, em prêmio por sua lealdade, agora iria para a praia. Não uma dessas praias por aqui, mais próximas de casa, é claro, uma praia aonde se chega de metrô — uma praia afastada, um hotel de chalés bem separados uns dos outros. Iria com aquele mesmo namorado de cabelo grisalho, que a levaria até lá em seu carro. De novo o lampejo, a imagem completa num quadro só: os dentes da locutora rebrilhavam com força, na mesma luz que se refletia, em cheio, na areia da praia — sob um sol de soja, à beira de um mar de aço.

432. Dentro do ônibus, um homem fazia força para passar entre as pessoas e chegar à porta de trás. Carregava na mão esquerda, como um cacho, quatro ou cinco sacolas de plástico de supermercado bem cheias. O plástico se esticava para baixo e sem querer, com um tranco, o homem tirou Pedro do seu devaneio. O peso das sacolas obrigava o corpo do homem a se manter curvado. Era difícil fazer as sacolas passar entre as canelas dos passageiros. Enquanto isso, às vezes meio à força, o homem enfiava a mão livre rente às costelas dos passageiros que estavam de pé na tentativa de segurar-se nos tubos de ferro à medida que ia andando.

433. As pessoas em geral se encolhiam para ele conseguir segurar-se e passar. Até se debruçavam para a frente, por cima de quem estava sentado, a fim de alargar o espaço no corredor. Reclamavam, mas alguns chegavam a prender a respiração e encolher a barriga, quando o homem avançava com as sacolas e espremia as costas dos passageiros dos dois lados. No alto, as mãos de todos mudavam de posição, seguravam-se como podiam no tubo que corria no teto.

434. Pela cara, o sujeito que ia descer devia estar esgotado. O braço magro, com a ruga de uma cicatriz bem visível entre o cotovelo e o pulso, chegava a tremer, puxado para baixo pelo peso das sacolas. Uma veia inchava no pescoço curtido de sol e, numa linha trêmula, subia até contornar a orelha e sumir por trás do cabelo. Dentro das sacolas, Pedro conseguiu adivinhar uma garrafa de plástico de óleo de soja, cenouras, um saco de arroz, talvez duas latas de leite condensado.

435. O ônibus parou, abriu a porta de trás, o motorista esperou que o homem saísse. Pelo espelho retrovisor interno, lá na frente, Pedro viu um terço do rosto do motorista se mexer: a pele escura com espinhas, a parte branca dos olhos bem destacada, a agitação dos dois círculos pretos, alerta, na tentativa de localizar alguém no aglomerado de gente. Por fim, o homem começou a descer a escada da porta de trás. Agora, uma das mãos um pouco à frente, só com duas sacolas, e a outra mão recuada, com o resto das sacolas plásticas. E assim, degrau por degrau, meio de lado, ele conseguia se equilibrar enquanto descia.

436. Pedro estava de costas para aquela parte do ônibus. Virou a cabeça, mas não pôde ver muito bem o que havia lá fora. Já havia começado a escurecer, só que o dia não queria ficar escuro: prédios acanhados de dois andares, janelas e portas encolhidas, grades pretas de ferro, tudo reto e construído

bem perto da rua. Quase não havia calçada — as janelas do ônibus passavam muito próximo das janelinhas de alumínio, com vidro canelado para não se enxergar o que havia lá dentro. Faixas de pano pendiam meio frouxas, letras pintadas à mão indicavam: Cabeleireiro, Aula de Inglês, Explicadora, Concerto de TV, DVD, Elétrica e Hidráulica. Isso ele ainda leu, ainda viu, enquanto o ônibus fechou a porta e deu a partida, sacudindo-se e afastando-se do ponto e do canto da rua, onde o asfalto era ainda mais desnivelado do que no resto.

437. Sorte daquele sujeito que desceu aqui, pensou Pedro, e alguns outros deviam ter pensado a mesma coisa. Sorte dele que não tinha de continuar no ônibus e ir até o Tirol. Claro, pensando bem, Pedro também não era obrigado a ir até lá naquela noite. Não precisava continuar dentro do ônibus. Era fácil, era só descer ali mesmo, atravessar as quatro pistas e, do outro lado, pegar o ônibus de volta. Olhe: lá vinha um, até meio vazio, dava para ir sentado. Só que nem passava pela cabeça de Pedro a possibilidade de voltar.

438. Aquele ir e vir nos fins de semana, aquele movimento de entrar e sair do Tirol, repetido tantas vezes, o simples deslocamento pelas ruas compridas dentro do ônibus com um destino determinado, a oeste, sempre na direção do sol, o sol poente, mas aceso na sua testa quase até o fim — tudo aquilo bastava para criar e recriar com mais força toda semana um lado de fora e um lado de dentro. Não era preciso, talvez, mais do que isso para fabricar uma linha divisória tão eficaz que, por mais que Pedro não quisesse acreditar naquilo, e por mais que de fato não acreditasse, acabava se vendo obrigado a integrar-se, a assimilar a separação que parecia vigorar em toda parte. Acabava forçado, também ele, a tomar parte daquilo. Menos do que convencer, menos do que apresentar razões, era uma coisa que o impregnava — assim como impregnava Rosane e seus vizinhos. Pedro notava. Eles, muitos deles, resistiam, negavam, se opunham, queriam se opor o mais possível, cada um a seu modo — procuravam escapar. Mas aquilo se impunha à força, de todas as direções, sem descanso. Não dependia do raciocínio nem da opinião de ninguém.

439. No caso de Pedro, havia uma diferença. Ele não precisava ficar no Tirol. Sempre saía de lá domingo à noite, para voltar só na sexta-feira seguinte. E sabia disso muito bem: uma questão de tempo, de dias. O Tirol para ele tinha horário certo. Pedro podia nem ir lá, na verdade, podia ficar na casa de sua mãe — onde o ar e o cheiro, onde as paredes e o chão, de casa e da rua, onde a luz da janela e tudo parecia tão diferente e assinalava — de um modo brusco e até petulante — uma segurança e uma distância em relação ao Tirol.

440. Só que no caso de Pedro ultimamente havia mais do que isso. O Tirol, confundido com Rosane, ou quase tomando o lugar dela, ou mesmo tomando o lugar das pessoas que, como Rosane e sua família, moravam lá — o Tirol exercia uma espécie de atração, às vezes violenta, que Pedro queria rechaçar. Mas de alguma parte, sem ele entender, surgia em Pedro um impulso de se agregar, de desaparecer ali: a sugestão meio brutal de que aquilo tudo era um predicado seu, um dom, e que fazia parte dele mais do que qualquer outra coisa.

441. E o movimento do ônibus, por caminhos tão bem marcados, as pistas abertas entre o casario

pobre e sem fim — desde a fila no ponto final, em companhia de passageiros que ele já conhecia de vista — para não falar do esforço do motorista em conduzir o veículo, que se somava ao esforço do próprio motor barulhento e maltratado para carregar aquela gente, aquele peso, até o fim da linha — tudo isso sublinhava e confirmava toda semana o mesmo impulso. Assim, através das sextas-feiras, as semanas corriam sem parar, uma a uma, para dentro de outras semanas.

442. Pedro não ia descer no meio da viagem. Na verdade, agora, quase ninguém mais entrava no ônibus e mesmo os que saltavam eram muito poucos. Distraído com o rádio, que de fato não dava nenhuma notícia do Tirol, mas falava de engarrafamentos do outro lado da cidade, Pedro ficou um tempo sem observar o que se passava à sua volta. De repente, ao levar o tranco do homem que saltou com as sacolas, ele se deu conta de que entre os passageiros não havia tanto falatório quanto no ônibus anterior. Também já não notava, do lado de fora e em outros ônibus, os olhares diferentes, ansiosos, dirigidos para ele e para os passageiros.

443. Claro, aquele não era o ônibus do Tirol, era uma outra linha, um ônibus até pouco usado, pouca gente conhecia. Além do mais, ia só até a praça da Bigorna, antes de virar e afastar-se mais ainda do Tirol. Pelo que Pedro entendeu, era onde teria de saltar. Era onde outras pessoas diziam que iam descer, para depois seguirem a pé, cada um no seu rumo. Pedro ainda não sabia para que lado ir, mas contava com as informações que lhe dariam — assim esperava. E afinal já fazia algum tempo que Pedro andava por aqueles lados. Tinha alguma noção dos principais pontos de referência: a linha do trem, o viaduto, a vasta mata de brejo que pertencia ao exército. Sabia mais ou menos como situar esses pontos em relação à rua de Rosane.

444. *Quem sabe ela já está em casa?* — pensou pela primeira vez. Pensou de novo, e de novo — se apegou à ideia com força, com gosto, *quem sabe?* Tentava imaginar Rosane já em casa, porta fechada, janela fechada, com o pai, com a tia, tentava imaginar Rosane na cozinha preparando qualquer coisa para ele comer — nessa noite não iriam ao supermercado, ela não iria ao colégio, não haveria aula. E logo imaginava os pulsos finos de Rosane sobre a beira da pia de pedra mármore, imaginava a ponta de osso saliente na sua nuca — a ponta da primeira vértebra, que se deslocava de leve por baixo da pele quando ela mexia a cabeça ou abria a boca por pouco que fosse. Imaginou as penugens na nuca, logo acima dessa ponta de osso, o toque áspero, o arrepio — até que de repente, na outra margem da avenida onde o ônibus seguia, uma avenida de quatro pistas, num total de doze faixas de asfalto curtido, trincado na secura de sol e na acidez da fumaça dos motores, de repente passou bem devagar e um pouco acima das janelas um imenso cartaz de publicidade do tamanho do ônibus.

445. O rosto familiar de uma mulher jovem, magra, meio irreal em suas linhas longas demais. Os olhos imensos, fixos, dois globos de vidro, cegos para a poeira e as cinzas à sua frente, também não se interessavam nem um pouco pelo movimento dos veículos na avenida. Ela estava meio deitada, mole, um jeito de tédio, de quem não sabe se vai levantar, de quem não precisa de nada. Era ela mesma, a tal mulher, Pedro viu bem, pois o ônibus agora ia muito devagar, mal andava na verdade: em vez de se distribuírem em faixas paralelas, os veículos se amontoavam enviesados à sua frente e à sua volta.

Faróis aflitos no crepúsculo, lanternas vermelhas, ora fracas, ora fortes, na ânsia de encontrar uma passagem impossível.

446. Era a mesma mulher que, quando aparecia num anúncio da tevê, Rosane reclamava, virava a cara com raiva, chegava a mudar de canal. Era a mesma mulher que aparecia tantas vezes nas bancas de revistas, em cartazes nas ruas, nos shoppings. Rosane não suportava. Ficava visível até na pele do rosto, que de repente escurecia, esquentava — uma contração irritava o beijo do Rosane, as sílabas atravessadas no fundo da boca. “Antes eu achava linda”, disse uma vez. Tudo isso por causa de uma amiga que, tempos antes, trabalhava com ela na fábrica de mate. Lado a lado, as duas viravam os copinhos de plástico sobre a esteira rolante, verificavam e ajeitavam às pressas a folha metalizada que servia de tampa, quando estava dobrada ou solta. Milhares de copinhos que passavam sem parar.

447. Bem mais velha do que Rosane, sua amiga contou que, antes de vir para a fábrica de copinhos de mate, tinha trabalhado nove anos numa loja grande, de roupas, com vários andares e escadas rolantes. Falava como se tivesse sido um tempo feliz e na certa, à distância, tudo parecia ainda melhor. Ganhava três salários mínimos, vale-transporte, vale-refeição, seguro-saúde, de vez em quando umas gratificações por venda. Casou-se com um colega da loja, teve um filho, comprou uma casa em prestações. Tudo rápido, em sequência: a pressa, a sensação de que só existe uma chance.

448. Toda hora a empresa abria lojas novas, em várias cidades, não parava de crescer. Um dia correu a notícia de que iam contratar aquela mulher, a tal dos anúncios, para fazer uma campanha de publicidade da loja, e logo divulgaram por toda parte quanto iam pagar a ela: milhões, muitos milhões, em moeda estrangeira. Tantos milhões que os números até se confundiam nas informações trocadas às tontas entre funcionárias e funcionários.

449. De um dia para o outro, contou Rosane para Pedro, numa noite, na frente da televisão — contou conforme sua amiga havia contado, na fábrica de mate, enquanto as duas reviravam os copinhos de plástico já cheios de mate adoçado com um caramelo feito de milho — de um dia para o outro, as vendas da loja aumentaram como ela nunca tinha visto naqueles nove anos. Os fregueses entravam em bandos. Depois, com roupas seguras nas duas mãos, em cabides ou dobradas dentro de sacos plásticos, as pessoas faziam filas que se arrastavam junto às caixas. A amiga de Rosane dizia que os fregueses pareciam desabrigados de alguma enchente na ânsia de apanhar donativos.

450. Mas os fregueses não se contentavam com o que tinham nas mãos. Enquanto esperavam nas filas, pensavam melhor, refaziam as contas, a mente perdia-se em números, era visível. Eles olhavam para os lados, na dúvida, e muitos acabavam indo pegar ainda mais mercadorias, sob o olhar sempre meio descontente da tal mulher, estampada em imagens de gigante e em cores taxativas que cobriam as paredes da loja do chão até o teto, de uma parede até a outra.

451. Em compensação, três meses depois, primeiro a loja retirou das empregadas todas as comissões por vendagem. Depois reduziu a um terço o vale-refeição. Também passou a descontar do salário o preço do uniforme que as funcionárias eram obrigadas a vestir. Depois obrigou todas a fazer um seguro-funeral, descontado no salário. A loja parou de dar o vale-transporte completo para quem

pegava dois ônibus. Dali a semanas, passou a cobrar no fim de mês por um lanchinho, um café com bolachas e margarina, que era servido para as funcionárias à tarde, numas mesinhas rolantes nos fundos da loja. Eliminou os quinze minutos de descanso que justificava aquele lanche. E por fim, na véspera de um feriado mais longo, demitiu de uma só vez todos os empregados antigos, aqueles de nove e dez anos de trabalho, para contratar outros, mais jovens, por um salário mínimo e mais nada.

452. A amiga contou que ela e o marido, também demitido, tiveram de devolver a casa, perderam as prestações já pagas. Tiveram de alugar uma outra, muito pior e minúscula, que o filho estranhou. O menino passou a roncar de bronquite, havia uma espécie de umidade nas paredes ou na tinta rala, através da qual se viam as estrias dos tijolos. E ainda perderam uma geladeira por não poder pagar as prestações. Na mudança, também tiveram de se desfazer de alguns móveis que não cabiam na casa nova.

453. Ela contava e recontava muitas vezes para Rosane, com poucas palavras, frases cortadas no meio, mas aparecia um detalhe novo e muito vivo cada vez que a história era retomada. A mulher falava com tanta sinceridade que, ao contrário do que era de esperar, a repetição não chateava Rosane, não diluía a história no vaivém dos copinhos de mate, no rolamento maçante da esteira, na zoeira dos motores no galpão da fábrica. Rosane percebia como a colega ficava comovida, via que naquela comoção já nem havia mais revolta, nem a memória da revolta, nem sequer um desejo de revolta incompreendido. Falava em voz baixa: não a voz de quem protesta, se lamenta, mas de quem pergunta para si mesma — a voz de quem cansou, já queimou até as cinzas e só quer entender como é possível.

454. A mulher contava enquanto as mãos — cobertas com luvas de borracha grossa, apertadas, um pouco duras demais nas articulações dos dedos e impróprias para aquele trabalho — enquanto as mãos não paravam de procurar os copinhos de mate com defeito para consertar se possível e pôr de lados se não fosse. Os movimentos repetidos, dela e de Rosane, o virar e o revirar tão certos do pulso das duas marcavam com um toque de escárnio, de máquina, tudo aquilo que ela contava — a geladeira devolvida, a bronquite do menino, as antenas de baratas nas rachaduras das paredes da nova casa, fendas marcadas por uma espécie de ferrugem nas bordas. Em pouco tempo o doce daquele frescor dava náusea em Rosane. Só de sentir o cheiro, só de ver alguém abrir um copinho num bar ou na rua e ver o líquido escuro bater de leve na borda, uma ânsia fina e azeda subia na garganta.

455. Pior foi quando o pulso de Rosane começou a doer. Bem de leve no início, nada mais do que uma ponta de agulha, uma aspereza que de vez em quando arranhava lá dentro. Rosane levantava a mão e sacudia de leve no ar, para cima, para baixo. Esfregava depressa com a outra mão para ver se passava. E passava, ao menos por um tempo, e ela continuava a trabalhar.

456. Só que a dor recomeçava sempre, aumentava pouco a pouco, até que uma noite, deitada na cama para dormir, mesmo com o corpo todo quieto, a pontada no fundo do pulso ganhou força, rigorosa, se prolongou mais e mais. Daquela vez não quis parar. Rosane virava para um lado, para o outro. A cama guinchava. Na penumbra a porta empenada do armário se abriu sozinha. Ela olhava para a cara de uma de suas bonecas de pano ali na cama, fitava seus olhos de algodão, chamava à

memória alguma daquelas frases de que gostava, na tentativa de distrair a inflamação na ponta do braço — “sorria na entrada e ganhe um amigo na saída”. Mas qualquer esbarrão ou movimento, por mais leve que fosse, logo reacendia a fisgada: crescia, cortava, parecia varar pelos dedos. O amigo e o sorriso fugiam no escuro. De manhã, depois de um sono muito ruim, o pulso estava inchado, a carne formigava latejante. Ela não podia nem tocar na pele com o dedo que a dor por ali se espalhava num choque de muitas pontas.

457. A médica da fábrica, afobada para ir embora — e isso pouco depois de ter chegado —, a médica deu a ela um dia de dispensa. No dia seguinte, diante da esteira de metal em movimento, Rosane mal tentou segurar um copinho de plástico e logo ele caiu da sua mão. Soltou um grito curto, chorou sem barulho, o pulso encolhido no meio do peito, os ombros curvados para a frente. Preso dentro da boca, um outro gemido subiu e demorou a terminar.

458. Levaram para o departamento médico: dessa vez, era um homem e o doutor lhe deu três dias. Disse para ela descansar, não se machucar de propósito só para ficar sem trabalhar, disse para ela não bancar a esperta que ele conhecia aqueles truques. Mas uma colega na portaria sugeriu que Rosane fosse a um hospital pequeno da prefeitura, deu o endereço, deu o nome de dois médicos que trabalhavam lá durante o dia — outras colegas já tinham ido. Se Rosane fosse naquela hora, ainda teria chance de ser atendida.

459. Com o braço encolhido no peito, o pulso e a mão cada vez mais inchados, a pele tão esticada que ela nem reconhecia o próprio braço, Rosane pegou o ônibus para o hospital. Não havia lugar para sentar, mas uma outra moça levantou e lhe deu o assento. A cada solavanco do ônibus, o braço de Rosane doía mais forte. A dor vinha de baixo para cima, parecia subir dos pneus, do asfalto: o piche escuro, a borracha — a cor do mate. Só de pensar nos copinhos de frescos ela agora até se assustava, tinha uns calafrios na cabeça.

460. O médico de fato atendeu Rosane, depois de duas horas de espera num banco. Ao lado dela, também esperando, uma mulher gorda, de uns sessenta anos, com ar de envergonhada, abafava a tosse com uma toalhinha embolada na mão. Embaixo do banco, um gato deitado sobre as patas encolhidas se lambia devagar. Branco, de focinho preto, o gato levantava a cabeça de vez em quando e os olhos verdes raiados de preto miravam Rosane através dos vãos entre as ripas do assento de madeira.

461. O sol batia de quina na folhagem de uma mangueira, alguns metros à frente, perto de uns carros estacionados e de uma ambulância sem uma das rodas da frente e com o eixo suspenso num cavalete. Árvore jovem, mesmo assim com mangas ainda miúdas já inchadas na ponta de hastes verdes. Rosane sentia, adivinhava aquelas hastes repletas de sumo, de resina. Mas por trás da massa de folhas, quase espremidas umas nas outras, no aperto dos ramos, nem dava para enxergar os galhos negros da mangueira. Algumas folhas tinham pintas pretas, isso dava para ver de fora: folhas de uma cor oleosa, que ia do verde a um tom de ferrugem ou de fogo.

462. Rosane via como a luz do sol mudava de cor ao rebater na folhagem, e de tanto olhar percebeu também, lá atrás, no miolo da copa da árvore, o escuro fechado, um negror de gruta, na parte mais

interna. Suspenso, longe do chão, isolado em pleno ar, ali dentro se formava um abrigo camuflado. O olhar de Rosane, atraído para aquele ponto, imaginou insetos, morcegos, pôs lá dentro e no fundo um silêncio, olhinhos acesos em brasa no escuro, mesmo quando o meio-dia queimava no céu.

463. O caso não tinha nenhuma novidade para o médico, depois de quinze anos naquele posto de saúde. Um homem com quase sessenta anos de idade, ar cansado, rosto contraído por rugas meio avermelhadas que vinham de trás, de todos os lados, e se concentravam em leques ao redor dos olhos e da boca. Dava para ver um maço de cigarros no bolso do jaleco. O pano branco riscado de cinzas finas.

464. Olhou rápido para o pulso de Rosane, resmungou de boca fechada, lábios torcidos, e só depois olhou para a cara dela: no rosto muito jovem viu duas olheiras, os cantos da boca para baixo, ossos ainda mais pontudos na pele repuxada por arrepios causados pela dor no pulso. O médico pegou a ficha sobre a mesa velha, de ferro, rabiscou duas linhas às pressas, olhou para trás, sobre o ombro, para um canto da saleta meio escura, à procura de alguma coisa.

465. — Tem gesso aí hoje? Vamos engessar de uma vez. — Olhou ligeiro para Rosane. — Essa fábrica de vocês, hein? Só tacando fogo.

466. No final, disse para ela voltar quando o gesso ficasse folgado, porque o braço devia desinchar logo. Ele ou outra pessoa ia pôr outro gesso no lugar daquele. Era ruim, mas paciência. Sem gesso, iam mandar Rosane de novo para trabalhar com os copinhos e ela ia ter de ficar lá, em pé, até sua mão cair dura no chão.

467. Abriu uma gaveta, revirou um monte de comprimidos em cartelas de plástico, escolheu uma cartela com seis e deu para Rosane tomar um por dia, até o fim. Deu também um atestado em letras ilegíveis, uma folha com carimbo e assinatura: duas semanas no gesso. Mandou Rosane tirar uma cópia e guardar. Repetiu: tirar uma cópia e guardar.

468. — Você já sabe o que eles vão fazer com você no final, não é? — Olhou para Rosane, mais devagar dessa vez. Uma espécie de simpatia, quase sem nenhum calor, acalmou os riscos amarelos, tremidos, dentro dos olhos do médico. — Pelo menos seu pulso vai ficar bom. É só não arrancar o gesso nem meter na água, feito esses seus amigos malucos que vêm aqui.

469. Rosane foi demitida pouco depois das duas semanas do atestado. Descontaram como faltas os dias que não trabalhou antes de engessar o pulso. Descontaram o lanche que ela comia, luvas que rasgaram na sua mão, toucas de pano que ela perdeu, descontaram copinhos que se haviam furado na esteira, descontaram as sapatilhas, da cor dos copinhos, que tinham furado as solas no piso quente de ferro — descontaram minutos de atraso, na entrada e no almoço, catados com pinça matemática, centavo por centavo, ao longo dos últimos quatro ou cinco meses.

470. Na parede do departamento de pessoal onde Rosane foi acertar as contas, havia um cartaz grande e colorido. Falava de um programa de preservação de um tipo de ave marinha que vivia numa ilha deserta. O programa era patrocinado pela fábrica de copos de refresco, o cartaz trazia a marca do seu logotipo — a silhueta de uma prancha de surfe atravessada por uma palmeira em meia curva.

Diante do cartaz, sob as asas brancas e compridas da tal ave marinha, que esticavam o céu e relaxavam o horizonte de uma ponta à outra da foto, Rosane recebeu e assinou os documentos da demissão.

471. Longe de ficar triste, foi um alívio ir embora: trabalhando ali, de salário, com os descontos normais, ela quase que só ganhava o bastante para pegar o ônibus e comer. Não tinha horário fixo, era obrigada a fazer horas-extras a qualquer momento e sem a remuneração devida por isso, havia mudanças de turno a toda hora e sem aviso, e por isso ela teve de largar o colégio: seus dias, mal nasciam, eram tomados um a um, em troca de quase nada. Além do mais, um cheiro constante de xarope ou de óleo engrossava o ar dentro do galpão, se acumulava aos poucos no fundo do estômago num enjoio constante. Isso para não falar no barulho: ela chegava em casa com a cabeça num tal estado que tinha de ficar de olhos fechados durante quase meia hora, de cara metida no travesseiro. Nem ver televisão ela aguentava.

472. Depois de tirar o gesso, começou a fazer fisioterapia num hospital em outro bairro. Em vez do ônibus, ia a pé para economizar. A sala ficava num subsolo um pouco úmido: uns quinze pacientes ao mesmo tempo — perna, ombro, joelho, coluna. Gente mancando, torta — era até engraçado: às vezes eles riam uns para os outros, só de ver junto aquele bando de estropiados. Deitada sobre uma prancha fria com o braço preso a um aparelho de ondas-curtas, Rosane aguardava o fim dos vinte minutos da aplicação, olhando os mapas que o mofo desenhava no teto. Um rádio tocava do outro lado do subsolo, dava notícias do trânsito, da bolsa de valores, de algum assalto, das condições de voo nos aeroportos e da previsão do tempo para o dia seguinte nas cidades do país inteiro.

473. A fisioterapeuta muito jovem, vinda de um outro estado, com uma pronúncia diferente da letra S, voz baixa e boca sempre muito vermelha, convenceu Rosane a procurar os advogados de uma certa associação. Era de graça, disse. Você tem direito, disse. Para Rosane, *direito* significava que tinha de tomar alguma coisa de alguém — alguém que tinha tomado uma coisa dela.

474. Mas não adiantou nada, contou Rosane para Pedro, diante da televisão, depois de mudar o canal para não ver a cara da tal mulher dos anúncios, toda comprida, lustrosa, deitada num gramado, com uma garrafa de refrigerante na mão. Eles tinham uma porção de causas na justiça iguais à minha, eles tinham um funcionário no tribunal a quem pagavam para empilhar as pastas dos processos num canto — contou Rosane. Me disseram, e contaram que as pilhas já estavam quase no teto, alguém entrou lá e viu — viu as manchas de mofo na cartolina, viu até aranhas nas pastas, na parede, contou Rosane. E se abraçou a Pedro no sofá. Os dois braços em volta do pescoço, a cabeça enfiada com força no vão embaixo do queixo, o corpo abrupto, bem encolhido, para ficar o mais perto dele possível.

475. Pedro achou que o desamparo repentino não era tanto por causa das aranhas, das teias nas pastas dos processos empilhadas. Mas as aranhas também deviam ter algum peso, ali. Em resposta, ele apertou Rosane de leve, com os dois braços. Sentiu os ossos por trás da pele quente, lisa — ossos articulados em várias direções, encolhidos e dobrados, quase por cima dele. E agora, de pé no ônibus, com um braço levantado para segurar-se na barra de alumínio do teto e o outro abraçando a mochila na frente do peito, Pedro, por um segundo, pensou se aquelas aranhas nas pastas dos processos eram

grandes, pequenas, ou pintadas, imaginou se tinham escamas sobre o corpo ou um revestimento semelhante ao couro — *coriáceo*, como dizia o autor do livro que ele trazia dentro da mochila.

476. Pois aconteceu que o autor do livro sobre Darwin, em certa página, também se havia entusiasmado com as aranhas. Pareceu até se vangloriar da “quase infinita” variedade de aranhas que o cientista inglês disse ter encontrado ao percorrer o território tropical — mais exatamente uma região que não devia ficar muito longe do local agora tomado por aquele engarrafamento em que o ônibus de Pedro estava parado, ou onde seus pneus só avançavam uns poucos metros de cada vez.

477. Segundo o livro, Darwin tinha ouvido falar de teias tão fortes que eram capazes de capturar um pássaro. Nunca chegou a ver nada parecido, na verdade, mas também não achava impossível: ele bem que gostaria que fosse verdade — entendeu Pedro. Em suas explorações, Darwin constatou que o impossível, de fato, era avançar por uma trilha na mata sem que teias de aranha cortassem o seu caminho. E nelas sempre encontrava uma fonte de interesse.

478. Havia, por exemplo, uma aranha minúscula que se alojava na teia de uma outra aranha, enorme, e ali vivia com direitos de parasita. O naturalista deduziu que, para a dona da teia, a aranhazinha menor era uma refeição insignificante. Apenas por isso não só não se dava o trabalho de comê-la, como ainda a protegia. Deixava que ela se alimentasse de insetos minúsculos como grãos de poeira, agarrados pela teia, que não tinham nenhum proveito para a aranha maior. Aquela tolerância surpreendeu muito o cientista, pois as aranhas grandes pertenciam a uma espécie francamente sanguinária: não era raro se atacarem umas às outras, sem motivo algum, sobretudo quando eram de sexos opostos.

479. Observador, todo ele curiosidade, o viajante não se cansava de provocar as aranhas. Admirou a arte com que a pequena parasita, quando ameaçada, esticava as patas dianteiras para cima e se fingia de morta. Empolgou-se com a técnica de fuga e de camuflagem da aranha maior: quando alguém a incomodava, ela corria para o lado oposto da teia, percorrendo uma pista central, tecida ali expressamente com essa finalidade.

480. Mas se essa mesma pessoa tão curiosa, indagadora, ainda não satisfeita com o que havia observado, incomodasse a aranha de novo — digamos que empurrasse ou espetasse o corpo do inseto com uma vareta, comprida o bastante para manter o pesquisador a salvo de uma picada venenosa, arriscada —, nesse caso então a aranha se colocava exatamente no centro da teia. As extremidades dos fios, a toda volta, estavam presas em ramagens finas, de pouca resistência. Assim, naquela posição, a *Epeira* começava a sacudir a teia com toda a força do seu corpo, até que se produziam movimentos oscilatórios tão rápidos que a teia virava um borrão esbranquiçado no ar e nela a aranha ficava invisível.

481. Na Inglaterra não havia nem uma fração daquela variedade de aranhas, “quase infinita”. Pedro, por algum motivo, teve a impressão de que a ênfase, o deslumbramento numérico, dava também vazão a uma cobiça. Desconfiou da sua própria impressão, espantou-se, quis negar, esquecer. Mas o desembaraço do viajante ao intrometer-se na vida das aranhas, ao cutucá-las, ao bisbilhotar suas

teias complicadas e ao meter a mão nos fios para desprender as presas e verificar o efeito do veneno — contar em quantos segundos morria a vítima —, por algum motivo tudo isso ainda incomodava Pedro. Além do mais, aconteceu que Darwin se referiu de novo a uma vespa e uma aranha — como Pedro tinha lido algumas páginas antes, numa folha com um rabisco de criança, a lápis, sobre as letras. Mas agora a vespa é que era a presa: capturada na cola dos fios da teia.

482. Essa aranha tinha a estratégia de reforçar a teia com duas faixas laterais. Quando a vespa esbarrou nos fios e demorou a desprender-se, ou não conseguiu mais livrar-se, a aranha correu para a extremidade da teia. Com um movimento brusco, puxou com as patas uma daquelas faixas laterais e, com ela, cobriu sua presa. Depois correu para o outro lado, puxou a outra faixa que ela havia tecido e passou-a também por cima da vespa. Lançou mais alguns fios sobre a vítima de modo a formar um verdadeiro casulo em torno dela.

483. A aranha então sossegou um momento, descansou talvez, examinou a vespa indefesa bem de perto, à procura de um ponto adequado para picá-la, injetar o veneno. O casulo de fios de teia não era obstáculo para seu ferrão e o ponto ideal era, tinha de ser, claro, o tórax da vespa. Segura de seus poderes, a aranha se afastou alguns passos à espera do efeito do veneno — peçonha tão forte que o cientista apressou-se em abrir o casulo entre os dedos, após menos de meio minuto, para constatar que a vespa, bastante volumosa, já estava morta.

484. Para fazer isso, ele deve ter enxotado a aranha com a mesma vareta comprida, pensou Pedro. Ou vai ver que jogou a aranha no chão, como fez com outras, quando queria verificar como elas reagiam sob ameaça. Quem sabe o que incomodava Pedro era mesmo isto: para que o viajante tinha de saber como as aranhas reagiam sob ameaça? O que havia de tão bom naquelas ameaças? De onde vinha aquela atração encarniçada por presas e predadores? Que segredo tão importante poderia haver naquelas teias, naquelas minúcias?

485. E Pedro lembrou mais uma vez a cena do Darwin numa balsa com um escravo, cruzando um rio: ficou muito bem descrito como o escravo reagiu sob ameaça. Os dois atravessavam um rio, numa balsa — o que haveria na outra margem? O que o cientista queria tanto lá? Mais aranhas, mais lesmas. Recolher, classificar. Para o escravo, o que isso interessava? E foi no meio da travessia, longe das duas margens, que aconteceu. A mão do sábio, no ar, no alto, ameaçou o escravo — ou o homem entendeu assim. E o que mais havia de pensar? A vara comprida, grossa, nas mãos calejadas, a vara metida na água barrenta, empurrava a balsa para a frente, calcando o fundo do rio. E ele, o escravo, reagiu — como pôde, como sabia. Se fingiu de morto, se fez de invisível.

486. De pé no meio do ônibus, abraçado à sua mochila, Pedro olhou para baixo. Viu que a mulher sentada no banco, diante de seus joelhos, tinha adormecido. A cabeça pendia mole para a frente, oscilava para um lado e para o outro, com o balanço do ônibus. De vez em quando a cabeça sacudia mais forte para voltar ao meio, alinhar-se com a coluna vertebral. Mesmo assim, apesar dos solavancos da cabeça, a mulher não acordava. Era um sono raso, medido — um sono cavado pelo seu cansaço, na primeira oportunidade que teve.

487. Com a cabeça abaixada, a nuca ficava toda à mostra, sob os olhos de Pedro. A blusa sem mangas e de alças finas deixava exposto um largo trecho de pele, dos ombros até o início da região dorsal. As vértebras sobressaíam na pele, que o peso da cabeça esticava para a frente. E Pedro leu ali, na raiz do pescoço, como um colar, as letras tatuadas em roxo, manuscritas com voltinhas nas pontas. Diziam: “Flávia, minha vida”.

488. Mulher jovem demais: Flávia devia ser a filha dela, pensou Pedro. Deve ter sido um parto ou uma gestação difícil, pensou também. Um bebê prematuro, deve ter ficado doente nas primeiras semanas. A mãe, só uma menina — pelo que ele via —, devia ficar acordada quase a noite inteira. Para vigiar, para dar os remédios, para ver se a criança não tinha engasgado, se não tinha parado de respirar no escuro — e toda hora um novo susto. Quem sabe a filha esperneava, os olhos e o nariz contraídos, com uma febre que varava a madrugada e a manhã, uma febre que entrava pelo meio-dia e esticava, até o último segundo, as horas da tarde daqueles dias que pareciam não acabar.

489. A mãe não descansava: limpava, fervia e refervia tudo, muitas vezes zozna de sono, quase às cegas. Esfregava os olhos para despertar. A vizinha emprestava o bujão de gás, ou quem sabe alugava, pensou Pedro (agora ele não conseguia parar de pensar naquilo). Quantas vezes levava a filha ao hospital e esperava na fila até que alguém viesse atender. Um dia, quando a mãe já estava quase acostumada, quando parecia que viver tinha de ser assim e, sem perceber, ela já corria o risco de depender de tudo aquilo para sentir-se mãe — mãe do cansaço, mãe da vontade sem forças, mãe das horas sem ação —, de uma hora para outra, a febre da criança baixou, o nariz secou, respirou mais solto. A menina voltou a se alimentar, engolia. A cabeça conseguia se manter erguida e se firmou sobre o pescoço, que a mãe tinha enfeitado desde o início com uma fita rosa. Os olhos pretos, ainda encharcados, minúsculos, enxergavam, reconheciam. Flávia, minha vida.

490. Há quanto tempo isso tinha acontecido?, pensou Pedro. Com quem estaria a criança a essa hora, enquanto ela estava ali no ônibus? A mãe na certa era sozinha, sem marido, pensou também. Talvez sem família nenhuma, ou com um pai ou mãe hostil. Na certa ela nem mesmo queria saber de marido, nem de pai nenhum. Sozinha, ocupou uma casa minúscula, espremida contra a parede de uma revendedora de carros abandonada, por exemplo. Porta de tábuas finas, pregadas. Talvez com chão de terra, que ela varria — água, só em latões que ela mesma trazia de fora, os braços trêmulos com o peso. Assim como as mulheres que Pedro tinha visto mais de uma vez perto da casa de Rosane. *A beira do canal, a área dos barracos*, explicava Rosane — e era fácil, era só falar umas poucas palavras para nascer mais uma separação, uma área diferente.

491. Com o ônibus parado, Pedro pensava rápido, a cabeça voava, e ele imaginou que mais tarde, um ano depois, digamos, a mãe da Flávia já arranhou meios de ir melhorando sua casa aos poucos. Ou quem sabe foi outra coisa: quem sabe não foi a criança, mas sim ela mesma, a mãe, essa menina sentada ali no ônibus, que ficou doente depois do parto. Quem sabe foi ela que escapou por pouco e daí veio a tatuagem, “minha vida”. Pedro, ao pensar nisso, parou um instante. Inspirou e soltou um sopro demorado pelo nariz. Olhou para fora, pela janela do ônibus, e quase sem notar pensou: Na certa

ela tem uma cicatriz por baixo da camiseta.

492. Isso porque Pedro lembrou também uma outra coisa: uma amiga de Rosane, colega da escola noturna, que morava a duas ruas da casa dela. Os braços fortes, os ombros eretos chamavam a atenção. Olhos cortantes e cheios de vida, ressaltados por sobrancelhas peludas, que se moviam em todas as direções — os olhos em simetria com as duas ondas que desciam nos cabelos partidos ao meio, uma para cada lado da cabeça. Às vezes, quando Pedro ia pegar Rosane no colégio, na sexta-feira à noite, essa colega saía com eles e os três caminhavam juntos, conversando até a casa de Rosane ou até a porta do supermercado onde Pedro e Rosane iam fazer compras.

493. Ela trabalhava num mercado menor. Na aula, perguntava ao professor sobre a ortografia e a concordância dos cartazes que ajudava o gerente a escrever no mercado. Ria e fazia pouco das dificuldades e durezas do trabalho, as muitas horas em pé, os fregueses abusados, os atrasos no pagamento, o banheiro horrível. Dizia com satisfação que o gerente confiava mais nela do que em ninguém. Mas nunca desmerecia nenhum colega. Via muito bem os hábitos errados, as manias tacanhas, as escolhas desastradas. Mas comentava de um jeito compreensivo — até mais do que isso: de um jeito que resguardava os colegas das suas próprias fraquezas.

494. Pedro e Rosane achavam muito bom ouvir a moça falar. Sobre qualquer assunto. Parecia enxergar mais longe, tudo ficava mais largo: enquanto falava, sempre num tom ligeiramente grave, o espaço crescia à sua volta, o mundo se desdobrava em vários planos. A sensação era imediata, não vinha aos poucos, mas de uma vez só. A fala muito viva da moça cobrava a atenção constante de ambos, chamava para o seu domínio, e Pedro nem tinha tempo de pensar naquele efeito, analisar de onde vinha, como se formava.

495. Mesmo assim, ele via que, além dos braços e ombros fortes, o pescoço da amiga de Rosane subia com vigor. A cabeça inteira chamava a atenção pela firmeza da postura, dos movimentos. Também as pernas deviam ser robustas, pela agilidade no seu jeito de andar, pela segurança dos pequenos pulos e desvios abruptos que ela dava, forçada pelos obstáculos e buracos na rua. O estranho era que, no meio do corpo, da cintura ao início do peito, a mulher se afinava. No todo, dava um resultado elegante, até agradável de ver — se a pessoa olhasse rápido. Porque alguma desproporção persistia, algum desencontro morria por trás daquelas linhas. Pedro não prestava atenção, desviava, evitava conferir.

496. Falante, risonha, voz aberta, com um ponto rouco no fundo da garganta, três ou quatro vezes naquele trajeto à noite, na rua, ela acenou com os olhos, com um movimento das sobrancelhas, mudou de tom e disse: “Ele me ajudou, me ajudou muito”. Quando passaram na frente de uma casa (na verdade, só se via uma estreita porta de ferro fechada, no meio de um muro alto). Ou quando ela encontrou um conhecido, que só acenou e seguiu adiante. Ou quando passaram por um homem barrigudo, sem camisa, que vendia peixes na calçada — todos do tamanho da palma da mão, com uns riscos de sangue sobre as escamas — arrumados em fileiras sobrepostas, como telhas num telhado, em cima de um tabuleiro forrado com um jornal encharcado. Ou ainda quando passaram por uma mulher

gorda que fazia churrasquinhos sobre brasas acesas dentro do aro de ferro de uma roda de ônibus.

497. A moça se referia a alguém que morava ou tinha morado na casa diante da qual estavam passando. Ou referia-se a um parente ou conhecido da pessoa com quem tinha cruzado na rua, ou a aquela pessoa mesma que estava na sua frente, ou ao lado. “Ele me ajudou muito” — sorrindo, a moça esticava aquele “muito”, injetava um sopro e um calor no *m* e no *u*, levantava um pouco a cabeça, estirando a duração da sílaba. E Pedro pressentia, pensava: “Ajudou em quê?” Rosane também não sabia — podia ser tanta coisa, acontecia de tudo com aquela gente, Pedro já tinha percebido.

498. E uma vez, uma noite, estava chovendo. Apesar disso, a moça fez questão de acompanhar os dois até a porta da casa de Rosane. Em volta, o ar escuro. Os faróis dos carros tinham ficado para trás, cortavam de passagem, por um segundo, a abertura estreita onde a rua de Rosane fazia esquina com a rua principal, já longe de onde estavam. Perto de onde os três passavam, reflexos de luzes amarelas tremiam nas poças. A água escura se enrugava na batida dos pingos, que caíam do céu ou escorriam dos fios suspensos. Pouca gente na rua apertada — só uns vultos esparsos, adiante, a uns vinte metros.

499. Pedro e as duas moças, para se esquivar do chuvisco, se encolhiam debaixo de dois guarda-chuvas pequenos de mulher. Os ombros se esbarravam. A amiga de Rosane estava mais concentrada, mais séria naquela noite. Pedro e Rosane não sabiam o motivo, mas ela movia a cabeça num balanço pesado sobre o pescoço e os ombros duros. Largava uns suspiros muito soprados, que alargavam as suas pausas.

500. Na porta da casa de Rosane, de repente ela disse que se estava ali, se ainda existia, era por causa de Deus, tinha de ser: o que mais? “E também porque eu queria muito.” Queria o quê, pensou Pedro — mas já pressentia. Rosane ouvia com um ar mais natural, talvez, mas também não perguntava. Aquele *muito* da moça era carregado, pesava: não ia embora. Alguma coisa tinha acontecido com ela mais cedo, naquele dia, pensou Pedro — com ela ou com alguém próximo — alguma coisa que a obrigava a abrir a memória e a falar. Calada, a mulher reunia forças. Respirava fundo: as narinas e o pescoço estufavam de leve. Tinha de lembrar, resistir, tinha mais uma vez de voltar à fonte.

501. Debaixo dos dois guarda-chuvas, junto à porta da casa de Rosane, os três encolhidos por causa do chuvisco gelado, ela disse a idade. Trinta e dois anos. Não dava para acreditar — parecia muito menos. Ela riu: sabia disso. Pedro reparou então na pasta de plástico verde onde a mulher levava o material da escola. De um lado, tinha um adesivo com o desenho de um coração vermelho com traços de uma almofada, grande e acolhedor; do outro, a figura de um esquilo de olhos brincalhões, o sorriso de dois dentes enormes.

502. Já fazia muito tempo, contou a mulher, e o toque rouco na fala arranhou mais devagar. Quase ninguém lembrava mais. Na época ela morava na outra ponta do Tirol — levantou o queixo por um segundo, apontando a direção. Tinha acabado de fazer dezessete anos e estava assim, como agora, disse ela: na porta da casa, conversando, ainda com a pasta do colégio na mão. Só que era dia, uma e

meia da tarde, mais ou menos. Houve uma pequena agitação na boca da rua estreita, lá na esquina, onde o tempo todo passavam carros pela rua principal, uma via de mão-dupla. Só depois ela soube: um rapaz assaltou um ônibus, foi surpreendido por dois policiais, quis fugir pela porta de trás do ônibus, saiu correndo exatamente para aquela ruazinha, aos pulos, desajeitado, torto, com uma pistola na mão. Aos trambolhões, caiu. A arma disparou quando a mão, o braço esticado para a frente, bateu no chão.

503. A voz da mulher ficou mais lenta. Ela abriu muito os olhos, mirou o vazio, balançou a cabeça devagar, para baixo e para cima. Respirou e suspendeu as palavras num efeito ingênuo, teatral. Pedro viu: era mais para ela mesma do que para os dois ouvintes que ela fazia a cena. Além disso, estava claro que não era a primeira vez. Era uma forma também ingênua de dúvida e até de respeito: um pedido de aprovação dirigido para algo que se refletia nela mesma, mas que estava fora da experiência, fora do vivido.

504. Foi então que a mulher especificou em números o calibre e o modelo da pistola. Mostrou, com dois dedos bem separados no ar, o tamanho da bala. Indicou no corpo, com a ponta de três dedos bem unidos, onde a bala entrou, onde a bala ricocheteou por dentro, nos ossos, em seu caminho para um lado e para o outro, e por onde afinal saiu. Pedro teve a impressão de que a mulher fazia, com a ponta dos dedos, sobre o tronco, uma espécie de sinal-da-cruz mais complicado, mais largo e meio torto — mas sem a parte inicial, que começa na testa.

505. A mulher foi contando o que a bala destruiu ou perfurou no caminho: o baço, o pulmão, outros órgãos e uma outra coisa. Ela estava entrando no sexto mês de gravidez — disse. Inspirou devagar, contraiu as sobrancelhas e os lábios, os dedos se curvaram um pouco, só um instante. Pareciam querer agarrar alguma coisa no ar. Era para ter morrido quando chegou no hospital, explicou um médico, mais tarde. Era para ter morrido depois da primeira cirurgia, depois da segunda e das outras também, e — nem dava para entender, disse um médico — era para ter morrido enquanto ficou no CTI semanas seguidas, e depois, quando a pneumonia atacou seu pulmão furado. Mas ela aguentou, agarrou-se à cama de ferro amarelada, agarrou-se ao ar que respirava, teve visões: pessoas de branco, pessoas velhas, homens e mulheres, se juntavam em redor do seu leito no escuro. Por trás daquela gente desconhecida, havia apenas um mundo vazio de tudo. Ela só ouvia a respiração daquelas bocas cheias de rugas verticais, concentradas à sua volta — um fôlego arrastado, fundo, um bafo que roçava com um toque morno sua pele, as suas pestanas, e deslizava rente às orelhas com um murmúrio.

506. E depois, já em casa, apareceram uma, duas, três pessoas — dessa vez conhecidas, mas apenas conhecidas —, vieram ajudar muitas vezes: com os curativos, os banhos, a higiene, os remédios, a conversa, a comida. E não só nas horas marcadas. Aquela gente que ela agora, tantos anos depois, encontrava andando na rua — empurrando uma bicicleta com o pneu furado, carregando no ombro uma velha escada de alumínio, de cinco degraus, coberta por respingos de tinta — aquela gente a levava no colo para o banheiro. Com todo cuidado, mantinham o frasco de soro erguido na mão do mesmo braço que a segurava por baixo dos ombros magros. (Até agora, anos depois, deviam lembrar o toque do osso em pontas por trás da pele.) Aquela gente acudia quando a mãe dela pedia ajuda, de dia

ou de noite. Arranjavam tempo no meio de suas tarefas, do seu cansaço incessante, do seu sono a conta-gotas, e iam depressa à casa onde ela ficou, a casa da sua mãe. Empurravam a porta e entravam.

507. Então ali no escuro e no chuvisco, sem avisar, com a mão que não estava segurando o cabo do guarda-chuva, a amiga de Rosane levantou a camiseta. Na luz fraca e diagonal que vinha de um poste, sombreada por alguma ponta de galho ou pela beirada do guarda-chuva, que balançava e ora barrava a claridade, ora abria caminho para a luz, Pedro viu a cicatriz de quinze anos antes — a partir do abdômen, até quase o meio do peito. A marca lisa, mordida pelas cicatrizes paralelas deixadas pelos pontos cirúrgicos. A faixa vertical e contínua, que afundava muito e, de forma estranha, cavava em V a pele e a carne, bem no meio do corpo. Na surpresa, no choque, na penumbra, Pedro achou que era parecido com o meio de um livro aberto: o ponto onde a página par e a ímpar afundam em curva e se unem na costura ou na cola por dentro da lombada.

508. Era nesse ponto, nessa metade de um livro que o juiz, ou ex-juiz, o professor titular de direito aposentado e dono de vários imóveis alugados, que frequentava a livraria de Pedro, pousava o seu dedo comprido, de pele enrugada, com um tufo de pelos grisalhos em cada articulação, quando segurava na mão um volume aberto. Assim também naquela tarde, de pé, com uma destreza antiga, com um domínio satisfeito e soberano, ele sustinha aberto no ar, com o dedo estendido sobre a costura, o livro sobre Darwin. Acima do colarinho abotoado com pressão na raiz do seu pomo-de-adão nervoso, ele moveu a mandíbula meio mole para um lado, depois para o outro, sem abrir a boca. E aí comentou que, contra toda a expectativa, até que o livro fazia uma boa introdução ao assunto.

509. O seu interlocutor, na hora, era um advogado de uns trinta e cinco anos. Usava gravatas francesas, ternos ingleses e o preço do seu relógio daria, no mínimo, para comprar a parte de Pedro na sociedade daquela loja de livros de segunda mão. O cabelo quase louro era aparado com minúcia artística na nuca e na meia lua acima das orelhas. O advogado tinha feito uma cirurgia plástica nas duas orelhas e mais recentemente uma outra cirurgia na ligeira papada: insatisfeito, mirou-se depressa no fundo cromado do seu computador de mão, que retirou do bolso para servir de espelho, e perguntou ao seu ex-professor o que ele achava, se tinha ficado melhor assim.

510. Em vez de responder, o ex-juiz preferiu falar de um juiz que ele tinha conhecido no início da sua carreira de advogado e que, em vez de orelha, tinha uma espécie de ameixa seca pregada num lado da cabeça. Diziam que tinha sido queimado com água fervente pela esposa ciumenta e, no tribunal, os advogados e as testemunhas precisavam ficar do lado esquerdo para o juiz conseguir escutar. Não se usavam microfones na época, explicou. O advogado, por sua vez, virou o computador de mão de novo para a posição correta e quis mostrar no pequeno monitor, para o ex-juiz, alguma jurisprudência arquivada na memória da máquina: esse era o tema da sua consulta informal ao antigo professor ali na livraria.

511. O advogado defendia uma empresa acusada de ter importado e vendido para hospitais públicos, durante mais de dois anos, placas de prótese metálica que, depois de um tempo no corpo dos pacientes, enferrujavam. Tinham algum defeito de fabricação nunca especificado nem esclarecido. A

questão para o advogado consistia em adiar, reavaliar, questionar documentos, produzir petições, impugnar pareceres, perícias e testemunhas, além de evitar ao máximo a divulgação do caso, com a ajuda de uma bem selecionada e bem paga assessoria de imprensa. Havia nove anos que o advogado trabalhava na mesma causa com sucesso. Nesse meio tempo, tinha casado e separado, comprou uma lancha de trinta pés e tirou carteira de arrais amador. Pedro separava para ele livros sobre lanchas, expedições náuticas, pesca submarina, assuntos em que o advogado descarregava seu entusiasmo e procurava relaxar.

512. Uma tarde por semana, quando possível, o advogado ia a uma organização beneficente e orientava os estagiários de um escritório-modelo de advocacia onde se prestavam serviços gratuitos. Ultimamente, por qualquer motivo, a causa mais frequente ali — causa que aliás entretinha bastante o advogado — era livrar ex-presidiários do pagamento da alimentação recebida na cadeia. Na verdade, boa parte dos presos não conseguia comer as refeições servidas nos presídios. Em geral era intragável, mesmo para quem estava habituado a comer muito mal, e todos sabiam disso: carne ou feijão quase estragado, às vezes até com larvas por baixo. Os familiares tinham de levar de casa mantimentos para o seu preso, mas só podiam fazer isso nos dias de visita — duas vezes por semana.

513. Portanto os presos acabavam comendo muito biscoito, bolo, alimentos mais duráveis. Outros presos, que não tinham parentes que pudessem ou quisessem ajudar, eram obrigados a pagar propinas para conseguir, ao menos de vez em quando, refeições toleráveis. Mesmo assim, comessem ou não, ao sair da prisão, todos tinham de pagar pela comida. Havia até um plano de pagamento em parcelas, conforme um regulamento — uma espécie de contrato que eles assinavam ao entrar, sem saber direito ou sem querer saber o que estavam assinando. Para o advogado e seus estagiários, não era difícil suspender a cobrança: procedimentos de rotina. Mas dava trabalho, era preciso redigir as petições, protocolar, percorrer varas e seções, fazer um passeio que percorria boa parte da máquina.

514. Era uma útil iniciação aos primeiros meandros e caprichos da lei e as faculdades encaminhavam os estagiários em pelotões para o escritório. Por outro lado, nem todos os ex-presos conheciam aquele escritório-modelo e não convinha mesmo divulgar muito o serviço. Mesmo assim não faltavam clientes.

515. O advogado com carta de arrais amador não tratava diretamente com os ex-presos: os estagiários os atendiam, preparavam os documentos em pastas, levavam o caso para o advogado, atrás de uma vidraça, numa saleta com ar-refrigerado e divisórias feitas de uma espécie de serragem ou restos prensados de papelão. O advogado só via os ex-presidiários de relance, quando esticava o olhar para além do vidro, entre os ombros dos estagiários. Avistava aqueles homens e mulheres escuros, sentados lado a lado, em cadeiras com estofamento de plástico que colava na roupa e na pele suada. Os rostos meio voltados para o chão, os olhares de lado, em faíscas, as cabeças e os ombros quase imóveis. O ar de desconfiança mais carregado à medida que a espera se estendia.

516. Os ex-presos também só viam o advogado de longe, por alto, através do vidro: o homem de terno, gravata vistosa, orelhas perfeitas, debruçado sobre suas pastas abertas. Ele virava as folhas, de

vez em quando erguia um papel, apontava uma linha com o dedo para os estagiários e sorria — a luz branca refletia e crescia nos dentes. Até que chegava a hora em que ele sacudia o pulso esquerdo no ar, na altura da cabeça, franzia as sobrancelhas e olhava para o relógio, que então aparecia, preto e dourado, rente ao punho da camisa. Em seguida fechava as pastas sobre a mesa, erguia-se, puxava para baixo a aba do paletó abotoado, dava as últimas ordens aos estagiários e, em quatro passadas, ia embora pela porta dos fundos, direto para a garagem, onde seu carro ficava estacionado.

517. Pedro nunca tinha ido a uma prisão, nunca tinha conhecido alguém que tivesse ficado preso. Na verdade não tinha sequer visto uma prisão. Pelo menos, era o que diria se lhe perguntassem de repente e se ele não parasse para pensar melhor. Pois na verdade, um dia, num ônibus, Rosane apontou para ele uma parede enorme, toda amarela e com manchas de mofo, de uns doze metros de altura, sem nada escrito. Uma parede que ele tinha visto várias vezes, durante muitos anos — desde criança, na verdade, ao passar de ônibus —, sem que ninguém comentasse nada. No máximo ele pensava sozinho: “Que paredão.” Com o tempo, até isso parou de pensar — só esperava a parede terminar de passar na janela do ônibus para ele continuar a ver a paisagem, a calçada, os prédios. Mas naquele dia, pouco depois de terem começado a namorar, Rosane apontou com o dedo através da janela aberta do ônibus e disse que um conhecido seu do Tirol estava preso ali.

518. Era uma prisão temporária, explicou Rosane, onde a pessoa aguardava a sentença, ou algo assim, antes de ir para o presídio propriamente dito. A espera podia demorar muitos meses e o tal conhecido de Rosane já estava lá fazia quase um ano. Pedro quis saber por quê. Aconteceu que numa tarde dois policiais entraram na casa de um vizinho do rapaz. Começaram a revirar as roupas com a ponta dos fuzis. Os panos se enrolavam no cano das armas, que os policiais então sacudiam, jogando as roupas longe, para cima. O rapaz, da janela, cantarolou uns versinhos de improviso para avacalhar a barriga e as orelhas grandes de um policial. Começou uma briga, acharam drogas dentro da roupa dele — ou puseram lá — tanto faz. Ele já tinha ficha na polícia pelo mesmo motivo.

519. Rosane conheceu aquele rapaz na escola aos seis, sete anos de idade, na turma dela, na alfabetização. Ia para a escola sozinho, sujo, e também ia embora sozinho: era o único que fazia isso. Muitas vezes faltava a aula. Algumas vezes chegava com o braço lanhado, tentava esconder com as mãos os riscos em brasa na pele. Depois se soube: a mãe batia com uma vara de marmelo — havia um pé de marmelo no terreno do casebre, talvez o único pé de marmelo em muitos quilômetros. A avó do garoto tinha plantado — ou tinha conservado o pé de marmelo, depois de derrubar as outras árvores do terreno — na certa com este mesmo fim, bater nos filhos, achava Rosane. Na escola, o menino vivia assustado. Empurrava os colegas, as meninas, puxava os seus cadernos, as folhas. Os cadernos dele viviam amarrotados, rasgados. As professoras se descontrolavam, perdiam a voz. Uma delas falava em peste, capeta. Ele enfiava a cabeça entre os ombros, se contraía todo e corria para a porta. Derrubava uma, duas cadeiras no caminho.

520. Foi crescendo e não conseguiu aprender nem o alfabeto direito. Rosane lembrava que, depois de uns três anos, ele foi para uma outra turma e mais tarde parou de ir à escola. Mas ela ainda o via na

rua de vez em quando. Em troca de comida ou de qualquer dinheiro miúdo, ele ajudava em obras e reformas, descarregava caminhões de tijolos, empurrava carrinhos de mão cheios de cimento, não parava nunca. Era pequeno, mas forte. Os dentes tortos demais, o beijo meio caído — tinha pouca paciência, falava alto e meio que cuspidando. A maioria das pessoas nem gostava de ficar olhando para a cara dele. Quando tinha uns treze ou catorze anos, a mãe foi embora e ele ficou morando sozinho no casebre meio em ruínas, com o pé de marmelo do lado. Todo ano dava flores, dava frutas, que só os morcegos mordiam.

521. Rosane às vezes juntava pacotes de biscoito e bolos para mandar para ele, na prisão. Quem levava era uma mulher de uns quarenta e cinco anos que estudava no mesmo colégio noturno de Rosane. Essa mulher havia criado três filhos, já eram adultos, moravam sozinhos, e agora tinha em casa duas meninas, de sete e nove anos, cuja mãe estava num presídio, condenada a uma pena longa. Uma amiga, a vizinha, também ajudava. Tomava conta das meninas enquanto a mulher ia ao colégio. Agora — Rosane explicou no ônibus, ao lado de Pedro — agora o rapaz estava numa parte um pouco melhor da prisão, uma cela mais calma. Nos primeiros meses, na cela maior, ficavam dezenas de presos misturados. Para se defender, ele segurava a escova de dentes apertada entre os dedos como se fosse faca.

522. Mas agora, nesse outro ônibus em que Pedro estava de pé, abraçado à mochila contra o peito, sem notar o que fazia, ele observava o rosto dos passageiros sentados ou em pé a seu lado. A preocupação de antes sobre o itinerário e sobre as condições no Tirol não havia resistido ao cansaço do dia e ao torpor dos engarrafamentos em cadeia. Mais de metade dos passageiros cabeceava de sono e até o rapaz gordo, de camiseta branca e brinco de argola na orelha, que havia falado sobre a praça da Bigorna, dormia fundo, o queixo baixo, a papada caída sobre o peito.

523. Pouco antes, um passageiro que viajava em pé tinha conseguido contato pelo celular com uma prima no Tirol. Ele explicou para o passageiro a seu lado e Pedro escutou. A prima de fato ouviu falar que havia alguma confusão — uma invasão, talvez. Na verdade não tinha visto nada de estranho, mas por via das dúvidas estava com as janelas e cortinas fechadas. E também não ia perguntar a ninguém, nem ia sair de casa para verificar. Portanto, eles, os passageiros, continuavam sem saber.

524. E continuariam assim talvez mesmo depois de chegar lá, mesmo quando já estivessem dentro de suas casas, de portas e janelas fechadas naquela noite. Pois só perguntariam alguma coisa aos familiares e a pessoas muito próximas. Estas, por sua vez, também só procurariam alguma informação com familiares e pessoas próximas. Desse jeito, tudo o que teriam era uma multiplicação de boatos e versões discrepantes. Ninguém de fora viria apurar, tomar informações, nenhum noticiário da televisão daria sequer um aviso do que houve. Mas Pedro já não sabia dizer se era mesmo tão ruim que eles não soubessem o que de fato havia acontecido: a calma feita de cansaço e torpor que ele via agora no ônibus ainda parecia preferível à agitação e aos sustos do início da viagem.

525. Na certa Pedro pensava assim porque também estava cansado. Menos do que os outros passageiros — tinha certeza disso —, mas de novo sentia pontadas por dentro do tornozelo esquerdo.

Ficar parado e de pé por muito tempo era a garantia de que ia doer, ia latejar a velha cicatriz. De novo, numa visão de momento, o jorro de cacos de vidro sobre as suas costas, enquanto ele estava deitado de cara na calçada; o pelo quase vermelho do peito do cavalo aceso bem diante dos seus olhos; o livro chutado pela rua; o cientista inglês provocando aranhas e vespas, afogando lesmas e mais lesmas. Pedro apalpou a mochila, tateou a forma do livro e o volume da sua carteira por trás do pano. Lá fora, o anoitecer se prolongava, o último sol ainda se recusava a baixar, enquanto dentro do ônibus a penumbra poeirenta ficava mais grossa, embaçada: um peso a mais nos ombros dos passageiros.

526. A preocupação com Rosane voltou de repente, mais forte. Pedro lembrou-se da pulseirinha em forma de corrente no pulso magro, de ossos salientes. Reviu os olhos pretos, as sobranceiras muito finas nas pontas, depiladas com pinça, pelo a pelo, até desenharem uma curva suave. Pensou se Rosane estaria com o livro do curso de inglês dentro da bolsa — o livro que ele tinha dado para ela estudar, em lugar das folhas em fotocópia.

527. A lembrança trouxe uma aflição repentina, mais palpável, e Pedro logo pensou nos cuidados, nas atenções de que Rosane precisava — pelo menos era essa sua certeza. Com uma ponta de incômodo que descia até o fundo, subia e voltava a descer e a furar mais fundo, Pedro sentiu de repente, numa onda, a fragilidade de Rosane. Ela surgiu vulnerável demais, exposta a tudo — ainda mais na situação em que os dois estavam naquele momento. Ele num ônibus e ela, quem sabe, num outro ônibus ali perto, no mesmo rumo. Ou talvez Rosane já estivesse lá, caminhando na direção de sua casa. Atenta, mas sem aparentar desconfiança; depressa, mas sem correr.

528. Traga um sorriso e leve um amigo. Seria mesmo assim a frase que Rosane tinha na porta do seu armário? — Pedro hesitou por um momento. A frase de que ela gostava tanto, como outras do mesmo tipo. Pedro devia ter lido umas quarenta vezes as letras bem desenhadas na porta empenada do armário, que abria sozinha de noite, bem devagar e com um rangido, enquanto os dois dormiam na cama estreita. Mesmo assim ficou em dúvida.

529. Ao redor, Pedro observou de novo o entorpecimento geral que reinava no ônibus. Sentiu em si mesmo como aquela moleza era assimilada na cadência da respiração dos passageiros, na meia sombra que vinha das janelas sujas, no balanço dos buracos da rua, no ronco monótono do motor. Pois o ônibus agora seguia bem devagar, sempre em segunda e terceira marcha, um longo trecho sem parar. Avançava em velocidade baixa e constante por um corredor lateral que se formara na pista da direita, onde os ônibus seguiam de perto uns aos outros — a dianteira de um bem perto da traseira do outro, numa espécie de comboio.

530. Pedro avaliou aquela calma de anestesia que se havia formado entre os passageiros — o sono, o meio sono, o esquecimento que atraía, sugava, a repetida promessa de um descanso. Comparou o que via com aquilo que na certa o aguardava no Tirol. Comparou o que via com sua aflição a respeito de Rosane e também com o que sua aflição por uma só pessoa representava, multiplicada para o caso de tanta gente que devia estar na mesma situação que ela e ele. A imagem dos passageiros no ônibus e a imagem do Tirol pareceram duas coisas tão incompatíveis — e, mais ainda, a experiência do ônibus

se mostrava tão presente, tão real — que Pedro chegou a acreditar que era mesmo impossível ter acontecido alguma coisa séria no Tirol: devia ser mais um boato, mais um exagero. A má-fama pura que sozinha, no entanto, podia produzir os fatos.

531. De relance, no espelho retrovisor, Pedro viu de novo os olhos do motorista — uma luz rápida no piscar das pálpebras. De costas, ele vigiava o marasmo dos passageiros, já na expectativa de alguma mudança, alguma reviravolta iminente. Também o motorista tinha um cansaço no olhar. Entretanto, fosse a sonolência no ônibus, fosse a dor no tornozelo, fosse o peso da mochila — onde Pedro levava uma muda de roupa para o fim de semana —, por qualquer motivo que fosse, Pedro viu sua preocupação com Rosane se tornar cada vez mais difícil, mais pesada. Naquela situação, quanto mais pensava nela, quanto mais sentia que tinha de estar perto dela, maior a dimensão que a cada minuto ganhavam, em seu pensamento, certos detalhes do jeito de Rosane .

532. Por exemplo: não era raro Pedro se distrair, se esquecer, não notar. Mas de repente se impressionava mais uma vez ao ver como Rosane não conseguia ficar indiferente a quase ninguém no Tirol. Ela perguntava, conversava, queria saber a respeito das pessoas. Pedro via com clareza que o interesse de Rosane não era consciente, ela nem pensava no que estava fazendo. É verdade, havia quem interpretasse mal aquilo e achasse que era só uma fofoqueira. Pedro tinha ouvido comentários e no fundo podia haver um pouco disso, só um pouco. Mas muito mais constantes eram os que simpatizavam com ela, confiavam, contavam suas lembranças, expunham de repente seus pensamentos mais pessoais.

533. Rosane nem precisava perguntar nada. Bastava ela repetir meia palavra que o outro tinha dito, bastava respirar no mesmo compasso, bastava olhar em silêncio na mesma direção que o outro, deixar que o olhar se demorasse naquele ponto por mais tempo do que o necessário para enxergar o que estivesse lá — bastava uma sintonia que Pedro sentia, com toda certeza, ser impossível para ele imitar —, bastava mesmo isso para que o outro, mulher ou homem, jovem ou velho, contasse alguma coisa mais séria, falasse de um caso antigo ou recente, que na mesma hora ganhava uma carga, um significado especial, sob o efeito da atenção de Rosane. Também isso aumentava as preocupações de Pedro: sem saber, ela parecia estar chamando um inimigo forte demais, tomando para si um peso muito grande. Com o tempo — assim parecia a Pedro — ela não conseguiria mais resistir a toda a pressão acumulada.

534. Também ao lado dela, Pedro se distraía, sua observação pulava de uma coisa para outra. Ainda assim o que via era o suficiente para ficar um pouco cismado. Era o suficiente para que agora, de pé, no ônibus, ao pensar em Rosane, ao procurar Rosane no fundo da sua cabeça, tivesse a impressão de que o interesse dela pelo que as pessoas contavam não se limitava apenas às pessoas propriamente ditas — uma de cada vez, separadas uma da outra. Mais do que conhecer, mais do que querer compartilhar alguns detalhes, ela queria entender, queria montar um quadro, ela procurava a confirmação de alguma coisa anterior. O que podia ser, nem Rosane saberia explicar. Também isso era visível.

535. De todo modo devia ter alguma relação com os planos que ela fazia: esse foi o caminho que o pensamento de Pedro seguiu. Porque Rosane não parava de inventar planos. Na maioria, a respeito de cursos que ela ia fazer, depois de concluir o ensino médio. Havia obstáculos por todos os lados. Ela trabalhava em horário integral e, para estudar, só restavam as noites e os fins de semana. Ia precisar de dinheiro para fazer a maioria daqueles cursos, nem que fosse só para pagar as passagens de ônibus todos os dias, no caso de conseguir uma bolsa, ou um empréstimo, ou uma vaga numa faculdade gratuita. Mesmo assim, Rosane achava viável e fazia seus planos com gosto, esmiuçava os detalhes. Sentia-se bem montando as peças daquele futuro — isso era bem visível —, enquanto Pedro se via reduzido a apenas escutar e concordar.

536. Havia cursos técnicos e profissionalizantes, e também havia faculdades. Ora ela falava num curso de auxiliar de enfermagem, ora num curso de hotelaria, ora num curso de nutrição, ora pensava até em ser advogada. Essa variedade de direções, em que não se manifestava uma lógica, uma constância, nem um laço pessoal com as atividades, tinha em troca alguma coisa a ver com a diversidade das histórias que Rosane ouvia de seus vizinhos. Havia um nexo, era o que Pedro achava: cada história, cada pedaço de experiência que os vizinhos contavam era um perigo muito presente, familiar até demais, que tomava formas novas a cada relato. Um perigo a que — Rosane sentia — era preciso dar uma resposta.

537. Por seu lado, Pedro nunca fazia planos: olhava uma coisa, ouvia outra e de repente, quando via, o dia tinha terminado. Pedro nem havia chegado a concluir sua faculdade gratuita. Um dia se viu no meio de uma briga entre guardas e ambulantes na rua, um cavalo assustado o pisoteou, um amigo advogado conseguiu arrancar uma indenização da prefeitura e agora Pedro tinha uma pequena livraria em sociedade com ele. Como planejar, como querer uma coisa dessas?

538. Ele via muito bem que o trabalho de Rosane, no escritório de advogados onde aquele mesmo amigo trabalhava, a deixava esgotada ao fim do dia. Pedro via que os planos de Rosane quase não levavam isso em conta. Dela, pediam tudo: que servisse café, água, lavasse a cozinha e o banheiro e passasse aspirador, esvaziasse lixeiras, que fosse ao fórum ou ao escritório ou à casa dos clientes levar e trazer papéis, pediam que copiasse ou corrigisse documentos no computador, que atendesse clientes no telefone e na recepção, que abrisse mão do horário de almoço para pesquisar às pressas em arquivos antigos do advogado mais velho — e às vezes tudo no mesmo dia.

539. Rosane ficava o dia inteiro para lá e para cá, dentro e fora do escritório, em troca de um salário que era pouco mais do que nada, quase que só o suficiente para pagar a comida, o transporte e alguma roupa. Mesmo assim — Pedro percebia —, os patrões ainda se lamentavam, achavam que era muito, que tinham muita despesa com os empregados, deixavam claro que cumpriam um papel social oneroso ao dar emprego às pessoas, ao pagar salários e reconhecer alguns direitos. Nada de especial tinha acontecido, a situação era a mesma de antes. Mas só ultimamente Pedro começou a ter a sensação de que os patrões, se precisassem, sem sequer notar o que estavam fazendo, seriam capazes de retirar até a última gota de energia de Rosane e deixá-la exaurida.

540. E foi quando pensava nos planos de Rosane que Pedro lembrou: no Tirol, havia um morador antigo. Um amigo do pai de Rosane desde o tempo em que o Tirol foi loteado e ocupado. Tinha uma cicatriz de queimadura no pescoço, um feixe de rugas esticado até a orelha e que dali se espalhava pelo topo da cabeça, quase sem cabelos. Um acidente muitos anos atrás, com um bужão de gás que vazou dentro da cozinha onde estavam três sobrinhos pequenos. Num impulso, ele se agachou, abraçou o bужão contra o peito, levantou e carregou às pressas para o quintal. Durante aqueles dez ou doze segundos — durante aquelas passadas corridas para saltar os degraus da porta rumo ao pátio do lado de fora da casa —, um halo azulado envolveu sua cabeça num silêncio completo e numa ilusão de transparência. Ele perdeu todo o cabelo. No hospital, onde ficou semanas, acharam que ia morrer e avisaram à família.

541. Agora estava sentado à mesa da cozinha na casa de Rosane, com ela e com Pedro, no finzinho de uma tarde de sábado, como acontecia algumas vezes nesse horário. Trabalhou como guarda-vidas na praia, desde o tempo em que se instalou no Tirol. Costumava contar casos de salvamentos e de afogados. Naquele dia, na mesa da cozinha, lembrou-se de um amigo, do seu tempo de adolescente, que saía com ele de bote até um lugar onde o mar era parado e bem fundo. Os dois mergulhavam pelo gosto de afundar na água quieta e verde-escura da enseada.

542. Um dia, ele e o amigo começaram a brincar de mergulhar cada vez mais fundo, cada vez por mais tempo. Chegou um momento em que ele, depois de subir, achou que já era demais, não quis continuar. Segurou-se ofegante à borda do bote, descansou a cabeça molhada sobre o braço, o corpo meio que boiando na água fria e, com as palavras cortadas pela respiração, disse que não ia mais descer. Mas o amigo insistiu, zombou, fez pouco da sua falta de ânimo. Respirou várias vezes seguidas, enchendo os pulmões, dilatando as costelas, afundou e não voltou mais.

543. Ele ficou no bote esperando, esperando, sentado no banquinho da parte traseira, enquanto o céu aos poucos escurecia, se fechava à sua volta. Ele olhava fixo para a água parada, sem saber o que ia fazer, sem saber o que ia dizer aos pais do amigo, quando voltasse.

544. Falava tudo aquilo com voz muito lenta. Deixava as vogais vibrarem na garganta, no oco do pescoço largo. Dava detalhes bem concretos do que contava. Conhecia o canto de diversos passarinhos, conhecia seus hábitos, o seu trato com os filhotes. Num relance, em pleno no ar, distinguia os machos das fêmeas por uma faixa escura na cabeça ou pela cor das penas em torno do bico. Plantava vários tipos de chá no pouco de terra que tinha em sua casa, rente ao muro: boldo, saião, camomila, hortelã. Sua calma não estava só na voz, não estava só na economia de palavras fortes. Estava nos movimentos pausados dos braços, nas manobras dos dedos roliços, pacíficos, sobre a mesa — no jeito como catava migalhas de pão ou juntava grãos de arroz caídos de um prato horas antes. Estava no jeito medido de andar, no balanço do seu corpo, mais para gordo do que magro. Usava boné o tempo todo, mesmo dentro de casa, por causa da cicatriz. A pala baixava sempre uma sombra até a metade do rosto bronzeado de sol. Naquela meia sombra, ele respirava devagar, escutava os outros com atenção, dava tempo para todos pensarem.

545. No ônibus, Pedro lembrou-se do guarda-vidas porque, naquele sábado, no fim da tarde, sentado à mesa na cozinha da casa de Rosane, ele reclamava dos seus planos mal feitos. Mais exatamente, se queixava das dificuldades para pagar um empréstimo que havia tomado para fazer uma obra na sua casa. Tinha se aposentado como guarda-vidas e agora reforçava a renda trabalhando como guarda-vidas de piscinas em colégios e condomínios, situados a trinta ou quarenta quilômetros do Tirol, na outra ponta da cidade. Os patrões atrasavam o salário dois, três meses, e com isso ele atrasava as prestações, recebia ameaças do banco. Desanimado, falou que sua vida seria melhor se tivesse ficado na aeronáutica, como tinha planejado. Contou que havia servido entre os dezessete e os dezenove anos e, naquela época, se tivesse completado seis ou sete anos de serviço, poderia ter sido incorporado à aeronáutica para o resto da vida. Agora, com sua idade, já estaria na reserva, ganhando no mínimo o soldo de sargento.

546. Mas parou um pouco, pensou melhor e disse que os quase dois anos que viveu como soldado foram muito difíceis. Afinal, talvez tenha sido bom sair de lá. Mais que isso: Ninguém sabe o que poderia acontecer se tivesse ficado. Explicou que foi logo escalado para um grupo formado por cento e trinta soldados incumbido de missões especiais. Eu era o Trinta, disse ele, só me chamavam assim. Ninguém tinha nome, eu era o Trinta, o outro era o Setenta e Três, o outro era o Dezessete. E aí tentou explicar: Era aquela época em que os militares mandavam em tudo, sabe, era o regime deles.

547. Contou que todo dia os soldados daquele grupo eram espancados pelos oficiais, humilhados pelos sargentos. Punham todos em fila, ao ar livre, e vinham esmurrando, chutando, xingando um depois do outro, e depois voltavam, repetiam. Os soldados eram postos num ringue, dois a dois, e eram obrigados a trocar socos entre si até caírem com o nariz sangrando, a orelha cortada. Todo mundo berrava em volta. Todos os soldados viviam com hematomas na cara, nos braços, nas costas, nas pernas. Para escarnecer, os sargentos chamavam aquilo de camuflagem de pele.

548. Naquele clima alguns oficiais já tinham ficado meio enlouquecidos e ele se lembrava muito bem de um tenente que, quando não conseguia bater num soldado tanto quanto queria — ou quando não conseguia aprovação para mandar uns soldados darem uma surra em alguém de fora do quartel, alguma pessoa que o havia contrariado por algum motivo — ficava com tanta raiva que pegava a pistola e dava um tiro no próprio pé. Já tinha estourado à bala três dedos de um pé e dois do outro.

549. Pedro se espantava e, quanto mais achava difícil acreditar, mais o guarda-vidas contava, mais detalhes fornecia, como se ele mesmo não achasse muito fácil acreditar e precisasse de uma nova confirmação. Explicou que os sargentos e oficiais agiam daquele modo dia e noite, sem pausa, sem descanso. E então, quando ninguém esperava, metiam os soldados em caminhões fechados por lonas, todos em roupas de guerra, com capacetes, fuzis e cassetetes presos na cintura. Sentados em duas filas, uma de frente para a outra, os soldados não sabiam e nem viam para onde estavam indo.

550. De repente, o caminhão parava com um tranco mais forte, todos se seguravam embaixo do banco. Os sargentos abriam as abas de lona, mandavam todos descer e diziam que os comunistas estavam lá — terroristas, subversivos. Repetiam as palavras e assim, meio atordoados de tanto

apanhar, de tanto ouvir gritos na cara o tempo todo — contou o guarda-vidas —, os soldados partiam para cima das pessoas — uma reunião, um comício, uma passeata, o que fosse. E nem viam nada, nem enxergavam quem estava na frente, iam espancando — contou ele, devagar, calmo, mas abanando as mãos grandes: Podia ser mulher, velho. Tinha um zumbido dentro da cabeça da gente que não parava nunca e a gente ia lá e quebrava tudo, pisava com a bota, chutava.

551. Outras vezes a aba de lona do caminhão abria e os soldados se viam diante de uma delegacia, que podia ser de um bairro meio distante ou até fora da cidade. Eles invadiam a delegacia, batiam em todo mundo, humilhavam os policiais, os presos, o delegado, quebravam máquinas de escrever, cadeiras, jogavam os papéis para o alto. Se alguém tentasse qualquer coisa, ou só falar — disse ele — metiam logo uma coronhada nas costelas. Tudo porque, dias antes, algum oficial achava que sua autoridade não tinha sido reconhecida pelos policiais daquela delegacia.

552. Ou então, quando a lona do caminhão abria, os soldados estavam na porta de um edifício de apartamentos de um bairro de gente mais rica. Os oficiais diziam para os soldados que tinha drogas num apartamento — drogas, drogas, repetiam — e que eles iam entrar e arrastar para o quartel quem estivesse lá dentro. Cercavam o prédio, cercavam o quarteirão, quem reclamava apanhava na hora — contou ele. A gente nem enxergava nada, ia chutando a grade, a porta. Agarrava o porteiro do prédio, espancava o coitado no chão, puxava para fora do elevador quem estivesse lá dentro, entrava à força no tal apartamento e podia ser mulher ou velho, podia ser qualquer um, a gente pegava e arrastava.

553. Então ele fez uma pausa. Com os dedos grossos, gordos, varreu bem devagar para a beira da mesa os grãos de arroz que havia juntado. Empurrou os grãos de arroz para a palma da outra mão, virada para cima, encostada à beira da mesa. Pedro se distraía acompanhando aquelas manobras, aquele cuidado. O que ia fazer com os grãos? Mas tinha importância? Acabou que apenas fechou os dedos sobre eles e deixou a mão apoiada sobre a mesa. Mas agora Pedro já não duvidava: tinha de acreditar no que o guarda-vidas estava contando. Por seu lado, Rosane e o pai escutavam com atenção, com uma calma fria, mas também com familiaridade, receptivos ao que o outro dizia, como se já soubessem de tudo mesmo antes de ouvir.

554. Aconteceu que o quartel daquele grupamento de soldados ficava ao lado do aeroporto, na beira do mar. Na verdade era uma continuação do aeroporto. Aliás, foi a uns seis quilômetros dali, naquela mesma baía, que ele e o amigo quando adolescentes haviam brincado de mergulhar cada vez mais fundo, alguns anos antes. Havia uns porões no quartel, celas cavadas na rocha, e os oficiais levavam as pessoas presas para lá. Ele, o Trinta, como os outros soldados, nunca ia até lá embaixo. Mas todos sabiam que os presos levavam surras, podiam sumir da noite para o dia. Sabiam que lá dentro ficavam alguns presos políticos, mas também gente com quem algum oficial tinha uma rixa, ou até outros militares, mesmo soldados do próprio quartel. Os soldados sabiam que mais de um militar já tinha sido morto ali dentro, por vingança de outros militares. No entanto, um dia, o Trinta também acabou indo lá para baixo, porque ele também foi preso.

555. Os soldados tinham uma escala de sentinela e, numa noite, o Trinta ficou de vigia no posto

mais afastado, nas pedras, bem na beira do mar. A noite estava muito escura, muito quieta. Uma neblina rala fluuava rente à água do mar. Os oficiais viviam assustando os sentinelas, falando para não cochilar, não se distrair. Diziam que os terroristas apareciam de repente e fuzilavam na hora, sem avisar nem nada. Podiam jogar uma bomba. E não eram só os terroristas. Os sargentos avisavam que eles mesmos, e os oficiais, podiam chegar de noite, de arma em punho, escondidos, rastejando no escuro, e atirar no soldado que estivesse dormindo só para castigar o descuido.

556. À noite, de sentinela, o Trinta vivia apavorado. Tinha medo até dos barcos pequenos, precários, que passavam devagar, a duzentos metros das pedras. Nervoso, ouvia o motor velho estalar bem de leve, aquelas batidas secas, ritmadas, no meio do silêncio. Erguia o fuzil, arregalava os olhos para o mar, fixava a luzinha amarela que se arrastava, rasa, na escuridão. Seguia a luz, sempre na mira do fuzil, até ela sumir do outro lado, muito tempo depois de não se ouvir mais os estalidos do motor.

557. De repente, ele viu no escuro dois pontos luminosos pequenos e iguais, não no mar, mas em terra. Dois olhos brilhavam bem longe — tinha de ser uma pessoa. Ergueu o fuzil, apontou. Gritou, gritou de novo logo depois, com o peito apertado, a voz curta. Não veio resposta. Gritou mais uma vez. Os dois olhos nem se mexeram. O Trinta sabia que não podia esperar mais: seria metralhado. Fez pontaria, prendeu a respiração e puxou o gatilho do fuzil. Por trás do estampido, deu para ouvir o esvoaçar de um pássaro grande, um sacolejar de galhos. Por trás da fumaça, ele viu que uma coruja voou e folhas de árvore se espalharam em volta. Soaram também os estalos de umas quatro ou cinco batidas de asa e a coruja logo sumiu no escuro, num voo em curva, próximo ao chão.

558. Mas a bala que errou a coruja seguiu em frente. Atravessou duas paredes de tábuas grossas de um galpão, atravessou também a parede de cimento e tijolos de um prédio, uma porta velha de madeira maciça, a escrivaninha de compensado de um oficial, atravessou uma gaveta, chamuscou e arpeiou os papéis lá dentro e foi cravar-se na parede atrás da cadeira de rodinhas que ficava encostada à mesa. Com os gritos e o tiro, o alarme geral disparou. A área do aeroporto ficou logo cheia de soldados e oficiais, de armas em punho.

559. O Trinta foi zombado, xingado, chutado, levado para o porão com as celas de paredes de pedra. Lá dentro, ouviam-se as batidas do mar, bem perto, o tempo todo. Era tão fundo que muitas vezes o rumor das ondas parecia vir de cima. O cheiro de maresia era forte, constante. A pele ficava oleosa de sal. O Trinta viu confirmado o que os soldados já sabiam sobre o porão. Quando saiu de lá, três dias depois, a sensação de alívio — necessária, segura — foi quase totalmente sufocada por outra sensação: o medo, cem vezes maior e mais duradouro, que ele passou a ter dos superiores e de quase tudo no quartel.

560. Pois foi exatamente isso o que estragou os seus planos de fazer carreira na aeronáutica, explicou o guarda-vidas. Porque, uns dois meses depois, certa noite, ele ficou de sentinela no portão da rua, no comando de mais dois soldados. O tenente mandou: depois de tal hora, não passa mais ninguém por este portão. De madrugada, apareceu um carro com um motorista à paisana. O Trinta disse que ali não passava ninguém. Tinha de dar a volta inteira e entrar pelo outro portão. O tenente

mandou, não adianta. Em resposta, o motorista reclamou: Deixe eu passar que sou o major.

561. Mas o sujeito estava visivelmente embriagado, não mostrou nenhum documento. O Trinta repetiu que não ia passar ninguém, era ordem do tenente. O homem saiu do carro: Você está maluco? Sou o major. Começou a gritar, avançou para cima do Trinta como se fosse meter a mão na sua cara. O Trinta sacou a pistola da cintura, encostou no meio da testa do homem, empurrou com força e mandou ele ficar de joelhos. Gritou, fez uma cara tão feroz que o sujeito ficou mesmo de joelhos e chegou a tremer, branco, de repente. O outro soldado veio por trás e falou: O que está fazendo, ficou maluco? Ele diz que é o major, não está vendo? O Trinta não quis nem saber — o tenente falou que não passa ninguém — e mandou o outro soldado disparar o alarme da guarda. Quando o tenente veio lá de cima, correndo, esbaforido, ficou furioso. Mandou prender o Trinta de novo e dessa vez ele foi a julgamento no dia seguinte.

562. Alguns oficiais já não gostavam do Trinta, queriam vingança, todas as punições. Mesmo os que não se importavam com ele entraram naquele espírito, empolgados pela ânsia de castigar. Mas havia um coronel mais velho que tinha simpatia por ele, protegia, e na hora do julgamento absolveu o guarda-vidas. Só que o coronel ia passar para a reserva dali a alguns meses e o tal major, depois do julgamento, chegou perto do Trinta e sussurrou na sua cara: Pode esperar que, depois que o seu padrinho for embora, vou massacrar você.

563. Pensando nos militares presos naquelas celas de parede de pedra, assustado com o que contavam sobre eles, o Trinta resolveu pedir baixa antecipadamente: sem o coronel, não ia ter mais ninguém ali que o protegesse. Sentado à mesa na cozinha da casa de Rosane, o guarda-vidas abriu a mão, olhou para os grãos de arroz sobre a pele cor-de-rosa, atravessada por rugas e cicatrizes minúsculas, e fechou os dedos outra vez.

564. Pensando bem, disse ele, acho que foi melhor mesmo eu sair da aeronáutica. E contou que era raro, mas acontecia: de vez em quando encontrava por acaso, na rua, algum colega daquele tempo e tinha a impressão de que todos tinham ficado meio doidos. Nenhum deles parecia ter uma vida normal, com família, trabalho. Uma vez, contou o guarda-vidas, eu estava numa calçada meio vazia, longe daqui. Estava quase escurecendo, era aquela hora em que corre um ar mais fresco, mais leve. Os passarinhos gostam. Parei porque vi um casal de sanhaços voar para os galhos de uma árvore bem grande, achei que devia ter um ninho ali em cima e fiquei olhando.

565. Aí uma voz do meu lado, bem perto, chamou: Ô Trinta! Levei um susto. Só podia ser do quartel, naquela época a gente nem sabia mais o nome uns dos outros. Virei e vi um homem alto, ombros curvados para a frente. A cara cheia de rugas bem fundas, as sobrancelhas peludas. O cabelo oleoso, grosso e bem cinzento, bem penteado para trás, mostrava que ele tinha uma cabeça meio pontuda. Vestia uma espécie de capa de chuva gozada, curta. Reconheci aos poucos: Setenta e Quatro! A gente se cumprimentou. No tempo do quartel, ele era um rapazinho ágil, que sabia tapear os oficiais. Me contou que agora estava trabalhando para a polícia. Que polícia?, perguntei. Coisa especial, respondeu. Sou matador, ganho um bom dinheiro por serviço. Não quer entrar nessa, me perguntou. A

gente divide. Estou indo agora numa missão. Fiquei espantado, mas achei melhor disfarçar, não disse nada. Aí ele abriu um pouco a capa e, por dentro, presa numa alça de plástico, tinha uma submetralhadora.

566. O guarda-vidas tinha ido à casa de Rosane naquele fim de tarde para pegar um livro: Pedro costumava trazer livros de segunda mão para o guarda-vidas. Sobre passarinhos, com fotos, mas também sobre discos voadores e sobre o que o guarda-vidas chamava de “viagens astrais” — a alma se desprende do corpo a qualquer momento e voa até o fim do universo para depois voltar, tudo num segundo. O guarda-vidas gostava especialmente daqueles livros. Parecia acreditar, mas só até certo ponto, não tomava ao pé da letra. Fazia da leitura um uso calculado, prático. E por algum motivo — talvez por causa de uma foto de um passarinho numa árvore — também contou para Pedro que, quando esteve na aeronáutica, tinha feito treinamentos na área de brejo e mata junto ao Tirol, a área chamada de Pantanal.

567. Contou que no Tirol, naquele tempo, só moravam militares, em casas bem separadas e todas iguais. Na mata do Pantanal, os soldados do seu grupamento tinham de fazer um percurso complicado, de dia ou de noite, com o equipamento completo preso nas costas, no peito, na cintura. Atravessavam espinheiros quase correndo, de cabeça baixa, protegida pelo chapéu de lona. Entravam no pântano com água fedorenta até o covão e andavam com os braços erguidos acima da cabeça e o fuzil seguro nas mãos. As calças e as botas se enchiam de água. Escondidos, outros soldados atiravam neles, jogavam bombas. Havia muitos feridos, no final, muitos desmaiados. Havia bichos, sanguessugas, cobras, até jacarés, naquele tempo. Sério, jurou o guarda-vidas. Jacarés desse tamanho. Sem falar nos insetos, que a gente tinha de pegar e comer, porque os soldados ficavam três, quatro dias no mato sem comida e sem água.

568. Os insetos, as vespas, as lesmas, as aranhas. *Pepsis* e *Lycosa*. O ônibus deu uma freada brusca e Pedro segurou-se com mais força à barra de alumínio acima da cabeça, para não ser empurrado para a frente. O motorista tentou desviar para o canto direito da pista, passar bem rente ao meio-fio. Mesmo assim a roda dianteira entrou em cheio num buraco enorme. Os olhos do motorista surgiram de relance no espelho retrovisor interno. O tranco sacudiu todos os passageiros, que se seguraram onde puderam. Um que estava dormindo perto de Pedro quase caiu do banco.

569. Outros passageiros que também acordaram com o tranco olharam em volta para ver em que altura da viagem estavam: ainda faltavam alguns quilômetros para a tal praça da Bigorna. De lá, ao que parecia, teriam de seguir a pé até o Tirol. A lembrança dos treinamentos do guarda-vidas no Pantanal trouxe à memória de Pedro as histórias que, no Tirol, contavam sobre aquele lugar. Era uma área muito grande, toda cercada por um muro alto, velho, com buracos em alguns pontos por onde podia passar uma pessoa, mas o muro era vigiado por soldados em guaritas de concreto, muito afastadas uma da outra.

570. Durante décadas a área foi usada para treinamentos pesados, inclusive com artilharia. A construção de casas próximas ao muro obrigou o exército a simplificar e reduzir os treinamentos.

Mesmo assim todos sabiam que, espalhados e ocultos na terra, por baixo do mato rasteiro ou nos trechos alagados, havia uma grande quantidade de explosivos que não detonaram nos exercícios. Dezenas de milhares de cápsulas, granadas, obuses, minas, segundo os cálculos do exército. Apesar do tempo, muitas daquelas peças podiam explodir a um simples esbarrão e causar ferimentos graves.

571. Por isso não só o Pantanal não era invadido por pessoas que quisessem construir casas, como quase ninguém se aventurava a entrar lá. Havia muitas placas para alertar do perigo. O exército às vezes anunciava que ia limpar a área, mas os especialistas sempre concluía que era impossível garantir um mínimo de segurança, tamanha a quantidade de explosivos. De fato, toda a vizinhança no Tirol lembrava de ter ouvido algum dia explosões no Pantanal. Detonações aparentemente espontâneas, em plena madrugada ou ao meio-dia, que aos ouvidos dos moradores não se confundiam com o som dos tiros da polícia e dos criminosos locais.

572. Era raro, no entanto alguns catadores de ferro velho teimavam em buscar no Pantanal material para revender. Ao longo dos anos houve casos de um ou outro catador perder a mão, por tentar desmontar um velho projétil desenterrado no Pantanal. Os catadores não eram totalmente desinformados, tinham uma certa noção de explosivos. Por isso tentavam detonar apenas a carga de propulsão, que lança o projétil, para evitar que a carga principal, a mais perigosa, explodisse. Apesar das precauções, o material era antigo, os componentes haviam se alterado, o controle era difícil e os relatos de amputações serviam para aumentar a reputação de um local perigoso.

573. Nas poucas vezes em que Pedro passou perto do Pantanal, em companhia de Rosane, viu acima do muro a copa imensa das árvores, os vários tons de verde que o sol realçava. Viu insetos revoando em círculos no ar quente acima das folhas lustrosas, recobertas por uma espécie de gordura. Mesmo dali, Pedro pressentia o silêncio que se aprofundava na mata densa, em contraste com o ruído das ruas do Tirol, onde não havia quase nenhuma árvore ou planta.

574. E agora no ônibus, de pé, abraçado à mochila, de novo se equilibrando depois da freada, Pedro pensou nos pequenos parágrafos retirados dos relatos do Darwin sobre suas andanças nas florestas, suas observações de bichos e plantas, os predadores e as presas. O que ele queria dizer? Se uns sobreviviam e outros não, era porque alguns eram superiores? Quem sabe se naquele mesmo Pantanal o Darwin não tinha apanhado algum sapo, alguma vespa, não tinha metido os dedos na teia de alguma aranha hábil na sobrevivência? Várias daquelas árvores enormes já deviam estar lá quando o cientista percorreu a região, imaginou Pedro. E fez as contas dos anos.

575. Lembrou então que teria de saltar do ônibus na Praça da Bigorna. Imaginou que a praça podia muito bem ficar perto do Pantanal: a área militar fazia divisa também com outros bairros vizinhos ao Tirol. Pedro sabia que teria de ir a pé por ruas e caminhos que não conhecia, teria de perguntar a alguém, mas não sabia se iriam lhe explicar, nem se haveria alguém para perguntar: barracas, lojinhas e casas poderiam estar fechadas, se a situação estivesse muito grave. Pedro observou bem o rosto de alguns passageiros sentados à sua volta e achou que deviam estar pensando a mesma coisa que ele, enquanto olhavam concentrados os próprios joelhos, com a cabeça um pouco abaixada. Alguns tinham

fonos de música e de rádio nos ouvidos, uns três ou quatro comiam biscoitos.

576. Pedro quase lia os pensamentos daquela gente, já eram familiares. Mas, como na fila, no início da viagem, Pedro sentiu também que não era um deles. Sentiu aquilo com perfeita certeza e junto veio uma sensação de alívio, mas também de remorso: a sensação de uma ponta de maldade — maldade velha, repetida, que nem era dele, pessoal. E sem mais nem menos surgiu completa na sua cabeça a imagem dele mesmo na mata do Pantanal, com aquela mesma roupa que ele estava, com aquela mesma mochila onde trazia o livro sobre o Darwin.

577. Molhado, cansado, enlameado, Pedro pisava tateante, com cuidado, o solo seco ou o fundo dos charcos, onde as pernas afundavam até a coxa na água gelada, grossa. Tinha anoitecido, mas havia um luar forte e, nos trechos mais alagados, onde as árvores não encobriam a visão, Pedro avistava as estrelas no alto, em pontos incandescentes contra o céu preto. Noutros trechos, porém, em que as copas das árvores se fechavam muito espessas, ele não enxergava quase nada. Parava, dava um tempo na tentativa de habituar as pupilas, piscava os olhos. Por fim, voltava a andar ainda mais devagar, pisava ainda mais de leve, no temor de causar alguma explosão.

578. Os espinheiros continuavam lá, altos, cerrados. Ele tinha de contornar e procurar um caminho, seguindo dentro dos charcos nos trechos alagados. De vez em quando ouvia um sapo de um lado, um outro sapo mais adiante, um grilo piava, e Pedro parava de novo e ficava escutando a própria respiração na garganta. Ou então, depois de um silêncio comprido, um sapo começava uma série ritmada de estalos, numa cadência hipnótica, num timbre metálico, sons que pareciam não ficar para trás, sempre ao seu lado, por mais que Pedro avançasse. Ele tinha de chegar ao Tirol, à casa de Rosane. Ela já devia estar lá, com o pai e a tia, em volta da mesa na cozinha. Só faltava o Pedro. E surgiu na sua memória a imagem de Darwin atravessando o rio, a água lisa, escura, a vara do escravo que tocava o fundo para impelir a balsa.

579. Pedro parou de andar, ergueu os ombros, acomodou melhor a mochila nas costas. A cada passo, ouvia o rangido dos tênis cheios de água, o gemido das meias encharcadas, sentia o tornozelo esquerdo doer, o que o obrigava a andar mais devagar ainda, a pisar ainda mais leve, adivinhando onde estavam as bombas. A testa suava, o suor pingava na ponta do nariz, os pés e as canelas estavam gelados da água dos charcos, o coração pulsava forte nos ouvidos. Em volta, insetos, sanguessugas, talvez até algumas com o focinho em forma de trombeta.

580. Outra arrancada violenta do motor do ônibus logo seguida de uma freada brusca e Pedro viu as lanternas vermelhas dos freios brilharem com mais força nos carros e nos ônibus à frente e em volta, enquanto ele segurava com mais força o tubo de metal acima de cabeça para não cair. Estava quase de noite, agora. Ninguém dormia no ônibus, exceto a trocadora, sua cabeça apoiada sobre os braços cruzados em cima da mesinha onde guardava o dinheiro. Os passageiros olhavam para as janelas, espiavam discretamente uns para os outros.

581. O homem com uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos tentava ler uma folha do caderno de esportes do jornal, mas estava escuro no seu banco. Pedro começava a ver a si mesmo

no reflexo do vidro: sua imagem surgia mais nítida à medida que escurecia lá fora, assim como as imagens dos outros passageiros. Pedro procurou os olhos deles no reflexo das janelas. Mal se enxergavam os olhos debaixo das testas pesadas, talvez de tanto cansaço. Alguém lá na frente perguntou e Pedro ouviu o motorista responder que, se o trânsito não piorasse nem tivessem de desviar o itinerário, faltavam só uns quinze minutos para chegar.